AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico *ao DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos *(Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso,* referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Para tanto, o autor deverá* entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Gabriel Nazaré Fortunato

As Asas do Tempo Perdido: Re-Construindo Nova Ponte.

Monografia a ser apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do grau de Bacharelado.

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
N.o 1305
Data 15/03/99

Uberlândia – MG. 1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

1.483 S,9 C

À memória de minha mãe.

Joana.

À cidade velha de Nova Ponte.

submersa pelas águas.

À toda minha família, em

especial, o meu pai,

Edson.

À Professora Mestra Rosa Maria

Ferreira, minha orientadora.

À minha esposa, Professora

Maria Aparecida Fratare, e aos

meus filhos Fernando e

Fabricio.

Dedico este trabalho.

Gabriel Nazaré Fortunato

Minhas asas estão
prontas para o
vôo,
Se pudesse, eu
retrocederia
Pois eu seria menos
feliz
Se permanecesse
imerso no tempo
vivo "

Gerhard Scholen,
Saudação do Anjo

Agradecimentos

Inicialmente agradeço a Deus, pela força espiritual, através da fé, que iluminou o caminho para que pudesse realizar As Asas do Tempo Perdido: Re-Construindo Nova Ponte e com isso recuperar partes de sua memória.

A Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao Departamento de História, com todos os professores e funcionários, que a partir de 1994 contribuiram para minha formação acadêmica.

Agradeço a Professora Mestra Giselda da Costa Silva Simonine, pelas primeiras conversas esclarecedoras, e pela orientação na elaboração do projeto de pesquisa na disciplina Monografia 1, e ainda por ter aceito o convite para fazer parte da Banca.

Especialmente, agradeço a Professora Rosa Maria Ferreira, que me emprestou seu arquivo pessoal sobre Nova Ponte, sugeriu as leituras acadêmicas, e a cima de tudo me orientou em todos os sentidos, lendo os textos produzidos, fazendo correções e sugerindo modificações. Se o caminho percorrido e sobrevoado não foi bem, não foi por falta de orientação, mas por falha pessoal. À Professora Rosa que esteve comigo nesta busca pelo resgate de partes da história da minha cidade, o meu eterno reconhecimento.

Ao Professor Dr. Paulo Roberto de Almeida, que muito me honrou em aceitar o convite para fazer parte da Banca, e acima de tudo teve que retirar parte do seu tempo para ler esta monografia e fez criticas construtivas.

Ao João Batista, secretário do Departamento do Curso de História, pela atenção, companheirismo e preocupação em me atender em todos os momentos que fora solicitado, incentivando e acreditando na realização deste trabalho.

À Prefeitura Municipal, juntamente com a Câmara Municipal de Nova Ponte, e aos funcionário Joana Darc, José Euripedes do Prado, Zulma Cunha, Neila Aparecida Resende, Vania Espindola, que muito se empenharam em fornecer documentos.

Agradeço também a Escola Estadual Josias Pinto, através do corpo docente e discente, demais funcionários, que me incentivaram.

À Professora Maria Aparecida Palmiere Torres, que compartilhou comigo das angústias, abriu as portas da sua casa e do seu acervo pessoal sobre as memórias de Nova Ponte.

Ao Professor de História Iozaino José Carneiro, que muito contribuiu, fornecendo documentos que recuperam a cidade.

Ao Cartório Salomão Pires Maciel, pelos documentos e informações obtidas.

Agradeço à Meiriely Cardoso Fortunato, pela atenção a mim reservada, pela discussões em cima dos textos, e acima de tudo ter sido ela que por diversas vezes levou os meus relatórios para a orientação.

À Carolina Cardoso Fortunato, por ter feito a primeira impressão deste trabalho em seu computador, sendo depois modificado por mim e dado uma formatação acadêmica por Heleno Felice Barros, a quem muito agradeço, pois ele maquinou AS ASAS DO TEMPO PERDIDO: RE-CONSTRUINDO NOVA PONTE.

Agradeço ao Jornalista e amigo Wirson Resende Filho e a sua esposa Eldilene, por ter escaniado e escolhido junto comigo as fotografias que ilustram as memórias.

À Casa da Cultura e ao museu histórico do município de Nova Ponte com todos os funcionários, que prontamente me recebiam quando ia em busca de documentação.

À Miltom Ferreira Cândido e Ézio Carneiro, que me apoiaram no momento certo.

Agradeço especialmente aos meus amigos e familiares que acreditaram na realização deste trabalho, até mesmo aqueles que dizem ser amigos e subestimaram esta monografia.

Agradeço a todos os meus entrevistados, conforme lista no final do texto, que trouxeram para o presente as lembranças da cidade que sobrevivem nas memórias.

Agradeço a minha esposa Maria Aparecida Fratari, que muitas das vezes não concordava com a minha ausência, mas me incentivava em todos os momentos, sendo uma das que mais torceu e acreditou neste trabalho. E aos meus filhos Fernando e Fabrício, que pelos olhares, aceitavam, também, a minha ausência, mas não compreendiam ainda a imensidão do vôo das ASAS DO TEMPO PERDIDO: RE-CONSTRUINDO NOVA PONTE.

Gabriel Nazaré Fortunato, Fevereiro de 1999.

Banca

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Profª. Ms. Giselda Costa da Silva Simonine

Profª. Ms. Rosa Maria Ferreira

Sumário

Introdução 01

Capítulo 1: A História entre Linhas 16

Capítulo 2: Os Homens e as Obras: Os Contornos materiais da cidade 42

Capítulo 3: Voar é Preciso 80

Considerações Finais 155

Bibliografia 167

Anexos 171

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA UFRJ

Lista de Anexos

Anexo 1: Discurso da "Posse" do primeiro Prefeito de Nova Ponte, em 1939. Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Nova Ponte.

Anexo 2: Relatório de partes do trabalho realizado em 1963 na Semana da Comunidade, pelos alunos da Professora Jacy B. Carvalho – Plano Dr. Lucas Borges: Governador Juscelino K.: Fonte: Extraído do Arquivo pessoal da Professora Maria Aparecida Palmiere Torres.

Anexo 3: Nova Ponte Enfrentando o desafio energético: Fonte – Andrade Gutierrez em revista. Ano VIII – Número 17, Setembro de 1988.

Anexo 4: Capela de São Sebastião, Antiga Cidade de Nova Ponte, depoimento pessoal transcrito por José Euripedes do Prado.

Anexo 5: Nova Ponte, Primeira Usina do Rio Araguari. Revista Dirigente Construtor – Vol XXVI, Número 8, Agosto de 1990, p. 16 a 21.

Anexo 6: Lei Municipal 753: Aprova o Estudo de Relocação Urbana de Nova Ponde e Lei Municipal 861 que Aprova o projeto de Urbanização e Delimita o Perímetro Urbano da Nova Cidade de Nova Ponte.

Anexo 7: Termo de Acordo – Assinado entre Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Associação de Moradores e CEMIG, que objetiva ratificar e consolidar os entendimentos e ajustes relacionados com a relocação da cidade. Assinado em 21 de Fevereiro de 1990. Porém foi aditivado em 09 de Abril de 1990 e em 1991. Consta ainda deste termo, o acordo Permuta dos Imóveis Urbanos assinados em 26 de Setembro de 1991.

Anexo 8: Panfleto do Movimento S. O. S. Nova Ponte, de 05 de Maio de 1992.

Anexo 9: Morte Anunciada. Matéria publicada na revista ISTO É MINAS, de 03/11/1993.

Introdução

Introdução

Este trabalho nasceu de uma paixão irresistível que tenho por Nova Ponte, por ser filho e morador do lugar. Nova Ponte é uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, localizada na região do Triângulo Mineiro, conforme mapa em anexo no final do texto. E ao escrever sobre ela, tenho que alertar para a existência de duas Nova Ponte. A cidade velha e a cidade Nova.[1]

A cidade velha é que ficou sob as águas, que mudou de endereço juntamente com todos os seus cidadãos, existindo apenas na memória, e, também, nas Asas do Tempo Perdido. Isto aconteceu porque a cidade foi inundada pelas águas de uma usina hidrelétrica, construída pela CEMIG (Centrais Energéticas de Minas Gerais) no rio Araguari, que passava bem no meio da cidade.

A cidade nova é a cidade do presente, construída, segundo a esfera governamental da CEMIG, com planejamento arrojado e moderno, sendo ainda, considerada: 100% água tratada, 100% rede de esgoto, 100% asfalto, escolas e telecomunicações[2]. Tudo isto para justificar o corte das raízes, da cultura, e a própria mudança da cidade velha para nova.

Na cidade nova, sentado na varanda da minha casa, posso ver o lago que se formou e deixou submerso a minha cidade. E ouvindo a música "Águas do Progresso"[3] a saudade, da antiga cidade, bateu forte, mas serviu de passaporte para

---

1 SILVA, Vicente de Paula; Destruição e Reconstrução Simbólica em Tempos de Modernização. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
2 Folha de São Paulo, Domingo, 6 de março de 1994, 2 11.
3 Letra composta por Diego Maradona, cantor e compositor de músicas sertanejas. Diego Maradona, embora não tenha nascido na cidade de Nova Ponte, tem raízes, pois da sua

levar meus pensamentos até ela, elucidar a minha memória, e trazer para o momento, lembranças da querida Nova Ponte:

> *"Vai o sol se pondo por de trás da serra tenho o que eu quero. Uma casinha branca rede na varanda e o amor sincero. Pego na viola e o meu peito chora, chora de saudade, Sabiá cantando, tenho parcerias, tudo se encaixando flores combinando em plena harmonia. Passo a minha história do tempo de outrora quando era criança, me lembro a velha ponte, bebi água na fonte, cheio de esperança, de um dia voltar poder encontrar os mesmos caminhos, onde eu brinquei, lugar que amei, hoje está dormindo. Ah! Você não morreu, na beira do lago você renasceu Da minha varanda, vejo águas brandas, numa imensidão. Rio Araguari, você machucou o meu coração. Volto pra viola e o meu peito chora, chora de saudade Águas do Progresso, você afundou a minha cidade, Ah! Você não morreu, na beira do lago você renasceu".*[4]

A letra da música de Diego Maradona, é um janela aberta na memória, que retrata o que aconteceu com muitos moradores e com a própria cidade de Nova

---

familia, alguns foram moradores, mas não residem mais na localidade. A música "Águas do Progresso" é interpretada por ele em parceria com Jaqueline Pontes de Resende, que é natural de Nova Ponte.

4 Letra da Música Águas do Progresso. Ibidem.

Ponte. pois em função do progresso. da modernidade cidade velha teve que desaparecer do mapa. Sendo assim. por estar intimamente ligado ao cotidiano de Nova Ponte. vivendo estes acontecimentos, para não deixa-la tão submersa e esquecida. somando-se a paixão pelo lugar, surgiu a vontade de escrever este trabalho.

Como faze-lo? Qual o caminho deveria tomar, para registrar no papel, parte daquela história, que no presente, habita apenas a memória dos que por lá viveram e acima de tudo, como eu, tiveram que suportar a dor da perda e a compreensão da marcha do progresso. Poderia registrar apenas o que vivenciei, pois foi lá que passei minha infância, me partejei e me criei, em meio a um jardim repleto de couves e carioquinhas, gioabeiras, mangueiras. Mas eu poderia, também, com isto estar comprando a memória dos outros, por que a cidade não era só minha. Não era uma única memória, mas várias, que ao meu ver estão em um campo de luta.

Sendo assim, resolvi ir atrás da documentação que me orientar na elaboração desta monografia. Inicialmente recorri a uma leitura mais teórica e acadêmica, que pudesse me dar subsídio, até mesmo, para selecionar a documentação que iria trabalhar. Neste sentido a leitura de algumas obras se tornaram relevantes, tais como: "A Voz do Passado" – (História Oral, de Paul Thompson), "Memória e Sociedade" (Lembranças de Velhos-Ecléia Bosi) História Oral e Memória (A cultura Popular Revisitada-Antônio Torres Montenegro)[5]. Após o acesso a estas obras, cheguei a conclusão, que meu estudo estaria diretamente ligado, como diz os precursores da academia, no que poderíamos chamar de

5 Os autores e suas obras aqui mencionadas, aparecem pontuados na bibliografia no final dessa monografia.

história local, que "requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado"[6].

Dentro desta possibilidade, me aportei de um gravador e fui ao trabalho de campo em Nova Ponte. Várias entrevistas foram feitas, com diversos moradores, que aparecem registrados ao longo do texto. Analisei vários documentos oficiais, entre eles: Leis municipais, Resoluções, Escrituras, etc. Algumas instituições foram pesquisadas, entre as quais, cito: Câmara Municipal, Arquivo Público e Casa da Cultura. Sem contar que várias vezes, tive que ficar, horas e horas no escritório da CEMIG (Centrais Energéticas de Minas Gerais), aguardando para ser atendido, quando ia em busca de informações. Isto me deixava extremamente irritado, pois eu tinha certeza que estava ali, o alvo de todas as transformações, sociais, culturais e econômicas, que Nova Ponte sofrera em toda a sua história.

As transformações acima mencionada, que implicaram na mudança da cidade não aconteceram da noite para o dia. Pois os primeiros projetos para construção da Usina Hidrelétrica de Nova Ponte, foram implantados a partir da década de 60, uma vez que, para o Estado e para o país era necessário, aumentar a demanda de energia, pois estava em evidência, deste o final da década de 50, o plano econômico proposto por Juscelino Kubitchek, que era voltado para o capital estrangeiro, propiciando a entrada de multinacionais no país[7]. Com as

---

6 SAMUEL, Raphael. "História Local e História Ora". In.: Revista Brasileira de História. N.° 19, São Paulo, Marco Zeid Anpuh, 1990.

7 FERREIRA, Rosa Maria. As águas e o Tempo: Memórias de Nova Ponte. Dissertação de Mestrado, 1996.

Ver também: A Ideologia Desenvolvimentista do governo J. K., estudada por Miriam Limoeiro Cardoso, (Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JQ-JK, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

multinacionais, centradas na região Sudeste do país, houve a aceleração do processo industrialização do Brasil e o conseqüente aumento da demanda de energia, cuja produção o Estado chamou para si através da ELETROBRÁS e suas subsidiárias, entre as quais a CEMIG[8].

A partir daí a CEMIG, solicitou a CANAMBRA ENGINEEIRNG CONSULTANTS LIMITED, que viabilizasse estudo, para aproveitamento do potencial energético do Estado e posteriormente de toda região centro-sul. A CANAMBRA revelou em 1965 a possibilidade de aproveitamento total da capacidade energética do Rio Araguari e ofereceu o projeto de nada menos do quatro usinas hidrelétricas neste rio, foram projetadas as usinas de Nova Ponte, Miranda, Capim Branco e Perdizes[9]. Mas os projetos, só foram colocados em prática a partir dos anos oitenta, quando iniciaram as obras de construção da Usina hidrelétrica de Nova Ponte.

Sendo assim a cidade de Nova Ponte, esperou por mais de trinta anos, para que tal fato se consumasse. Com isto o seu desenvolvimento foi prejudicado em todos os sentidos. Mas a cidade seguiu seu percurso, até que lhe fosse dado a sentença final: Nova Ponte vai ser inundada! Mesmo sabendo da possibilidade, dessa notícia, muitos novapontenses ficaram surpresos e só admitiram, quando perceberam o número muito grande de pessoas, engenheiros e máquinas que se aportaram em Nova Ponte. A usina hidrelétrica é uma realidade, e a sentença de morte foi justificada pela esteira do progresso, direcionada aos moradores, ou seja,

---

8 Luiz Pinguelli Rosa (org.). Impactos de Grandes Projetos. Hidrelétrica e Nucleares. São Paulo, Marco Z, 1998.

9 Rosa Maria, Ibidem – p. 63.

com mudança, tudo seria reconstruído, e a cidade nova teria toda infra-estrutura desejada ao longo dos anos. Acredito, porém, que o progresso, para o Estado, através da CEMIG, estavam traduzidos em outros valores, pois, para o governo e para a empresa, interessava a produção de energia, que com certeza representaria lucro certo.

A cidade velha, da qual as memórias se ocupam, foi extremamente importante. E esta importância, ultrapassa a questão da destruição, uma vez que existe a preocupação de registrar sua história. Dentro desse contexto, quando na busca de documentos, que pudesse evidenciar esta preocupação, me deparei com a Monografia de Nova Ponte, escrita por Dr. Soares de Farias, sob encomenda do diretório municipal de geografia, produzida durante a década de trinta, no período da ditadura de Vargas.

Na Monografia de Nova Ponte, o Dr. Soares de Farias, que pode ser considerado um memorialista, faz um apanhado geral a cerca da história de Nova Ponte, e naquela época já propunha a mudança da sede do município para um outro local e já profetizava:

> *"para o futuro, Nova Ponte poderá transformar-se num grande centro industrial, pois tem os três requisitos essenciais: Fertilidade do solo, salubridade do clima, potentes quedas d'água*[10].

10 FARIAS, Dr. Soares. Monografia de Nova Ponte, editada e encomendada pelo diretório Municipal de Geografia.

Mas ele não poderia imaginar que a sua proposta de mudança da cidade, e a sua profecia, se concretizaria em 1994, com a inauguração da cidade nova em Nova Ponte, e que a sua noção de progresso não era muito diferente, daquela, posta em jogo pela CEMIG. Dr. Soares de Farias, médico residente em Nova Ponte, ao escrever a Monografia, sob encomenda, atendeu os desejos da elite política da sua época e silenciou-se em cima alguns dados muito importantes, que deveriam ser mencionados e articulados na história de Nova Ponte, o que me leva a acreditar, que esta é uma memória de elite, e que pelas próprias características, que foram escritas, é a memória que "tende" a ficar, a permanecer. Apesar disto, a Monografia de Nova Ponte, tem o seu valor histórico, é muito importante, e serviu de embasamentos teóricos que serão articulados ao longo desta monografia.

Muito embora exista uma produção de memorialista acerca do município, a especificidade de Nova Ponte face a construção da usina hidrelétrica, a mudança de localização, motivou a produção de trabalhos acadêmicos, que recuperam a cidade, seus habitantes e a usina, sob os mais diferentes ângulos. Em 1994, Simone Maria de Araujo Vilela, defendeu sua dissertação de mestrado, no departamento de geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, com o tema: "Nova Ponte - Uma Paisagem a ser Vivida", mesmo trabalhando no campo da geografia, utiliza fontes escritas, mas dá relevância à documentação produzida no âmbito da CEMIG. No mesmo ano, Simone Cristina Dufloth, defendeu dissertação de mestrado, no departamento de Engenharia, da Universidade Federal de Minas Gerais, com o tema: "Estudo da Construção de uma Usina Hidrelétrica de Grande Porte-Análise dos Aspectos Energéticos da Usina Hidrelétrica de Nova Ponte", dando relevância às questões técnicas de construção de uma usina.

Em 1995. Vicente de Paula da Silva. defendeu sua dissertação de Mestrado. no departamento de Geografia da USP (Universidade de São Paulo). com o tema: Destruição e Reconstrução Simbólica em Tempos de Modernização, recuperando no âmbito da geografia. as transformações que o município passou. principalmente nos setores voltados para a agricultura. Recupera e da enfânse ao mitos e símbolos que acompanharam a cidade velha e permanecem na atual.

Em 1996, Rosa Maria Ferreira, defendeu sua dissertação de Mestrado, apresentada ao programa de Pós Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, na Universidade Federal de Minas Gerais, com o tema: "Ás Águas e o Tempo-Memórias de Nova Ponte". Rosa Maria, preocupa-se, fundamentalmente com as fontes orais e as memórias desprendidas dos testemunhos. trabalha com memórias de velhos, através de documentação oral, que não foi feita por ela, o que impele uma discussão sobre a memória, enquanto embate de vontades de memórias.

De posse dessa documentação, com o propósito de registrar partes da história de Nova Ponte, acompanhado pela música "Águas do Progresso", resolvi levantar um vôo, e ser a partir de agora as ASAS DO TEMPO PERDIDO, e tentar reconstruir Nova Ponte, através da análise de leituras da cidade, que podem ser desprendidas a partir de dois tipos específicos de documentação: a documentação escrita, incluindo-se aí, atas da Câmara Municipal, leis municipais, e a obra do memorialista Dr. Soares de Faria; e a documentação oral, adquirida através das entrevistas, por mim realizadas, tornaram-se a porta de entrada, que viabilizaram, em partes o registro da memória.

Parece complicado, trabalhar fontes escritas, documentos, associados a fonte oral, para isto, busquei subsídios teóricos em Paul Thompson, que realizou esta façanha, "após um estudo da Inglaterra do início do século XX. Além dos depoimentos orais, o autor analisa também fontes impressas, no entanto, apesar de reconhecer como fundamental o depoimento oral para descobrir a reação da sociedade, ou como ela viveu o tempo passado, a partir de uma visão distinta das fontes documentais impressas, o autor conclui que, evidências retrospectivas- mesmo de jornais, biografias ou entrevistas gravadas, não apresentam nenhum problema intrínseco"[11].

"Nessa senda, a grande dificuldade de aliar as fontes históricas tradicionais ao depoimento oral é que, em princípio, a fonte da memória é constituitivamente distinta da fonte histórica pela dimensão do próprio efeito que os fatos, acontecimentos ou situações desencadeiam. A memória coletiva ou individual, ao reelaborar o real, adquire uma dimensão centrada em uma construção imaginária e nos efeitos que esta representação provoca social e individualmente. Nesse sentido, o tempo da memória se distingue da temporalidade histórica, haja visto que sua construção está associada ao vivido, como dimensão de uma elaboração da subjetividade coletiva e individual"[12].

Ao realizar as entrevistas[13], pude perceber a "batalha" pela memória, como se estivessem em um campo de lutas, e por ela os indivíduos lutam, e isto em Nova Ponte pode se percebido de uma maneira ainda mais "agudizada", dado a própria

11 MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e Memória, a cultura popular, revisitada, São Paulo, 1992.
12 MONTENEGRO, Antônio Torres – Ibidem, p. 20.
13 As entrevistas, como já disse no corpo do texto, foram realizadas por mim, e a relação de entrevistados aparecem no final da monografia.

especificidade do aconteceu com o município. Por a memória ser um campo de luta, julguei por bem recuperar, ainda uma memória "outra", aquela apreendida através da documentação oral. Memórias de indivíduos que vivenciaram o processo de destruição da cidade e que possuem, cada um, a sua leitura, a sua verdade, que é ao mesmo tempo social.

Dentro desse contexto, pautado na abordagem da documentação de fontes escritas e orais, que norteiam esta monografia, cujo o título: Asas do Tempo Perdido: Re-Construindo Nova Ponte, sugerido pela minha orientadora, Professora Rosa Maria Ferreira, a disposição dos capítulos, obedecerá uma ordem, que creio eu, facilitará entender a grande transformação que aconteceu com Nova Ponte, desde a sua origem até o momento da destruição, e eu espero que ao final da leitura, aceite, entre outras, que o "tempo "não está perdido, foi eterno enquanto durou, e está constantemente sendo re-construído, na batalha pela preservação da memória individual e coletiva.

No capítulo 1, A História Entre Linhas, abordarei as origens de Nova Ponte, de arraial a município, a partir da documentação escrita existente, recuperando a ótica do memorialista Dr. Soares de Farias. As cidades, todas elas surgem de vagar e crescem ao embalo do seu "povo", gerações sucedem gerações, até que pequenos povoados, tome forma, cresçam e se emancipem.

No capítulo 2, Os Homens e as Obras: os contornos materiais da cidade, procuro associar fontes escritas e orais, com o propósito de entender como a cidade foi se constituindo materialmente ao logo das décadas, após sua emancipação política, culminando no processo de destruição pela construção da Usina Hidrelétrica de Nova Ponte, tendo em vista, que são dezenas de anos que vão definindo onde

ficar a Igreja, por onde passar a rua, onde fazer a sede do governo, os prédios do serviço público, os bancos, as praças, e de repente, em Nova Ponte, tudo isto foi bombardeado, pois a cidade estava em um local propicio a instalação de uma Usina, que o interesse maior de uma nação, de certa forma precisa construir, tendo que mudar de endereço abandonar tudo que é, e ser relocada em um outro local, sem dar tempo que seus logradouros surjam como povo os quer, sem respeito às fases de ajustamento de seus habitantes com o espaço novo, sem permitir que a diversidade de idéias criem arquiteturas diferentes para comporem o visual da cidade.

No capítulo 3, Voar é preciso, faço um vôo por toda a cidade, passando por todos os bairros, consultando as memórias, resgatando um pouco de alguns pontos que se tornaram focos coletivos de memórias, como se estivesse despedindo do real, visualizado no imaginário, assistindo as transformações do município, que foi afogado pelas "Águas do Progresso".

Resgatar a história de Nova Ponte significa recuperar um período de nossa, ou melhor, da minha própria história. Passado? Talvez, mas que deixou marcas a refletir através do tempo e, porque não dizer, pela persistência e garra do povo de sua época[14]. De Nova Ponte, como da minha infância, restaram apenas as memórias, daqueles que não apenas viram a cidade crescer, mas que participaram da sua construção, que partilharam entre si a angústia de saber, que um dia ela desaparecia, e que na eminência do seu fim, a eternizaram passado-presente. E quando tenta escapar da memória e para o álbum de fotografias que muitos

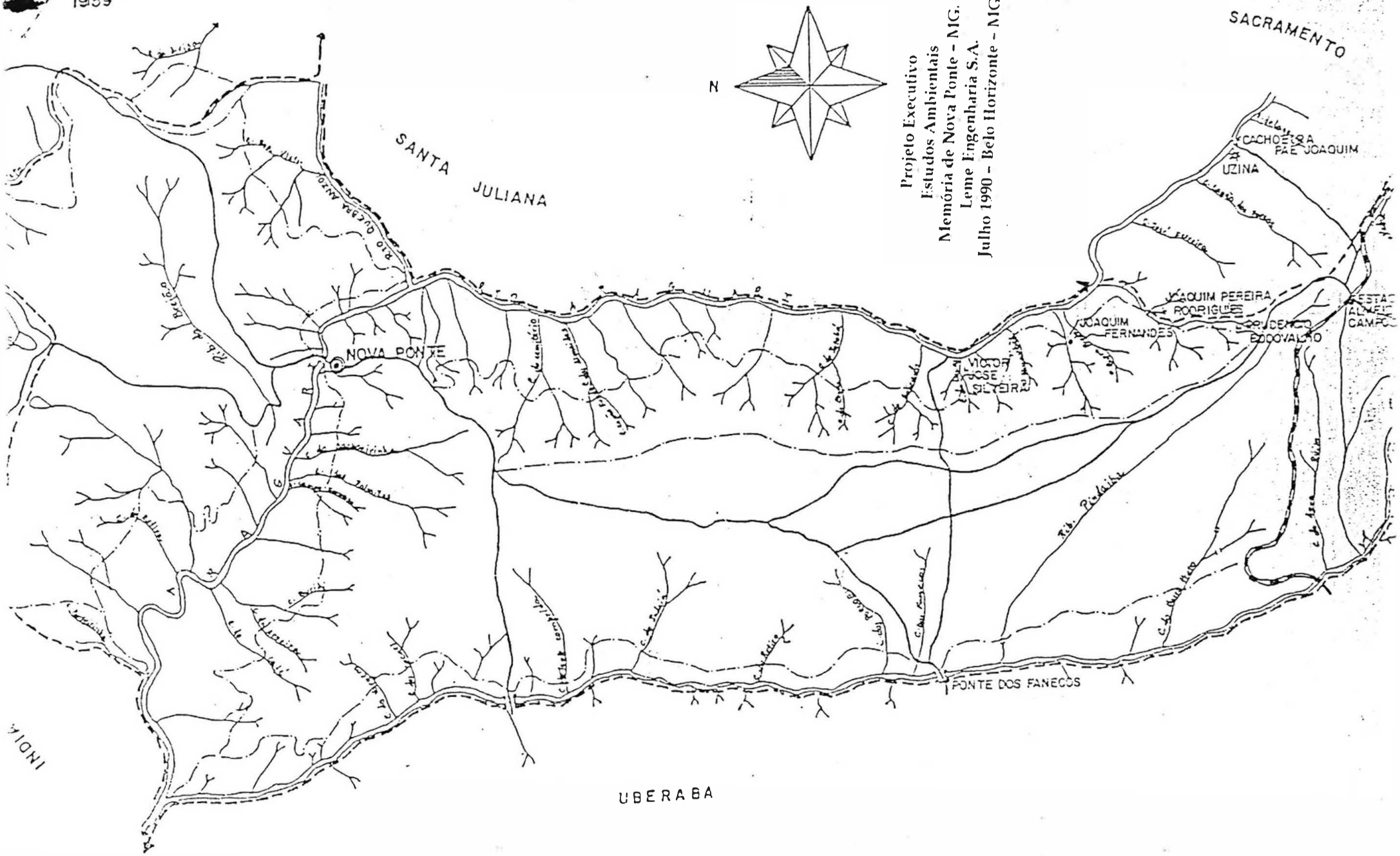
---

14 SILVA, Vicente de Paula. Destruição e Reconstrução Simbólica em Tempos de Modernização. Ibidem, p. 8. Dissertação de Mestrado, USP, 1995.

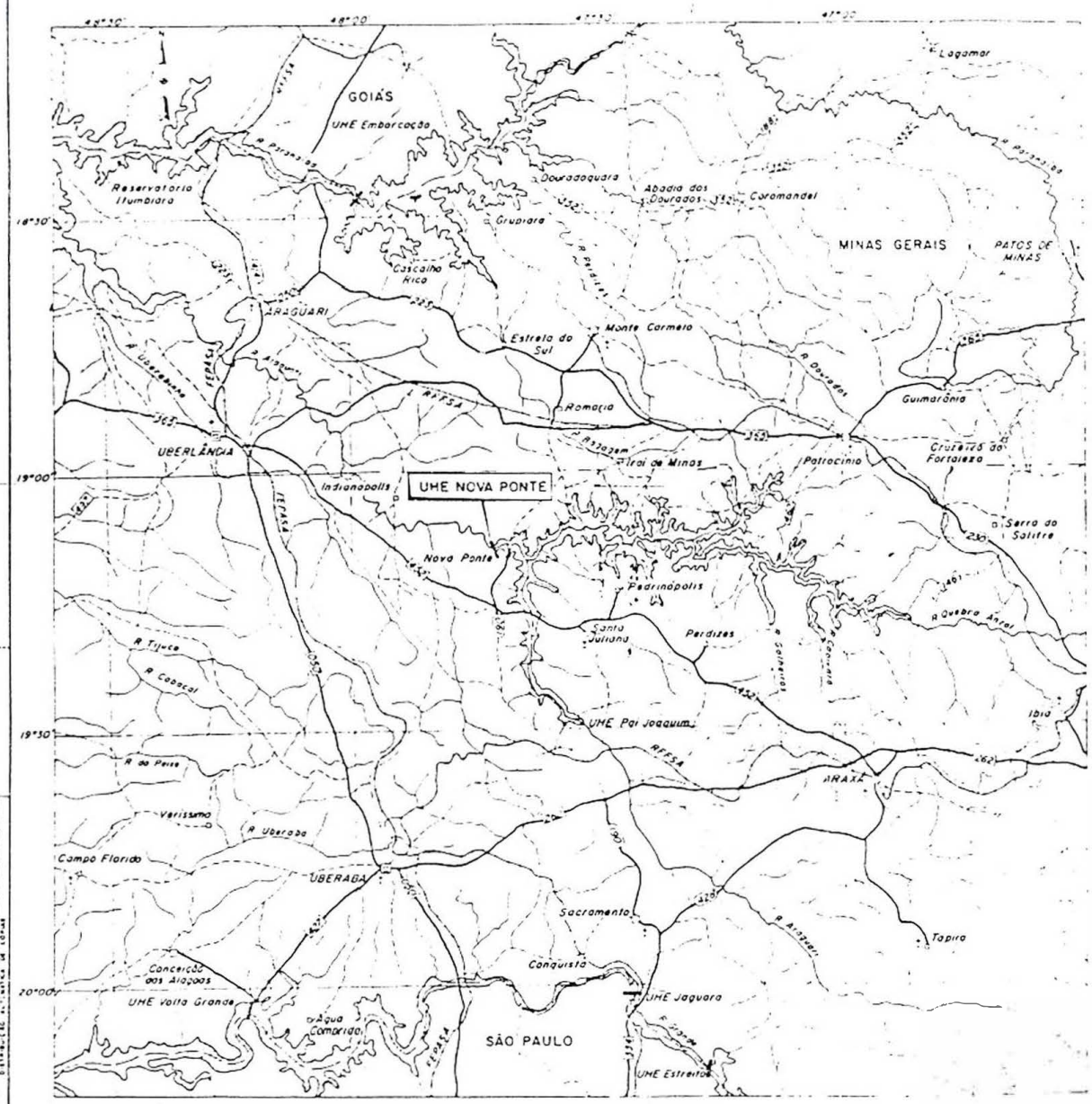
recorrem, pois segundo Mírian Moreira Leite[15], quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que desencadeiam na memória, e é exatamente por isto que durante e no final deste texto existem algumas fotografias, e eu espero que elas abram novas imagens na memória e transmita tudo aquilo, que por motivo de tempo não foram resgatados pelas ASAS DO TEMPO PERDIDO: Re-Construindo Nova Ponte.

15 LEITE, Miriam Moreira. Retratos de Família. São Paulo, EDUSP, 1983.

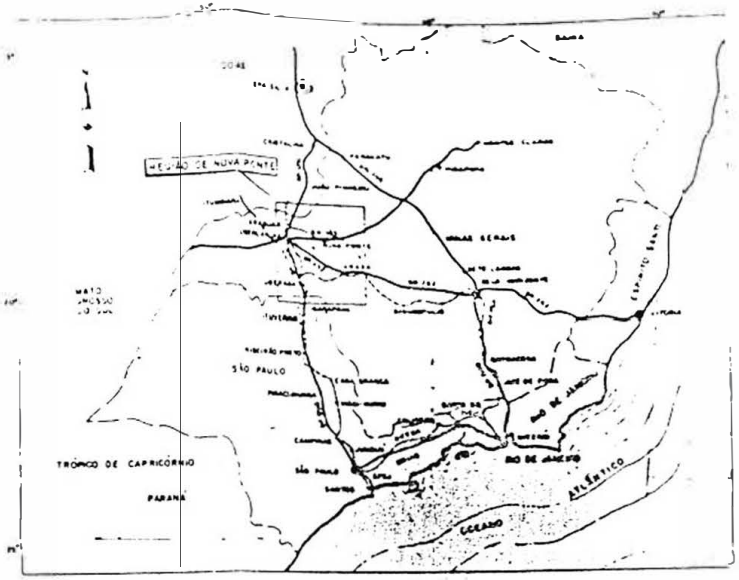
Nova Ponte
1939



Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte - MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 - Belo Horizonte - MG.



REGIÃO DE NOVA PONTE



REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

LEGENDA

CIDADE
- acima de 100.000 hab
- 10.000 a 100.000 hab
- até 10.000 hab

RODOVIA
- Federal
- Estadual
- Pavimentada
- Não Pavimentada
- Ferrovia
- Aeroporto
- Aeroporto de Emergência
- Limite Estadual
- Barragem

ALTERAÇÕES

	CESANG	Companhia Energética de Minas Gerais USINA HIDRELÉTRICA DE NOVA PONTE	
		LOCALIZAÇÃO E ACESSOS MAPAS	PBO-001

Capítulo 1

Capítulo 1

A História entre Linhas

De arraial a município: As Origens de Nova Ponte

Por mais "simples" que pareça, Nova Ponte teve como tantas outras cidades, processos ou caminhos que marcaram a sua origem histórica.

Na tentativa de recuperar partes destes processos e destes caminhos, não como fórmula pronta e acabada, por escolha pessoal resolvi faze-lo, a partir da leitura da documentação escrita existente e sobretudo, recuperando a ótica do memorialista Dr. Soares de Faria[1], que procura traçar as origens do município, os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Em se tratando de origem histórica, é impossível compreendê-la sem comentar alguns pontos, entre os quais: a questão do povoamento, os grupos indígenas, a mineração, a infiltração dos bandeirantes, o trabalho dos negros, os conflitos sociais, os aspectos políticos. Sendo assim este primeiro capítulo se propõe a traçar um panorama inicial, acerca das origens da cidade, no qual aqueles

---

1 Dr. Soares de Faria, médico residente em Nova Ponte durante a década de trinta. Conforme Decreto-Lei número 3, de 8 de Maio de 1939, que instituia o Diretório Municipal de Geografia, no qual um dos seus membros era o médico acima. Foi convidado pelo primeiro Prefeito indicado, após a emancipação do município a escrever uma Monografia sobre Nova Ponte, cuja a mesma serviu de referência para questionar as origens de Nova Ponte. Veja:
FARIA, Dr. Soares. Monografia de Nova Ponte. Editada pelo Diretório Municipal de Geografia – Nova Ponte, Minas Gerais – Triângulo Mineiro – MCMXXXIX.

aspectos serão privilegiados. Esta opção metodológica se dá em virtude de, ao contrário do que se sustenta, sobretudo em anuários políticos-geográficos. A velha cidade de Nova Ponte, não se originou, apenas, porque os fazendeiros Manoel Pires de Miranda e Antônio Luciano de Resende doaram uma gleba de terra para construção da mesma. Não obstante, essa doação deve ser entendida como a "oficialização "do território. No entanto, os caminhos que levaram ao nascimento da cidade, são fatores que devem ser mencionados, para que se possa compreender Nova Ponte como parte integrante de uma região (hoje Alto Paranaíba), e esta, a um conjunto maior que geograficamente chamamos de Estado.

Nesse sentido, tentando trazer a tona, partes dos caminhos que deram origem a cidade de Nova Ponte é pertinaz visitar as noções históricas do memorialista acima citado:

> *"Os primeiros descobrimentos do atual território mineiro situam-se entre os anos de 1553 e 1573, com as expedições de Spinosa, de Martim de Carvalho e de Sebastião Fernandes Tourinho. A seguir de 1576 a 1645, vêm as expedições de Antônio Dias Adôrno, Diogo Martins Cão e Marcos de Azevedo. Depois começa propriamente o período das grandes levas bandeirantes, a desbravarem o território, a descobrirem minas de ouro, ao mesmo tempo batendo índio hostil e fundando arraiais. Antes de 1720, época da criação da Capitania de Minas Gerais, várias porções do território mineiro estavam sob*

jurisdição de outras capitanias, já constituídas no século XVI pela Metrópole Portuguesa. As capitanias baianas de Ilhéus e Pôrto Seguro ;a capitania do Espirito Santo, a capitania Fluminense de S. Tomé - estendiam suas jurisdições até às terras de Minas. E o território situado entre o Rio Grande e o Paranaíba (o atual Triângulo Mineiro) estava na dependência da capitania de S. Vicente. Em 1710 era criado o governo conjunto das Capitanias de S. Paul; o e das Minas; separam-se pela carta régia de 1720. Daí até 1744 dependente da capitania da Minas o território goiano. Em 1744 é criada a capitania de Goiaz, à qual é incorporado o atual Triângulo Mineiro, que, entretanto, em 1816, já no governo de D. João VI, nos é restituído"[2].

E ainda:

"É então, o atual território do triângulo Mineiro percorrido em todas as direções. A bandeira do velho Castanho Tacques. em 1675, passa por Desemboque e

2 Ibidem. Soares de Faria – p. 23.

Araxá, em rumo de Paracatu, onde lança os fundamentos do arraial dêste nome"[3].

Pela informa; cão do memorialista construímos assim a idéia de que somente os bandeirantes, foram os grandes desbravadores e os responsáveis pelo povoamento do Estado de Minas Gerais, suas regiões e consequentemente de Nova Ponte.

A imagem que herdamos dos bandeirantes, sobretudo através dos livros didáticos, nos remete a homens impetuosos e destemidos, que fugiam da pobreza que viviam na capitania de São Vicente. Para tal, entre este e outros propósitos, organizaram expedições para o interior do Brasil chamadas de "entradas" ou "bandeiras". As narrativas de sua saga repousam na busca do ouro e de esmeraldas, desmerecendo o componente do desespero que os moviam, bem como a tropa seminua e maltratada que os seguiam; os mestiços e os índios submetidos. A imagem da Bandeira com a qual a memória oficial trabalha, é na verdade utilitária, pois serve para glorificar os feitos das elites governantes.

Neste sentido, é quase impossível não ceder a tentação de ler a "Monografia de Nova Ponte, escrita por Dr. Soares de Faria, nas suas entre linhas, como sendo uma glorificação dos feitos do primeiro prefeito nomeado, Sr. Otávio Veiga, "na verdade", então, um grande bandeirante que viera estruturar e organizar politicamente a cidade de Nova Ponte.

Dentro do mesmo contexto, mas voltando as atenções novamente para as origens históricas, buscando recuperar as questões do povoamento, segundo Dr.

---

3 Ibidem, Soares de Faria, p. 27.

Soares de Faria. "pelo Pôrto do Registro. distante das cidade de Nova Ponte. passavam as bandeiras que demandavam Goiaz. Do Pôrto do Registro elas atingiam. a aldeia de Santa Ana (hoje Indianópolis), daí seguiam para Brejo Alegre. hoje Araguari. de onde marchavam rumo a Goiaz. que alcançavam transpondo o rio Paranaíba".

Segundo Hidelbrando Pontes. conforme, se lê no Anuário Eclesiástico da Diocese de Uberaba. de 1939. a primeira vinda de civilizados ao Triângulo Mineiro se deu em 1590. com a bandeira de Sebastião Marinho. que atravessou esta região. em demanda das nascentes do Tocantins. Várias. outras bandeiras paulistas se apresentaram e vieram. a princípio com o fito de aprisionamento de índios. depois em busca de ouro. Foi entretanto, Bartolomeu Bueno da Silva Filho quem abriu a famosa Estrada de Goiáz. a estrada do Anhanguera[4]. Não obstante a participação dos bandeirantes, sobretudo no incremento do, faz-se necessário resgatar a presença anterior de grupos indígenas na região, o que efetivamente não faz do Triângulo Mineiro, uma "terra de ninguém", antes da passagem dos bandeirantes como pretende a memória oficial.

Inúmeros vestígios, que hoje estão expostos no museu arqueológico da CEMIG (Centrais energéticas de Minas Gerais)[5], evidenciam a existência de remotos grupos indígenas na região, que inclusive são recuperados na Monografia de Nova Ponte, muito embora esta se silencie sobre os tapuias.

---

4 Ibidem. Soares de Faria, p. 29.

5 O Museu arqueológico da CEMIG. aqui pontuado. está localizado no canteiro de obras. cujo o local funciona também uma reserva da flora da região. O Museu apresenta um mapeamento dos sítios indígenas encontrados nas áreas que foram inundadas com a formação do lago que manterá a Usina Hidrelétrica de Nova Ponte.

"Primitivamente era o Triângulo Mineiro habitado por índios. Sabe-se que, mesmo a 5 léguas de Nova Ponte, existiu a aldeamento de S. Ana (hoje Indianópolis). Eram os índios Xicriabás, vindos de Goiaz nos fins do século XIII, ali aldeados. Hoje não existem: fundiram-se na população, ou talvez tenham voltado, ao primitivo habitat. Entre Uberaba e Frutal existiram, até o século passado os Bororós. Que se transportaram para Mato Grosso. Os Caiapós e Panarás-até meados do século XIX ainda viviam nos recessos do Triângulo Mineiro, como também o gentio Goiáz. Os Cataguás, que habitavam a bacia do Rio Grande, foram batidos pela bandeira de Lourenço Castanho, o Velho"[6].

Jamais diria que tais informações, tanto do museu arqueológico da CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais), quanto da descrição do Dr. Soares de Faria, estejam erradas, mas acredito que as mesmas esqueceram de evidenciar a importância do índio, enquanto responsável, mesmo que, indiretamente pela ocupação da região, até mesmo de incorporar as lutas, os conflitos e os processos de aculturação entre os índios e os bandeirantes, que muitas vezes o primeiro era

---

6 Ibidem, Soares de Faria, p. 25.

massacrado, escravizado, ou exterminado pelo segundo, que assumia o papel de desbravador, como nos diz Julio José Chiavenato:

> *"Quando não buscavam especificamente o ouro, o que aconteceu bem mais tarde, as referências da época sobre as bandeiras indicam que os índios eram vítimas de uma guerra. Assim falava-se em "guerra que ora vamos", levando soldados deste arraial. E sempre a organização era militar. Pois os bandeirantes eram verdadeiros exércitos em campanha, muito bem financiados e armados"*[7].

Assim, ainda que as origens do povoamento, remetam ao "branco civilizador", não é possível mais desmerecer a existência prévia de grupos indígenas na região. Por outro lado a ocupação econômica do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, se deu por volta do século XVIII, em virtude da decadência da mineração na região Centro-Sul de Minas Gerais, trazendo definitivamente para este lado do oeste, caravanas de brancos e mestiços em busca de riquezas.

> *"A região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba tem sua ocupação populacional e econômica, a partir da decadência da mineração no Estado de Minas Gerais. Constitui-se então uma economia de base agropecuária,*

7 Julio Chiavenato – Caminhos de Minas, fragmento do texto do livro "História do Brasil" de Cláudio Vicentino e Gionpaolo Carrijo, São Paulo, 1996.

que cumpriu, principalmente, a partir dos anos trinta um papel complementar, na expansão urbana e industrial de São Paulo. Para tanto, o Triângulo contou com uma posição geográfica privilegiada e com a ação do Estado (governo estadual e central)"[8].

A cidade de Nova Ponte, situada no Alto Paranaíba, também foi o "caminho" para as bandeiras, que adentraram o território goiano e Paracatu, partindo de São Paulo. Vale ressaltar que em 1968, o instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE-dividiu os Estados da Federação, conforme mezo e micro-regiões homogêneas. "Assim considerando esta divisão, a cidade de Nova Ponte pertence à micro-região do Planalto de Araxá e esta a um conjunto maior, a zona do Alto Paranaíba. Contudo, em se tratando de documentos produzidos no início do século e também àqueles, referentes a Nova Ponte, produzidos entre os anos de 1920 a 1939, não existe a idéia de separação entre o triângulo Mineiro e o Alto Paranaíba. A "civilização do Triângulo" Mineiro, conforme consta, sobretudo nas obras dos memorialistas, abarca cidades de acordo com a divisão do IBGE, pertencem ao Alto Paranaíba"[9].

Junto com os "desbravadores" e os grupos indígenas iniciais, a cidade de Nova Ponte, como o restante da região, conheceu em sua origem um entrelaçamento, também conflituoso com a população negra utilizada como mão de

---

8 FERREIRA, Rosa Maria. As Águas e o Tempo: Memórias de Nova Ponte. Dissertação de Mestrado, apresentada a UFMG, Belo Horizonte, 1996.
9 Ibidem, Rosa Maria, p. 11.

obra nas fazendas da região. Referindo-se a Uberaba. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior. diz:

> *"...em toda fazenda existem escravos, por esta ser a mão de obra básica para o trabalho, é possível reconstituir de alguma forma, seus modos de vida, pois estamos falando de indivíduos que somados compuseram entre vinte e vinte e cinco por cento da população desta cidade..."*[10]

Neste sentido, Nova Ponte torna-se, um exemplo a mais onde o negro foi utilizado, como mercadoria, pois a documentação revistada da conta de cartas de alforria, e documentos originais de compra e venda de escravos, contrato de construção e conservação de tapumes, todos do século XIX[11]. Houveram na cidade, famílias escravocratas, que lidaram com a pecuária, com a lavoura canavieira, arroz e feijão, utilizando a mão de obra escrava, cuja as marcas "visíveis" apenas as águas da Usina Hidrelétrica conseguiram apagar, como por exemplo a construção das "casas-grandes", os tapumes, currais ou senzalas.

---

10 RIBEIRO JUNIOR, Florisvaldo Paulo. Cenas do Cotidiano Uberabense nas Últimas Décadas da Escravidão no Brasil. Monografia apresentada ao Departamento de História da UFU, 1997, p. 9.

11 Arquivo pessoal, Gabriel Nazaré Fortunato. Documentos xerocopiados fornecidos por Salomão Pires Maciel, proprietário do Cartório de Registro de Imóveis. Os originais se encontram no livro n.º 1 do Cartório acima citado.

No entanto. muito embora o Dr. Soares de Faria reconheça a existência do negro em Nova Ponte. ele não recupera a questão da escravidão. referindo se aos negros da seguinte maneira:

> *"O negro também trouxe a Nova Ponte regular contribuição. Mas aqui contrariamente a outros pontos do país, o negro tende a enquistar-se. Há zonas de Negros puros. Mas devido a facilidade de vida, pouco tem prosperado. Não sentem como nos Estados Unidos, a necessidade da luta, the struggle for life. Todavia, fisicamente, não têm degenerado. Com melhor assistência, serão ainda elementos proveitáveis, nos quais não será nula a influência do progresso"*[12].

Indo ao encontro da leitura racista feita Oliveira Vianna[13], já em 1922, Soares de Faria reafirma o preconceito em 1939, tratando o elemento negro, enquanto ainda "mera" mercadoria, que "Com melhor assistência, serão ainda elementos proveitáveis". Em conformidade com a leitura branca e elitista da história brasileira, o Dr. Soares de Faria, não prefere abafar os conflitos sociais, fazendo da sua, uma leitura "única". Na medida em que ele não recupera a escravidão, a

12 FARIA, Dr. Soares. Monografia de Nova Ponte. Editada pelo Diretório Municipal de Geografia, Nova Ponte, Minas Gerais, Triângulo Mineiro, MCMXXXIX, p. 27.
13 VIANA, Oliveira. Populações Meridionais do Brasil, vol. 1, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1992.

memória esquece a mazela. ou seja. o que "fica" é uma "imagem". e uma memória sem contradição social. e sem a perspectiva de "contestação".

É muito difícil estabelecer no caso de Nova Ponte a diferença entre arraial. distrito e freguesia. Os significados dos termos se confundem. pois arraial significa lugarejo. distrito se refere a divisão administrativa do município. de certos departamentos de administração pública. freguesia significa povoação sob aspecto eclesiástico.

Ao que tudo indica. Nova Ponte não teve em sua história a denominação de vila. pois em documentos citados anteriormente pode-se ler os nomes: Arraial e distrito. como partes da vila do Sacramento.

A criação da freguesia de São Miguel da Ponte Nova coincide com a fundação da paróquia conforme a lei 2.916. de 26 de setembro se 1882[14]. A paróquia foi canonicamente instituída em 28 de outubro de 1884. sede de distrito pertencente a Sacramento[15]. Com base nestes dados. fundamentado em documentação. nota-se a dificuldade de se separar a criação da freguesia e da paroquia.

O distrito. ao que indicam os poucos documentos. como a Escritura Pública de doação de escravo como herança. passada em cartório. foi criado antes de 1887. pois este documento relata o seguinte:

---

14 Lei Provincial n.º 2.916 de 26 de Setembro de 1882. Cf. IBGE. cit. p. 196.
15 Livro 01 de registro de Batizados pertencente ao arquivo próprio e particular da Igreja Matriz de São Miguel.

"saibão quantos este público instrumento de escriptura virem, que sendo no ano do nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e sete, aos cinco dias do mês de Agosto, do ditto anno, neste Arraial de São Miguel da Ponte Nova Termo de Vila de Sacramento Provincia de Minas Gerais"[16].

Este é um trecho do documento original, citado anteriormente, que aqui se encontra como foi escrito em 1877, apenas para certificar sobre a "possível criação do distrito de Nova Ponte".

O mesmo documento tem outra passagem importante sobre o assunto :".

"... em meu cartório comparecerão Jacob Gonçalves Cardoso e sua mulher Dona Ana Luciana de Resende, Francisco Fernandes Pereira moradores deste distrito que trazendo uma escrava de nome Jacinta, de idade de dezoito anos, filha de uma sua escrava de nome Lisarda"[17].

Por este trecho pode se notar que ao mesmo tempo o lugar é denominado Arraial e Distrito no ano de 1877, época do documento analisado.

16 Cópia de Escritura Pública, doada por Salomão Pires Maciel, proprietário do Cartório de Registro de Imóveis em Nova Ponte, livro 1A.
17 Ibidem, citação 16.

Outro documento chamado "Contrato para construção e conservação de Tapumes" entre fazendas de município, datado de 1874, tem no final do texto o nome do lugar onde foi escrito :"São Miguel da Ponte Nova, 27 de julho de 1874. Sendo assinado por Francisco Fernandes Pereira, Abadio José de Santana, João Evangelista da Rocha, Thomaz José Mundim e quem o escreveu foi o senhor Pedro Salvino Borges.

Mais um documento trata indiretamente do assunto, pois menciona o nome do lugar e data. Podendo notar as poucas mudanças de nome de Nova Ponte.. Este documento é denominado "contrato de obrigação para conservação de um vallo traz ao término do texto:

> *"...São Miguel da Ponte Nova, 28 de fevereiro de 1893". É bom lembrar que a cidade nesta fase não se chamava como antes "Arraial de São Miguel da Ponte Nova " Termo da Vila do Sacramento, Província de Minas Gerais"*[18].

Acredito que a mudança de nome se processou em virtude das alterações da forma de governo do país, antes de 1889, a "pátria" era denominada "Império do Brasil" e após a data citada, o país passou a ser chamado de "República Federativa do Brasil" e Minas se tornou Estado.

---

18 Grifos meus. Cópia do Contrato de Prestação de Serviço, registrado no Cartório de Registro de Imóveis de Nova Ponte, proprietário Salomão Pires Maciel, Livro 1B.

Segundo Ana Fani Alessandri Carlos, em sua dissertação de mestrado "reflexos sobre o espaço geográfico "

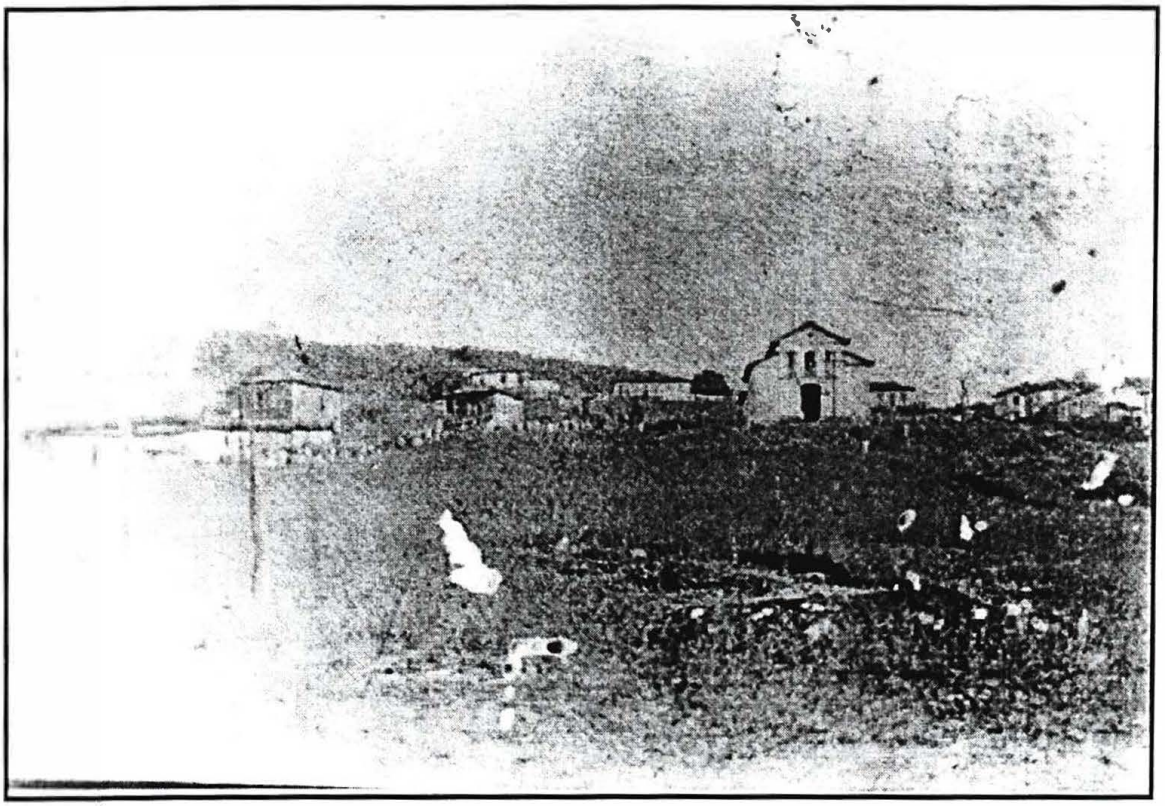
> *"A cidade tem uma origem histórica: nasce num determinado momento da história da humanidade e se constitui ao longo do processo histórico, assumindo formas e conteúdos diversos. A diferenciação de enfoque quanto a origem da cidade baseia-se, numa concepção teórico metodológico que nos permite pensar o espaço geográfico- enquanto produto das relações entre a sociedade e a natureza (primeira no estágio inicial"*[19].

Refletindo o que Ana Fani Alessandri Carlos nos coloca, em relação aos conteúdos históricos e diversos, sobre a origem das cidades, no caso de Nova Ponte, ao procurar a prefeitura para tentar diagnosticar a origem da cidade de Nova Ponte, que se tornou o meu objeto de estudo, foi me repassado os seguintes dados históricos :

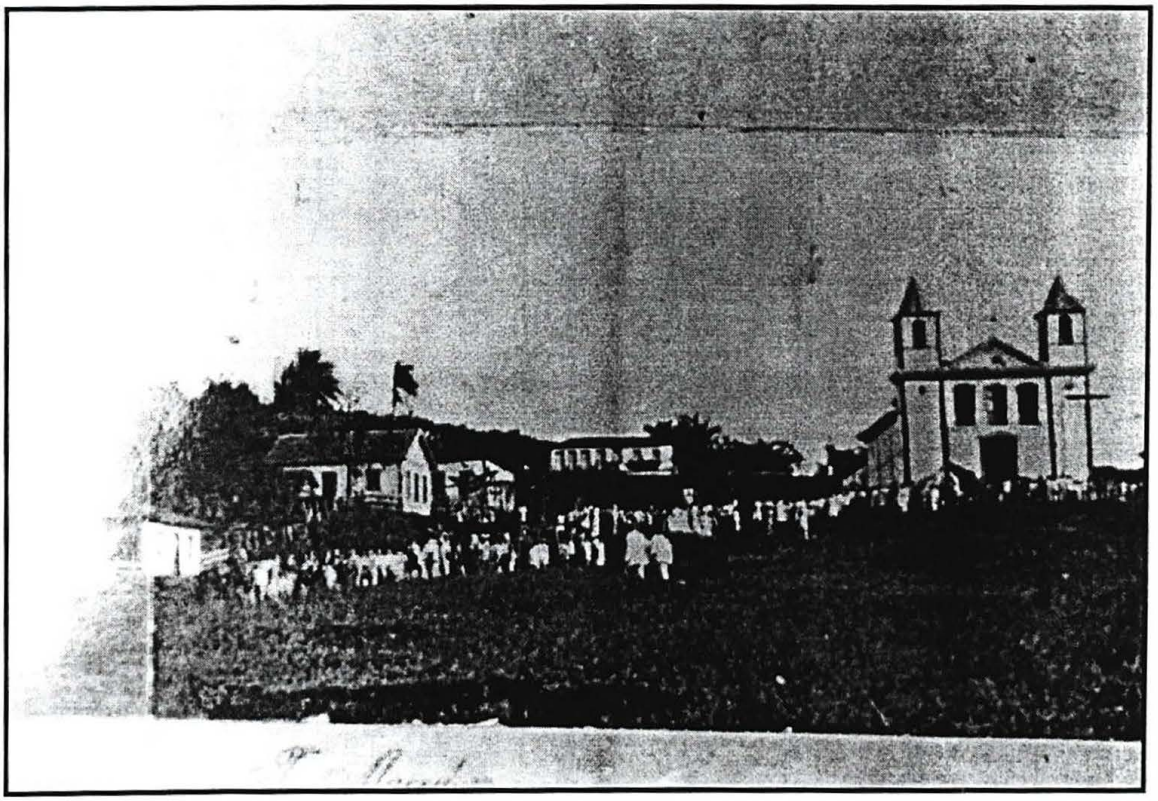
"O primitivo topônimo era São Miguel de Ponte Nova e o povoado surgiu em razão de terem os moradores Manoel Pires de Miranda e Antônio Luciano de Resende, fazendeiros que demarcaram uma gleba, que doaram para uma construção de uma capela sob a invocação de São Miguel, em terrenos da fazenda Cachoeira à margem do rio Araguari (naquela época denominado Rio das Velhas).

---

19 CARLOS, Ana Janni. A Cidade: Repensando a Geografia. São Paulo, Contexto, 1994, p. 57.



01) Povoado de São Miguel, ao centro: capela construida em homenagem a São Miguel, doada por Manoel Pires de Miranda e Antônio Luciano de Resende no início do século XIX.



02) No último quartel do século XIX a antiga capela foi substituida por esta e ao seu lado foi construido um cemitério.

Na realidade foram dois os núcleos que deram origem à atual cidade de Nova Ponte. sede do município: o arraial de São Miguel e o arraial de São Sebastião na margem oposta. este ultimo também surgido pela doação de um terreno para a construção de outra capela. que teria como orago São Sebastião. Para esta capela, Nephtali José de Castro. Joaquim de Almeida e outros foram os doadores"[20].

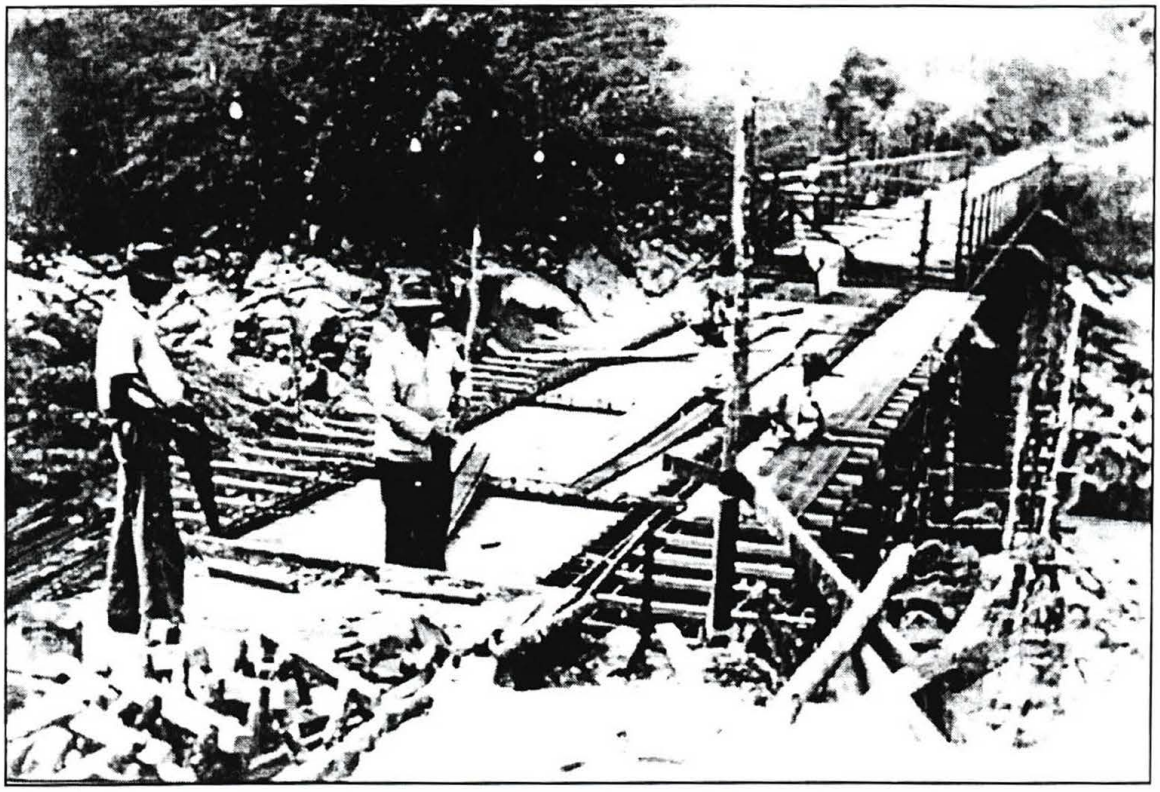
Ligando os dois povoados, foi inaugurado uma ponte de madeira, construída por Antônio José da Silva Fernandes, em 1858. Por convênio com os poderes públicos, esse construtor ficou com os direitos a cobrança de pedágio na dita ponte. por trinta anos, direito exercido quando de sua morte, por seu filho e homônimo, apelidado Totó[21].

A antiga ponte de madeira serviu por quarenta e seis anos, ruindo em 1904. devido a uma grande enchente no Rio Araguari. No governo de João Pinheiro, em 31 de outubro de 1908, foi inaugurada a atual (hoje submersa) de estrutura metálica, importada da Europa por 32 contos. Não houve festas na sua inauguração. exatamente por estar fazendo sete dias da morte de João Pinheiro, mas no cerimonial foi celebrado uma missa e estavam presentes um grande número de pessoas[22].

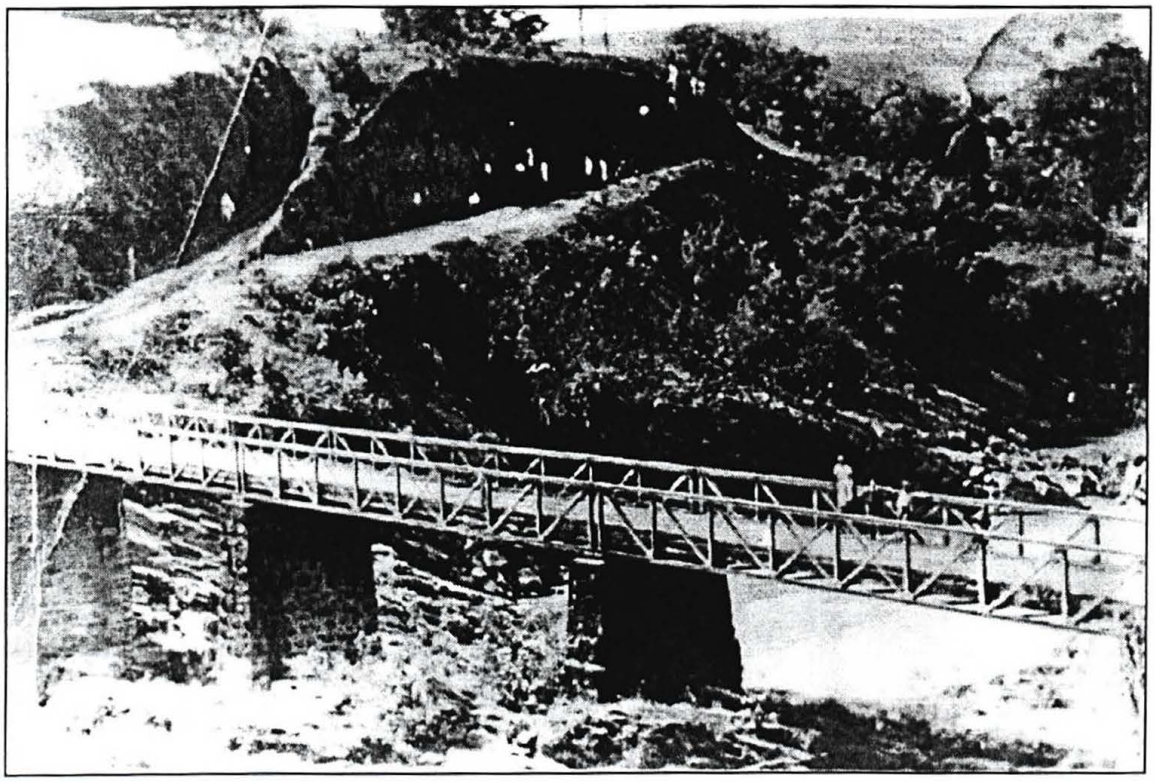
Sobre estas informações, evidencio que a mesma esqueceu de incorporar, enquanto prática, atuação dos "desbravadores" bandeirantes, do trabalho do negro, a participação do índio, ou mesmo contextualizá-la como parte integrante de uma conjuntura regional e estadual. chamada Brasil.

---

20 Livro número 1. Registro de Patrimônio Público de Nova Ponte. Prefeitura Municipal de Nova Ponte. cópia fornecida pela secretaria Joana Darc Rosa.
21 Ibidem. idem.
22 Ibidem. idem.



03) Ponte de madeira: serviu Nova Ponte por 46 anos, ruindo no ano de 1.904.



04) Ponte João Pinheiro: de armação metálica, inaugurada em 1.908.

Sobre as origens do município, no livro Memória Histórica, editado pela CEMIG, em junho de 1997, é possível obter as seguinte informações: Após os fazendeiros Manoel Pires de Miranda e Antônio Luciano de Resende terem doado a gleba de terra, foi construído uma capela que recebeu o nome de São Miguel Arcanjo. Em 1872 o povoado é elevado a categoria de distrito de Sacramento e em 1884 é reconhecido como freguesia. No último quartel do século XIX, a antiga capela foi substituída por uma nova edificação, ao lado da qual foi instalado um cemitério, onde não foi permitido sepultar os mortos da epidemia de varíola, que foram transportados para o cemitério das Lascas, a duas léguas da freguesia, à margem da estrada de Sacramento.

Por outro lado, o Dr. Soares de Faria, médico residente em Nova Ponte, durante os anos 30, tentou traçar e passar por estes caminhos ao escrever a Monografia de Nova Ponte - Minas Gerais, MCMXXXIX. Cuja as lacunas são justificadas, também, como se lê na guisa de prefácio :

> *"As deficiências ou imperfeições do trabalho decorrem não só da exiguidade do tempo em que foi escrito, pouco mais de uma semana, como da necessidade de resumir estas páginas, para não encarecer o trabalho topográfico"*[23].

---

23 Dr. Soares de Faria, ibidem.

De acordo com aquela época em que foi produzida, uma vez que, o próprio sistema político estava nas mãos dos grandes ou das oligarquias, onde os meios de comunicação eram extremamente controlados, a monografia escrita pelo Dr. Soares de Faria tem o seu valor histórico, pois acaba sendo produto do seu meio. Comungando com esta fala, em 1939, o Senhor Otávio Veiga, escreveu sobre o Dr. Soares de faria:

> *"É preciso salientar, além do mais, o esforço, a inexcedível boa vontade e o carinho com que Dr. Soares de Faria, deu conta de certas investigações, consultando livros e fazendo exames in-loco, permitindo-lhe a orientação que imprimiu, fazer agora interessantes e curiosas revelações a respeito da metamorfose por que passavam os distritos que hoje constituem em município"*[24].

Refletindo sobre esta metamorfose, de arraial a município, Nova Ponte não foi muito diferente, das cidades da região, mas teve as suas particularidades. Neste sentido, Pedro Borges, velho chefe político de Nova Ponte, na sua Noticia Histórica de Nova Ponte[25], nos conta que em 1890, tentaram "elevar este distrito à categoria de vila". A ele se uniram, os distritos de Santa Juliana, do município de Araxá, e S. Sebastião, do município de Monte Carmelo. A criação não se deu nesta época, diz o

24 FARIA, Dr. Soares. Monografia de Nova Ponte. P. 2.
25 BORGES, Pedro. Noticia Histórica de Nova Ponte. Folheto 1, 1914.

mesmo Sr. Pedro Borges. apenas devido à política "baixa e interesseira. que neste tempo predominava".

Só que esta metamorfose, ou seja a criação do município de Nova Ponte. para o memorialista Dr. Soares de Faria. aconteceu. tranqüilamente. sem conflitos. sob a inspiração do próprio governador. Mais uma vez poderia dizer que o memorialista. talvez por motivos particulares ou políticos daquele momento. deixou de recuperar vários momentos, que contribuíram para a emancipação do município. Esta questão mencionada se fundamenta quando Dr. Soares de Faria nos diz:

> *"O decreto do Governo de Minas Gerias, de 17 de dezembro de 1938, fixou a nova divisão territorial do Estado, criando ao mesmo tempo, novos municípios. Nova Ponte for contemplada entre estes. As condições políticas estão mudadas, pois agora - é o próprio governador Valadares quem vem ao encontro das aspirações da população. Ele certamente reconheceu haver aqui, elementos capazes de constituir um próspero município. Não foram necessários empenhos: a autonomia, veio consultando os verdadeiros interesses do povo. Santa Juliana se constituiu, também município. Nova Ponte, outro, formado dos distritos de S. Miguel de Nova Ponte, município de Sacramento. e S. Sebastião da Ponte Nova, município de Monte Carmelo. A condições topográficas e econômicas estavam indicando a união,*

pois eram separados apenas por um rio, o antigo rio das velhas. hoje rio Araguari. Unindo num mesmo distinto os dois distritos, eles se transformaram num todo homogêneo de grande poder construtivo e econômico"[26].

A emancipação não aconteceu nesta calmaria, pois na esteira desses momentos, os acontecimentos sociais, políticos e econômicos que nortearam a década de trinta no Brasil, foram, também, muito importantes para a organização política de Nova Ponte. Fazendo parte do contexto histórico da República, a "revolução de trinta", com a "tomada do poder" por Getúlio Dorneles Vargas, influenciou o momento político local. O governador de Minas Gerais, interventor ligado ao governo federal, era o senhor Benedito Valadares, que tomou conhecimento de um movimento político emancipacionista em Nova Ponte. Tal movimento se dava, da seguinte forma: Uns queriam a autonomia, outros ressaltavam a idéia do continuismo, ou seja, Nova Ponte deveria continuar ligada a S. Sacramento, outra parte da população defendia a idéia de que fosse anexada a Uberaba. O distrito de São Sebastião, por exemplo, segundo uma outra parte da população deveria ser anexado ao novo município de Indianópoles, que se chamava "Santana de Aldeia", que antes de se emancipar era ligado ao "Brejo Alegre", hoje Araguari[27].

---

26 FARIA, Dr. Soares. Monografia de Nova Ponte. P. 35.
27 Informação colhida em entrevista ao Cartório Salomão Pires Maciel, quando estava em seu Cartório em busca de documentação que pontuasse a história de Nova Ponte.

No bojo deste movimento, acredito que a expropriação por parte de Sacramento e Monte Carmelo em relação a produção e domínio do município deveriam ser bandeiras de reivindicações pelos expropriados. É como se voltássemos no tempo e lembrássemos da relação imposta entre o Brasil e Portugal, em todos os sentidos, sociais, econômicos e políticos.

Isto me remete também, novamente a uma outra questão, que é em relação ao próprio nome do município. Como mencionei anteriormente, as articulações entre arraial, lugarejo, freguesia, vila, por mudanças de governos, ou por interesses políticos, segundo os mesmos, para evitar confusões no envio de correspondências e na arrecadação dos impostos (provinciais e depois estaduais) o lugar passou a ser denominado Nova Ponte, pois já existia uma cidade denominada Ponte Nova na Zona da Mata em Minas Gerais.

No que se refere a permanência do nome da cidade ou escolha de outro, veja os dados contidos no relatório referente ao exercício 1940 apresentado pelo prefeito (não eleito, mas nomeado) Otávio Veiga ao Exmo. , Dr. Benedito Valadares Ribeiro (governador do Estado) :

> *"Nova Ponte e Ponte Nova são duas cidades dentro do mesmo Estado cuja as denominações das causa a freqüentes confusões no correio nem todo o cuidado de aclarar os endereços, o que mais ainda concorre para o extravio da correspondência. Constantemente chegam à repartição postal de Nova*

Ponte cartas destinadas à Ponte Nova, Zona da Mata e por via de regra, e mesmo há de se suceder às que nos são endereçadas. Quando foi mencionado o problema da dificuldade de correspondência para justificar a mudança de nome, não foi dito de onde derivou esta idéia, talvez possa ser justificada pelo engenheiro L. Crus em 20 de Janeiro de 1894, onde menciona esta localidade com o nome de Ponte Nova - abreviação popular para Arraial de São Miguel da Ponte Nova ;termo da vila do Santíssimo Sacramento - província de Minas Gerais"[28].

Segundo a reportagem do diário carioca de 4 de setembro de 1939, os estudos topônimos foram procedidos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que incluíram Nova Ponte no rol das cidades que iriam possuir uma nova denominação: "Neopontena", é o que sugeria aquela instituição oficial.

Longe de ser uma "Neopontena", o nome que se perpetuou foi Nova Ponte, por ter sido associado à idéia da construção de uma nova Ponte em 1908 de armação metálica que ligava os dois povoados. Esta associação foi forjada e passou a ser introjetada na comunidade (que estava satisfeita com a nova obra), mascarando diversos interesses políticos. Para o livro Memória Histórica de Nova Ponte, editado pela CEMIG em junho de 1997, a mudança de nome ocorreu em 1923, o distrito incrementou as manifestações nas décadas de 20e 30, seja por sua

28 Documento xerocopiado, passando a fazer parte do arquivo pessoal Gabriel Nazaré Fortunato, retirado nos arquivos da Câmara Municipal.

autonomia ou seja por desvencilhar dos vínculos administrativos que mantinham com Sacramento, apesar dos fortíssimos laços econômicos desenvolvidos com Uberaba, conhecida como capital.

Como nos diz Ana Fani Carlos :

> *"Pode-se dizer, a princípio, que a cidade nasce da necessidade de organizar um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência visando determinado fim. Isto é, sobrevivência do grupo no lugar, e o rompimento do isolamento das áreas agora sob sua influência"*[29].

Dentro dessa perspectiva os movimentos emancipacionista, muito contribuíram para que Nova Ponte se tornasse um município autônomo, segundo o que consta nos livros da Câmara Municipal isto ocorreu em 17 (dezessete) de dezembro de 1938. Emancipada, Nova Ponte, passou a ter sua própria administração municipal e teve que aprender a caminhar pelas próprias pernas. Neste sentido a partir daí a cidade começou a se delinear e tomou seu próprio rumo, na certeza de que:

> *"Essa dimensão histórica e fundamental para a compreensão da natureza da cidade. Ela é*

29 CARLOS, Ana Janni. A Cidade, Repensando a Geografia. São Paulo, Contexto, 1994, p. 57.

essencialmente algo não definitivo, não pode ser analisada como um fenômeno pronto e acabado, pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico. A cidade tem uma história"[30].

30 Ibidem, idem.

Capítulo 2

Capítulo 2

Os Homens e as Obras:

os contornos materiais da cidade

Após a emancipação política a cidade de Nova ponte, teve que aprender a caminhar "sozinha". Sendo assim, a proposta deste capítulo, e tentar recuperar como a cidade foi tomando forma, e se constituindo materialmente ao longo das décadas. Não que eu queira com isto abafar os conflitos sociais, mas por entender que estes contornos, são também campos de lutas da memória, cujo os homens e as obras[1] são partes integrantes desta batalha. Por um outro lado, compactuo com a idéia, de que não é somente esta memória que deve perpetuar, como pensa algumas famílias destes antigos administradores.

Mesmo assim resolvi fazê-lo, contextualizando alguns acontecimentos, obedecendo uma ordem cronológica por décadas. Por livre escolha pessoal não fique citando nome de todos prefeitos, em ordem de mandatos, para evitar transtornos em relação a interpretação, pois não é minha pretensão, evidenciar ou menosprezar, este ou aquele administrador, que contribuiu para os contornos materiais da cidade. Pois acredito que dentro do possível, todos tiveram pontos positivos e negativos, e neste campo de lutas, em momento nenhum não foram

1 Refiro-me aqui, a todos os moradores, inclusive os homens públicos e cidadãos que participaram do processo de construção da cidade velha, às obras que lentamente foram nontando e delineando os contornos materiais da cidade velha de Nova Ponte.

heróis sozinhos, pois tiveram a colaboração das demais lideranças políticas e principalmente do povo de Nova Ponte.

Neste campo de luta a memória

> *"reencontra movimentos sócio-políticos que mais ou menos se embelezam ou se depreciam nas recordações, mas às vezes comparecendo em sua verdade viva, temperada pelo sujeito que os testemunhou. Reencontra pessoas não pela metade, por intermédio de papéis estereotipados, mas pelas pessoas que tem nome e voltam através de múltiplos perfis"*[2].

Pensando assim, e conforme informações colhidas nos documentos contidos na Câmara Municipal de Nova Ponte, o senhor Amador Pinto, juiz de Paz em exercício, foi provisoriamente o primeiro prefeito e presidiu a cerimônia de instalação do município.

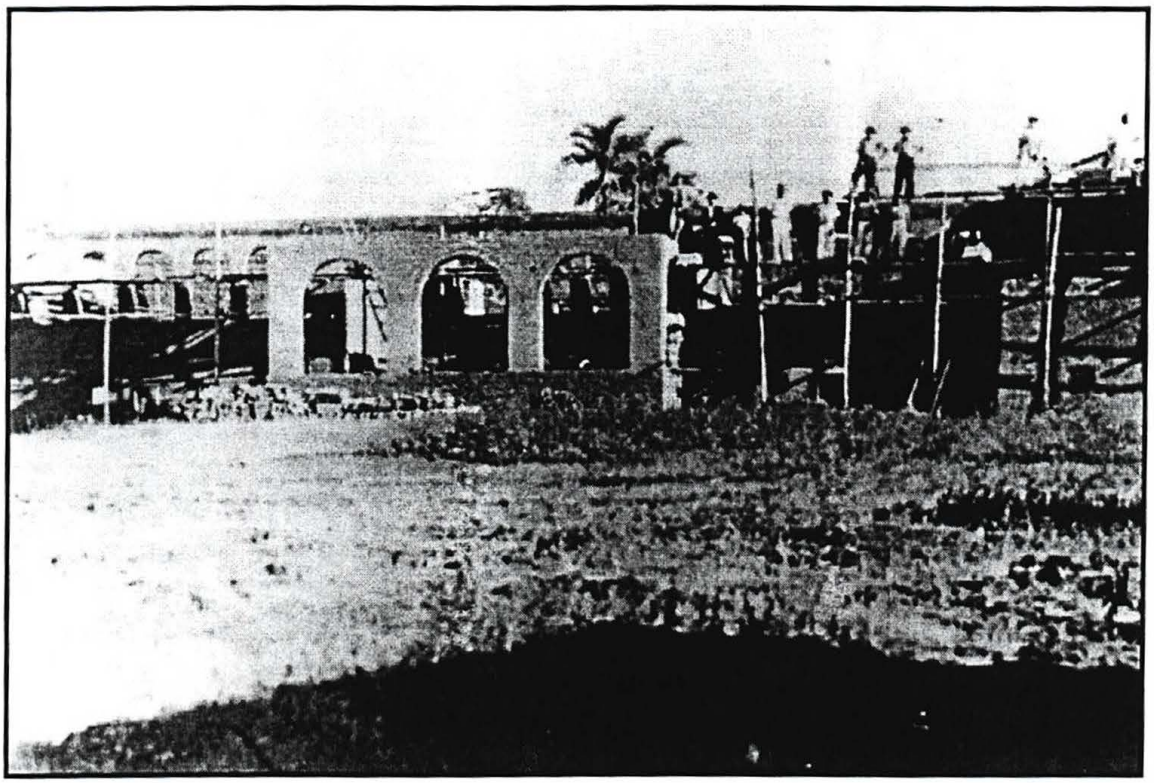
Durante este momento, vários grupos se agitaram, mediante a possibilidade de eleger ou indicar um representante que fosse filho desta cidade, para assumir a sua administração. Vale lembrar que toda esta agitação, não se iniciou com a emancipação, sendo oriunda, quando Nova Ponte era um arraial, ligada a S. Sacramento e a Monte Carmelo. Esta agitação ou porque não dizer, esta luta pelo "poder", se acelerou com os movimentos emancipacionistas, e ganhou força quando a cidade se tornou autônoma. No entanto, Nova Ponte, como

---

2 Entre Memória e História. A problemática de lugares. Pierre Nora, tradução de Yara Aun Klony, 1984.



05) Rua Governador Valadares: no início do século XX.



06) Escola Estadual São Miguel: sendo construida no ano de 1.945

outras cidades criadas no Brasil naquele momento, estavam sob a mercê da política nacional. E no contexto político da época, o Brasil vivia sob a égide do "Estado Novo", onde Getúlio Dorneles Vargas era o presidente e o interventor (governo imposto pelo governo federal) era Benedito Valadares Ribeiro, que utilizando uma de suas atribuições, e contrariando a vontade de muitos novapontenses, nomeou o Senhor Otávio Veiga, como primeiro prefeito de Nova Ponte.

Segundo Dr. Soares de Faria:

> *"O governador certamente compreendeu que, não lhe sendo indicado, um candidato local e com maior soma de apelos da população, a melhor política seria a da escolha de uma pessoa inteiramente estranha ao meio, competente, sob todos os pontos de vista, a qual, aqui chegando, seria um mediador, entre as várias fações desavindas"*[3].

Por esta afirmação, parece que tudo transcorreu normalmente, como se houvesse um consenso entre todos os moradores. Acredito que não foi bem assim, partindo principalmente do pressuposto, de que, o próprio Dr. Soares de Farias, queria ser o prefeito naquele momento, segundo Maria Aparecida Palmiere Torres. No entanto preferiu abafar estes conflitos, sendo extremamente impossível, hoje,

---

3 FARIA, Dr. Soares. Monografia de Nova Ponte. Editada pelo Diretório Municipal de Geografia.

saber o porque agiu assim. Mas não me impede de dizer, que, talvez tendo sido ele convidado pelo Sr. Otávio Veiga à escrever a Monografia de Nova Ponte[4] achou melhor não pronunciar contra, silenciou-se, e resolveu ser condizente com a situação.

Independente de ser o Senhor Otávio Veiga, quando estou tentando resgatar a gênese dos contornos materiais, após a emancipação política, não me refiro a pessoa do primeiro prefeito, mas a forma como chegou a ocupar este cargo, que não foi democrática.

Apesar da insatisfação de muitos, o senhor Otávio Veiga, após ser empossado na cidade de Belo Horizonte, chegou em Nova Ponte em 22 de Março de 1939, e foi recebido por um número muito grande de pessoas, claro, todos estavam curiosos para conhecer aquele que definiria os primeiros contornos da cidade recém emancipada. O momento foi descrito por Soares de Faria:

> *"Depois de agradecer a fidalguia com que era recebido pelo povo do município, expôs as finalidades da sua missão, fazendo sentir a todos que contava com a assídua colaboração dos homens de boa vontade, com o objetivo de realizar alguma cousa em beneficio desta terra, e que aqui viera numa missão de confiança, disposto a seguir religiosamente os mesmos exemplos*

4 Ibidem, Soares de Faria.

de serenidade e justiça prodigalizados à gente mineira pelo governador Benedito Valadares"[5].

Após sua chegada, em 1939, o cenário encontrado pelo senhor Otávio Veiga, que também lhe desejava boas vindas, não era muito diferente das demais cidades pequenas do interior, encravadas no cerrado mineiro, e que foi descrita também, por Soares de Faria.

"Nova Ponte está a margem de Rio Araguari, no centro de uma grande depressão. O patrimonio com o correr do tempo, foi sendo posseado por vários pessoas, e antigo arraial, quasi sem área, sem poder expandir-se: de um lado o rio empedrado, ingreme e impraticavél, aos flancos da cidade. terrenos também acdentados, a estrada, ao sul, em ladeira, margeada por elevações do solo, em forma de pequena serra ao nascente, e terreno em declive ao poente. Nas épocas de chuvas, automóveis dificilmente rodam por esta via pública"[6].

Este cenário se tornava ainda mais assustador, na época das chuvas:

---

5 Ibidem, Soares de Faria.
6 Ibidem, Soares de Faria.

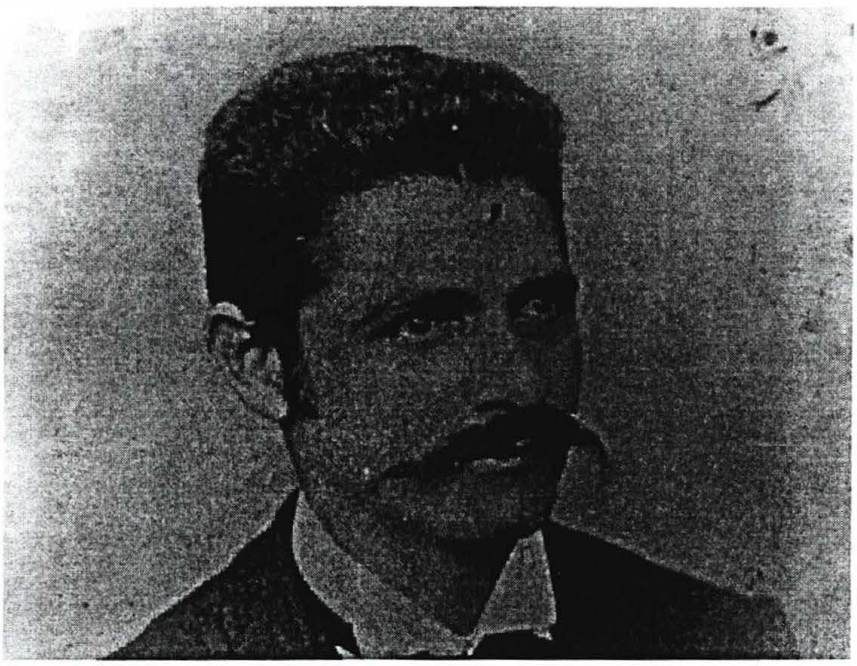
"Nesse tempo, manan, sem parar, meses a fio, pequenos córregos dentro da cidade, procedentes de águas fluviais, que se depositaram em terrenos altos, infilttraram-se na terra porosa, e estão a correr. A primeira conseqüência disso são os mosquitos. E a água que serve Nova Ponte, embora canalizada, não tem a necessária pureza"[7].

Diante dessa realidade o próprio Dr. Soares de Faria, vendo as dificuldades da cidade progredir, em meio a este cenário propões que a mesma seja reestruturada em um outro local:

"Principalmente para sanar as desvantagens da má disposição topográfica, seria aconselhável a mudança da sede para um local mais adequado. Distante dois ou tres quilômetros. Há lugares que oferecem tais condições, mesmo a facilidade de água abundante. Seria assunto para estudo e solução radical"[8].

Tudo indica que o Dr. Soares de farias, não acreditava no progresso de Nova Ponte, por um lado demonstrava a sua insatisfação com o cenário naquele

7 Ibidem, Soares de Faria.
8 Ibidem, Soares de Faria.



07) Manoel Pires de Miranda: um dos doadores das glebas para construção da capela de São Miguel.



08) Da esquerda para a direita: Guiomar de Freitas Veiga (esposa do primeiro prefeito de Nova Ponte); Otávio Veiga (primeiro prefeito de Nova Ponte); Zolfi Barbosa (comerciante) e o vereador Amir de Souza.

momento, por outro deixava transparecer o seu conformismo, como se toda a mudança fosse de responsabilidade da prefeitura . Será que esta contradição não é fruto de uma reação particular por não ter sido ele escolhido para ser o prefeito da cidade? Se o fosse, seria este o seu grande projeto para o município? Como não foi, restou-lhes, acredito eu, o direito de registrar o espaço físico naquele momento:

> *"Mesmo um urbanista consumado, não conseguiria melhorar a estética de Nova Ponte. Teria que proceder a grandes aterros, a desnivelamentos, afim de obter algum sucesso"*[9].

> *"O que se deve é ir, conservando, melhorando as atuais construções, erigindo outras, obedecendo modernos traçados, devendo a prefeitura mandar levantar uma planta e ir, na medida do possível, corrigindo a feia aparência da cidade de Nova Ponte"*[10].

Ciente de todo este cenário, Otávio Veiga, resolveu lançar mão e dar continuidade aos contornos materiais da cidade:

> *"E Nova Ponte autônoma, com as brilhantes perspectivas assinaladas na Monografia há-de-ser, em*

9 Ibidem, Soares de Faria.
10 Ibidem, Soares de Faria.

futuro bem próximo, a cidade feliz e próspera, idealizada pelos seus legítimos filhos, pelos expoentes de sua grandeza, pelos que habitam e se tornam entusiastas do seu progresso. Não lhe faltam para tanto, recursos morais e materias, pois possue um contigente forte de bons e leais amigos, uma legião de povo ordeiro, inteligente, trabalhador e progressista, compenetrada dos seus deveres e responsabilidades. E o que de coração almejo é que tão boa gente não perca jamais a confiança no futuro, a fé inabalável em seus sagrados destinos"[11].

"A confiança no futuro e os sagrados destinos", me parecem que foram traduzidos nos primeiros atos do prefeito Otávio Veiga, que em 1939, por meio de decretos, criou escolas municipais e o cemitério municipal. . Com as escolas deixava transparecer, que a confiança no futuro seria possível, se não o fosse, após buscar ou tentar realizar os contornos materiais, o cemitério, embora sendo localizado no bairro do Rosário, recebeu o nome de São Miguel; poderia ser visto como um "sagrado destino da população", ou da própria cidade.

As escolas recém criadas, foram batizadas com os nomes de alguns políticos, entre eles, o Governador Valadares, Presidente Vargas, Carlos Góis, João Lucio, todos com forte ligação no cenário político estadual e federal. Vale lembrar que estas não foram as primeiras escolas criadas no município, pois,

11 Ibidem, Soares de Faria.

conforme consta nos livros da Atas do arquivo público municipal. a primeira escola a ser criada em Nova Ponte, foi a Municipal professor José Teodoro Borges. Um outro fato me chamou atenção, na leitura dessas atas, é que as escolas que foram criadas antes de 1929, não poderia ser freqüentada por alunos de ambos os sexos. . Otávio Veiga rompe com esta questão, pois as escolas criadas em sua gestão passaram a ser mistas, podendo ser freqüentadas tanto por homens, quanto por mulheres.

A partir daí os atos políticos foram se sucedendo, as ruas nos dois sub distritos começaram a receber nomes oficiais. Entre os nomes mencionados para serem colocados nas ruas, cito :Presidente Vargas, Governador Valadares, Floriano Peixoto, Benjamin Constante. Segundo o livro de Atas número 01 da Câmara Municipal, o motivo que levou a escolha destes nomes eram para evitar a confusão no envio de correspondências. Não descarto esta possibilidade, mas acredito que o propósito foi realmente, assim como o nome das escolas, homenagear os políticos influentes. Apesar de que, tal situação parece nunca ter sido motivo de preocupação por partes dos moradores, pois em uma cidade pequena, onde todos se conhecem, mais do que o nome de um político, o que perpetuou foram os pontos de referências, conhecidos por todos, ou as ruas e os lugares serem popularmente conhecidos conforme os moradores que nela habitavam ou o tipo de comércio ali instalado:

"Resido em minha casa, que é própria, na rua Sacramento mas, a maioria das pessoas, até mesmo eu, já me acostumei a dizer que moro na rua da padaria"[12].

Durante a década de trinta, mesmo com a nomenclatura de ruas implantadas, o mundo rural, era ainda muito presente na cidade, provocando até mesmo, como nos diz Oliveira Vianna, "a estagnação da área Urbana". Uma vez que, durante esta época, o fumo ocupava a mão de obra de grande parte de trabalhadores, sendo que na casa chamada chalezinho[13], houve uma pequena manufatura, destinada a transformar industrialmente as plantações de fumo.

Antes, durante, e até mesmo nas décadas mais recentes, a maioria das casas poucas casas existentes, tanto no distrito de São Miguel e São Sebastião, tinham em seus quintais, a criação de porcos, galinhas, hortaliças e outros. Sem contar que a rua muitas das vezes representava uma extensão do quintal. Pois era normal encontrar animais e aves, pelas ruas da cidade. Apesar de estarem imbricados, o setor rural e o urbano, posso dizer que o setor rural se destacava, pois não se apresentava, como uma atividade nova, enquanto que a cidade, sob a esfinge da autonomia, tinha que se reestruturar.

Durante a década de 40, um outro problema que buscava definir os contornos materias da cidade, estava voltado para os meios de transportes e de

---

12 Senhor Jorge Costa, 75 anos aposentado pela Prefeitura Municipal, em entrevista concedida a Gabriel Nazaré Fortunato, em março de 1998.

13 A casa chalezinho, uma das primeiras construída no município no antigo arraial de São Sebastião. Com a relocação da cidade, o chalezinho foi reconstruído na cidade Nova, sendo patrimonio público, e na sua sede funciona a Casa da Cultura da Cidade.

comunicação, na tentativa de solucioná-los, foi construído precárias estradas vicinais, para escoar a produção, e um pequeno prédio para a Agência dos Serviços de Correios e Telégrafos. Estava explicito, que a elite política ao tentar resolver os problemas acima mencionados, não estavam interessados somente em melhorar as ruas e criar uma sede para a agência de correios, mais do que isto estavam interessados na cobrança de impostos e na fiscalização dos produtos que eram vendidos para outras regiões. Enquanto a agência de correio, vale lembrar, que as correspondências, eram levadas 2 vezes por semana, até a cidade de Uberaba[14], na inauguração da nova sede estavam presentes um número muito grande de pessoas, lideranças políticas, professores e alunos das escolas municipais.

Economicamente os anos quarenta foi marcado mais uma vez pelo setor rural, pois a agricultura e a pecuária ocupava lugar de destaque, por intermédio do plantio de lavouras de arroz, milho, cana de açúcar, todos em escala comercial. Na pecuária o gado leiteiro e de corte predominavam, destacavam-se também a criação de porcos e aves domésticas[15].

No final da década de 40, conforme livros de atas referente a criação de escolas municipais, contidos na secretaria municipal de educação, foi possível encontrar o registro de criação de algumas escolas, nas fazendas da Barra, Itambé e Boa Vista (comunidades rurais pertencentes ao município), estas escolas eram multisseriadas, com apenas um professor por turma, aplicando todos os conteúdos.

---

14 Informações obtidas com o Senhor Ricardo José Caetano, funcionário a mais de 18 anos da Agência de Correios local.

15 Dados obtidos no arquivo próprio do Sindicato dos Produtores Rurais de Nova Ponte.

As escolas foram denominadas, Escola Municipal Ezequiel Dias, Escola Municipal Afonso Pena. Escola Municipal Duque de Caxias e Rui Barbosa. No distrito de São Miguel, em 1944 funcionava uma escola, quede chamava Escolas Reunidas, que mais tarde, o prédio da mesma, transformou-se em cadeia, no entanto em 1946 as escolas reunidas passaram a se chamar Grupo Escolar São Miguel.

O início dos anos cinqüenta foi marcado pela participação vários trabalhadores, e membros da comunidade, viabilizados pelo executivo, na pessoa do senhor Joaquim Gouveia Torres, para construção da parte de cimento da Ponte João Pinheiro, sobre o Rio Araguari, pois a ponte metálica, apresentava sinais de corrosão e parte dela caiu, com o peso de uma boiada. Esta ponte conforme parte de sua história resgatada no capítulo1, era extremamente importante, pois além de ser o elo de ligação entre os povoados de São Sebastião e São Miguel representava um caminho para escoar a produção, lugar de passagem dos meios de transportes, e principalmente do gado que vinha de outras regiões. Segundo dona Maria Aparecida Palmiere Torres, na sua inauguração em dezembro de 1951, não houve festas, e durante o período de sua construção, ao lado da mesma, foi improvisado uma ponte de madeira para que pudesse realizar o transporte.

Contribuindo para os contornos materias, em 1959, o executivo municipal resolveu dar início ao trabalho de construção, do centro administrativo próprio da cidade, pois a prefeitura funcionava em prédio alugado pelo senhor Amador Pinto. A nova edificação foi instalada na rua Benjamin Constante, mas conhecida por todos como rua principal, próximo à Praça São Miguel.

A economia, ainda era voltada para o setor rural, como disse anteriormente, baseada no plantio de arroz e produção de leite. Mas estava

nascendo uma pequena indústria, a Cerâmica São Miguel (, que por muitos anos contribuiu para a economia da cidade. Mas por outro lado, é exatamente ai, como um exemplo a mais, que podemos perceber claramente o que Marx, chama de conflito entre capital e trabalho, expressado, sem que ele mesmo se desse conta, pelo proprietário da empresa o senhor Jarbas Fernandes

> *"Uma vez um funcionário meu, em 1963, resolveu fazer um movimento, como se fosse uma greve, acusando que a Cerâmica pagava mal, contornei movimento, chamei o funcuionário para uma conversa e tudo voltou ao normal"*[16].

Sobre o exposto acima, o meu entrevistado, por escolha pessoal, quando foi argüido, resolveu omitir o nome do líder do movimento, deixando transparecer o discurso da supremacia e das hegemonia patronal. Não que eu queira estar condizente, mas todos os dados e documentos que foram repassados, serve apenas para merecer a empresa, como se a mesma fosse um éden na economia da cidade. A Cerâmica São Miguel que em relação ao tamanho de Nova Ponte, sempre ocupou um número expressivo de trabalhadores, se manteve firme em seus interesses econômicos e na tradição, pois com a mudança da cidade, a mesma se instalou na nova cidade e continua prestando "serviços e serviços".

---

16 Jarbas Fernandes. Nova Ponte, Agosto de 1997, empresário. Entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato.

"Iniciamos com 8 pessoas, ao longo dos anos a Cerâmica foi crescendo, passando para 20 a 30 funcionários, e hoje estamos com 140 trabalhadores"[17].

A empresa ficou registrada na memória do senhor Jair Resende, que trabalhou na mesma durante muitos anos:

"Os funcionários, realmente não ganhavam bem, as condições de trabalho não eram boas, mas era um dos poucos lugares para trabalhar"[18].

Enquanto a cidade de modos geral via na empresa a solução de trabalho para muitos, o senhor Jair Resende, insatisfeito mas conformado, guarda na memória, o tempo que por lá passou, e o momento quando em trabalho foi atender um telefonema, e um raio caiu na linha, deixando-o parcialmente sem audição, não tendo segundo ele a assistência merecida, principalmente por ter dedicado grande parte de sua vida a empresa.

Pensando em conflitos, em1959, a prefeitura municipal passou o prédio do correio, situado ao lado do grupo escolar São Miguel, para ser instalado o quartel e a cadeia pública de Nova Ponte. Apesar de se apresentar como uma cidade pacata, ordeira, tranqüila, Nova Ponte tinha acontecimentos que as vezes

---

17 Ibidem, Jarbas Fernandes.

18 Jair Resende, casado, atualmente aposentado por invalidez auditiva, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, Agosto de 1997.

surpreendiam a todos e se tornavam casos de polícia. Revendo os arquivos da cadeia no município, pude perceber que os pequenos delitos eram resolvidos pelo próprio delegado, os demais casos, como homicídios e outros, quando eram feitos os processos crimes, eram encaminhados para Monte Carmelo, local onde estava instalado a comarca do Município. Vale ressaltar, segundo as memórias da época, que muitos casos eram abafados, porque o poder do dinheiro as vezes falava mais alto, conforme nos diz dona Abadia dos Santos 82 anos, em entrevista realizada em sua residência:

> *"Há meu filho, a muitos anos passados, as vezes era encontrado alguém morto, lá na cruz quebrada, ou nos paus de óleo, agente até desconfiava quem podia te matado, mas não podia fala as vezes era mandado, mas agente num tinha certeza"*[19].

Durante o tempo em que estive com dona Abadia pude perceber pelos seus olhos que a saudade da antiga cidade é uma constante em sua vida, por outro lado a mesma representa um campo constante de luta por manter viva a memória do local que ela nasceu cresceu e constituiu sua família. Sem contar que a mesma, como sendo mãe não deixaria de me dar um conselho:

---

19 Abadia dos Santos, 82 anos, viúva, aposentada. Entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, Janeiro de 1998.

"O meu filho, um dia tudo isso vai passá, como a cidade passou de lá prá cá. Então hoje tem que estudá muito, pra poder ser alguém na vida"[20]

Pensando no conselho a min atribuído por dona Abadia, minhas atenções se voltam para a educação que baliza o cenário durante os anos cinqüenta, pois foi neste período, que entrou em evidência o processo de instalação do Colégio, e construção de mais duas escola municipais uma da comunidade rural de Almeida Campos, com o nome de Presidente Vargas e a outra da comunidade de Pontesinha com o nome de Joaquim Balbino.

As escolas nesta década, não era muito diferente em relação as criadas anteriormente, mas um fato me chamou a atenção, conforme livro de atas número 2 da Escola Municipal São Miguel, em 18 de Março de 1957 foi inaugurado na mesma escola a Flama Pio XII, um grêmio religioso, cuja central brasileira se localizava em Belo Horizonte. A Flama Pio XII, tinha como objetivo a intensificação da moral cristã e ação da Igreja católica dentro da escola. A Flama era composta por vários membros e uma diretoria que se reunia quinzenalmente ou mensalmente, impondo o catecismo nas escolas com o propósito de guiar a moral da juventude, aliada com a desenvolvimento do ensino. Mas acredito, após a leitura de algumas atas, que a Flama Pio XII era elitista e burguesa e contribuía também pela divulgação e efetivação do cristianismo,

---

20 Ibidem, D. Abadia dos Santos.

"A religião tem grande influência na formação moral de um povo. E como nas escolas de hoje, estão os homens de amanhã, e as professoras estão entregue o sagrado dever de orientar seus alunos, para serem mais tarde elementos dignos de Deus, da pátria e da família"[21].

Em se tratando de desenvolvimento do ensino, em 1959 foi criada a Associação Cultural de Nova Ponte, idealizada pelo Professor Djalma Alvarenga de Oliveira. Conforme livro de ata número um da entidade, a Associação cultural de Nova Ponte era composta pelos seguintes órgãos internos: Presidência, conselho fiscal e conselho deliberativo. O primeiro presidente foi o professor Djalma Alvarenga de oliveira, os membros do Conselho Fiscal, eram os fazendeiros Raul Resende Pereira, Armando Espíndola Carneiro, Alfredo Marcacine, Manoel Rodrigues de Melo e pelos comerciantes José de Melo, Getúlio Resende do Nascimento, Ozar Mendes de Resende e o professor José Teodoro Borges. O Conselho Deliberativo era composto pelos seguintes membros: cartorário Salomão Pires Maciel, comerciante Haveiro Pinto e o empresário Miltom Fernandes.

A Associação Cultural que tinha estatuto próprio, foi criada com o objetivo de desenvolver o ensino em Nova Ponte. Foi esta entidade que criou e manteve os primeiros anos do ensino fundamental em Nova Ponte, através de doações de verbas dos moradores do município e das arrecadações em dinheiro, das festas, bailes e eventos culturais promovidos pela Associação.

---

21 Livro de Atas número 1 da Ilama Pio XII, que registra ainda o estatuto da entidade. Documentação de posse da Escola Municipal São Miguel.

Dentro desse contexto, acredito que as finalidades da Associação Cultural, mesmo com serventia burguesa, pois da pra se perceber isto ao ler as atas, contribuiu muito para ampliação dos horizontes educacionais, pois foi pedestal e suporte para a criação da Escola Estadual Josias Pinto.

A Associação Cultural que teve seus primeiros momentos nos anos cinqüenta, inaugurou também a década de 60, pois a partir daí foram abertos os processos e solicitações ao governo estadual, para que esta escola, que era mantida pela entidade mencionada, pudesse vir a ser uma escola estadual. E isto realmente aconteceu, o Estado acampou o colégio e passou a se chamar Escola Estadual Josias Pinto, criada pela lei 3610 de 30 de novembro de 1965, autorizada pela portaria número 61, publicada no Mina Gerais do dia 09 de março de 1966, passando a pertencer à rede dos estabelecimentos oficiais do ensino do Estado de Minas Gerais.

Vale ressaltar, que durante o tempo que os processos estavam sendo abertos e as solicitações sendo feitas ao governado para acampar a escola, os demais contornos materiais não ficaram a deriva, pois em meio a isto tudo, com dinheiro do poder público, o bairro Morro de Pedra estava recebendo nome oficial, de bairro São Francisco[22]. Foi autorizado pela prefeitura municipal a construção de passeios, calçamentos, meios-fios, sarjetas e obras de pavimentação nas principais ruas e logradouros da cidade[23]. Contudo, tais obras até mesmo a própria escola, nasce com a ditadura militar, imposta no Brasil a partir de 1964.

---

22 Lei Municipal 259, de 25 de Setembro de 1962.
23 Lei Municipal 263, de 26 de Novembro de 1962.

E no bojo desses acontecimentos, utilizando o discurso da importância de melhorar os meios de comunicação, em 1965, conforme lei municipal número 344, a prefeitura municipal fez a doação de um terreno urbano, para a Companhia de Telefones do Brasil Central (CTBC) para construção de uma centra de telefonia. A lei 344 é acompanhada da seguinte justificativa:

> *"Nova Ponte estará interligada a mais próxima de Uberlândia, Alto Paranaíba, Uberaba, Triângulo Mineiro e todo Estado"*[24].

Não descarto esta possibilidade, mas não deixo de perceber que esta construção é mais um tentáculo da CTBC, que visa, não somente os de comunicação, mas, o poder de controla-la, principalmente, com o propósito de obter lucros. Sem contar que este empreendimento contribuiu, também, para a divulgação e expansão dos interesses do sistema político, que estava nas mãos dos militares.

Somando-se a esta rede que delineava os contornos materiais, em 1968, houve a instalação da primeira antena retransmissora de programas televisionados em Nova Ponte[25]. No entanto erram pouquíssimas as pessoas que tinham aparelhos de televisão em casa. Com uma péssima transmissão de imagens em preto e branco, alguns novapontenses, alheios aos acontecimentos políticos, viram a descida do homem a lua:

---

24 Lei Municipal 344, de 18 de Maio de 1965.
25 Lei Municipal 432, de 23 de Maio de 1968.

"Ah, num sei se foi verdade, mas a televisão mostrou, os tempos estão mudando"[26].

Uns acreditavam no que viam, outros não, as opiniões se divergiam. E por ser restrito o número de aparelhos de televisão, era no bar do José Inácio, conhecido popularmente como bar do Zé Roxinho, localizado na praça São Miguel, que um número expressivo de pessoas se reuniam para assistir os programas transmitidos, principalmente os jogos da copa de 1970.

"Era bom ver os jogos, mas tinha uns companheiros que falava, que quando passava na televisão, o jogo já tinha acontecido, mas era bom, agente divertia um pouco"[27].

Apesar de ter representado um passo importante nos meios de comunicação, acredito que a televisão tenha significado pouco, se pensarmos na cidade como um todo, por outro lado absorvo a idéia de que serviu como canal de inserção da ideologia política da ditadura:

---

26 Antonio dos Reis Nascimento, 62 anos, lavrador. Entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato.

27 Senhor Jorge Costa, funcionário aposentado pela Prefeitura. Entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato em Março de 1998.

"Era bom ver os jogos, assistir o filme do tarzam

mas toda hora dava notícia da procura de terroristas"[28].

Sem estar muito ligado na televisão, a grande maioria da população, durante a década de setenta, estava com olhos voltados para a fazenda Caxuana[29], que em 1970 se instalou em Nova Ponte, mudando o modo de vida de muitas pessoas, que passaram a trabalhar como bóia-frias, nos projetos de reflorestamento e pecuária da empresa. Percebemos ai uma nova relação de trabalho, não muito distante da Cerâmica São Miguel, mas efetivando, ainda mais, nesta década a relação do trabalho assalariado. A empresa tinha como propósito modernizar o trabalho do campo e transformar o cerrado em áreas produtivas, mas para isto usou grande demanda de mão obra de trabalhadores que viam na empresa uma nova fonte de renda, sem se dar conta o quanto eram explorados e que a sua força de trabalho era comprada a preços baixos em relação ao trabalho prestado. Não é meu propósito estar discutindo como isto se processou, apenas citei como exemplo com objetivo de relacionar o surgimento da empresa com contornos materiais. Porque apesar dessas relações serem positivas e conflituosas, a empresa é vista como o suporte econômico para município e emprego para muitas pessoas, pois segundo o senhor José Antônio Venâncio, aposentado, 72 quando por mim entrevistado:

---

28 Ibidem, Senhor Jorge Costa.

29 Sobre a Caxuana uma empresa voltada para o setor agrícola, mas ao longo do tempo desmatou e plantou pinhos, ver a Dissertação de Vicente de Paula da Silva, Destruição e Reconstrução Simbólica em Tempos do...

"Trabalhei muitos anos na Caxuana, era um cerrado grande, lá eu desmatei, matei formiga, capinei. Agente levantava cedo, pegava o caminhão bem de manhã, tinha que levar comida nos cardeirão e lá agente fazia uma fogueira e quentava. Mas era bão, todo final de semana o dinheiro era pouco mas vinha certinho. Essa firma já deu serviço pra muita gente".

Uma outra fonte de recursos que também balançou a vida de muitas pessoas, durante os ano setenta, foram as instalações de uma fábrica de farinha de mandioca e uma outra de sabão de coco, pelo padre Panfílio. Estas fábricas absorveram também grande número de mão de obra barata. Apesar de que segundo alguns trabalhadores, o trabalho realizado era para beneficiar as obras sociais da paróquia, até porque para muitos o padre Panfílio, foi o grande administrador público, sem ter recebido o título. Em cada canto da cidade de Nova Ponte é possível ver uma obra idealizada pelo padre Panfílio, que de origem holandesa, mas depois que se tornou padre, chegou aqui antes mesmo da emancipação, e a sua participação nos contornos ficou na memória da dona Aparecida Donizete dos Santos 62 anos, do lar:

"Na época do Padre Panfílio, era muito bom, agente fazia multirão de pessoas, ia pra as fazendas catar cocos, pra fazer sabão, me lembro que na fábrica de farinha agente ganhava uns trocados, pois o serviço era

pago conforme a quantidade de balaios de mandiocas descascadas, mas era muito bom agente nem importava com que ganhava tava ajudando a igreja também".

A meu ver, pude perceber até aqui, que ao longo do tempo, na medida que os contornos materias de Nova Ponte foram se constituindo e a cidade tomando forma, ou seja, que uma rua foi sendo aberta, uma escola sendo criada, uma avenida pavimentada, uma obra edificada aqui outra ali, uma empresa sendo solidificada, a questão do progresso, ainda não mencionado por mim, estava embricado, em todos esses momentos e em todas as décadas pontuadas até aqui. E aliado a esses contornos e a questão do progresso, estava a questão da produção de energia, que fora uma das maiores preocupações dos administradores ao longo do tempo.

Se voltarmos neste mesmo tempo, em1939, o senhor Otávio Veiga, ao apresentar o relatório do primeiro ano de vida autônoma do município, ao governador do Estado, Benedito Valadares Ribeiro, expressou no mesmo sua preocupação sobre a iluminação da cidade:

"O serviço de eletricidade é explorado na cidade pela firma Oliveira e Cunha & cia, organizado em 1927 e que, de início firmou contrato com a extinta Câmara Municipal de Sacramento, tendo como representante e único responsável pelos seus negócios, o senhor Claudemiro Perfeito, detentor do maior número de ações.

O contrato ainda não foi renovado com a prefeitura de Nova Ponte, continuando contudo a ser feito pela Empresa de Força e luz da citada firma fornecimento de iluminação pública à Zona de Nova Ponte e de São Sebastião, ao preço de 500$000mensais"[30].

E o problema permaneceu durante as décadas vindouras, pois nos anos quarenta a energia elétrica passou a ser fornecida por uma usina particular e muito pequena, localizada no fundo da fazenda do senhor Alfredo Marcacine, sendo depois comprada pelo município, e conforme o livro de atas número 1 da Câmara, não existiu nenhum movimento contrário. Mas em entrevista com o senhor Joaquim Costa 72 anos, ex-funcionário da prefeitura, fui informado que a maioria das casas não tinha energia elétrica e que isto era até motivo de cantiga popular:

"Nova Ponte cidade que reluz, de dia falta água de noite falta luz"[31].

Dentro desse contexto a área de serviços urbanos e o desenvolvimento da cidade, fora, desde a emancipação, prejudicada pelos rumores da mudança da

---

30 fragmento extraído do relatório enviado ao governador do Estado em 1939, Benedito Valadares, pelo primeiro prefeito Otávio Veiga. Documento de posse do arquivo da Câmara Municipal de Nova Ponte, e da Prefeitura Municipal de Nova Ponte.

31 Senhor Joaquim Costa, ex-funcionário da prefeitura, ex-vereador, durante muitos anos foi responsável por manter vivo o esporte em Nova Ponte, e no momento que esta monografia estava sendo concluida, já podiamos sentir a sua falta, pois faleceu no final do ano de 1998. E a entrevista foi realizada em Março de 1998 na sua residência.

cidade, para um outro local. E a cidade velha, situada as margens do Rio Araguari, numa área de depressão entre montanhas não tinha perspectiva de melhoria em sua estrutura básica. De modo geral foi introjetado na cultura local, que tudo que fosse construído, reformado, seria em vão, pois a CEMIG (Centrais Energéticas de Minas Gerais) viria para construir uma hidroelétrica e a cidade iria mudar de endereço.

Apesar disto, o fornecimento de energia para o município continuava sendo motivo de preocupação por parte dos administradores. Sendo assim o primeiro projeto próprio que buscava solução para este problema, aconteceu na década de setenta, em parceria com as cidades vizinhas de Santa Juliana e Pedrinópolis . Que se uniram para construir no Ribeirão dos Esteios (localizado nas proximidades de Santa Juliana), uma usina de produção de energia, que atenderia as três cidades, sob a égide de que o pretenso projeto viabilizaria a instalação e desenvolvimento de pequenas indústrias[32].

Mas ninguém poderia imaginar que os rumores que sempre assolaram os contornos materiais se tornaria realidade, e que a solução do problema da produção de energia não estava no projeto da Usina dos Esteios, mas no momento que a mesma estava sendo idealizada um mega projeto já estava em andamento, que viabilizaria a construção da Usina Hidroelétrica de Nova Ponte.

Em 1964, realizaram-se os primeiros estudos de viabilidade da obra, pela Canambra Engineering Consultants, com a equipe da CEMIG. Após criterioso estudo, que envolveu até mesmo organizações internacionais como a ONU

---

32 Livro de Atas n.º 4 da Câmara Municipal de Nova Ponte.

(Organização da Nações Unidas) e o BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento). A Canambra apresentou o Programa de Expansão para a Demanda de Energia Elétrica da Região Centro-Sul até 1970[33]. E revelou o aproveitamento total da capacidade de energia do Rio Araguari e ofereceu o projeto de nada menos do que quatro hidroelétricas neste rio, das quais, três formariam um sistema de geração integrado, sendo assim, em 1965 através do acordo ONU/ CEMIG, foram projetados a Usina de Nova Ponte, Miranda e Capim Branco, cujo o funcionamento concomitantemente proveria de energia parte substancial da região sudeste[34].

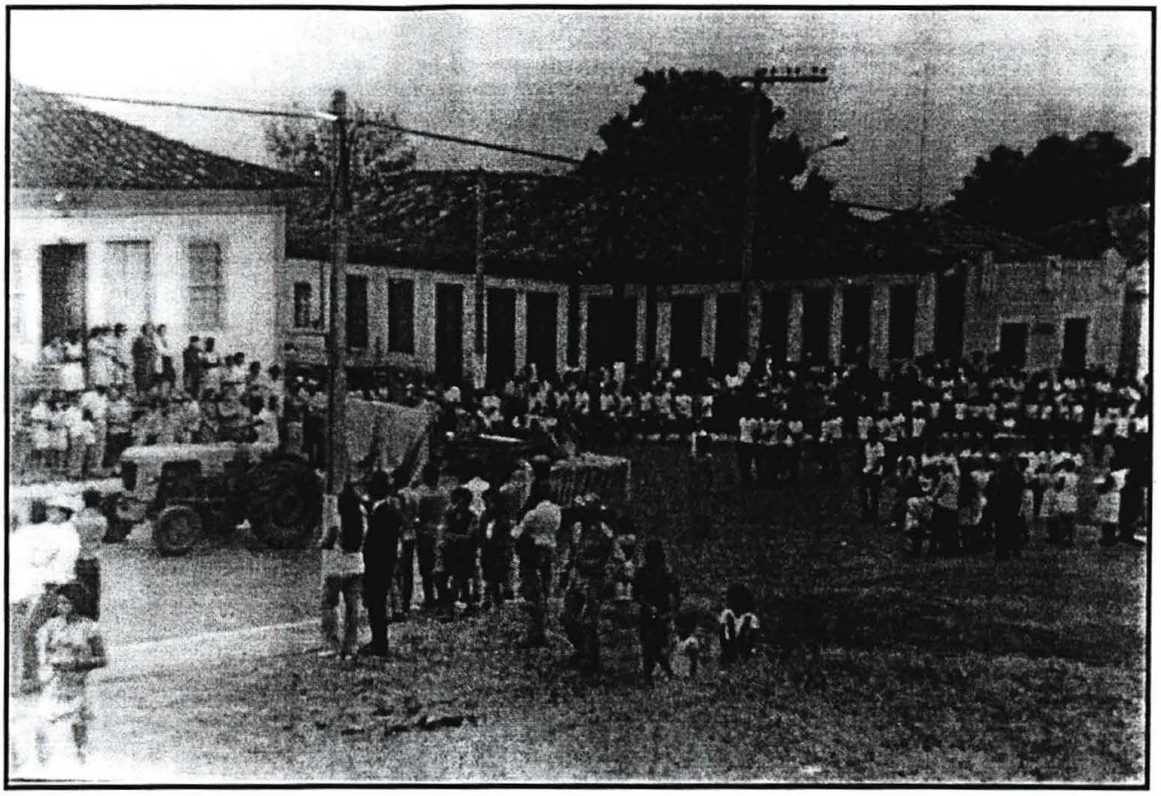
O decreto 76. 006 de 23. 07. 75 concede à CEMIG o aproveitamento da energia ali concentrada e por exigência desse decreto, em1976 é submetido ao Departamento Nacional de Águas e Energia, o relatório intitulado "Projeto Definitivo da Usina Hidrelétrica de Nova Ponte". Só em fevereiro de l985, a empresa submete a revisão deste relatório ao Departamento de Águas e Energia, apresentando novos estudos e justificativas, inclusive da elevação do nível da água. Incluída no Programa de Expansão do Parque Gerador da CEMIG - com a denominação de Usina Hidrelétrica de Nova Ponte, representando para o sistema sudeste a incorporação de 536 MW médios de potência[35].

E durante a elaboração desses projetos, o município não ficou omisso, tanto que, em 4 de dezembro de l981, a Câmara Municipal aprovou a lei 753, cujo

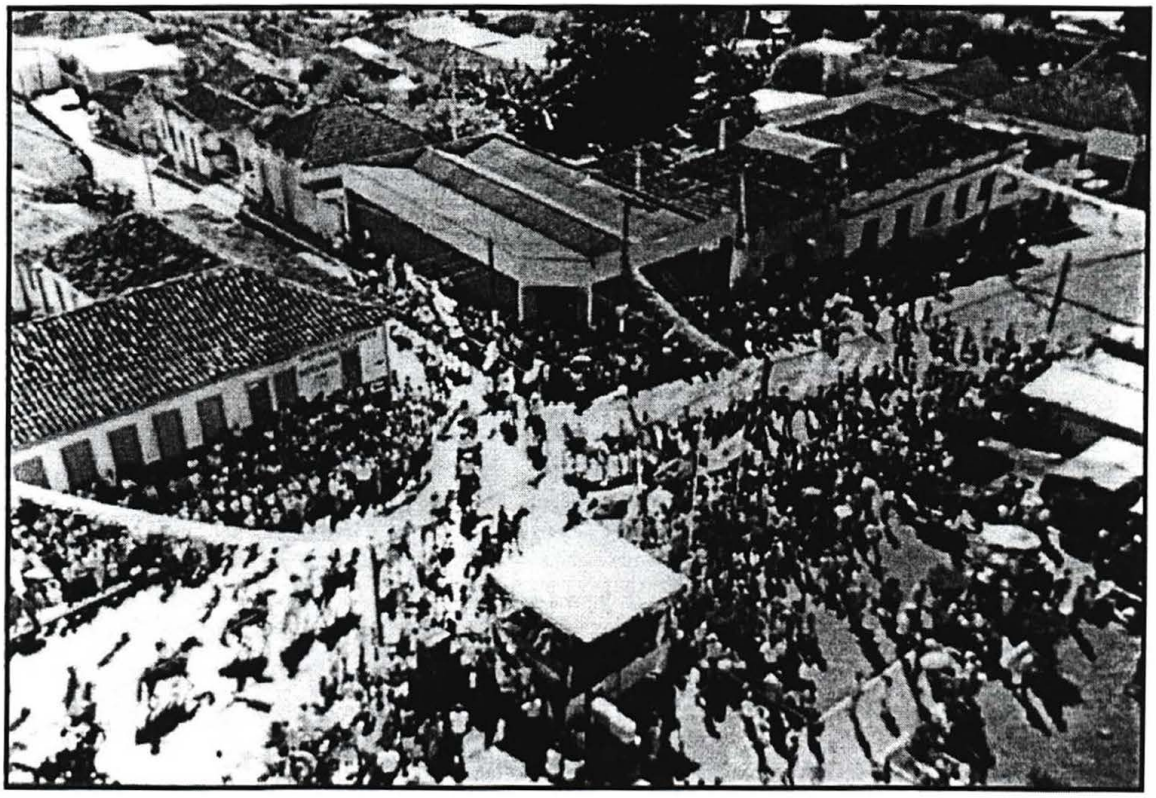
---

33 FERREIRA, Rosa Maria. As Águas e o Tempo: memórias de Nova Ponte. Dissertação de Mestrado – UFMG, Belo Horizonte, 1996.
34 Ibidem, Rosa Maria.

35 Informações obtidas, em boletim informativo da CEMIG (Centrais Energética de Minas Gerais), pelo Engenheiro Residente Luiz Alberto Cruvinel.



09) Cruzamento das Ruas Presidente Vargas e Governador Valadares (Bairro São Miguel) nos anos 70.



10) Cruzamento das Ruas Presidente Vargas com Governador Valadares (Bairro São Miguel) nos anos 80.

teor esboçava estudo para e relocação da cidade de Nova Ponte, para o altiplano situado a 2km de distância da antiga sede, rumo ao sul[36]. E aprovou, também, pela resolução número 02 de 22-05-87, o plano diretor de construção da Usina elaborado pela CEMIG. Sendo assim posso dizer que os pretensos projetos, poderiam se tornar realidade, porque nem eu, como testemunha ocular, nem a população, muito menos os administradores, acreditavam na realização e concretização dos mesmos.

E a imagem do descrédito em cima desses projetos, acredito eu, refletiu intensamente na cultura local e principalmente nos contornos materiais. Porque mesmo sendo assombrado, mais intensamente, pela possibilidade da chegada da CEMIG, a cidade seguiu seu percurso. Como exemplo posso citar, que, durante a década de oitenta, foram construído em Nova Ponte um terminal Rodoviário, no bairro São Francisco e a Santa Casa de Misericórdia, que se tornou o hospital da cidade, no bairro São Miguel. Estas obras, e outras não mencionadas neste texto, foram relevantes e edificadas com o dinheiro do cofres públicos. Por um lado posso pensar que ao serem edificadas, estas obras, representariam, sem descartar a sua importância e utilidade, o descrédito em relação a CEMIG, por outro posso pensar também que foram por motivos eleitoreiros, caso contrário, se não for pelo descrédito, fica uma interrogação, que força ou motivos levaram os administradores, até mesmo as pessoas a construírem neste momento, onde os projetos estavam sendo levados a pico.

Tanto que, a notícia de que a usina hidrelétrica de Nova Ponte se concretizaria caiu em cheio sobre a cidade, como raio, apesar da gente sempre

---

36 Lei Municipal número 753, de 04 de Dezembro de 1981.

pensar que nunca cai sobre nossa cabeça. Esse "raio" detonou uma descarga elétrica muito grande, provocando uma grande transformação em todo o município. Pois com a construção da hidrelétrica, toda cidade tinha que mudar de endereço, pois o lago que iria se formar para alimentar a usina de Nova Ponte, deixaria submerso toda a cidade, toda a sua história, e parte da sua cultura.

E o "trovão" que sucedeu a este raio, foi marcado pelo grande número de pessoas que paulatinamente foram chegando para o município, para trabalharem na construção da hidrelétrica, sucumbindo os rumores, e as expectativas, que por várias décadas tinham marcados e prejudicados os contornos materiais.

Em Agosto de 1982, iniciou-se o projeto básico e em Maio de 1986 o projeto executivo e ambiental, de concepção moderna e inovadora, para a construção de hidrelétricas. As obras principais da usina começaram em Abril de 1987. Em Maio de 1988 foi desviado o leito do Rio Araguari, que durante muitos anos serviu Nova Ponte, foi forçado a mudar de percurso para dar lugar a construção da Usina, definindo mais uma vez o destino da cidade, decretando a sua sentença de morte.

A usina começou a ser construída a todo vapor, por uma parafernália de máquinas, engenheiros, operários, vindos dos quatros cantos do país, provocando com isto uma geração de empregos. Por um lado trouxe melhoria nas condições de vida da população, no entanto o caráter temporário, tornou efêmera a estabilidade e a prosperidade do lugar.

Dados oficiais fornecidos pela CEMIG, apontam que, os empregos gerados pela obra beneficiaram diretamente mais de 3. 000 pessoas no pico da obra, indiretamente mais de 12. 000 habitantes da região. Para CEMIG, não interessava o caráter transitório e os problemas advindos, tais como: o aumento da

criminalidade. o êxodo rural. o aumento da prostituição. E hoje no presente. percebemos estas. e outras seqüelas que os donos do poder ignoraram.

A cidade de Nova Ponte. se viu diante de um grande impasse. Por um lado a chegada do progresso. representado pela construção da Usina Hidrelétrica. que provocou maior movimentação bancária. crescente número de lojas. bares. restaurantes. construção de aeroporto e outros; por outro lado a possibilidade de perder a identidade cultural. os valores. as lembranças. Tudo isto deixou no âmago de cada um. a dúvida e a incerteza

Esta incerteza se tornou maior ainda. porque CEMIG. ao elaborar os vários cronogramas e projetos de construção da usina. apresentou ao povo de Nova Ponte a maquete da futura cidade e fez o lançamento da pedra fundamental onde seria construído a cidade nova[37]. No entanto. a cidade permanecia no papel. ao invés de iniciar as negociações para a relocação da cidade. a CEMIG iniciou a construção. com toda infra estrutura de uma vila residencial para abrigar seus operários. pois para ela interessava o lucro. a produção de energia.

Dentro desse contexto. a CEMIG. além de atrasar seu cronograma de execução da obra. iniciou a construção de outras usinas. sem terminar Nova Ponte. Sendo assim por diversas vezes. representantes da comunidade resolveram procurar a cúpula da empresa para negociar a mudança da cidade. só que não foram ouvidos. E o povo de Nova Ponte. pacato. ordeiro. com uma enorme paciência. resolveu organizar uma Associação de Moradores. com representantes de vários seguimentos da sociedade e foram juntamente com a população.

---

37 Boletim informativo da administração municipal. outubro de 1988.

suportando os abusos e atrasos por parte da CEMI. com a relocação da cidade. Mas como ninguém é tão insensível. pode - se dizer que a população ficou como uma bomba. prestes a explodir. Devido os impasses encontrados pela população. em se manifestarem diante da CEMIG. criou-se o S O S Nova Ponte (Movimento suprapartidário dos moradores dos municípios que seriam inundados).

O movimento S O S Nova Ponte. de conotação política. embora se intitule suprapartidário. levantou a população num ato de coragem. conseguiu a adesão de grande parte da população de Nova Ponte. e realizou uma marcha por toda a cidade. indo até o canteiro de obras. onde estavam localizados os escritórios da empresa. e lá transformou a guarita de entrada em um palco de protestos e reivindicações.

O protesto foi realizado pacificamente. em repúdio à CEMIG e seus métodos enganadores. com palavras de ordem. do tipo: "CASAS JÁ. SENÀO VAMOS PARAR". "NOVA PONTE URGENTE. SEREMOS DIFERENTES ". de modo geral ficou definido que a partir desse dia. 05 de maio de 1992. todos iam lutar por outros métodos. caso a população não fosse ouvida e seus anseios realizados.

No dia sete de maio de 1992. dois dias após a manifestação no canteiro de obras. a cúpula da empresa. entre diretores. engenheiros e o presidente Carlos Eloy. se reuniram com os representantes da comunidade. Câmara de Vereadores. Associação de Moradores. para tratarem do assunto sobre a relocação da cidade. A reunião aconteceu na Igreja Matriz de São Miguel e foi assistida por número muito grande de pessoas. Os ânimos se esquentaram ainda mais mediante os discursos que foram sendo proferidos. mas o presidente da CEMIG. Carlos Eloy.

com sua velha diplomacia, fiel companheiro do governo do Estado, Helio Garcia, se comportou como um verdadeiro escudeiro do interesses do Estado:

> "... *Estamos empenhados em cumprir o que se prometeu a população de Nova Ponte, dentro das dificuldades naturais que o governo tem enfrentado. Mas sempre com segurança, no sentido de dar prioridade aos problemas que os senhores acham de mais necessidades. Para isso, o diretor de obras já está encarregado pela presidência de manter entendimento com a população inteira para que o centro social urbano, o asilo, a câmara e outros prédios possam ser começados. Quanto à questão da mudança da cidade, a construção da Nova Ponte, vamos a Caixa Econômica para realizarmos empréstimos, uma cidade nasce do entendimento. O governo Hélio Garcia tem feito um grande esforço para todos os problemas sejam resolvidos*"[38].

Depois de todo esse galanteio, vários outros discursos foram proferidos e solicitados várias reivindicações, através dos diversos seguimentos que estavam

---

38 Carlos Eloi, Presidente da CEMIG, fragmento do discurso na reunião subsequente ao S.O.S. Nova Ponte. Fonte: Fita K-7 de posse da Associação dos Moradores de Nova Ponte.

presentes na reunião, entre os quais: Frei Rodrigo (acessor do movimento), Professor Gersom Tomáz da Silva (vereador), Helvécio Pereira (Ruralista) e outros:

> *"Não somos nós que escolhemos este tipo de progresso não foi a população que determinou o local da obra, queremos o que temos direito, não podemos deixar nossas raízes serem cortadas a qualquer preço"...*[39]

> *"Nós não pedimos usina, e não estamos exigindo nada que não que não é nosso. Nós só queremos justiça, e que nos devolva o que nos pertence"...*[40]

> *"Muito triste nós ficamos, quando nós percebemos que nossas raízes estão sendo cortadas. Que cumpram aquilo que é de obrigação dos senhores, para que não precisemos de lança mãos de movimentos como este porque uma segunda vez, certamente não seremos tão pacíficos, queremos sejam abertas as negociações para a mudança da cidade"...*[41]

---

39 Frei Rodrigo, Assessor do movimento, fragmento do discurso na reunião subsequente ao S.O.S. Nova Ponte. Fonte: Fita K-7 de posse da Associação dos Moradores de Nova Ponte.
40 Padre José Lourenço da Silva Junior, Pároco local, fragmento do discurso na reunião subsequente ao S.O.S. Nova Ponte. Fonte: Fita K-7 de posse da Associação dos Moradores de Nova Ponte.

41 Prof. Jerson Tomaz da Silva, Vereador, fragmento do discurso na reunião subsequente ao S.O.S. Nova Ponte. Fonte: Fita K-7 de posse da Associação dos Moradores de Nova Ponte.

"Estamos sendo prejudicados, porque não podemos trabalhar na terra, reconstruir nossas casas. Esta calamidade não pode continuar"...[42]

É bom que se diga que os discursos são conflitantes e divergentes. Isto porque eles apresentam diferentes pontos de vista, no que tange a construção da usina hidrelétrica de Nova Ponte. Claro que, na altura dos acontecimentos, conforme andamento da obra, tanto a administração da CEMIG quanto a população, julgavam o processo irreversível.

Mas nas entrelinhas do discurso oficial do presidente Carlos Eloy, mostra uma face e escondia a outra, se não tinha verbas, como a usina estava a todo vapor? Se ainda precisava fazer financiamentos, como autorizava a construção de prédios públicos? De tudo fica uma lição: o governo prima-se pela construção da usina, que produzirá energia para manter as máquinas em funcionamento, por outro lado, o povo quer a edificação das casas, a geração de empregos, uma condição de vida que seja bem que simples sobrevivência, mas o resgate de sua cidadania e sua dignidade.

O movimento S O S Nova Ponte, foi extremamente importante, a meu ver foi a partir daí que as portas foram abertas, para iniciar as negociações dos moradores com a CEMIG, para construção de suas casas na cidade nova, porque os prédios públicos, o traçado da cidade, as praças, escolas, ruas e avenidas, mesmo estando no papel, em forma de projetos, já haviam sido acordados entre os

---

42 Delvécio Pereira, ruralista, fragmento do discurso na reunião subsequente ao S.O.S. Nova Ponte. Fonte: Fita K-7 de posse da Associação dos Moradores de Nova Ponte.

administradores. Muito embora os moradores tivessem a liberdade de negociar seus imóveis com a CEMIG, estavam sob a tutela de um termo de acordo[43] firmado entre a Prefeitura Municipal e as Centrais Energéticas de Minas Gerais.

O termo de Acordo, criticado por muitos moradores, teve suas cláusulas alteradas no transcorrer das negociações . Mas como espectro do fim, selava o compromisso de destruição e afogamento da velha cidade, remetendo-a, a cada hora, a cada momento, em um curto espaço de tempo, para o campo das memórias e apontava os novos rumos, os novos contornos materiais da futura cidade de Nova Ponte.

43 O termo de acordo assinado entre Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Associação dos Moradores de Nova Ponte e CEMIG, encontra-se em anexo nesta monografia.

Capítulo 3

Capítulo 3

Voar é Preciso

A cidade

"Numa cidade pequena

a padaria fica perto da Igreja

a igreja fica junto ao boteco,

o buteco junto a uma casa pequena.

Numa cidade pequena,

só tem uma praça, às vezes duas.

Numa cidade pequena não se fala a lá,

se diz aqui, ou ali.

Numa cidade pequena

João conhece José

José conhece Pedro,

Pedro conhece João.

Numa cidade pequena,

não se diz supermercado,

se diz venda.

Não se diz o nome do seu dono,

que é gerente

que é atendente de balcão.

Numa cidade pequena,

um carro passa

na velocidade mais próxima do zero.

Mas se anda sempre....

Devagar se vai ao longe"[1].

Poderia num primeiro momento dizer que Nova Ponte se identificava muito com a poesia do professor e historiador Iozaino José Carneiro. Mas segundo as memórias que a recuperam, foi muito mais do que isto. Era um local aconchegante, modesta em seus aspectos arquitetônicos, mas repleta de calor humano. Como me disse a professora Maria Aparecida P. Torres, aos 92 anos de idade quando ainda era viva:

> "*Nova Ponte, você foi muito importante. Você foi maravilhosa. Rica em tradições, hospitalidade. Rica pela beleza natural, então eu confio em você, pois você foi bela e majestosa enquanto durou*"[2].

Em outras palavras mas com o mesmo sentimento Dona Ireni Mendes dos Reis, nos fala de Nova Ponte com a seguinte determinação:

---

1 Poema de autoria do Professor de História Iozaino José Carneiro, residente em Nova Ponte, assim como eu, presenciou a mudança da cidade.

2 Maria Aparecida Palmeire Torres, em entrevista a mim concedida em sua residência em Janeiro de 1998.

"A cidade Velha era uma cidade desorganizada, sem tratamento de água, sem muitas condições, porém o povo era mais unido, mais participativo, mais amigo"[3].

Qualquer habitante que viveu e vivenciou a antiga cidade saberia em poucas palavras dizer o que foi Nova Ponte, pois foi lá, que cravou suas raízes, seu cotidiano, e porque não dizer suas memórias. Assim a cidade aparece aos nossos olhos, no plano do imediato, do diretamente perceptível, como concreto, diretamente visível e percebido.

Neste jogo e neste campo de luta interior. Pierre Nora parece ser uma luz nesta caminhada, quando nos coloca: "Memória, Histórica: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente"[4].

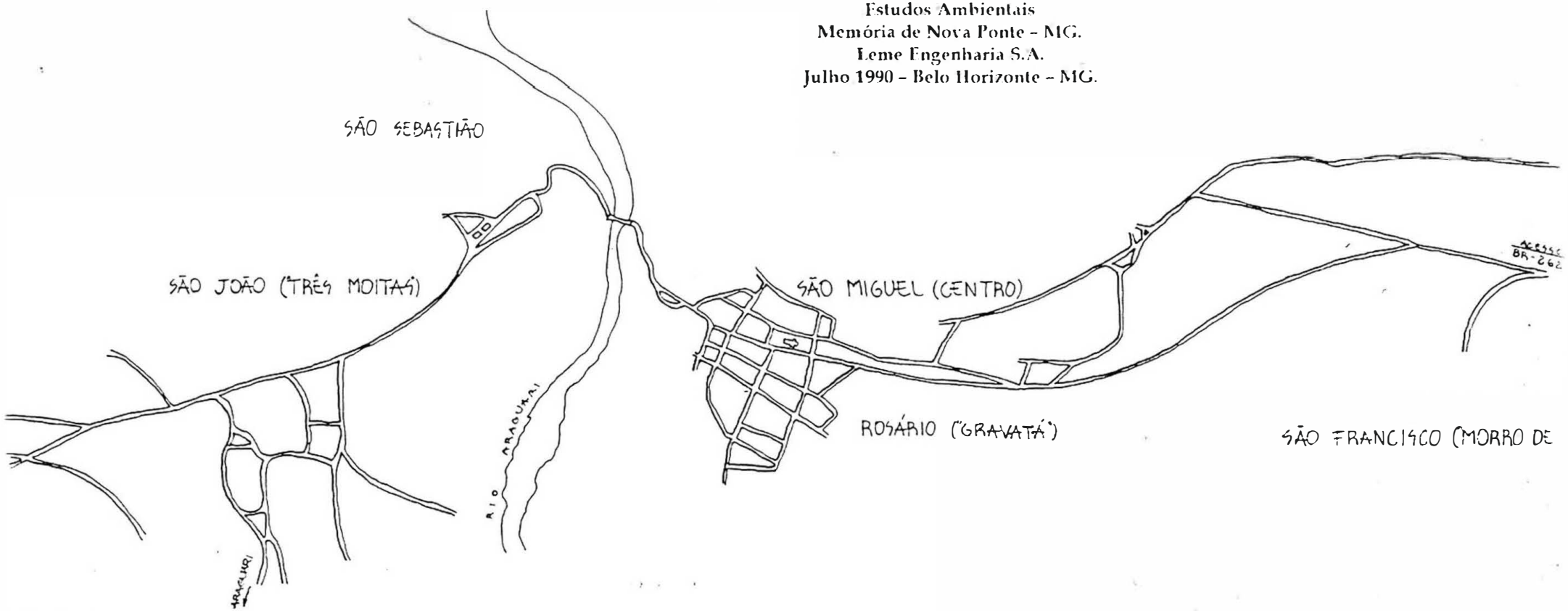
"A memória não se acomoda a detalhes que confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transformações, cenas, censura ou projeções. A memória

---

3 Ireni Mendes dos Reis, viúva, 56 anos, do lar, em entrevista a mim concedida em Setembro de 1998.

4 In.: Les Lieux de Mémoire. Ila République, Paris, Gallimaud, 1984, tradução autorizadas: Entre Memória e História: A problemática dos lugares, Pierre Nora, tradução Yara Aun Kloury.

Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte - MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 - Belo Horizonte - MG.



emerge de um grupo que ela une, como Halbawachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que há por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada"[5].

Nesse sentido, e com o propósito de resgatar e registrar partes da memória da cidade, faço a partir de agora um vôo por toda cidade: Por livre escolha o meu ponto de partida passou a ser a ponte de armação metálica, "João Pinheiro", sobre o rio Araguari. Mas tenho os meus motivos por esta escolha, pois num dado momento histórico a ponte representou o elo de ligação entre dois povoados e se manteve firme e forte, sujeita aos rumores do tempo. Se mostrava arrogante e superior por estar a serviço da comunidade, e acima do rio, mas depois esta superioridade, esta utilidade foi tragada pelo próprio Rio Araguari.

Dali mesmo já tinha a certeza de que dois lados se opunham. De um, os bairros de São Sebastião e São João, de outro os bairros São Miguel (centro) Nossa Senhora do Rosário (gravata) e São Francisco (Morro de Pedra).

O Bairro São Miguel:

"Os lotes do subdistritos de São Miguel te em média 1000 m2, o que não é muito se comparado ao subdistritos de São Sebastião, alguns com 4000 m2. Há nas casas da cidade, muito de fazenda. Nos seus quintais há lugar para galinheiro, chiqueiro, horta, pomar, lugar para lavar e estender roupas, lugar para as crianças brincarem, lugar para as conversas de família, lugar para

5 Ibidem, p. 7.

receber os amigos e parentes. Em São Miguel as galinhas atravessam o asfalto"[6].

Do meu ponto de partida que é a Ponte sobre o Rio Araguari, indo para a esquerda começava o Bairro São Miguel que ia até a Rodoviária, atingindo o córrego dos barros (passagem para o gravata) até a Rua Boiadeira.

O Bairro recebeu este nome em homenagem ao Santo padroeiro São Miguel, e passou a constituir a parte central da cidade. É neste bairro que estavam localizados os maiores comércios, instituições financeiras, clube social, hospital, creches e as escolas. Sendo assim era um bairro onde todos tinham que, de vez em quando "passar por lá", constituindo a área mais movimentada da cidade.

A ruas principais eram Governador Valadares e a Benjamim Constante. Estes nomes oficiais eram muito pouco pronunciadas, pois ao longo dos tempos as pessoas simplesmente as chamavam de "largo" ou "Rua Principal".

Segundo Nestor Goulart Reis Filho[7]:

"A memória é a base para a construção da identidade, da convivência do individuo e dos grupos sociais. Afinal, a memória é quem vai registrar todo o processo de como o espaço em que se inserem e as

---

6 VILLELA, Simone Maria. Nova Ponte, MG, Uma paisagem a ser vivida. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 1993.

7 Nestor Goulart Reis Filho, Arquiteto, Faculdade e Urbanismo da USP. Texto apresentado no seminário "Cidades: espaço e memória".

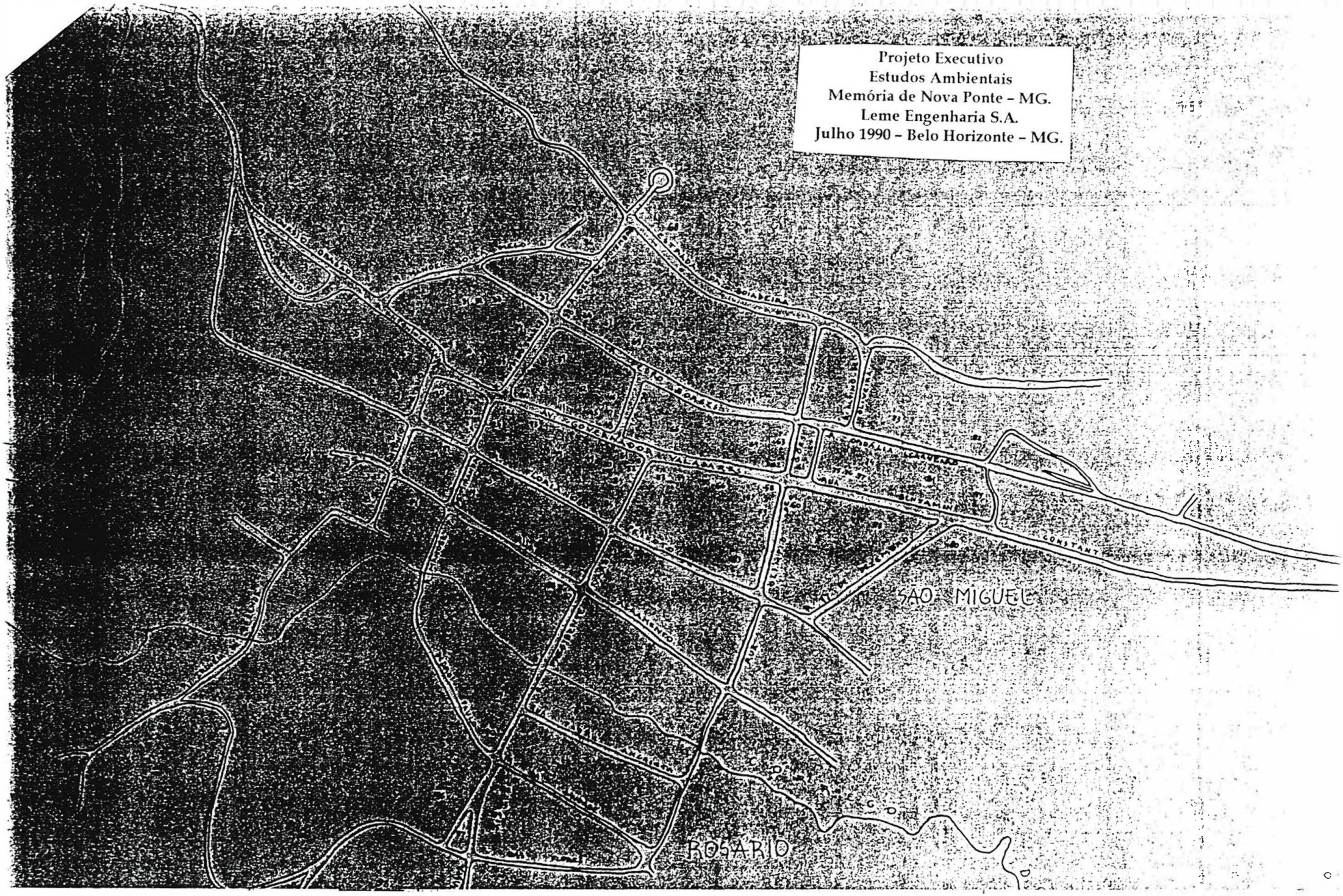
conseqüentes se estabelecem a partir dessa identificação".

Neste sentido poderia dizer que a Rua Principal, ou Governador Valadares, Benjamim Constante, Praça São Miguel, representam um campo de memória, individual e coletiva, pois era nela que estavam localizados a maior quantidade de comércios, bancos, escolas e creches. Neste espaço eram realizados as festas e até mesmo os maiores comícios políticos, todas as pessoas por um motivo, ou outro para lá se convergiam.

Se no início deste capítulo me propus fazer um vôo por todos os bairros da antiga cidade, partindo da ponte em direção ao bairro São Miguel, por escolha pessoal reconheço no entanto que, para descansar e alimentar minha imaginação, com certeza as minhas paradas são também focos de memória coletiva.

Partindo da ponte, logo de imediato para chegar até a cidade, o caminho parece difícil, desanimado, pois vejo uma estrada toda esburacada, cheia de pedra e uma enorme subida. Continuando, a minha esquerda vejo ruínas da antiga fábrica de farinha do Padre Panfílio ; a minha direita ruínas de um pequeno laticínio; e logo a frente vejo os primeiros moradores, José Adelino e José da Cava (nomes popularmente conhecidos) sucedidos por vários outros que cravaram sua moradia neste declive, porém já asfaltado.

Seguindo, vejo a antiga máquina de beneficiar arroz do Senhor Alaor Pereira de Medeiros e a Escola Estadual São Miguel. Imagino que caminhar por este espaço seria mais fácil, e ao dobrar a esquina chego na Rua Principal. Encontro um local onde poderia decolar. É a Churrascaria "Ranchonete", cujo o proprietário era o


Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte - MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 - Belo Horizonte - MG.
SÃO MIGUEL
ROSÁRIO

LEGENDA

Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte - MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 - Belo Horizonte - MG.

1. PROLAT
2. FÁBRICA DE FARINHA (DESATIVADA)
3. CEREALISTA EEC IND. E COM. LTDA
4. OFICINA MECÂNICA
5. MADEIREIRA NUNES
6. FARMÁCIA SÃO SEBASTIÃO
7. ESCOLA ESTADUAL SÃO MIGUEL
8. CHURRASCARIA PANCHONETE
9. REAL CALÇADOS
10. SERRARIA
11. CERÂMICA SÃO MIGUEL
12. CEMIG
13. DELEGACIA DE POLÍCIA
14. RESTAURANTE DO PAULO
15. "FORRÓ"
16. LOJA
17. AÇOUGUE
18. ARMAZÉM NOVA PONTE ("ARMAZÉM DO LOURA")
19. FRANGONZAGA
20. BAR E SORVETERIA BALÃO MÁGICO
21. LANCHONETE DO GERALDO
22. QUITANDA
23. BARBEARIA DO SEU EDUARDO
24. BAR DO GERALDO
25. MÓVEIS PENA
26. BAR DO NERESTON
27. PENSÃO NOVA PONTE
28. PENSÃO NOVA ESPERANÇA
29. D.E.R.
30. IARA BOUTIQUE
31. MADEIREIRA
32. INPS (POSTO RURAL)
33. MADEIREIRA
35. KAKTUS RESTAURANTE
35. CHATINES CONFECÇÕES
36. E.E. MAGALHÃES PINTO
37. TRAILLER DE SANDUÍCHES
38. BARRACÃO MODAS
39. BRUNA MAGAZINE
40. FARMÁCIA DROGANOVA
41. CASA SÃO MIGUEL ("LOJA DO GETÚLIO")
42. POSTO DE GASOLINA CARNEIRO E MELO
43. ARMAZÉM SÃO MIGUEL ("ARMAZÉM DO OZAR")
44. BAR DO PONTO
45 CORREIOS E TELÉGRADOS
46. BOUTIQUE ELE E ELA
47. CARTÓRIO MILTON IGNÁCIO DA SILVA
48. SIAT
49. DEPÓSITO DE MATERIAIS SANTOS
50. CASA SANTOS ("LOJA DO REGINALDO")
51. BAR DO BITINHA
52. ALOJAMENTO DA CEMIG
53. NOVA GÁS
54. BAMERINDUS
55. DENTISTA
56. CASA RURAL
57. SALÃO PAROQUIAL
58. BIBLIOTECA / CÂMARA MUNICIPAL
59. PREFEITURA / TELEFÔNICA
60. SINDICATO RURAL
61. AANP - SEDE SOCIAL
62. CARTÓRIO SALOMÃO PIRES MACIEL
63. TRAILLER DE SANDUÍCHES
64. BANCO DO BRASIL
65. PRAÇA / IGREJA DE SÃO MIGUEL
66. KUKA'S RESTAURANTE E PIZZARIA
67. ADVOGADO
68 ALOJAMENTO DA ANDRADE E GUTIER
69. KI-MANIA BOUTIQUE
70. PANIFICADORA PÃO DE MEL
71. ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA
72. CRECHE STELLA MARIS
73. NOVA PONTE AUTO PEÇAS
74. OFICINA MECÂNICA
75. DROGARIA SÃO PEDRO ("FARMÁCIA D
76. BAR E SORVETERIA ("SACRA BAR"
77. OFICINA MECÂNICA
78. CASAS ASSISTENCIAIS ESPÍRITAS" O
79. BAR SÃO SEBASTIÃO (BAR DO DIDI)
80. ARMAZÉM DO SEU IRINEU (DO MOL
81. CENTRO ESPÍRITA "VIVA DEUS"
82. TRAILLER DE SANDUÍCHES
83. POSTO MÉDICO
84. EMATER
85. BAR DO TÁZIO
86. MERCEARIA SÃO TARCÍSIO (VENDA DO
87. BAR DO ROLDÃO
88. PADARIA
89. "ASSEMBLÉIA DE DEUS"
90. BAR DO TIAGO
91. COSTUREIRA
92. BAR
93. BAR
94. BAR
95. VENDA
96. OFICINA MECÂNICA
97. PRAÇA / IGREJA DO ROSÁRIO
98. CEMITÉRIO DO ROSÁRIO

Senhor Carlos José Ferreira, que comprou do Sr. Miro Pires Alvez o terreno onde construiu um rancho de palha, trançado. Neste rancho só havia parede na cozinha e meia parede na frente. A primeira cobertura feita com sapé, dava muitos respingos de chuva, daí a necessidade de ser substituída por telhas, mas conservando a forma primitiva.

A Churrascaria Ranchonete possuía bastante movimento, com apresentação de cantores em vários estilos musicais. Neste local, além do famoso churrasco, as famílias se encontravam também para reuniões.

Da churrascaria, olhando à frente poderia ver a Pensão e Hotel Nova Ponte. A Pensão era de tábua fina e de janelas grandes de madeiras maciça; pelo estilo, parece remontar a década de 20. Não havia banheiros nos quartos, apenas no final do corredor, e isto depois de se passar por um enorme salão que era o local onde eram servidas as refeições.

Os primeiros moradores, da Pensão hotel Nova Ponte, foram a família Jacó, depois o Senhor Teodoro Pinto, que era fazendeiro, depois Agostinho Pinto e finalmente na década de 40/50 por iniciativa do Senhor Manoel Rodrigues de Melo se deu a instalação da Pensão Hotel. No decorrer do tempo, a pensão foi sendo passada para as mãos de vários pessoas, entre as quais: Teodoro Pinto Sobrinho, Augusto Satrêl Pontes (1985 - 1987) que passou para o sobrinho Pedro Segwa, que alugou para Aparecida Alvez Ribeiro esposa do Sr. Delegado de Polícia civil, Dr. José Maria Gonçalvez. Na mudança da cidade, Dona Aparecida Alvez Ribeiro ganhou o terreno onde foi construído o "Rainha Palace Hotel[8].

8 Informações colhidas com atual proprietária do Hotel, a Senhora Aparecida Alves Ribeiro.

Depois de dormir e descansar na Pensão Nova Ponte, retorno ao vôo, e percebo que a Rua Governador Valadares e calçada em pedra, e da Pensão Nova Ponte, posso ver a Loja de móveis Pena, onde funcionava antes o Bar do Senhor Nereston Caldeira Brazão, que segundo o mesmo, era um local de grande movimento. O bar era um local de encontro da UDN, partido pelo qual era vereador, em especial daqueles Udenistas que torciam pelo clube do Rosário Central, do qual era presidente.

Segundo ainda, nos disse o Senhor Nereston[9], o bar chamava São Miguel, e neste local antes de ser um bar, funcionava o Banco da Lavoura. Nos últimos anos na cidade velha o Bar do Nereston deu lugar ao X'anos Pizzaria que existe até hoje, na cidade nova.

Próximo do Bar Nereston e da Pensão Nova Ponte, é possível ver o Bar do Geraldo e a Farmácia Droganova, onde antes funcionava a loja do Seu Isaac Cordeiro. Vale lembrar que a Farmácia Droganova pertenceu também ao Nestório Batista Franco e Hermes Oliveira. Além das pessoas procurarem a Farmácia como recurso para os seus problemas de saúde, era também um local onde as pessoas muitas vezes passavam para conversar e bater papo, tanto que sempre existia uns bancos e cadeiras dispostas na farmácia para as pessoas se acomodarem.

A Ranchonete, a Pensão Hotel Nova Ponte, o Bar do Nereston, a Drogaria mesmo sendo pontos comerciais diferentes, acabaram por se comungarem, fazendo parte do cotidiano e se tornando" campo de memória", sem dúvida coletivo.

---

9 Senhor Nereston Caldeira Braga, ex-vereador, ex-proprietário do Bar do Nereston, atualmente Taxista, em entrevista a mim concedida em Dezembro de 1998.

"Ao constituir memória, constituindo o seu viver, relatando ou organizando seus registros, homem intervém não só na ordenação dos vestígios, dos registros, mas também na sua releitura. Ela é a expressão de medos como os grupos se apropriam e fazem uso do passado, um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual ou coletiva, cujo domínio os sujeitos sociais devem preservar no sentido de sua própria afirmação histórica"[10].

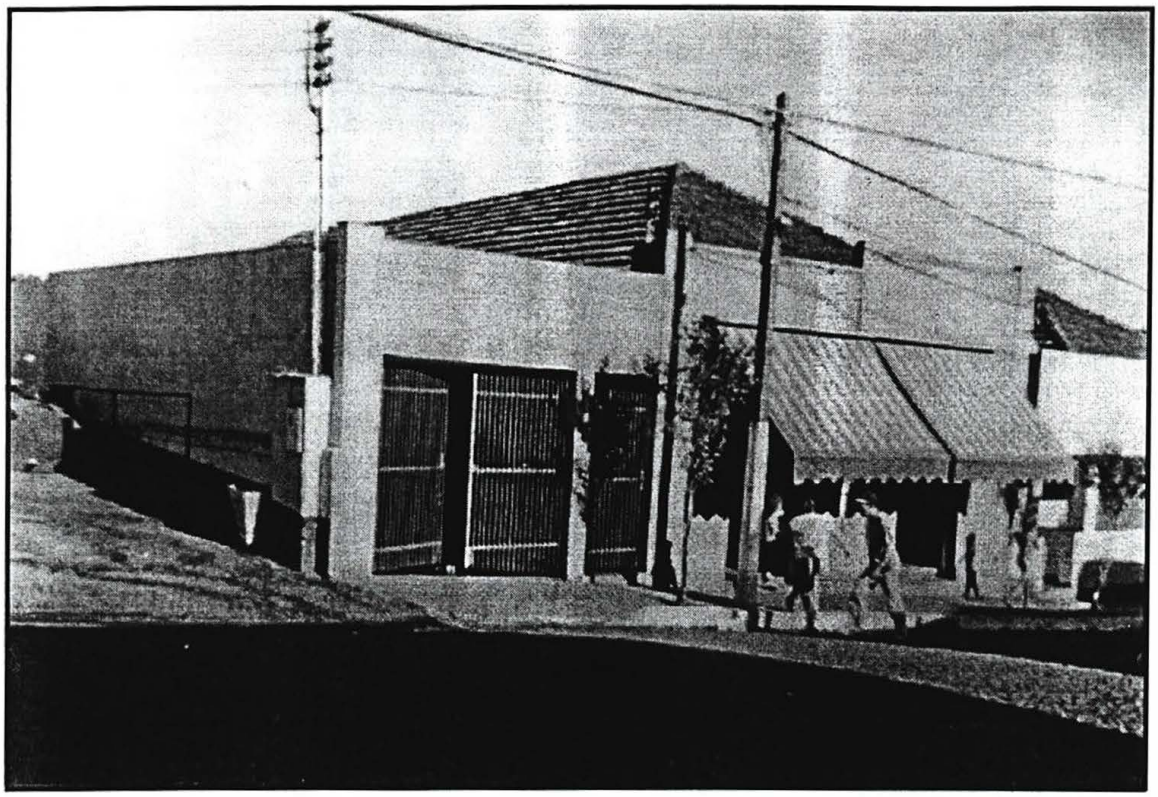
Seguindo essa leitura, a Mercearia São Miguel, que agora aparece aos meus olhos é também parte integrante deste quadro, ou antes, desse campo de memória coletiva.

Segundo dona Ronalda Pontes de Resende, esposa do proprietário da Merceária São Miguel, que é o senhor Ozar Mendes de Resende; parte da história da Mercearia é a seguinte :

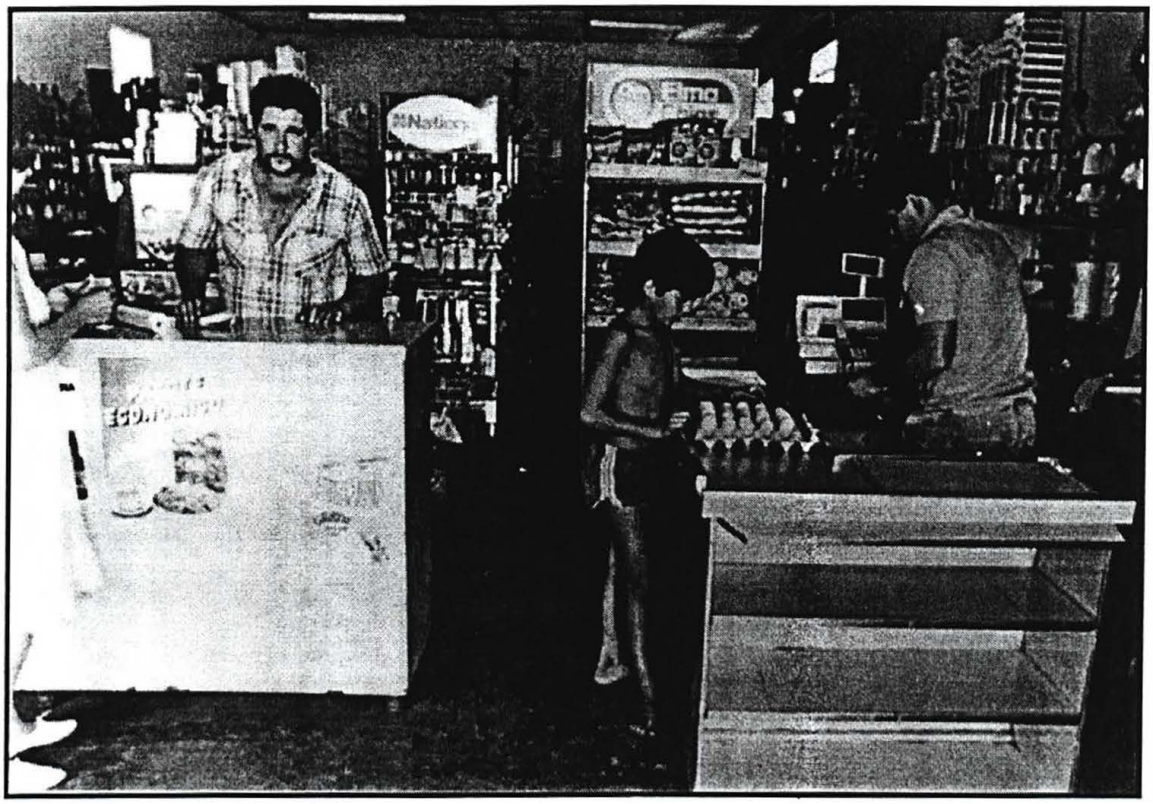
"Em dezembro de 1958 o Sr. Ozar Mendes de Resende adquiriu do Sr. José Verri um prédio situado na R. Governador Valdares número 181, onde funcionava bar, cinema, sorveteria e padaria, mas antes do Senhor José Verri pertencia a senhora Mariana Peçanha o senhor

---

10 Yara Aun Khoury: documentos orais e visuais: Organização e Usos Coletivos. Editado na Revista do Arquivo Municipal. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 200, 1991.



13) Casa São Miguel: de propriedade do senhor Getulio Resende Nascimento, nos anos 80.



14) Interior da Mercearia São Miguel: de propriedade do senhor Ozar Mendes de Resende, no anos 80.

Ozar transformou o ponto em um comércio variado, de secos e molhados. Facilitava o comércio de cereais e suíno, beneficiando os ruralistas que vendiam ali seus produtos de colheita. Para as mercadorias chegarem ao armazém não era fácil, principalmente em épocas de chuvas. muitas das veze eram trazidas em lombo de burros, cavalos e carroças com tração animal, passando por estradas de chão batidos, constantemente vezes esburacadas. Antes o armazém do Senhor Ozar tinha o nome de Armazém Central, mas um fato marcante, e lembrado sempre. Um incêndio destruiu todo o prédio, mesmo não havendo vítimas, agente nunca esquece"[11].

Um outro local que era muito procurado era a loja do Senhor Getúlio Resende do nascimento, ou melhor a casa "São Miguel". Que segundo Dona Elza Resende do Nascimento, esposa do Senhor Getúlio:

"Aqui foi construído para Leopoldo Borges, que vendia tecidos, calçados, armarinhos. Depois ele passou a vender ferramenta de lavoura, compramos a loja em 1957 de Alfeu Neves Pires. Tinha tecidos, calçados e ferragens. Naquela época o povo vendia ferragens,

---

11 Ronalda Pontes de Resende, do lar, esposa do Senhor Ozar Mendes de Resende, depoimento a mim concedida em Agosto de 1998.

porque não existia trator e os fazendeiros compravam pra pagar na colheita porque não subia o preço tão rápido. A minha casa é emendada com a loja, fico aqui e lá"[12].

A maioria dos donos de estabelecimentos têm sua casa ao lado do comércio, o que certamente aumentava a aproximação entre o proprietário e a freguesia, ampliando o espaço individual para o coletivo. Tanto que geralmente neste convívio, o nome do estabelecimento era popularmente chamado pelo nome do proprietário.

Ao lado da Loja do "'Senhor Getúlio" (casa São Miguel) existia o único posto de gasolina da cidade. Em depoimento do Senho Gil Carneiro de Melo registrei este momento:

"Quando comecei o posto em 1962 era uma sociedade entre eu e o Getúlio Resende. Quando instalamos o posto na a rua Governador Valadares, a rua era de terra e quase não havia movimento, por não ter muitos carros na cidade. Os poucos que tinham buscavam combustível em Uberlândia, geralmente traziam em tambores. Começamos com um lavador e 2 bombas, inicialmente vendíamos no máximo 500 litros, depois fomos acreditando e nos últimos anos já

---

12 Elza Resende do nascimento, esposa do Senhor Getulio Resende do Nascimento, trabalha com ele na Casa São Miguel. Entrevista a mim concedida em Agosto de 1998.

vendíamos de 3 a 4 mil litros por dia. Depois eu comprei a parte do Getúlio e comecei a tocar o posto sozinho. Quando começou a ter movimento, tinha fazendeiros que iam abastecer e ficava até 2 horas conversando. Tenho saudade do único povo que tinha lá na cidade velha, os amigos iam passear em casa, via a gente na rua e cumprimentava, depois que mudamos prá "cidade nova" não há mais essa união de antes; não me conformo de ter mudado para a cidade nova"[13].

Durante a minha conversa com o Senhor Gil pude perceber, pela sua fisionomia, que a sua memória se abriu como um "flashe", e registrou numa fração de segundos uma riqueza muito grande de detalhes, mas foram massacradas e assoladas pela saudade da cidade Velha, talvez pelo que poderíamos chamar de perda do enraizamento.

"O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir, o ser humano ter uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouro do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação

---

13 Gil Carneiro de Melo, ex-prefeito municipal, no pico das negociações da cidade velha com a CEMIG, proprietário do Posto de Gasolina, em entrevista a mim concedida em Setembro de 1998.

natural, isto é, que vem automaticamente do lugar do nascimento. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente"[14].

Retomo o meu vôo, visualizando ainda na Governador Valadares, a única agência de correios e telégrafos da cidade, instalada em prédio da Prefeitura. Bem pouco a frente um outro ponto por onde a maioria, se não todos tenham passado, a Casa Santos e a Santos Materiais de construção.

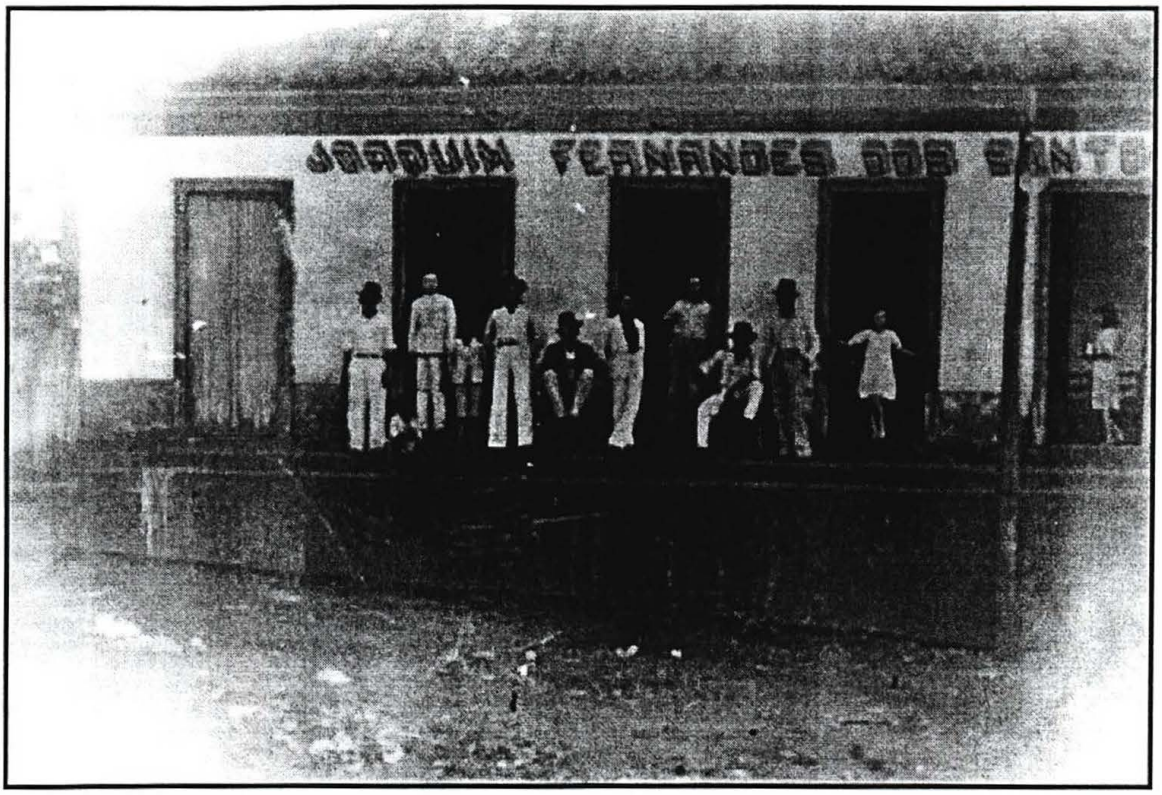
A propriedade foi construída em 1925, pelo Senhor Joaquim Fernandes Santos (avó do atual proprietário). Depois passou a ser gerenciada pelo Senhor Geraldo Custódio dos Santos (pai), em 1940. Hoje pertence ao Sr. Reginaldo Verri dos Santos e a sua mãe, Sra. Rute Verri dos Santos. A loja possui 73 anos de existência, e na cidade velha segundo o proprietário "o lucro era maior, mesmo a cidade sendo menor, pois hoje a cidade é maior mas surgiram vários comércios"[15].

Ao lado da Casa Santos, um famoso local de encontro das pessoas era o bar do "José Roxinha". Segundo depoimento do seu filho José Humberto, sobre partes da história do bar:

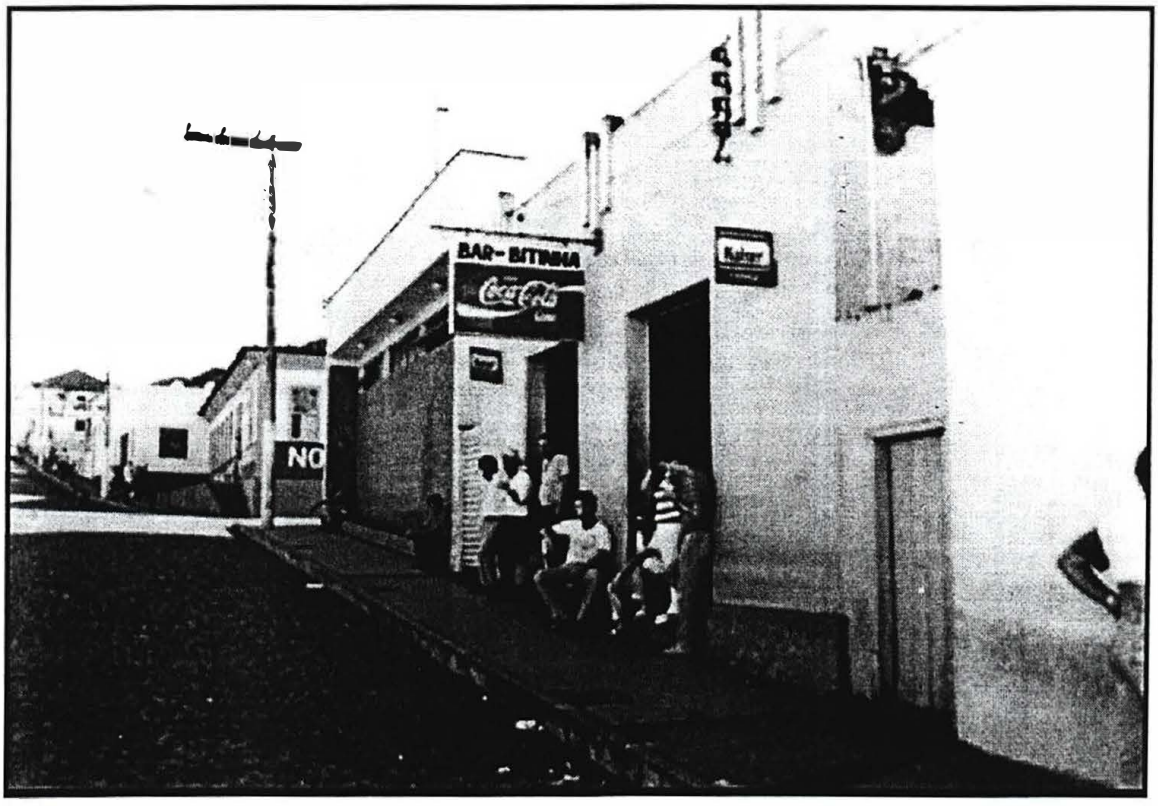
---

14 Maria Celia Paoli: Memória e Ação Cultural. Texto publicado na Revista do Arquivo Municipal, São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico, 200, 1991.

15 Reginaldo Verri dos Santos, atual proprietário da Casa Santos. Informações a mim transmitida em Agosto de 1998.



11) Casa Santos: construida em 1.925, por Joaquim Fernando dos Santos. Atualmente é de propriedade do senhor Reginaldo Verri dos Santos.



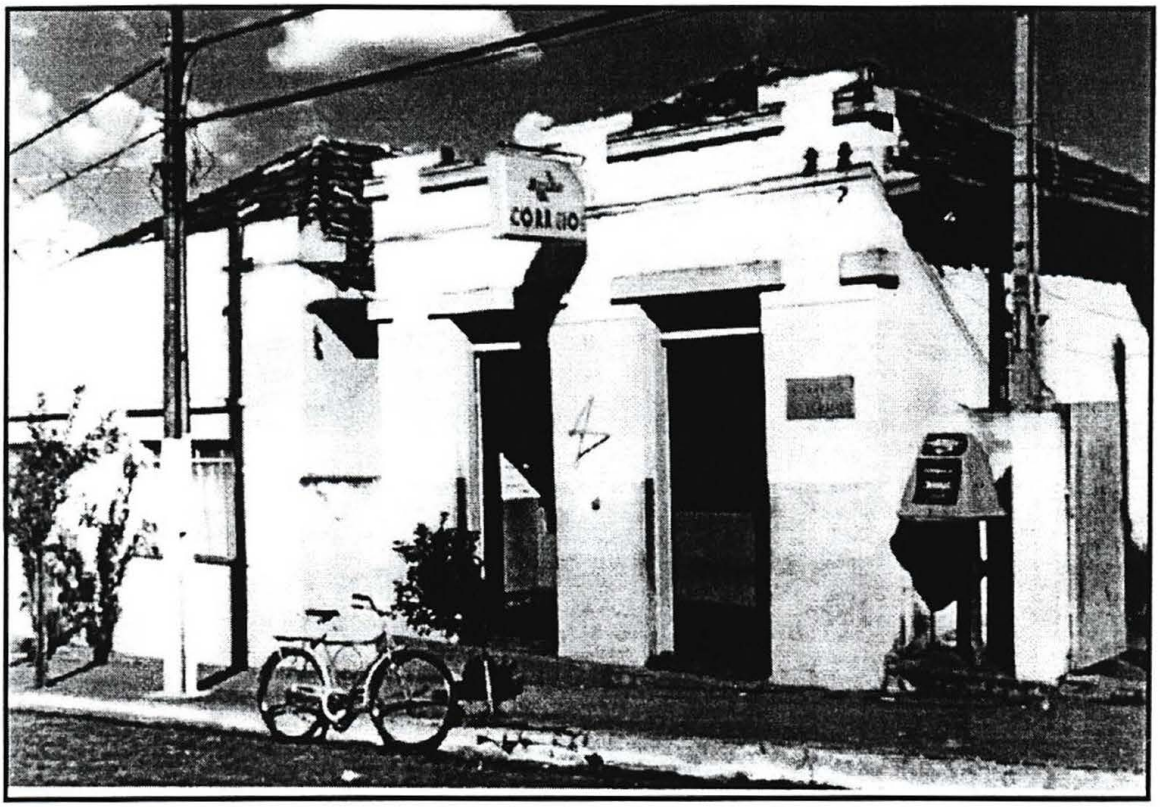
12) Bar do José Roxinho: nos anos 80 foi alugado pelos comerciantes Bitinha, Osvaldinho e Tereza.

"O Sr. José e seus irmãos moravam e trabalhavam na roça, resolveram mudar para cidade e montar um bar, pois não haviam outra opção de emprego. O bar na cidade velha, era muito movimentado, o pessoal das fazendas vinham lanchar aqui. Vendiam muitos salgados, sorvetes, refrigerantes e doces. Um outro fator que influenciava o movimento era o local que ele situava, pois ficava em frente a praça a Matriz. Um fato que marcou muito foi a chegada da televisão em Nova Ponte, por isto todos se reuniam lá, para assistir as novidades daquela época, uma outra recordação boa, é que as festas da cavalhada aconteciam também, em frente ao bar"[16].

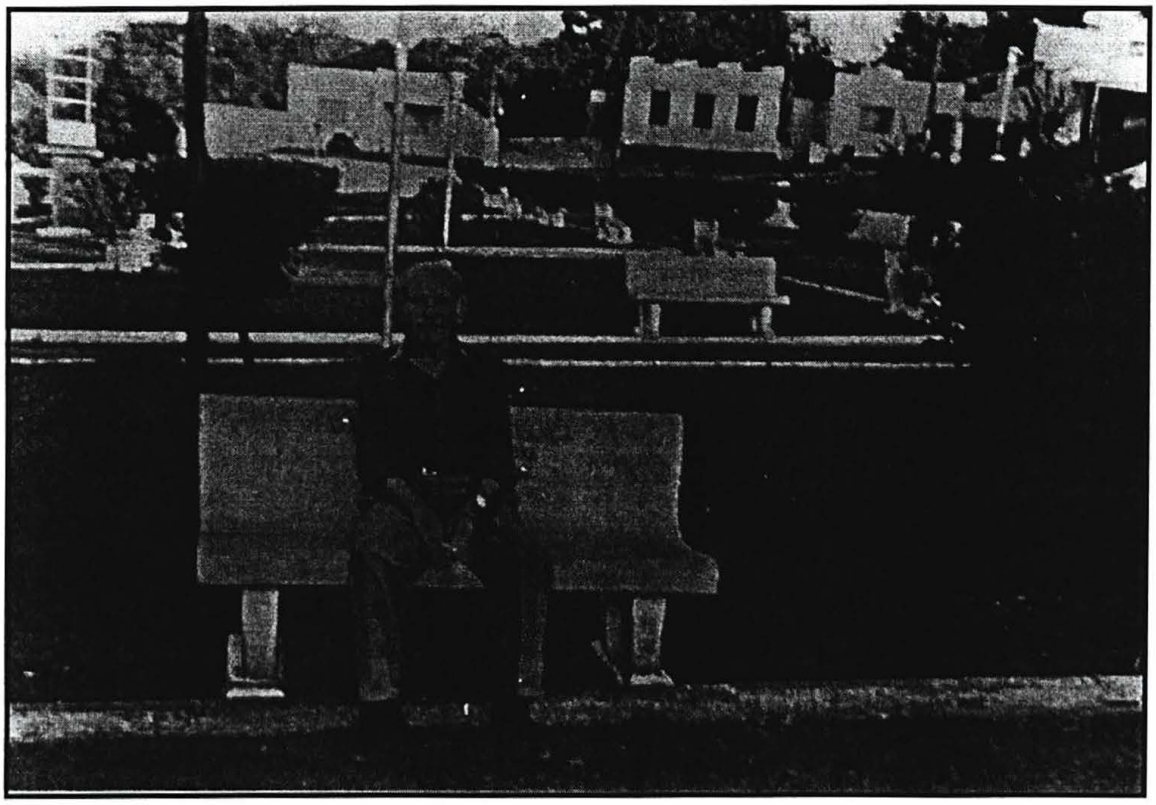
A memória do Senhor Joaquim Costa, traz o bar ao presente, e ainda nos informa os primeiros donos do bar:

"Eu freqüento esse bar desde a existência dele. Ataíde e a mulher dele, a Hilda, que foram os primeiros donos ficaram aqui, no mínimo uns 12 anos. Era um ambiente muito sadio. Tinha melhor sorvete - a máquina era a mesma que está aí. Na época dele, vinha todo

16 José Humberto Silva, atual proprietário do Bar do José Roxinho, filho de José Inácio da Silva, depoimento a mim concedido em Março de 1998.



15) Agência de Correios e Telegravos: situada à Rua Governador Valadares.



16) Praça São Miguel: nos anos 80.

mundo no dia de sábado. Não tinha nem jeito de mexer aqui dentro"[17].

Por volta de 1965, o José Roxinho assumiu o comando do bar, juntamente com sua esposa dona Solíria. Segundo ainda Joaquim Costa:

"A maior fofoca política era aqui e no Nereston. Esse bar era do PSD. Nós até falávamos : Bar do PSD. Na época da eleição, o negócio ficava sério. A família que dominava a política aqui daqui para ir no bar do Nereston, apanhava, e de lá se chegasse aqui, apanhava também. Até pouco tempo, aqui tinha umas mesinhas de madeiras. Tinha um jogo : Torrinha. Era a maior diversão da época. Agente ficava o dia inteiro jogando aqui, sinuca, baralho, mas era num cômodo lá dentro. Aqui era o bar que mais dava confusão por causa do esporte. Dava briga de não poder entrar no bar, só no do Nereston"[18].

Depois de muitos anos na direção do bar, o José Roxinha alugou o bar para seus sobrinhos o Bitinha, a Tereza e o Osvaldinho. Mesmo assim o bar continuou a ser chamado de "bar do José Roxinho".

---

17 Joaquim Costa, ex-vereador, ex-treinador do Rosário Central Futebol Clube, entrevista a mim concedida em Março de 1998.
18 Idem ibidem.

Segundo Nilton José da Silva. popularmente conhecido pelo nome de Bitinha. o bar era local de encontro das pessoas. e explica o motivo do seu sucesso:

"Aqui fica encostadinho no jardim, então o povo sai daqui, vai pra lá, sai de lá vem pra cá[19].

Tudo indica que a praça seria extensão do bar. Muitas vezes quando não estava passando nem um jogo pela televisão que sempre ficava ligado durante o dia. os homens que freqüentavam o bar em maior quantidade. as vezes sentavam na marquise do lado de fora. ao lado do bar. e conversava de tudo. Haviam até aqueles que falavam que era o clube do já ó. Chamavam de clube do já ó. é porque a grande maioria das pessoas que sentavam nestas marquises do lado de fora do bar. eram homens que ficavam conversando e apreciando o movimento. e quando passava determinadas mulheres. sempre tinha um que olhava para colega do lado e dizia: aquela eu já ó! Insinuando como se tivesse feito alguma atividade sexual. Mas tudo não passava de brincadeiras e conversas fiadas.

Como disse anteriormente. do bar do José Rouxinha podíamos ver a Praça São Miguel. Nesta praça se encontrava um dos cartões um dos cartões postais da Velha cidade: A Igreja Matriz de São Miguel.

Segundo analise de documentos encontrados nos livros na secretária da Igreja. o terreno onde se localizava a primeira capela foi doado por Antônio Luciano

---

19 Newton José da Silva. na cidade velha. um dos sócios que alugaram o Bar do José Roxinho. atualmente é dono do Auto Posto Nova Ponte. de combustível. Entrevista a mim concedida em Março de 1998.

de Resende e Manoel Pires de Miranda. No entanto. a capela foi demolida para dar lugar á outra. que estava próxima do Cemitério São Miguel.

Em 1908 a Igreja que havia sido construída substituindo a capela, recebeu duas torres laterais, devido ao peso e as interperes do tempo. em 1930 resolveu-se, sob a responsabilidade de Randolfo José Pontes, eliminar as torres, e construir um coreto ao lado da mesma.

Quando o Padre Panfílio mudou para Nova Ponte, juntamente com a comunidade, surgiu a idéia da construção de uma matriz nova.

Segundo Ubaldo Damásio em entrevista transcrita no livro Memória Histórica de Nova Ponte, editado pela CEMIG em Junho de 1997. a pedra fundamental da nova Igreja foi colocada, então. no "rumo da torre".

> *"Fizeram a planta, no rascunho, nós demolimos a outra e daí começou a construção. O padre Jerônimo ia acompanhar a obra. Para construir a atual igreja o terreno não foi desaterrado, ele já estava plano. Fizemos as marcações das fundações e furamos. Quando fui fazer as valetas do alicerce, achamos formato de caixão, dentes, uma arcada perfeita, colares de pérola... O alicerce foi feito com pedra Tapiocanga que a gente tirou do próprio terreno. Os pilares foram feitos uma parte de tijolos e fui enchendo de concreto.... As vigas foram feitas do mesmo jeito... A gente não tinha muitos recursos. Não tinha betoneiras, nem vibradores, nem sanico elétrico,*

nem bate estacas, bate estaca era na mão. Ficavam dois homens em cima com um peso e dois em baixo. Ai iam socando. Os arcos da fachada foram feitos com forma. O alicerce da torre foi colocado na laje de pedras que tem no fundo do terreno. Esta laje sobre do rio e acaba ali. Para fazer o andaime, a gente ia no mato com os companheiros. Lá a gente tirava a madeira e amarrava as peças com arame até em cima. O acabamento foi feito logo depois da construção dela. Depois foi feita estátua, veio um espanhol de São Paulo. Ele tinha um rascunho da imagem. Eu ia chapando a massa e ele ia modelando. Quando eu terminei, ficou só o piso e o acabamento da calçada de fora para arrematar. O piso foi o João Tarciso quem fez".

No momento que lia o relato do Senhor Damásio, me veio uma indagação interior: Será quem o teria ajudado?, de onde veio o dinheiro pra este grande empreendimento ? por um virar de página pude encontrar outro relato que além de ter me surpreendido muito, seria parcialmente as respostas para minhas indagações, onde mesmo se colocava:

"*Cada um colaborava como podia. Um dava um bezerro, outro dava um porco, outro dava uma galinha, outro dava uma dúzia de ovos... Era desse jeito. Tinha*

mês que a gente estava trabalhando e não tinha dinheiro para pagar o pessoal. Mas não deixávamos de trabalhar".

Segundo depoimento do Senho Edson Fortunato a mim concedido:

"as pessoas faziam multirões para carregar as pedras para a construção da Igreja"[20].

A maioria das pessoas com que conversei sobre a construção da Igreja foram unânimes em dizer que o grande incentivador, gestor e idealizador da obra, foi o padre Panfílio, que junto com a comunidade levantava recursos, então inaugurada em 1962.

A Igreja Matriz de São Miguel durante o tempo que serviu à velha Nova Ponte, imponente e clamorosa foi palco de memória e cotidiano. Relembrando Walter Benjamim,

"as duas formas de memória: monumento e o documento: o monumento faz parte da memória oficial e celebrativa: o monumento é feito para durar e significar, enquanto o documento, é aquilo que ficou malgrado ele mesmo, o que fica aos pedaços"[21].

---

20 Edson Fortunato, mecânico, 67 anos. Entrevista Gabriel Nazaré Fortunato em Dezembro de 1998.

21 Olgaria Mattos: Memória e História em Walter Benjamim. Texto apresentado no seminário "História e Memória".

Contrariando Walter Benjamim. este monumento Igreja "São Miguel" teve seus dias contados. dado mesmo a própria história de Nova Ponte. Tornou-se. paradoxalmente. um documento. em painéis. retratos e memória. Mas comungo com Benjamim. quando no resgate da memória ele é favorável a abertura destes documentos e propõe uma nova leitura. em busca do resgate de novos sujeitos. Pois quem íamos viveu nessa cidade. sempre terá uma janela na memória aberta. da qual a Igreja Matriz de São Miguel. será uma vista constante.

Minha memória ganha asas mais fortes depois de passar próximo a Igreja. E neste vôo ainda continuo na rua principal. onde posso ver o Banco do Brasil. o Banco Bamerindus e a CTBC (Companhia de Telefones do Brasil Central) cujo rol de entrada. ou marquise externa. que mais parecia um palco. serviu em vários momentos para celebrações cívicas. ou para o encontro de jovens. para o bate papo. até mesmo para as pessoas que sentavam nesta área para ver o revoar de pombos da Igreja Matriz. Muitas vezes esta varanda. ou este Al da CTBC. poderia ser visto como a extensão da Praça São Miguel.

Continuando pela avenida. visualizei o consultório dentário da Doutora Lucélia Resende Fernandes. que me informou:

> *"O meu consultório era separado da minha residência. Era uma rotina de casa para consultório e vice - versa. Mais o importante era que eu conseguia conciliar o meu trabalho e a minha vida particular, dando atenção ao esposo, filhos, etc."*[22].

22 Lucélia Resende Fernandes depoimento a Gabriel N. Fortunato em Março de 1998.

Ao lado do consultório da Doutora Lucélia. estava instalada a Casa Rural. de propriedade do Senhor Marlos Resende do Nascimento, que sobre a mesma nos conta a esposa do proprietário a Senhora Maria Claret Resende do Nascimento:

> *"O meu pai o Senhor Ozar Mendes vendia produtos veterinários em sua mercearia, mais tarde ele resolveu passar os produtos veterinários para o seu filho, o Antônio, que é meu irmão, e para o genro, que é o Marlos meu esposo, juntos foram sócios, depois o Marlos adquiriu a parte do Antônio. O Marlus procurou um imóvel e entrou em contato com o padre Panfílio e alugou um barracão. Abriram a loja no dia 26 de abril de 1985. Depois comprou um lote ao lado do salão Paroquial e começou a construir. O Marlus foi muito criticado, pois falavam que a cidade ia mudar, mas ele sempre acreditou em Nova Ponte. A loja sempre teve movimento, pois a pecuária e a agricultura representa uma econômica muito forte. Marlus dava assistência nas fazendas, e por aqui no nosso comércio passavam muitos produtores. A melhor recordação que posso ver é quanto o lugar era pequeno, mas olhar pra traz e refletir o que possuímos nos dá muita*

alegria. Mas não esqueço a traição de um empregado de muita confiança"[23].

Esse espaço de circulação de pessoas, era um local de trocas de idéias e elaboração de experiências. Em geral este tipo de comércio ficava aberto até mesmo na hora do almoço e depois do entardecer. Constituía um espaço de socialização dos produtores. Pois além dos mesmos encontrarem grande parte dos produtos, constituía também um centro de informações para os produtores rurais.

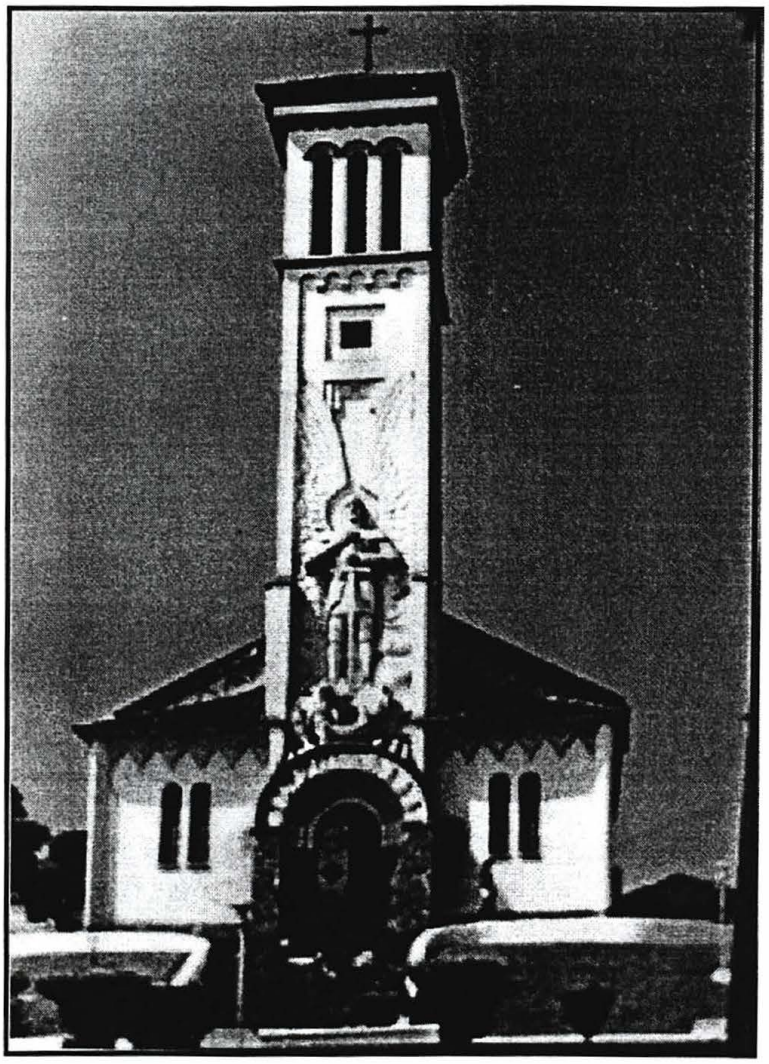
Próximo a casa Rural estava o salão Paroquial. Neste local a muitos anos foi fábrica de farinha, mas vale ressaltar que esta fábrica, quanto o salão Paroquial era propriedade da Igreja Católica, sob o comando do Padre Panfílio, pois foi o mesmo que solidificou tal espaço.

Embora pertencendo a Igreja, o salão Paroquial era considerado um dos espaços culturais da cidade, pois ali eram realizados várias atividade, entre as quais: teatros, palestras, feira cultural, encontros de jovens casais, adolescentes e crianças. Um local que as pessoas se encontravam para planejar a vida coletiva, senso também um espaço que registrou alegrias, tristezas, pois muito das reuniões da diretoria da **CEMIG** (Centrais Elétricas de Minas Gerais) foram feitas ali.

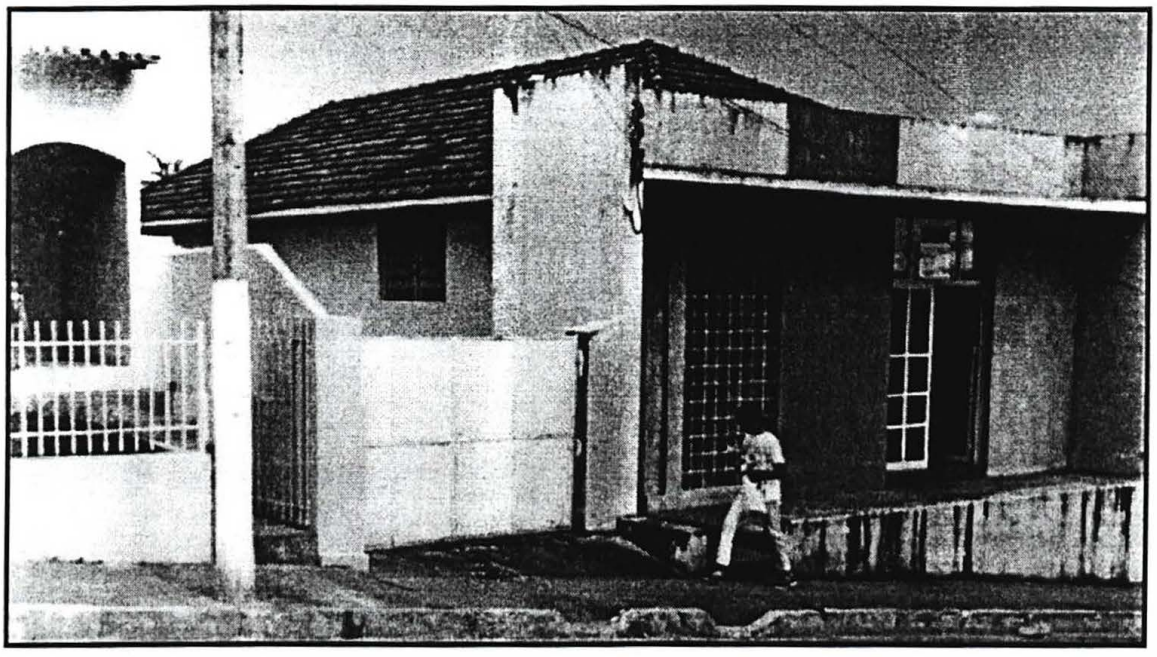
Sendo assim poderia dizer que o salão Paroquial, representa um "lugar misto, híbrido e mutante, intimamente enlaçado de vida e de morte, de tempo e d eternidade, numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. Anéis de Moebins enrolados sobre si mesmos. Porque, se é

---

23 Maria Claret Resende do Nascimento, depoimento a Gabriel Nazaré Fortunato em Dezembro de 1998.



17) Igreja Matriz de São Miguel: inaugurada em 1.962.



18) Prédio onde funcionava a C.T.B.C. (Companhia Telefônica do Brasil Central) e a esquerda o consultório da Dra. Lucélia.

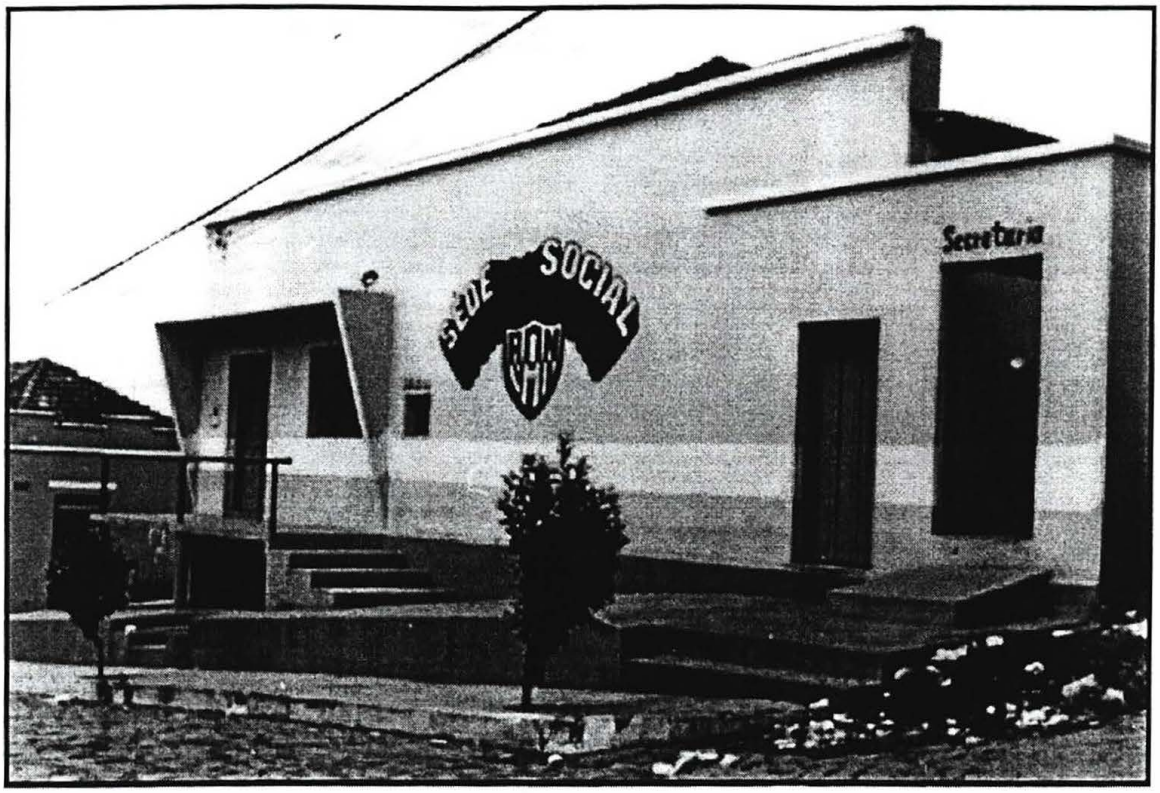
verdade que a razão fundamental de ser de um lugar da memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o material para - o ouro é a única memória do dinheiro - prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações"[24].

Deixando o Salão Paroquial ainda no Bairro São Miguel na mesma Rua Principal, encontramos o Cartório de Registro de Imóveis do Senhor Salomão Pires Maciel, a biblioteca municipal, a Câmara Municipal, e a sede social da Associação Atlética Novapontense, espaços e lugares que no seu contexto e cotidiano, não eram muito diferentes do Salão Paroquial.

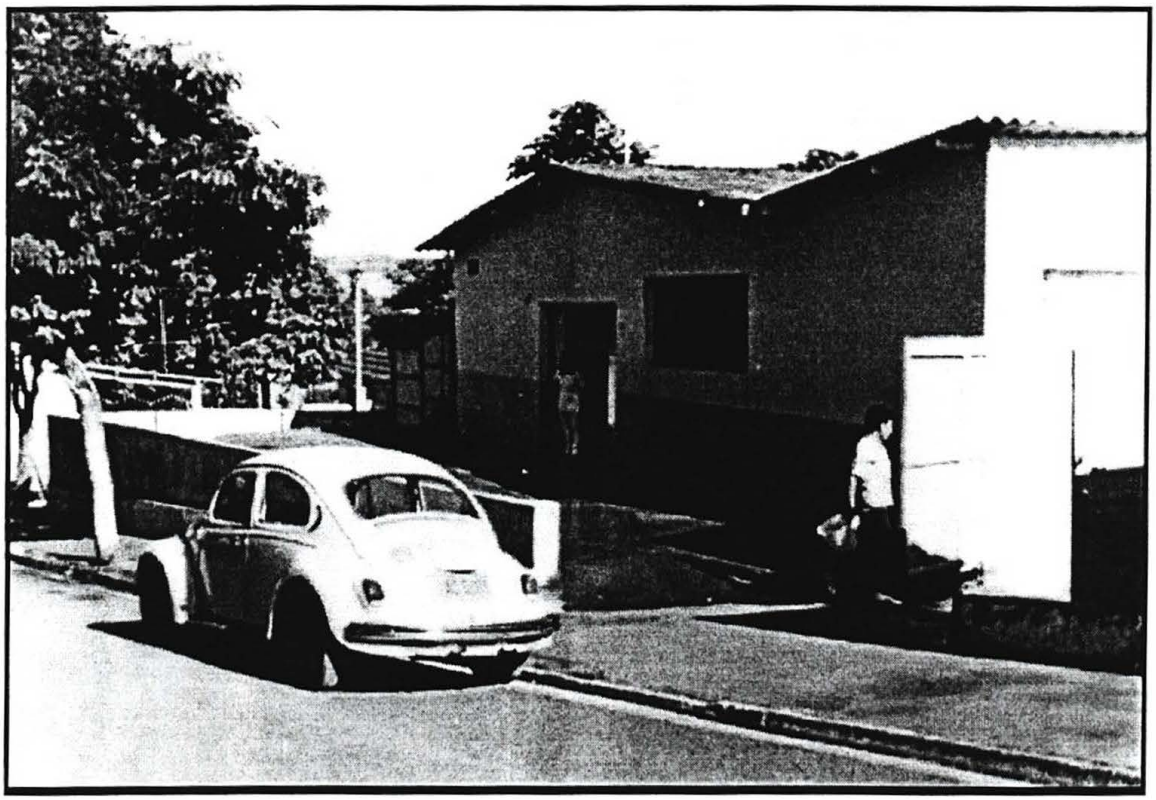
A Associação Atlética Novapontense era um local que atraia muitas pessoas nos finais de semana, pois a mesma se transformava em discoteca ou no chamado inferninho. Um local onde todos jovens de todos os bairros se dirigiam para dançar, sendo um dos lugares de grandes festas, aniversários, reuniões, desfile de modas. Sendo assim o movimento era intenso, pois os que não estavam dentro do clube, poderiam ouvir a música do lado de fora, ou observar das janelas e esquinas quem entra e quem sai. Vale lembrar que neste local já passou famosas orquestras e grandes bailes foram realizados, entre os quais de formaturas das escolas, de debutantes, de eleição de rainhas. Houve uma época em que menores e quem não estava trajado a rigor não poderia entrar no mesmo.

---

24 In.: Les Lieux de Mémoire. Ila République, Paris, Gallimaud, 1984, tradução autorizadas: Entre Memória e História: A problemática dos lugares, Pierre Nora, tradução Yara Aun Kloury.



19) Sede da Associação Atlética Novapontense: situada à Rua Governador Valadares, Bairro São Miguel.



20) Posto de Saúde: situado à Rua Olimpio de Góis - está obra foi executada pelo padre Panfílio com a participação da comunidade novapontense.

A Rua Benjamim Constante que representava uma extensão da rua Governador Valadares, era também chamada de Principal. E neste espaço, acima da sede Associação Atlética Novapontese, se encontrava a residência e a farmácia do Senhor Hélio Jorge.

A Farmácia se chamava São Pedro, mas todos a conheciam pelo próprio nome do dono, ou seja Farmácia do Senhor Hélio. Desde uma simples extração de unha até um parto, sutura de toda natureza, membros quebrados, tudo era realizado na farmácia.

Em conversa com os familiares do proprietário da farmácia, dois acontecimentos ficaram na memória de todos, e foi lembrado por dona Jurani, esposa do senhor Hélio Jorge:

> *"Um caminhão perdeu o freio na descida da ponte sobre rio Araguari, e o passageiro pulou do mesmo, ele bateu com a cabeça em uma pedra, vindo a falecer na farmácia, o passageiro era o Sr. Cristóvão, esposo da dona Lica". Um outro acontecimento foi a partir de 1986, quando o Sr. Hélio Jorge sofreu derrame cerebral e ficou impossibilitado de exercer a profissão"*[25].

---

25 Jurani Jorge, trabalhou ao lado do Senhor Hélio Jorge, já falecido, durante muitos anos, a Farmácia São Pedro não existe mais. Depoimento a mim concedido em Março de 1998.

Continuando o meu vôo, é possível ver a Creche Francisco de Assis, cujo os proprietários são os mesmos donos da Caxuana, reflorestamento. logo em seguida o bar do Didi, e a loja de móveis do Sr. Marcos.

O Sr. Marcos acaba por nos apontar mais uma característica do cotidiano e da velha cidade.

> *"Na cidade velha tínhamos mais amigos, amigos de ir na casa do outro, era bem melhor, assim tinha mais fregueses, era outro plano financeiro, pois bem antes eu vendia móveis, hoje o plano é real, mas eu arrumo sofá, a situação piorou"*[26].

O Sr. Marcos, deixa transparecer que sente saudade da Velha cidade, se queixa também, que esta mudança de cidade acabou se tornado na verdade na verdade um misto de problemas, somados à situação que o país atravessa.

Isto me remete a uma outra questão, que toda esta transformação é em função do capital, que sustenta o capitalismo, que massacra, retira as pessoas do lugar, acaba ou mascara a história, e deixa as pessoas neste estado, inconformadas com a situação, somando - se a isto o corte de suas raízes e suas origens

Partindo da loja de moveis do senhor Marcos, tinha motivos particulares para fazer uma escala e decolar nas casas que seguem a mesma, pois saindo de uma e entrando em outra, todos os moradores eram meus parentes: pais, tios, avós,

---

26 Marcos da Rocha, hoje faz reformas de sofá, a Loja não existe mais. Depoimento a mim concedido em Junho de 1998.

amigos íntimos e primos. Sendo isto uma coisa comum na cidade velha, ou seja, próximo à casa dos pais, do lado, na frente ou no fundo, moravam os parentes de qualquer natureza.

"O encontro com velhos parentes faz o passado reviver com um frescor que não encontramos na evocação solitária. Mesmo porque muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não nossas, simplesmente foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós"[27].

Não fugindo da realidade dos demais locais da cidade submersa, este reduto acabava por nos mostrar e registrar mais uma vez, traços que marcaram também o cotidiano e as características da velha Nova Ponte.

Pois no geral "coladas umas às outras, amontoam-se as casas da cidade. No espaço urbano, ou quase urbano, em que foram erguidas, não abandonaram o aspecto de suas irmãs rurais. Também aqui se encontram um alpendre com uma escada de três lances e um piso de lajotas desenhadas"[28].

Devido ao pouco movimento, geralmente era comum ver as donas de casas logo pela manhã ou pelo entardecer varrerem suas calçadas ou sentarem em bancos, cadeiras ou mesmo no chão nas portas de suas casas. Enquanto varriam colocavam a conversa em dia, o interessante é que isto se repetia todos os dias e nunca faltava assunto. Os maridos geralmente estavam para o trabalho, e quando chegavam a tardezinha, quando não participavam destas solenes reuniões, geralmente chamavam os amigos para uma rodada de jogo de baralho. Quando isto

---

27 BOSI, Ecléia: Memória e Sociedade: Lembranças de Velho, Editora da USP, São Paulo, 1997.

28 FERREIRA, Rosa Maria: As Águas e o Tempo: Memórias de Nova Pontes. Dissertação de mestrado. UFMG, Belo Horizonte, 1996, p. 331.

não acontecia. os bate-papos se transcorriam em frente à televisão. que muitas das vezes estava localizada na própria cozinha.

Em se tratando de cozinhas vale lembrar que nas casas da cidade velha. a mesma representava o espaço de maior circulação, servindo muitas das vezes como sala de visita, tanto que. geralmente as pessoas chegavam pela porta da mesma. o entra e sai era constante, pois ninguém era estranho, todos eram conhecidos.

Os quintais destas casas eram adornados por mangueiras, abacateiros. limoeiros, laranjeiras, goiabeiras, cajuseiros, ou mesmo a famosa horta de couve, onde eram plantados alface, tomate. repoulho, a cebolinha de folha. As crianças faziam destes quintais que se misturavam uns aos outros, (pois geralmente a separação entre um vizinho e outro era feito por cerca de arame, casqueiros ou pequenos muros)o seu play graldyn, o reduto onde era passado toda a sua infância.

"O espaço da primeira infância pode não transpor os limites da casa materna. do quintal, de um pedaço de rua, de bairro. Seu espaço nos parece enorme, cheio de possibilidades de aventura. A janela que dá para um estreito canteiro abre-se para um jardim de sonho, o vão embaixo da escada é uma caverna para os dias de chuva"[29].

Quando não estavam nas escolas, nos quintais, devido ao pouco movimento, estavam nas ruas jogando bola, as famosas "peladinhas", uma bola jutada com mais força poderia até mesmo cair no telhado eternit da Santa Casa de Misericórdia. A Santa casa de Misericórdia, ou Fundação Municipal de Saúde era o único hospital da cidade, onde gratuitamente eram atendidas todas as pessoas que necessitavam, desde um simples curativo até mesmo uma internação. Sendo este

29 Ibidem. Rosa Maria.

local mais um campo de memória, pois ali durante muito tempo foi palco de alegria para que nasciam e de tristeza para aqueles que partiam e nem puderam conhecer e morar na futura Nova Ponte.

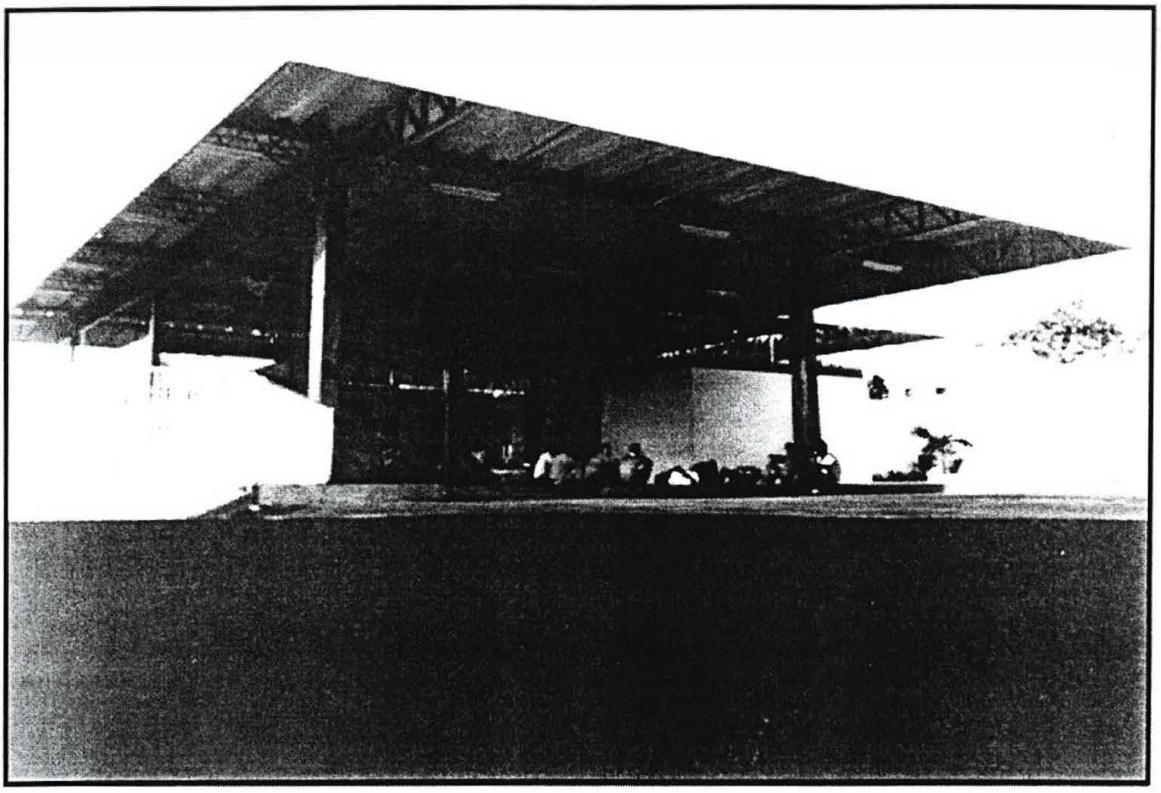
Neste sentido tomo emprestado a fala de Ecléia Bosi:

> *"A memória pode percorrer um longo caminho de volta. Remando contra a corrente do tempo. Ela corre perigo de desviar-se quando encontra obstáculos, correntes que se cruzam no percurso. São as mudanças, os deslocamentos dos grupos, a perda de um meio estável em que as lembranças pudessem ser retomadas sempre pelos que as viveram. As transformações profundas por que passa a família, a perda e chegada de novos membros são pontos de partida. Atrás deles os caminhos se perdem, descontínuos, apagados"*[30].

Sendo assim ainda no Bairro São Miguel, faço um vôo de volta por toda a Rua Principal (Governador Valadares e Benjamin Constante) até a Ranchonete, para dali buscar outras ruas outros lugares. Mas fica a lembrança do calçamento e das pedras da avenida, pois segundo Ecléia Bosi "as lembranças que ouvimos de pessoas idosas têm assento nas pedras da cidade, presentes nossos afetos, de uma maneira bem mais estranhada do que podemos imaginar"[31].

---

30 Ecleia Bossi, op. cit.
31 Idem, ibidem.



21) Terminal Rodoviário: consrtuido na década de 80



22) Santa Casa de Misericórdia: contruida na década de 80, pois era o ponto de atendimento médico da cidade.

"Proust, sentindo a irregularidade do calçamento sob seus passos, recupera o tempo perdido. Apenas um momento do passado? Muito mais, talvez: alguma coisa que, comum ao passado e ao presente, é mais essencial que ambos. Sacode-o um frêmito de felicidade ao experimentar sob os pés a pavimentação irregular comum ao pátio dos guermantes e ao batistério de São Marcos. Compara este sentir com a observação do presente, com a investigação do passado riscado, pela inteligência, com a expectativa de um futuro que a vontade constói do presente e do passado, dos quais extrai ainda mais a realidade, só conservando o necessário aos fins utilitários que lhes fixa. Mas, através de um som, de um perfume, logo se libera a essência permanente das coisas, ordinariamente escondida, o nosso verdadeiro eu, que parecia morto, por vezes havia muito, desperta, anima-se ao receber o celeste alimento que lhe trazem...Não procurara as duas pedras em que tropeçara no pátio. Mas o modo fortuito, inevitável porque surgira a sensação constituía justamente uma prova da verdade do passado que ressuscitava, das imagens que desencadeava, pois percebemos o seu esforço para aflorar à luz, sentimos a alegria do real capturado"[32].

Como disse, busco outros lugares, cuja a primeira imprensão não parece ser diferente dos demais. Voltando a Ranchonete, indo para a direita e possível avistar a Rua Floriano Peixoto e a Rua Sacramento, paralelas entre si e com a Avenida Principal.

O livro Memória Histórica de Nova Ponte, editado pela CEMIG (Centrais Energéticas de Minas Gerais) sobre as ruas Floriano Peixoto e Sacramento nos diz:

---

32 Ecléia Bossi em Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos, cita: Marcel Proust, O Tempo redescoberto, Porto Alegre, Globo, 1958, pp. 125 e 130.

"Ambas são ruas cuja as calçadas estão sempre ocupadas põe seus moradores depois das cinco horas da tarde, não pelo fato de nelas localizarem vários estabelecimentos comerciais e de atraírem para si muitos moradores de outras ruas. ou de serem ruas de passagem para a praça. É o próprio movimento dos moradores das ruas Floriano Peixoto e Sacramento que as tornam atraentes"[33].

De manhã meninos andam de bicicleta. Algumas donas de casa descem a rua em direção ao Armazém do Loura. outras caminham até o Armazém do João Tarcísio e outras, ainda, enquanto arrumam suas casas, chegam a janela para cumprimentar as que passam. De tarde, os homens, de volta do trabalho, fazem uma rodinha ali no boteco, isto é no Bar do Tázio. As moças e os rapazes ocupam os bancos na calçada e a rua. O trânsito relativamente pouco intenso deixa a rua livre para os pedestres.

Na esquina da rua Floriano Peixoto com a Rua Manoel Pires de Miranda, há cerca de vinte e cinco anos funciona o armazém Nova Ponte. O primeiro proprietário do armazém foi José Malaquias que depois de quinze anos de balcão, passou para o seu filho. José Humberto Malaquias, Depois José Humberto vendeu para Lourival Pereira Arantes, o Loura. O armazém do Loura abre as seis da manhã, e dependendo do movimento só fecha às sete ou às oito horas da noite. Ainda que o Lora não venda bebidas alcoólicas alguma, no balcão ou na porta de seu armazém há sempre uma turminha de fregueses fazendo lanches e conversando. No poste da esquina oposta à do armazém, os cavaleiros costumam prender seus cavalos enquanto vão às compras[34].

---

33 Memória Histórica de Nova Ponte, Editado pela CEMIG, 1997, Belo Horizonte.
34 Informações adquiridas com Senhor Lourival Pereira Arantes, o Lora, em depoimento a mim concedido em Julho de 1998.

Durante todo o dia, no quarteirão da Rua Sacramento acima da Rua Olímpio de Góis, meninos jogam bolas de gude e futebol, andam de bicicleta. Aos sábados e domingos na casa do seu Valdir Medeiros, no quarteirão seguinte, reúnem-se os jogadores de truco da rua e a "turma da Sinuca", vai de tarde para o Bar do Roldão, na esquina com a Rua Presidente Vargas.

No quarteirão entre as Ruas Presidente Vargas e Manoel Pires de Miranda, meninos brincam. As mães, da janela ou dos banquinhos na calçada, observam. No beco próximo a Cerâmica, sob a sombra de uma árvore, outros meninos brincam. Da janela de sua casa, defronte a esta árvore, seu João Sapateiro, reparador de calçados, atende a seus fregueses. Na varanda da casa em frente, pessoas sempre conversam animadamente.

Neste mesmo espaço, está presente, também a serralheria do senhor Adelino Campos Caetano, embora sendo particular, quase todos já haviam passado por lá. E ao fazer uma visita em sua residência, o Senhor Adelino me informou, que trabalhava na serra de mão, na cidade de Três Ranchos, estado de Goiás, depois veio para Nova Ponte, onde comprou um terreno do Senhor Custódio e Codoveu Jacó, e do Senhor Armando Espíndola comprou uma máquina de serralheria. Buscava as toras de madeiras nas proximidades da região, e delas retiravam vigotas, ripas e tábuas para construção.

A maioria das casas de Nova Ponte tinha em sua gênese um pouco da serralheria do Senhor Adelino, sem contar que com toda a sua simplicidade era conhecido por todos, pelo seu jeito de ser e principalmente por gostar de andar descalço, efetivando um forte relação de amor com a antiga Nova Ponte.

Na Rua Sacramento com a Rua Antônio Caetano, existia um salão fé Forró. antes tinha sido o inferninho do João do Som. Este local era muito freqüentado nos finais de semana. o salão pertencia ao senhor Ronan Espíndola, mas ele o próprio nunca havia tocado o empreendimento, sempre alugava para outras pessoas.

Voando pela Rua Floriano Peixoto, na esquina com a Presidente Vargas, de um lado é possível ver o Bar do senhor João Francisco Fernandes, o João Frio, e sobre o bar o próprio dono me informou:

> *"Comprei o bar em 1976 do Antônio Gomes. Ele tinha ali um comércio pequenininho: sorvete, picolé, pinga, sinuca. Comprei uma mesa grande de sinuca. Passei a vender coisas de armazém e de bar. O movimento era muito bom, o pessoal vinha no bar para tudo: jogar, beber cerveja, comprar açúcar e óleo. Os jogos que eu tinha era de todo tipo: caixeta, escopeta, vinte e um. Lá também trabalhavam dois tintureiros. Tinha um salão de barbeiros... Lá trabalhavam Dedé Barbeiro, a Iurdes gorda, o Agostinho, o Nica, o Barbinha, o Sebastião, o Gaspar. O movimento era quase toda hora. Uma coisa puxava a outra: o salão puxava o bar, o bar*

puxava o salão. O jogo mesmo era num dia, noutro...Eles brincavam era na sinuca"[35].

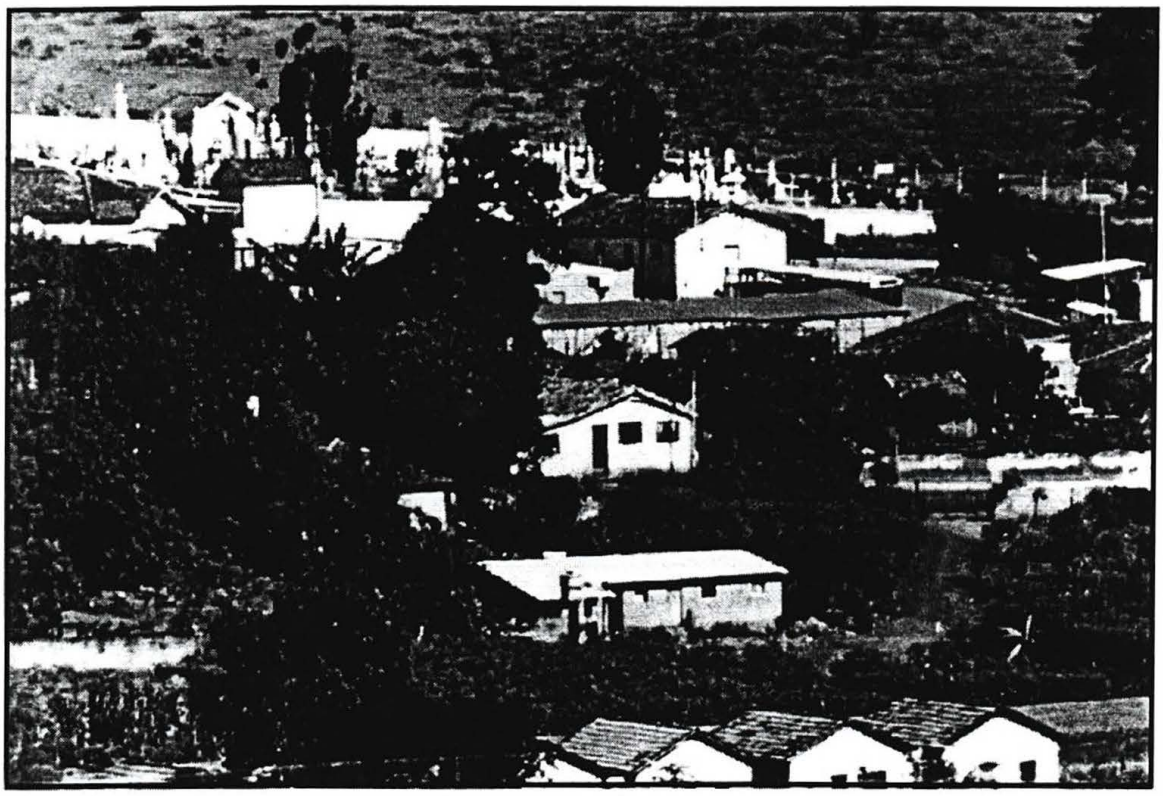
Na outra esquina mas no mesmo local, estava a Mercearia do senhor João Tarcísio Borges. Como na maioria dos estabelecimentos comerciais, a residência do senhor João também era ao lado, como extensão de seu comércio. Um quarteirão abaixo do Armazém do João Tarcísio, na esquina da Rua Presidente Vargas com a Rua Sacramento, ficava a padaria. Segundo o senhor Roldão Naves, proprietário da padaria:

"Não há separação entre o bar e a padaria. Ainda que hoje na esquina das ruas Presidente Vargas e Sacramento funcione o bar, era ali que antigamente funcionava a padaria, naquele tempo a única padaria de Nova Ponte"[36].

A padaria acaba por constituir, também, um local, um ponto de referência onde as pessoas poderiam se encontrar. "Há de se considerar a importância das vendas enquanto privilegiado espaço de socialização ativa, onde criava-se significados, valores e práticas exercendo poderosas e imediatas pressões sobre as condições de vida"[37].

---

35 João Francisco Fernandes, atualmente é proprietário de uma padaria, no centro da cidade nova. Depoimento a mim concedido em Fevereiro de 1998.
36 Memória Histórica de Nova Ponte, Editado pela CEMIG em 1997, Belo Horizonte, MG.
37 SANTANA, Charles D'Almeida: Fortuna e Venturas Camponesas: Trabalho, cotidiano e migrações. Dissertação de Mestrado em História, PUC, São Paulo, 1996.



23) Vista parcial do Bairro do Rosário.



24) Vista parcial do Cemitério São Miguel: Localizado no Bairro do Rosário.

Da padaria, seguindo pela rua Presidente Vargas, estava o córrego dos barros, inclusive o calçamento desta rua ia somente até ai, e oficialmente representava a divisa entre os bairros São Miguel e Nossa Senhora do Rosário, muito embora o bairro do Rosário poderia ser visto como uma extensão do São Miguel.

O bairro Nossa Senhora do Rosário era conhecido pela nome de gravata; das pessoas com quem conversei, moradores do bairro, nenhum afirmou o porque desse nome, apenas o senhor Euripedes Terra, quando por mim entrevistado, me disse :

"Já ouvi falar que é por causa de uma frutinha que tinha muito aqui por perto, mas não sei se é verdade"

Na entrada do bairro do Rosário, na rua Presidente Vargas, que constituía a principal via de acesso, era possível perceber a falta de infra estrutura naquela e nas demais ruas que contornavam o bairro. Sobrevoando esta via de acesso, logo a esquerda encontrei a Rua Padre Anchieta, na qual estava instalado somente o Azilo São Vicente, construído através da arrecadação de dinheiro com pessoas da comunidades e idealizado pelo Padre Panfílio.

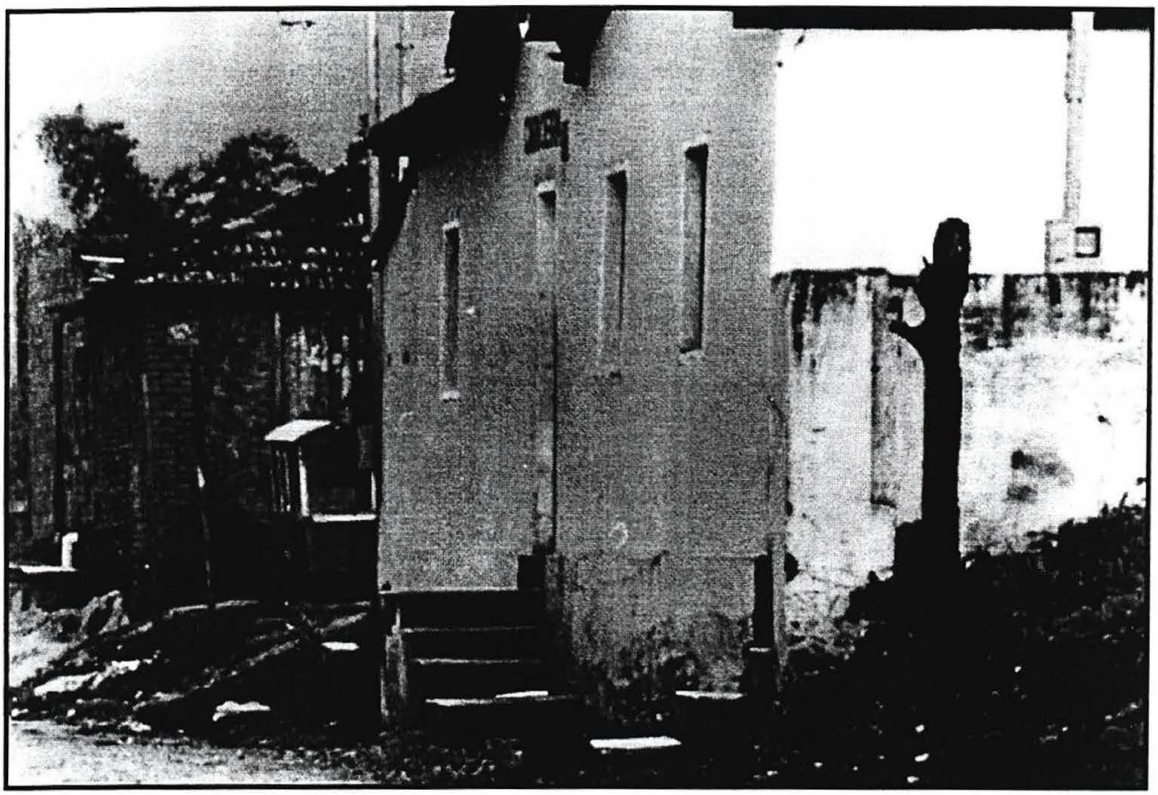
No Azilo São Vicente moravam velhinhos carentes que não tinham para onde ir, sem contar que ali moravam, também, os mais populares e conhecidos por todos na cidade, como exemplo cito os que ficaram registrados na minha memória: a Maria Quirina, que gritava e cantava por todas as ruas da cidade, a dona Rita que andava pelas avenidas conversando sozinha e rezando com seu terço, a Alzira

Maria que também gritava muito, andava por toda cidade o dia todo, mas cumprimentava e sabia o nome de todos, a Aparecidinha baina, por onde ela passava, sempre tinha um número muito grande de cachorros em sua companhia sem contar que ela dormia no meio de muitas galinhas. Por um lado eles representavam a alegria e a diversão de muitos, por outro era o pavor das crianças, pois alguns pais, para colocarem medo nos seus filhos, utilizavam os nomes dos ditos populares como forma repressão.

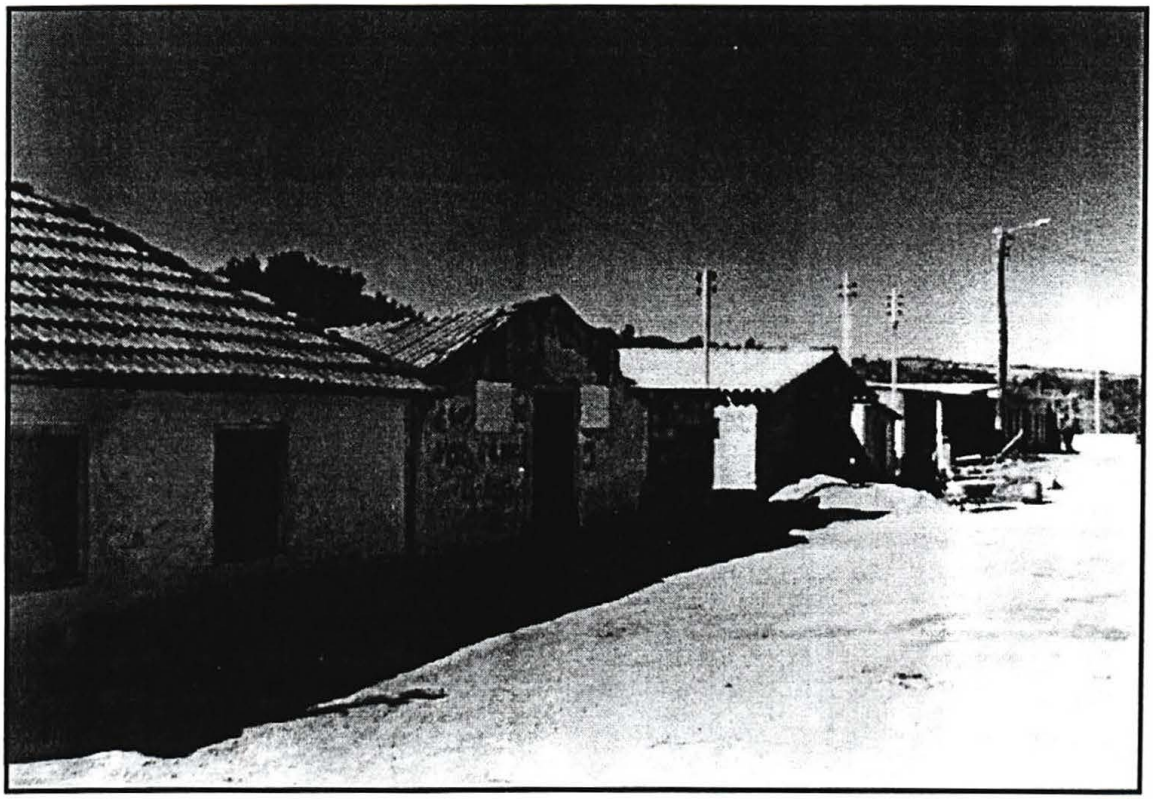
Voltando para Rua Presidente Vargas, ainda no bairro do Rosário, encontrei o único cemitério da margem esquerda do Rio Araguari e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, construída com recursos oriundos de campanhas populares sobre a gestão do Padre Panfilo. Ali durante muito tempo, foram realizados as festas em homenagem a padroeira Nossa Senhora e os tradicionais encontros de congados.

Da capela, visualizei um reduto onde funcionava a "Zona Boêmia " da cidade, conhecida por todos como" rua das flores". Mesmo em precárias condições de higiene, o movimento, nos últimos anos da década de oitenta, até os anos noventa, aumentou muito, em função do grande número de homens que chegaram para construir a usina hidrelétrica, automaticamente aumentou, também, a presença de muitas mulheres de outras cidades que vieram em busca do dinheiro. Mas segundo a ex-prostituta Cláudia, 38 anos, em depoimento a revista ISTOÉ, de 03/11/93:

"É um dinheiro praguejado. A gente ganha muito e não fica com nada".



25) Vista de algumas casas de prostituição localizadas no Bairro do Rosário.

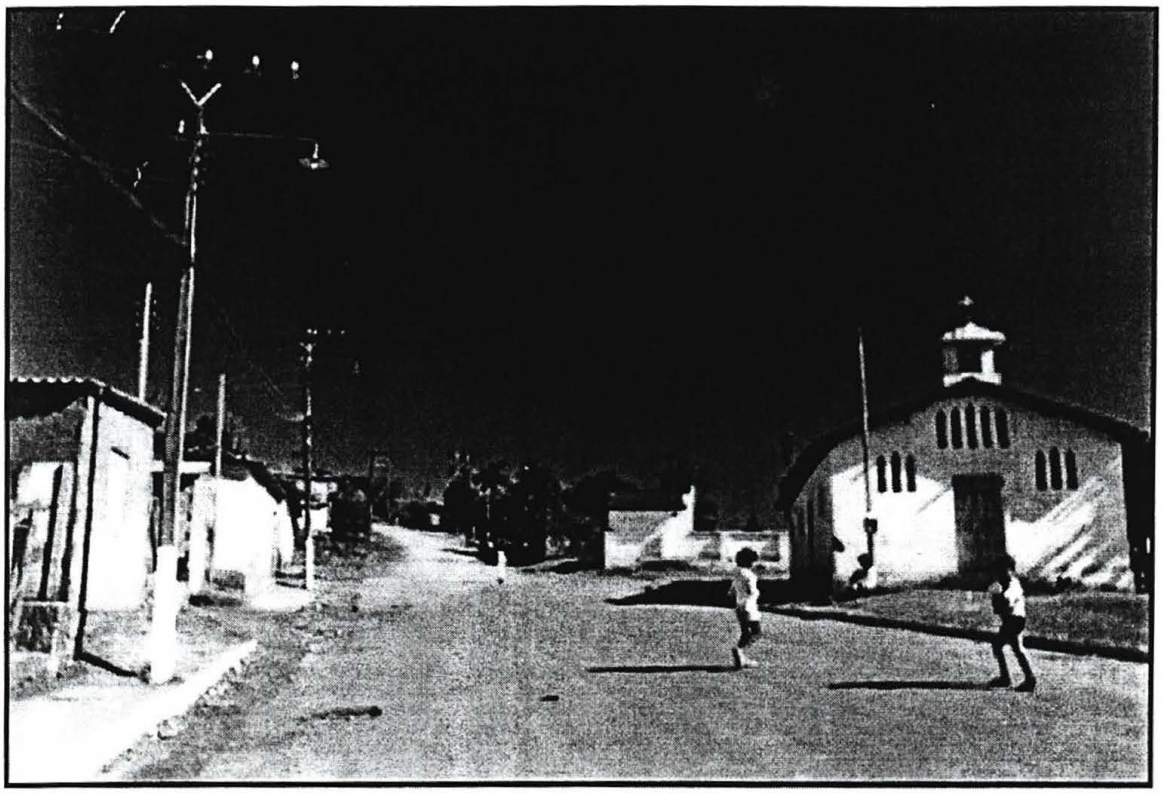


26) Zona boêmia: alguns prostibulos localizados no Bairro do Rosário.

A "Zona Boêmia", o Cemitério e a Capela caracterizavam muito o bairro, e eram considerados pontos de referências, apesar da Rua Presidente Vargas, passar por todo o bairro e ser o caminho que levava ao canteiro de obras de construção da Usina Hidrelétrica, não existia ali uma área comercial, sendo assim tínhamos um movimento muito intenso de máquinas e caminhões, mas era para o bairro São Miguel que os moradores do Rosário se convergiam com mais intensidade.

Voltando os olhos para o bairro São Miguel, sobrevoando a rua Floriano Peixoto, na esquina com a rua Olímpio de Góis, na sua arquitetura simples, estava localizado o Posto de Saúde. Que durante muitos anos, antes mesmo da construção da Santa Casa de Misericórdia, era um local que no setor de saúde serviu a população nos momentos mais difíceis. Era um espaço pequeno, mas se tornava grande pela sua utilidade. De uma simples consulta e um curativo até uma cirurgia com internação.

O posto de Saúde Municipal, foi idealizado pelo padre Panfílio, se tornou uma realidade por contar com apoio de toda comunidade. Sendo mais um espaço coletivo e automaticamente um campo de memória. E é exatamente aqui, que tomo uma injeção de animo para prosseguir o meu vôo, e a partir daí os meus pensamentos voltam para a Escola Estadual São Miguel e a esquerda desta escola, paralelo a Rua Principal era possível perceber os contornos da Rua Manoel de Souza Melo. Esta mesma rua ao longo de seu percurso, recebia três denominações: Manoel de Souza Melo, Ordália Carneiro de Oliveira e Avenida Cristo Rei. Era uma rua asfaltada, mas o cotidiano e os traços arquitetônicos não eram diferentes das demais, com raríssimas modificações em relação a alguns estabelecimentos ali instalados.



27) Capela de Nossa Senhora do Rosário e a Avenida que da acesso ao canteiro de obra da Cemig.



28) Vila São Vicente: localizada no Bairro do Rosário.

Na Rua Manoel de Souza Melo o Senhor Norberto Lemos resolveu abrir o Barracão Modas, pois segundo o proprietário lucro poderia ser muito bom, pois em cidades onde se constróem hidrelétricas o movimento é muito grande. Caminhando alguns passos estava instalado a Lojinha de roupas da Dona Izaura e bem a frente o Kukas Pizzaria. E era nesta pizzaria que grande maioria dos jovens se encontravam à noite para tomar uma cervejinha, um bate papo e dali partir para os bailes que eram realizados no clube Social ou enferninho como era apelidado por todos. Vale lembrar que na própria pizzaria tinha, também de vez enquanto alguns bailes e desfiles de modas, e foi esta pizzaria a escolhida pelos engenheiros da CEMIG para realizarem as suas refeições que eram feitas com exclusividades para os mesmos.

E é ainda nesta rua, já, em frente a Praça São Miguel que estava instalado mais um escritório da CEMIG, o de desapropriação dos imóveis em Nova Ponte. Podendo ser lembrado como um local de lamentações, brigas, resistências e conformismos. E as pessoas quando para lá se convergiam ficavam no alpendre do lado de fora, alguns poucos sentavam num banco de madeira, a grande maioria geralmente ficavam em pé por longos minutos, aguardando serem chamados e particularmente ouvir as propostas de mudanças que já estavam definidas, restando-lhes, o medo, a insegurança e a tristeza de deixar para traz toda sua história e todas as suas conquistas.

Em meio a esta situação, o meu vôo se tornou muito triste, pois compactuo com estas pessoas. Tanto que, ao prosseguir nesta rua passei direto pela Ordália Carneiro, cheguei na avenida Crista Rei, onde estava instalado a Escola Estadual Josias Pinto e encontrei único terminal Rodoviário da cidade, construído com dinheiro dos cofres públicos. A construção do terminal, um dos mais belos e

funcionais do interior do Estado, com capacidade de atendimento dentro dos parâmetros modernos de considerável massa de passageiros e ainda contornado com cerca de 18 mil metros de asfalto e meio fio[38].

Memorizando o Terminal Rodoviário, questionei-me: Seria este o momento de parar, tomar um ônibus e partir? Claro que não! Se a minha memória, tem o privilégio de poder ainda, ter asas para voar, porque parar; mesmo sabendo que a saudade e a tristeza faz parte da minha bagagem, prossegui no meu vôo, deixando a Rodoviária, que também representava um marco divisório entre os bairros São Miguel e São Francisco.

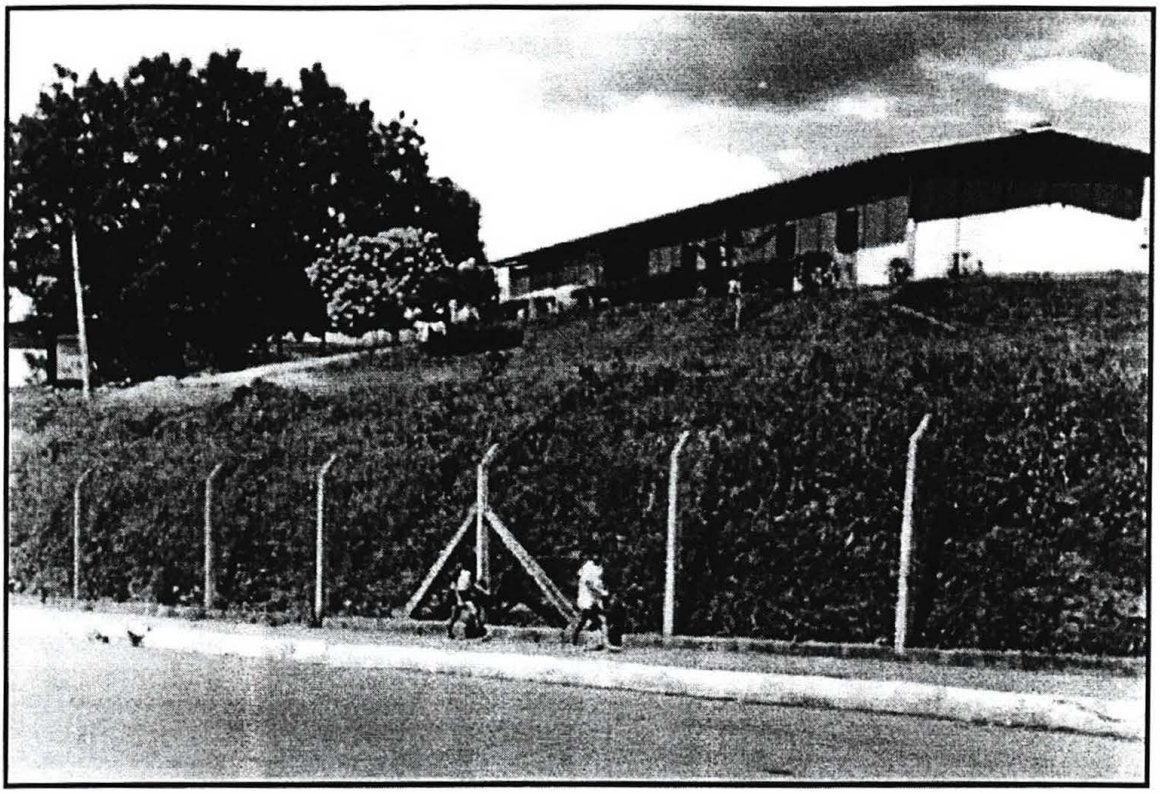
Bairro São Francisco, iniciava-se à rua 17 de Dezembro, até a rua Orcalino Costa-entre a Avenida Governador Valadares e a rua Sebastião Eugênio de Andrade. Popularmente o nome do bairro era conhecido por todos como "morro de pedra". Segundo Idelma de Castro Borges, 42 anos, moradora do bairro durante muitos anos, quando por mim entrevistada:

> *"Tem muita gente que chama o nosso bairro de morro de pedra, diz que é porque tem muita pedras, dessas rolam, mas quem mora aqui, a maioria gosta que fala que é São Francisco".*

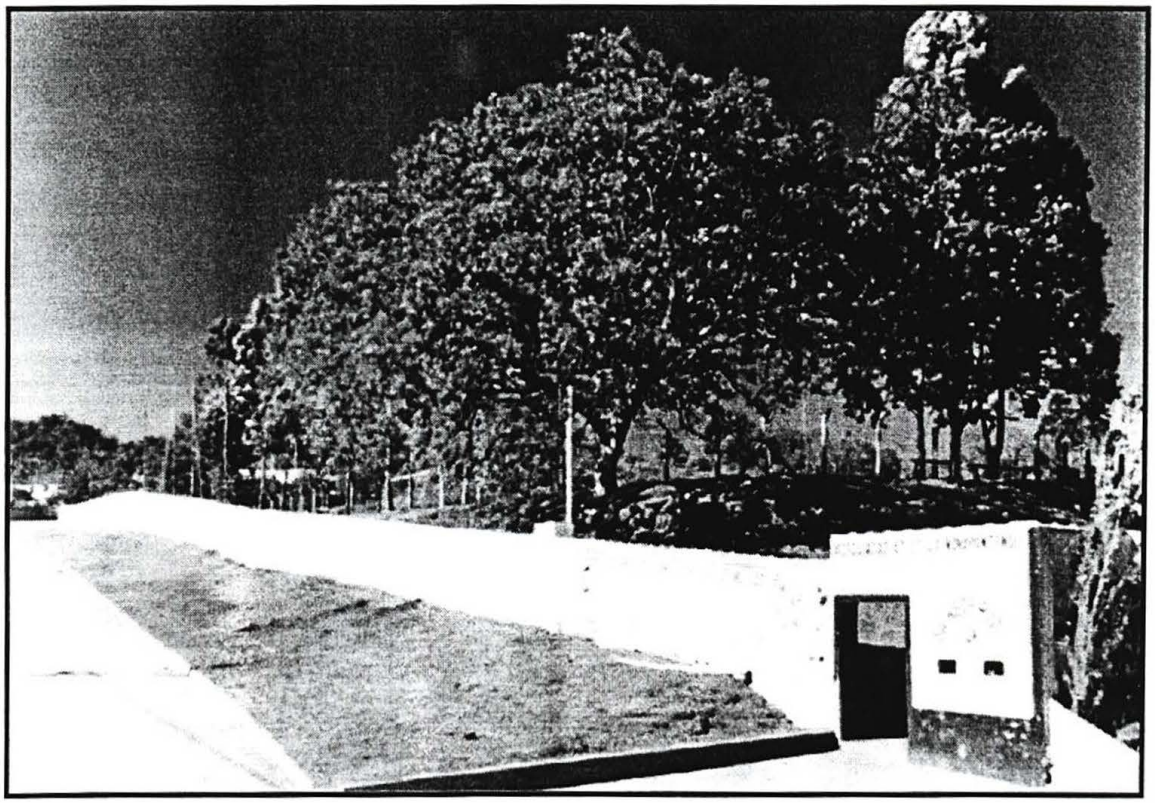
O São Francisco não era dotado de infra estrutura básica, as ruas e avenidas não eram pavimentadas, não existia passeios, sarjetas e nem rede de esgoto. Os quintais como na grande maioria de outras casas de outros bairros, eram

---

38 Boletim informativo da administração municipal de Nova Ponte, Outubro de 1998.



29) Escola Estadual Josias Pinto: localizada no bairro São Francisco.



30) Campo de futebol da Associação Atlética Novapontense: localizado no Bairro São Francisco.

Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte – MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 – Belo Horizonte – MG.

São Francisco

LEGENDA

1. ESCOLA ESTADUAL JOSIAS PINTO
2. TRAILER DE SANDUÍCHES
3. LOJA DE MÓVEIS
4. PONTES BAR
5. JOALHERIA SÃO SEBASTIÃO
6. SANTA CASA DE MISERICÓRDIA
7. ESCRITÓRIO DA ANDRADE GUTIERREZ
8. CHURRASCARIA MISTER BULL
9. TERMINAL RODOVIÁRIO
10. MERCEARIA DO TÁZIO
11. CAMPO DE FUTEBOL - ROSÁRIO CENTRAL F. C.
12. BAR SILVA
13. CAMPO DE FUTEBOL - AANP
14. BORRACHARIA
15. BAR N. SRA ABADIA
16. FAZENDA - MÁQUINA DE BENEFICIAR ARROZ
17. CEREALISTA
18. ARMAZÉM SÃO FRANCISCO ("VENDA DO PEDRO TOMÉ")
19. BAR
20. CAIXA D'ÁGUA
21. AÇOUGUE
22. ARMAZÉM DO BATISTA MALAQUIAS

Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte - MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 - Belo Horizonte - MG.



divididos apenas por cercas de arames, mas eram adornados várias árvores frutíferas. "As histórias que ouvimos referem-se, do início ao fim. A casa, o bairro, algumas ruas, em geral o trajeto para a escola e centro da cidade são descritos de um modo dispersivo nas lembranças várias"[39].

E neste bairro em frente a Rodoviária que estava localizado a única churrascaria chamada Mister Bull, também de propriedade do senhor Norberto Lemos, que segundo o mesmo, a construiu pelo mesmo motivo do barracão modas, ou seja a demanda de pessoas estavam aumentando para construir a barragem.

Do Mister Bull, subindo a esquerda de quem olhava para a Rodoviária, estava a rua São Francisco, toda esburacada, mas nas suas pedras o registro de muitas histórias, pois era bem no início dela, que estavam localizados os campos de futebol da Associação Atlética Novapontense e do Rosário Central Futebol Clube. Palcos de muitas atividades esportivas, chegando a ser um dos únicos divertimentos da comunidade, nas tardes de domingo. Eram nesses dois campos, que a grande maioria dos moradores, tanto do São Francisco, quanto do São Miguel, se reuniam para ver os campeonatos de futebol regional, as disputas acirradas e tradicionais entre a Associação Atlética e Rosário Central. Vale ressaltar que durante a semana, eram as crianças que quando não estavam brincando nos quintais, nadando nos córregos, ou jogando bolas de gude pelas ruas, eram elas que preenchiam o vazio dos gramados dos campos de futebol.

Deixando este "campo" de memória, seguindo ainda pela rua São Francisco, encontrei uma das principais ruas de acesso do bairro, que era a rua Otávio Veiga, visualizei as instalações da Máquina de Beneficiar arroz Trianorte, mas queria

---

39 BOSI, Ecléia. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. Editora da USP, 1987, p. 366.

conhecida por todos pelo nome do seu proprietário, ou seja a máquina de arroz do Realino Correa. E bem próximo a ela, a Escola Municipal São Francisco de Assis, que funcionava com apenas duas salas de aula e o Armazém do senhor Pedro Tomé, o mais freqüentado e movimentado do bairro. Segundo a esposa do senhor Pedro, dona Maria Tomé, em entrevista a min concedido em sua residência, em março de 1998:

> *"Agente tinha, de tudo um pouco, o armazém era aberto bem cedo, pois muita gente esperava aqui na porta, pra pegar o caminhão pra ir para a Caxuana, ai agente abria pra vender a merenda. Só que quase tudo era fiado, pra pagar quando recebia, uns pagavam outros não. Mas eu tenho saudade"...*

Do armazém era possível ver a única capela do bairro, localizada no ponto mais alto, onde eram realizados as festas tradicionais, em homenagem a Nossa Senhora e ao Santo Padroeiro do bairro São Francisco. Fui informado por Maria Aparecida Palmiere Torres:

> *"Um casal muito piedoso, que se chamava dona Maria Páscoa e senhor Pedro Páscoa, rezavam todas as tardes, um terço em suas residência, acompanhado pelo senhor Abadio e sua esposa pouco a pouco os vizinhos foram se aproximando para acompanharem a resitação*

do terço, com o passar dos anos o número de pessoas foram aumentando, e a casa ficou pequena. Surgiu então a idéia de construir uma Igreja ou uma capela. Para isto, começou a realizar leilões após os terços na casa da dona Maria Páscoa, para adiquir recursos financeiros. A princípio foi comprado uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Depois as pessoas começaram a ir para as fazendas próximas e pedirem prendas ou contribuição em dinheiro. Até que conseguiram erguer uma capela. Posso afirmar que os moradores do bairro foram os responsáveis pela construção da capela"[40].

A capela construída, não tinha estilo arquitetônico arrojado, mas era marcada, mesmo na sua simplicidade por uma beleza ímpar. Tinha uma única porta de entrada e saída, poucos bancos e um pequeno altar que comportava as imagens expostas ao longo dos anos. Na capela não existia nenhuma torre, mas construído um pequeno adorno em cima do telhado, que protegia e ostentava um sino. Que era utilizado para anunciar os horários dos terços, dias de festas e até mesmo a morte de algum moradores.

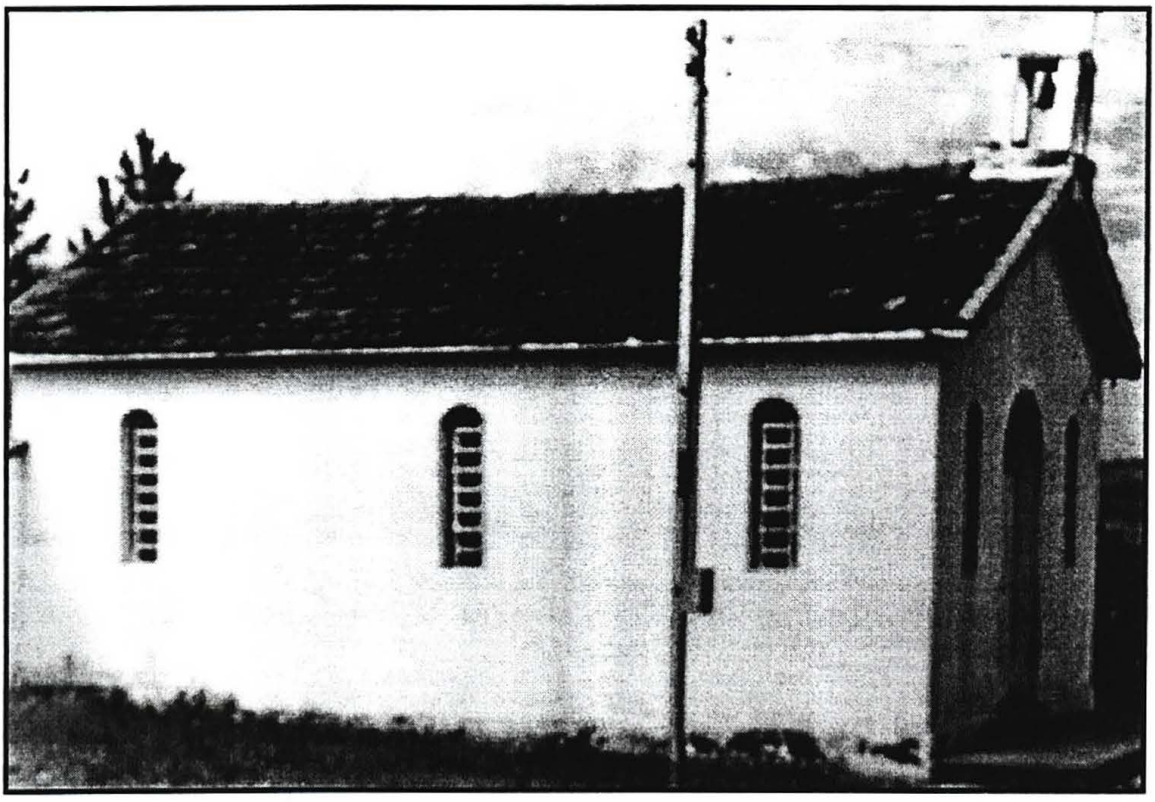
Como a capela estava localizada em um ponto mais alto no bairro, da sua porta de entrada, tinha uma visão muito ampla, acerca da paisagem do município, decorrendo disto, o hábito de muitas pessoas sentarem na calçada, do lado de fora

---

40 Maria Aparecida Palmeri Torres, professora aposentada, guarda um enorme acervo pessoal acerca da história de Nova Ponte. Depoimento a mim concedido em Janeiro de 1998.



31) Vista do Armagém do senhor Pedro Thomé: localizado no Bairro São Francisco.



32) Capela de Nossa Senhora de Fatima e São Francisco: localizada no Bairro São Francisco.

para apreciarem os contornos de outros bairros e outros lugares. Era possível perceber dali, o bairro São João, não me contive, bati as asas da minha imaginação, sobrevoei toda a cidade, e ganhei o bairro são João.

O bairro São João, era localizado à margem direita do rio Araguari, era popularmente conhecido pelo nome de três moitas, a quem diga que isto é porque os moradores residiam em casas cobertas por capim. Conforme depoimentos colhidos de alguns moradores do bairro, registrados no livro Memória Histórica de Nova Ponte :

> *"De lá do rio, o São João chamava três moitas. Chamava assim, porque lá antigamente tinha muita moita de capim". (Ariovaldo Naves Fernandes) "Lá quando era uma currutela só de ranchos, chamava três moitas. Depois que veio esse movimento de telhas, depois que vieram os dois armazéns, e que passou as ser são João". (Maria Dias Braga)*

Os armazéns acima mencionados, um era de propriedade da Senhora Nilza Rosa dos Santos, conhecido por todos como armazém da Nilza; o outro era de propriedade do Senhor Lourivaldo Ferreira Rosa, mas era Vadeci seu filho que estava à frente dos negócios, daí ser conhecido simplesmente pelo nome de armazém do Lora ou do Valdeci

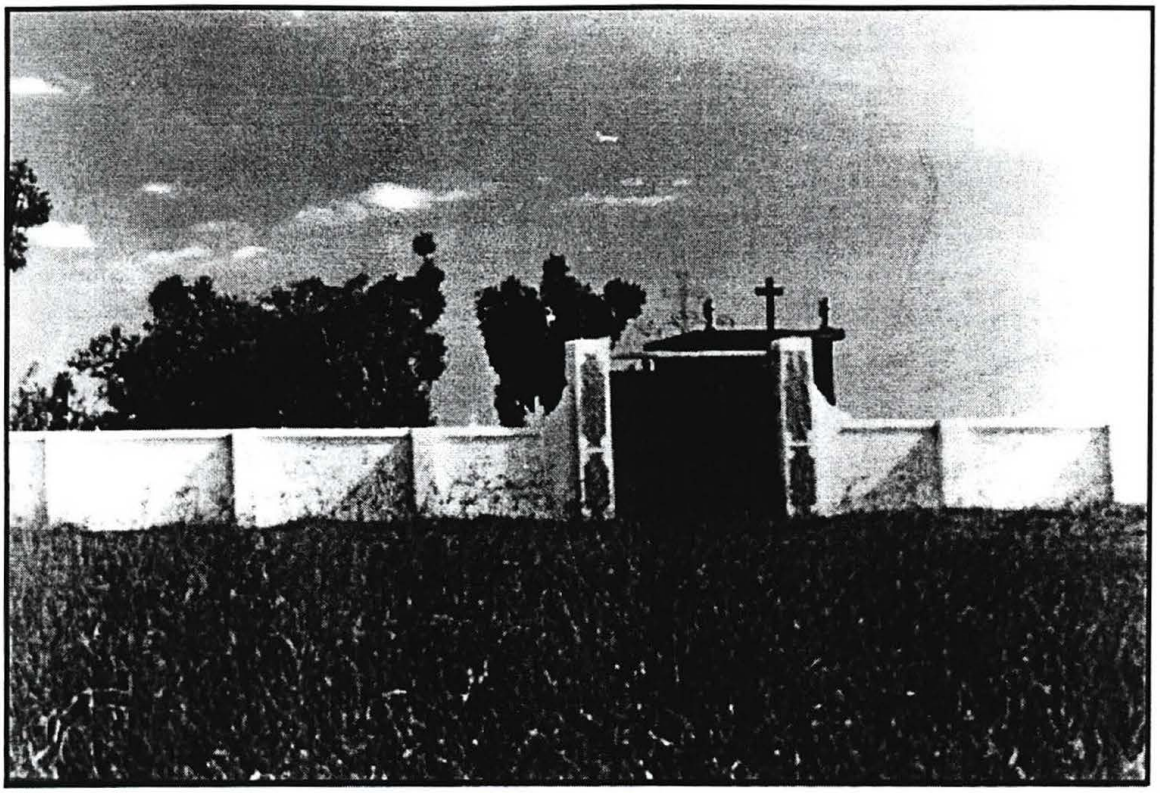
Ambos representavam pontos de referência do bairro, uma vez que, lá não tinha hospitais, ambulatórios, praças, creches, clubes. Sendo assim os armazéns

representavam focos de memória coletiva, recuperados nas lembranças do senhor Ronan Vicente Barbosa, agricultor, 53 anos e de Marilda Cândida Supriano, do lar 42 anos:

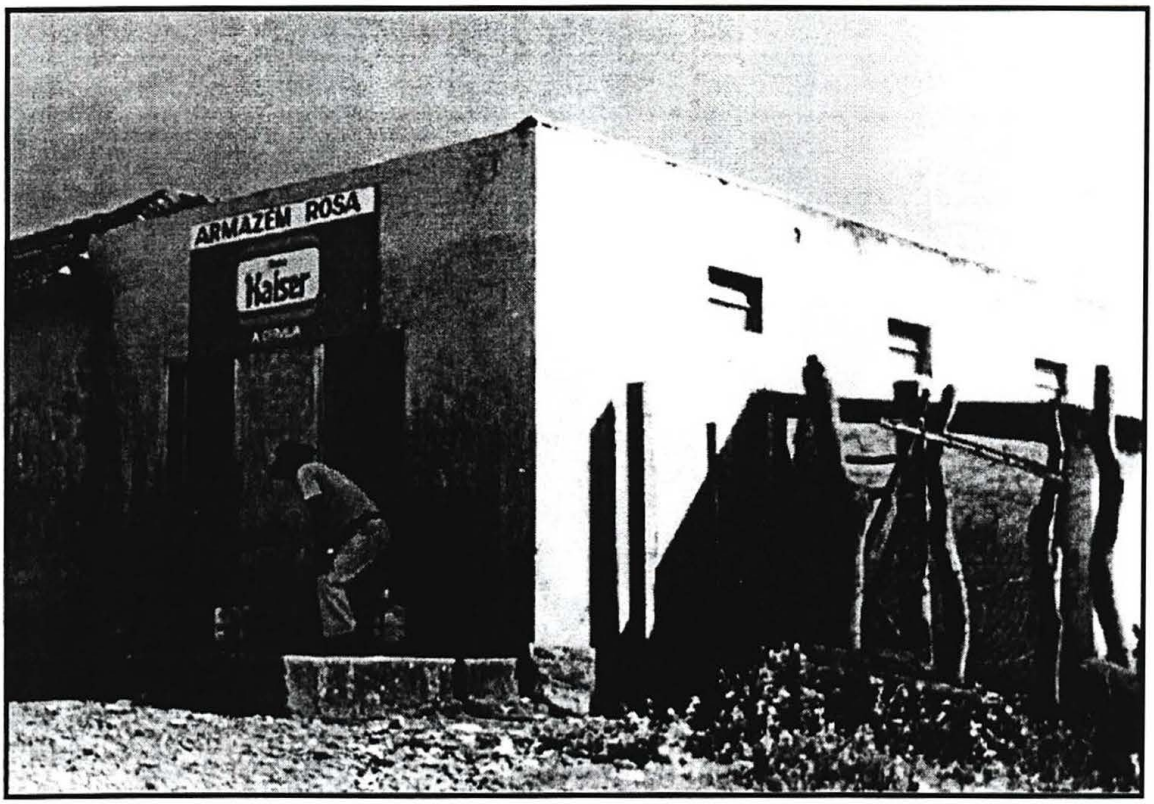
> *"Lembro muito da venda da Nilza. Meus pais compravam lá, depois quando eu casei, comecei a comprar lá também. A Nilza é uma pessoa muito boa, amiga de todos lá nas três moitas. Lá você podia comprar a prazo ou a dinheiro. A gente comprava e podia pagar do jeito que desse certo". (Ronan Vicente)*

> *"Todo dia eu vou no Valdeci, compro muita coisa, de sal pra cima. E lá agente encontra outras pessoas, bate um papinho e vem cuidar da lida da casa". (Marilda Cândida)*

O Bairro São João não era muito diferente do São Francisco, mas as vezes tinha o meu vôo interrompido, só pra descansar nos mangueirais das poucas casas do bairro, e de lá observar os contornos e tentar resgatar as memórias, que em grande parte não estão sob as águas, mas sobre as pedras, porque os moradores foram para a cidade nova mas ainda é possível passear pelos caminhos do bairro, que paulatinamente estão sendo tomados pela vegetação que tenta encobrir as ultimas pegadas. Isto se deve ao fato de que as águas da represa não chegaram até lá.



33) Portão de entrada do cemitério São Sebastião: localizado entre os Bairros São João e São Sebastião.

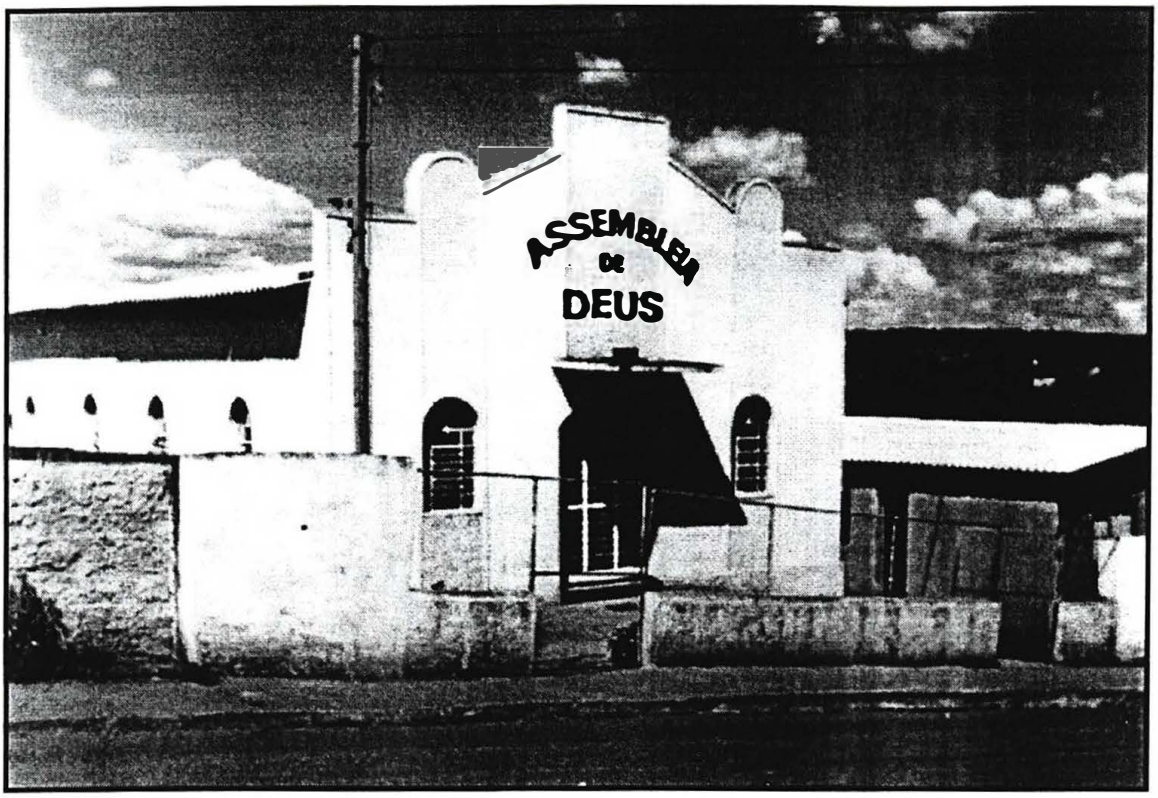


34) Vista do Armagém Rosa: de propriedade do senhor Lorivaldo Ferreira Rosa, instalado no Bairro São João.

As ruas do São João não tinham nenhuma infra-estrutura. Sobrevoando por ai, encontrei o único cemitério da margem esquerda do rio: o cemitério São João, onde ainda são feitos vários sepultamentos. Dali busquei outros lugares, e encontrei o Templo da Congregação Cristã do Brasil e uma única Capela, segundo Antonio da Silva Ferreira, 58 anos, agricultor e morador do bairro :

> *"Esta capela foi feita com ajuda de dinheiro de muita gente, mas o Padre Panfílio é que mais ajudou, só que as missas aqui acontece só uma vez no mês, na congregação é diferente, é quase todo dia agente escuta eles cantarem".*

Bem atrás da capela São João estava o campo de futebol do time do Guarani, não muito diferente dos campos da Associação Atlética e Rosário, porém um atrativo diferente, pois era um local onde todos anos eram realizados a maior festa tradicional da cidade de Nova Ponte, a famosa Cavalhada, onde os cavaleiros simulavam as lutas entre os mouros e cristãos em homenagem a Santo Antônio e São Benedito. E hoje mais do que nunca se constitui apenas um "campo" de memória. "No entanto a festa cotidiana dos moradores de São João preponderantemente nos quintais. Visíveis das ruas, estes vastos quintais, tanto quando os estabelecimentos comerciais do bairro, atraiam os olhares dos passantes. Se em São Miguel é o comércio que anima a rua principal, em são João a alma da rua está também nas atividades domésticas. Em São João o caráter rural

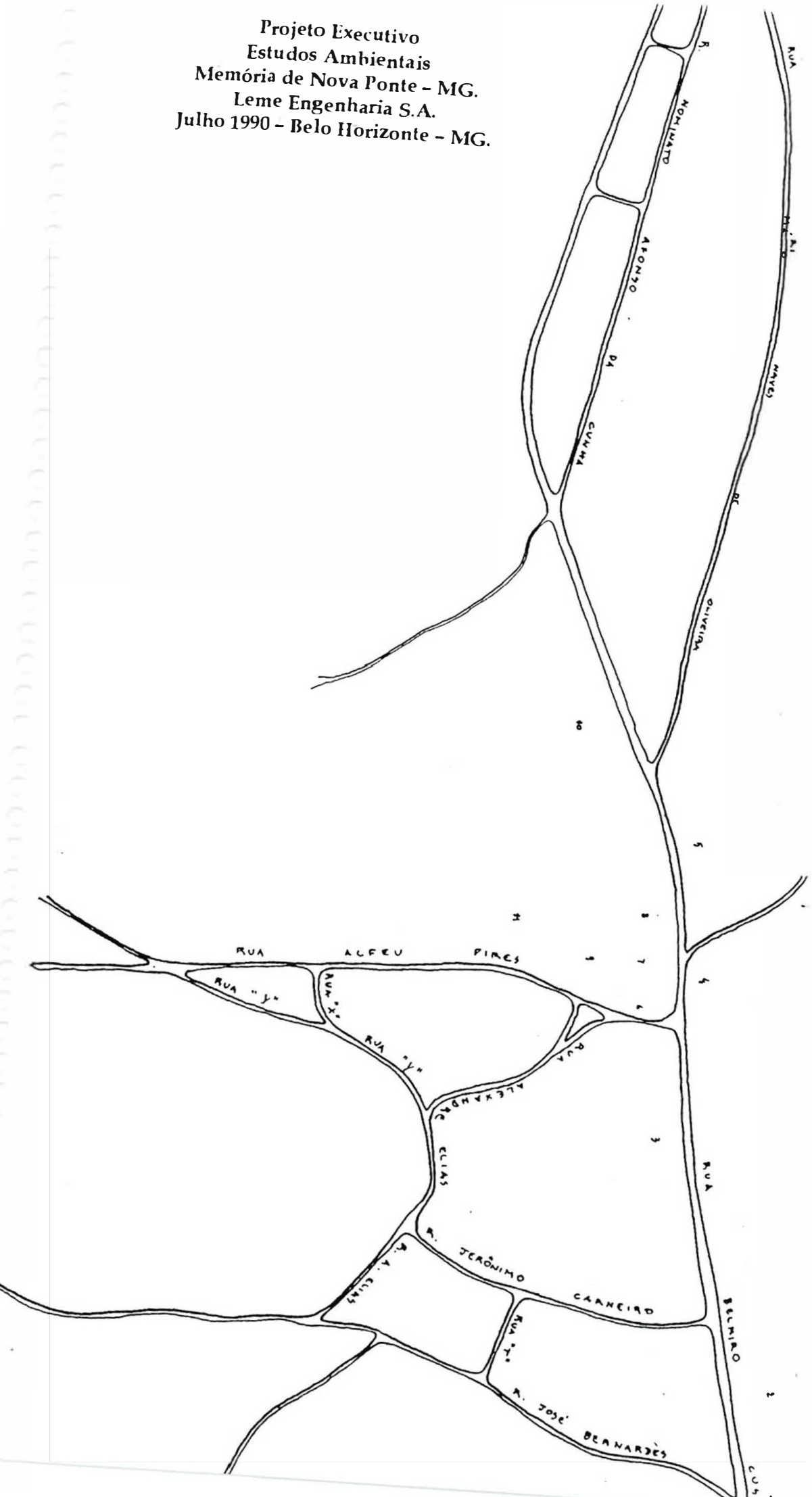


35) Sede da Igreja Protestante Assembléia de Deus: localizada no Bairro São João.



36) Aspecto do cotidiano no Bairro São João.

Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte - MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 - Belo Horizonte - MG.



Bairro São João

Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte – MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 – Belo Horizonte – MG.

LEGENDA

1. CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO
2. "CONGREGAÇÃO CRISTO DO BRASIL
3. CABELEREIRO / MANICURE
4. ARMAZÉM SÃO JOÃO ("ARMAZÉM DA D. NILZA")
5. ARMAZÉM ROSA (ARMAZÉM DO WALDECY)
6. AR MARINHO
7. BENEFICIADORA DE ARROZ
8. BAR DA D. MARIA APARECIDA
9. IGREJA DE SÃO JOÃO
10. GRUPO ESCOLAR
11. CAMPO DE FUTEBOL

sobressaia ao urbano. Em São João, casa, quintal e rua se misturavam, a vida social e a vida doméstica acontecia a um só tempo[41].

Esse mesmo" tempo", me fez questionar: - quantas histórias? quantas leituras? Por que não dizer quantas memórias? que durante este vôo não foram mencionadas. Minhas asas reclamavam por um descanso, mas fui alimentado pela certeza, que se continuasse novos lugares seriam resgatados, haja visto que, "se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história[42]. Neste sentido, levantei o meu vôo, carregado de energia, bati as asas fortemente e aterrizei em um outro lugar, não muito diferente do que eu estava, mas bem no alto da torre da Igreja de São Sebastião, foi quando percebi que estava no bairro que era batizado com o mesmo nome da igreja.

O Bairro São Sebastião, recebeu este nome em homenagem ao padroeiro, e está disposto ao longo das ruas Monte Carmelo, Florêncio Fernandes e Antônio Brígida, todas, também, sem infra-estrutura, o que dificultava muito o tráfico, principalmente na época das chuvas. Como estava bem em cima da torre da Igreja de São Sebastião, que a meu ver representava um espaço coletivo de memória, resolvi resgatar partes de sua história. Sendo assim, fui informado:

"*A imagem do padroeiro, São Sebastião, veio da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Antes da*

---

41 Memória Histórica de Nova Ponte, editado pela CEMIG, Junho de 1997.

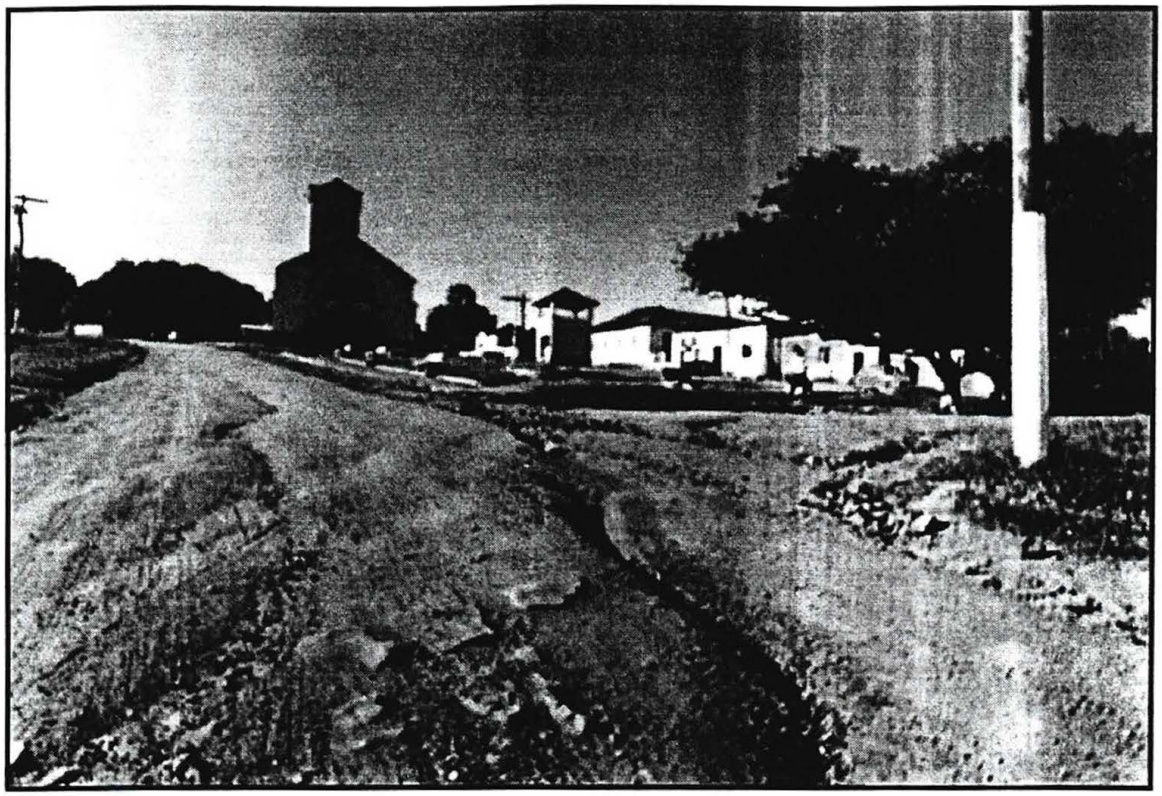
42 In.: Les Lieux de Mémoire. Ila République, Paris, Gallimaud, 1984, tradução autorizadas: Entre Memória e História: A problemática dos lugares, Pierre Nora, tradução Yara Aun Kloury.

atual Igreja era uma capela com esteios, portais e janelas de aroeiras, pintados de azul anil. Suas estruturas estavam comprometidas, nascendo a idéia de construir um novo templo. Foram feitos os primeiros encontros liderados pelo padre Panfílio, com presença de representantes da comunidade, entre eles: Flôrencio Gonçalves, João Gonçalves Fernandes (Joanico) José Teodoro Borges, Irineu Gonçalves, Armando Espíndola Carneiro Olvinto Resende, e outros. A partir daí foram sendo realizados leilões festas, concurso da Rainha, em ranchão que foi construído ao lado, os fazendeiros da região ajudaram doando animais para serem leiloados. As pedras utilizadas vieram em carros de boi dos fazendeiros mais próximos. A capela foi demolida. Foi lançado a pedra fundamental, e nela foi depositado várias mensagens, objetos, fiquei triste pois com a mudança da cidade isto não foi resgatado"[43].

Bem em frente a Igreja São Sebastião, existia uma pequena praça com alguns bancos espalhados, onde todas as tardes as crianças brincavam de bola, segundo Nicéia Abadia Bernades, professora, em depoimento a mim concedido em Dezembro de 1998:

---

43 José Euripedes do Prado, ex-professor, ex-vereador, sempre morou no Bairro São Sebastião, o seu depoimento foi transcrito por ele e oferecido a Gabriel Nazaré Fortunato, achei tão interessante, que resolvi coloca-lo nos anexos desta monografia.



37) Vista da Praça São Sebastião: presença do coreto e da Igreja que deu o nome à praça.



38) Rua Antônio Brígida: localizada atrás da Igreja no Bairro São Sebastião.

"Ao lado da Igreja tinha um coreto e uma escola. Neste coreto faziam-se os leilões das festas religiosas de Santo Antônio, São Benedito, São Sebastião e Santa Luzia A festa de São Sebastião era no mês de Janeiro, São Benedito e Santo Antônio em julho, e Santa Luzia em Dezembro".

A Igreja constituía assim, um ponto de referência do cotidiano do bairro. Somando-se com dois únicos estabelecimentos comerciais, o armazém Silva cujo proprietário era o Senhor Arnaldo Inácio e o armazém do senhor Ariovaldo, popularmente conhecido como venda do preto. Na porta do seu estabelecimento tinha uma árvore muito grande, frondosa, e as pessoas gostavam de ficar horas e horas, aproveitando a sua sombra e conversando. Sem contar que este espaço representava o terminal rodoviário do lugar, pois era ali, que as pessoas tomavam o ônibus para viajar para as cidades vizinhas. Com os olhos transbordando de saudades, sobre estes e outros lugares do bairro, mais uma vez a Nicéia Abadia Bernades, que teve ali seus momentos de infância e boa parte da juventude, recupera a memória do bairro, fazendo com que o meu vôo fosse mais brilhante:

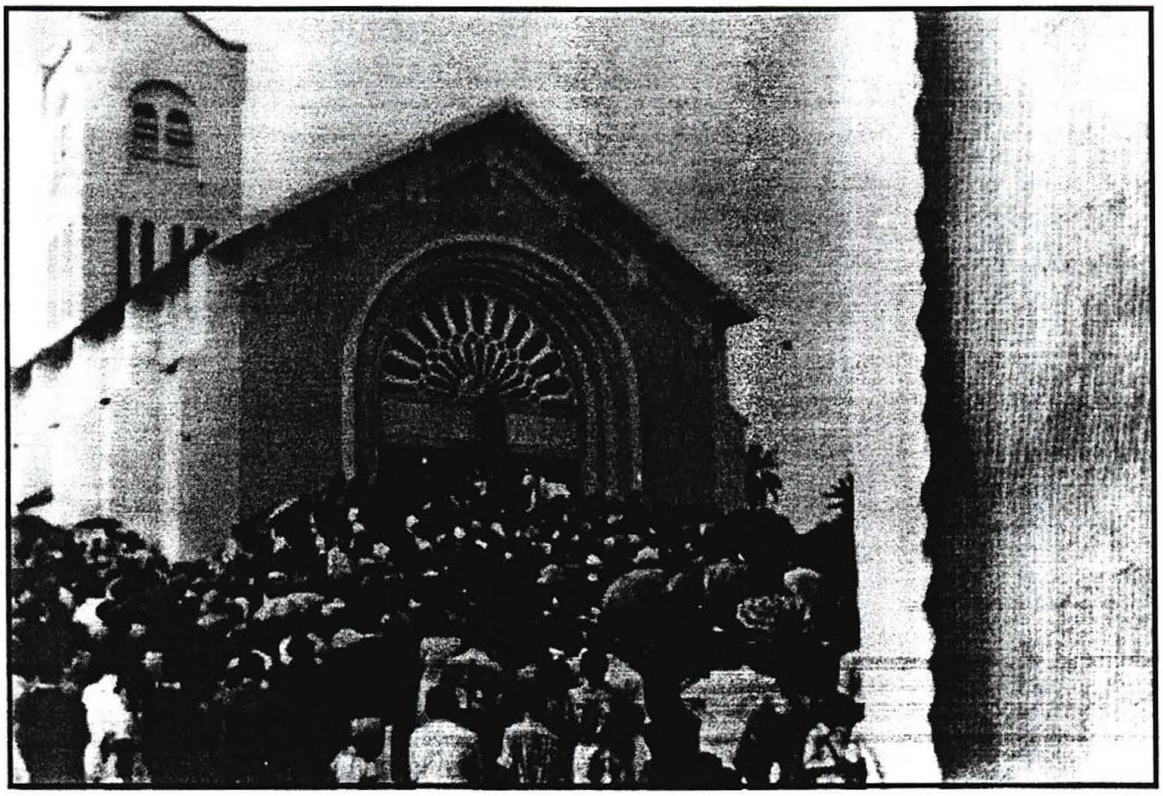
"São Sebastião era um arraial pequeno, mas me lembro muito bem, das festas que eram animadas, principalmente a da cavalhada. Tinham duas costureiras, a Celi Bernades e a Edinamar, e o senhor Antônio Gonçalves que confeccionava roupa masculina. Havia um

cartório, cuja a escrivã era dona Adelina Fernandes. A comunidade enfrentava problemas como falta de água e até mesmo energia. Tínhamos que conviver com a poeira, pois o bairro não era asfaltado. Mas as pessoas que ali moravam eram muito unidas e ajudavam uns aos outros".

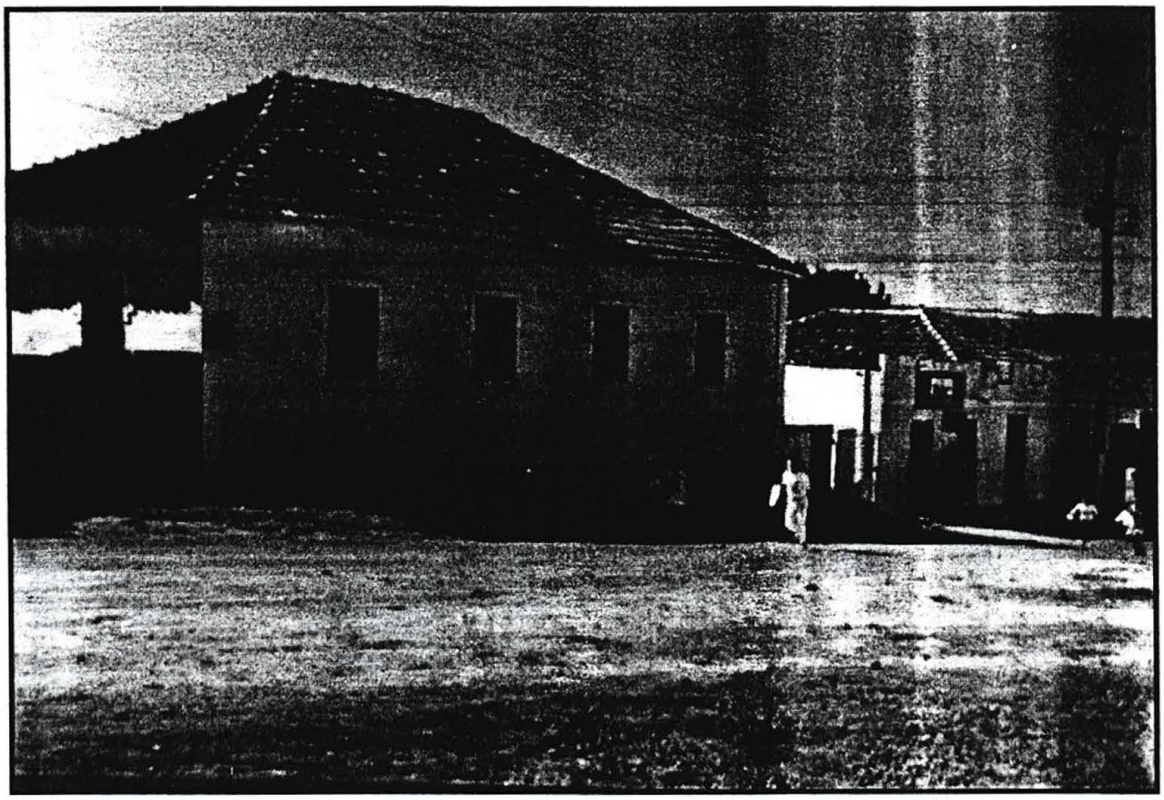
Sobrevoando ainda o bairro, pude perceber que até os últimos anos de sua existência, era um dos poucos que ainda conservava casarios antigos, tanto que era aí que estava ocalezinho uma das primeiras casas construídas no município, que foi transportado na íntegra para a cidade nova e transformou-se em casa da cultura. As demais residências, que eram em número muito reduzido, geralmente, conservavam o mesmo hábito das casas de toda a cidade, tendo como espaço mais utilizado a cozinha.

No bairro São Sebastião, cotidianamente, quando as pessoas não estavam em suas casas, ou no trabalho, eram no quintais que podíamos encontrá-las. Quando saiam, geralmente iam no armazém, na costureira, na casa de um vizinho, as vezes dar uma volta na praça aos domingos, após a missa na igreja. Além disso, os moradores dirigiam muito para o bairro São Miguel, para procurar um médico, ir nas lojas e principalmente para a Escola Estadual Josias Pinto. E o caminho não podia ser outro, descia pela rua Flôrencio Fernandes, chegava até a ponte João Pinheiro e atravessava o Rio Araguari. E o meu vôo, fez este percurso e encontrei ai o meu ponto de partida.

Percebi que alguma coisa estava diferente, as águas do rio estavam subindo. Subitamente fui pego de surpresa com um barulho enorme, fique



39) Inauguração da Igreja São Sebastião em 1.954.



40) Escola Estadual Prof. José Teodoro Borges inaugurada em 1.916 e a sua direita o Armagém São Sebatião de propriedade do senhor Arnaldo Inácio, ambos localizados no Bairro São Sebastião.

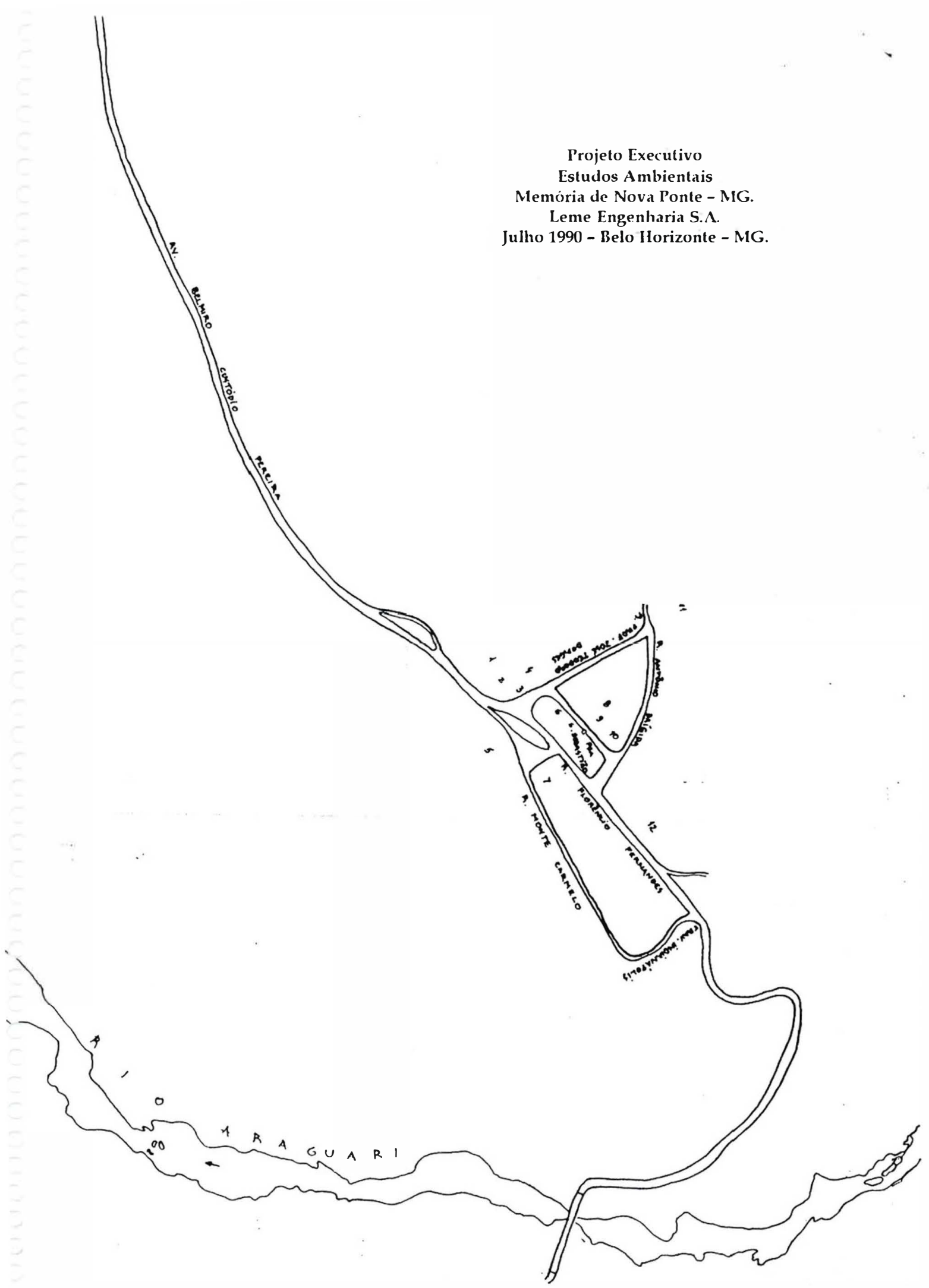
Bairro São Sebastião

Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte - MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 - Belo Horizonte - MG.

LEGENDA

1. CENTRO ESPÍRITA / CRECHE "O NAZARENO"
2. ARMAZÉM CALDEIRA ("ARMAZÉM DO SEU PRETO")
3. DEPÓSITO
4. BUTECO SÃO BENTO
5. IMOBILIÁRIA MAGALHÃES
6. PRAÇA / IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO
7. CEREALISTA BARBOSA
8. ESCOLA ESTADUAL SÃO MIGUEL
9. ARMAZÉM SÃO SEBASTIÃO (ARMAZÉM DO "NALDICO")
10. CEREALISTA PÁDUA E REZENDE (DESATIVADA)
11. CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL
12. BAR SÃO SEBASTIÃO

Projeto Executivo
Estudos Ambientais
Memória de Nova Ponte - MG.
Leme Engenharia S.A.
Julho 1990 - Belo Horizonte - MG.



extremamente assustado. mas depois vim a saber que eram as bombas, que abriam caminhos sobre as rochas para construção da hidrelétrica. Mas ainda tive tempo pra tomar um banho no rio, na famosa cachoeira do salto e dali buscar o ponto mais alto da cidade, que era torre da Igreja Matriz de São Miguel.

Pude visualizar toda a cidade, mas tudo era estranho aos meus olhos, a cidade não era mesma. Séra que demorei tanto tempo neste vôo? Onde estariam a maioria das casas? E as pessoas ! que quantidades! Quase não as reconheci. Parece que estavam em uma batalha. Pois eu olhava para um lado via umas correndo, outras andando apressadas, um comércio novo sendo aberto, um caminhão enorme cortando as ruas estreitas da cidade. Cheguei a pensar que seria um dilúvio, pois as águas do rio continuavam a subir. Até mesmo a ponte, quando olhei para o lado não existia mais. Mas na verdade é porque a cidade estava mudando de endereço.

Em meio a esses acontecimentos, ainda tive forças para raciocinar, pois em função do progresso, tudo que levou anos e anos para produzir, construir, estavam sendo destruídos. Toda a história, a cultura, as raízes, os valores estavam sendo submersos. O asfalto foi arrancado, a minha cidade virou um amontoado de escombros. Pois com a construção da Usina Hidrelétrica, a medida que as pessoas iam negociando com a empresa, tinham um tempo determinado para receber e mudar dali para a cidade nova.

Mas eu ainda continuava na torre da Igreja São Miguel, a mirar o espelho de água que se formava, quando fui tomado pelo barulho dos elos pesados de uma corrente que abraçava a torre, ela também iria para chão, compartilhar com o seu povo a angústia da destruição. O inevitável aconteceu, quando foi tomada pelo

primeiro arranco dos tratores que puxavam as correntes que entrelaçavam a torre. Tentou resistir, mas não conseguiu, em meio a uma nuvem de poeira o primeiro lance foi ao chão, mas ainda deixou a cabeça do padroeiro São Miguel exposto, como se estivesse dando o ultimo adeus, onde pude ainda pousar pela ultima vez, porque no segundo arranco, não resistiu, foi ao chão sendo novamente brindada por um cogumelo de poeira. E o meu vôo? Pra onde deveria seguir?

Pois nem mesmo os escombros me restariam, porque até eles também se afogariam. Por um momento, cheguei a pensar novamente: estou NAS ASAS DO TEMPO PERDIDO.

Apesar de tudo que aconteceu, apesar de toda esta transformação, o meu vôo não foi em vão, porque a cidade de Nova Ponte, hoje cidade velha, também tem endereço certo, ela vive nas "memórias " de cada um, que por lá passou, nasceu, cresceu sobreviveu, e testemunhou o seu fim, e com certeza busca em cada detalhe, em cada lembrança, em cada objeto reconstitui-la. E se estou na varanda da minha casa, ouvindo a música "Águas do Progresso", com certeza o meu vôo fez sentido. Pois na verdade o vôo das ASAS DO TEMPO PERDIDO:RE-CONSTRUINDO NOVA PONTE, tentou sobrevoar, o novo endereço da cidade que esta localizada no campo das "memórias", porque o meu objetivo, era pelo menos tentar não deixar tão submersa e esquecida a cidade velha de Nova Ponte.

Considerações Finais

Considerações Finais

Por ser de Nova Ponte, vivenciei quase todo o processo de transformação, que o município passou. Compactuei com as dúvidas, com a insegurança, com o receio de que nada pudesse dar certo. Esta transformação levada a cabo pela CEMIG, com a construção da hidrelétrica, foi em todos momentos justificada pelo discurso do "progresso". Que naturalmente pode ser visto, entendido e interpretado de várias maneiras.

Dentro desse contexto, acredito que, para a CEMIG, "progresso", significa produzir energia, para gerar lucros, para muitos moradores casa nova e cidade nova. Mas para mim, que partes estou com muitos moradores, "progresso", significa também: modernizar e preservar a cultura, significa ter melhores condições de vida, com salário justo, trabalho para todos, ser visto e aceito como cidadão digno de seus direitos e deveres, perante a sociedade. Dentro destas possibilidades, acredito que o "progresso" em Nova Ponte está por vir.

Não que eu seja pessimista, mas fui, como a grande parte da população, alimentado por estes sonhos, durante todos os anos que a cidade velha esperou por esta mudança. Pois as palavras de ordem eram: a cidade vai crescer, "progredir", vai melhorar, vai ter muito trabalho para todos, tudo será novo e moderno, o "povo" vai ser mais feliz. No entanto, na realidade não foi bem assim. Por um lado a CEMIG realmente veio, construiu a usina, indenizou os moradores, projetou e definiu os novos contornos da cidade nova de Nova Ponte. Por outro empregou e desempregou muita gente, os trabalhadores foram embora, dos três mil que

prestavam serviços diretos e indiretos, ficaram apenas um reduzido grupo de engenheiros, que operam a usina. Os fantasmas tomam formas diferentes, juntamente com a cidade nova, que oficialmente teve data marcada para iniciar a sua história.

Apesar destes fantasmas ainda rondarem, tenho esperanças de um dia poder dizer: - realmente o "progresso" chegou. Base material, infra-estrutura, e o novos contornos materiais, em relação ao seu tamanho, a cidade tem sobra, chegando a ser motivo de inveja por parte de suas irmãs vizinhas. E segundo informações da atual administração municipal (1997/2000), a cidade busca novas perspectivas, pautada principalmente no desenvolvimento do turismo, através do lago que se formou com a construção da usina hidrelétrica.

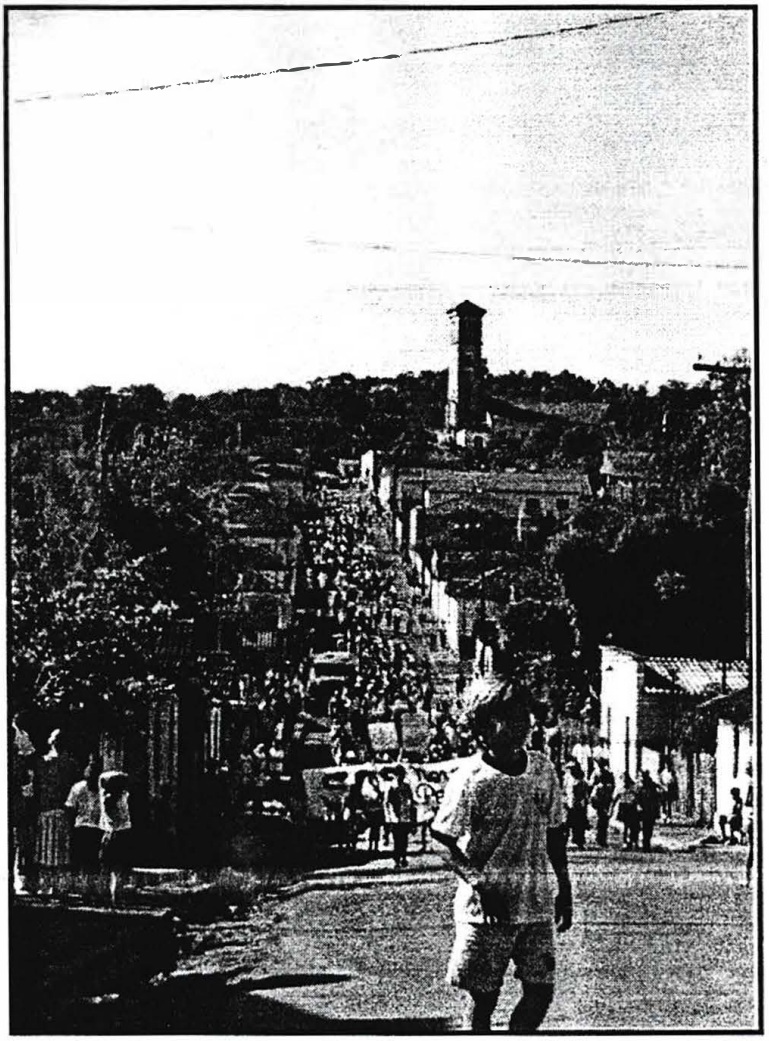
Enquanto aguardo esse futuro promissor, posso ainda sentir o cheiro de tinta nova, que encobre grande parte desse emaranhado de concreto que se formou. Mas na certeza de que "o estabelecimento de cidades implicaria no aparecimento de uma forma de cultura, caracterizada por papéis sociais altamente fragmentados, predominância de contatos secundários sobre os primários, isolamento, superficialidade, anonimato, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimentos sociais, afrouxamento dos laços familiares e competição individualista"1.

Dentro dessa forma de raciocínio, a cidade velha se torna muito relevante. Mas hoje ela habita , apenas nas lembranças, que estão sobre as águas navegando

1 OLIVEM, Rubens George. Urbanização e Mudança Social no Brasil. Petropolis, Vozes, 1980.

pelas "memórias". E é claro, que ao tentar reconstituí-la neste trabalho, por questão de tempo, deixei de mencionar aspectos muito importantes, entre eles, os desentendimentos dos moradores na hora de negociar suas casas, a escolha do local onde iriam morar na cidade nova, o dia dos trabalhadores na construção da obra, a Festa da Cavalhada, que é considerada a mais tradicional da região. Mas isto serve para evidenciar a tese de que é "muito cedo" para se concluir uma pesquisa sobre Nova Ponte.

E dentro dessa pesquisa, mesmo tendo trabalhado com fontes escritas, a questão da memória esteve sempre presente. O que eu escrevi não é nem sempre o que as pessoas queriam, pois muitas esperavam, que eu escrevesse uma determinada "memória". Mas acredito que valeu a intenção, se o que o que foi recuperado NAS ASAS DO TEMPO PERDIDO: RE-CONSTRUINDO NOVA PONTE, vai satisfazer ou não só tempo vai dizer, porque as "memórias" é um campo de batalha, no qual ainda posso questionar: Será que deveria sobrevoar? Ou seria melhor navegar ? Isto é uma outra história.



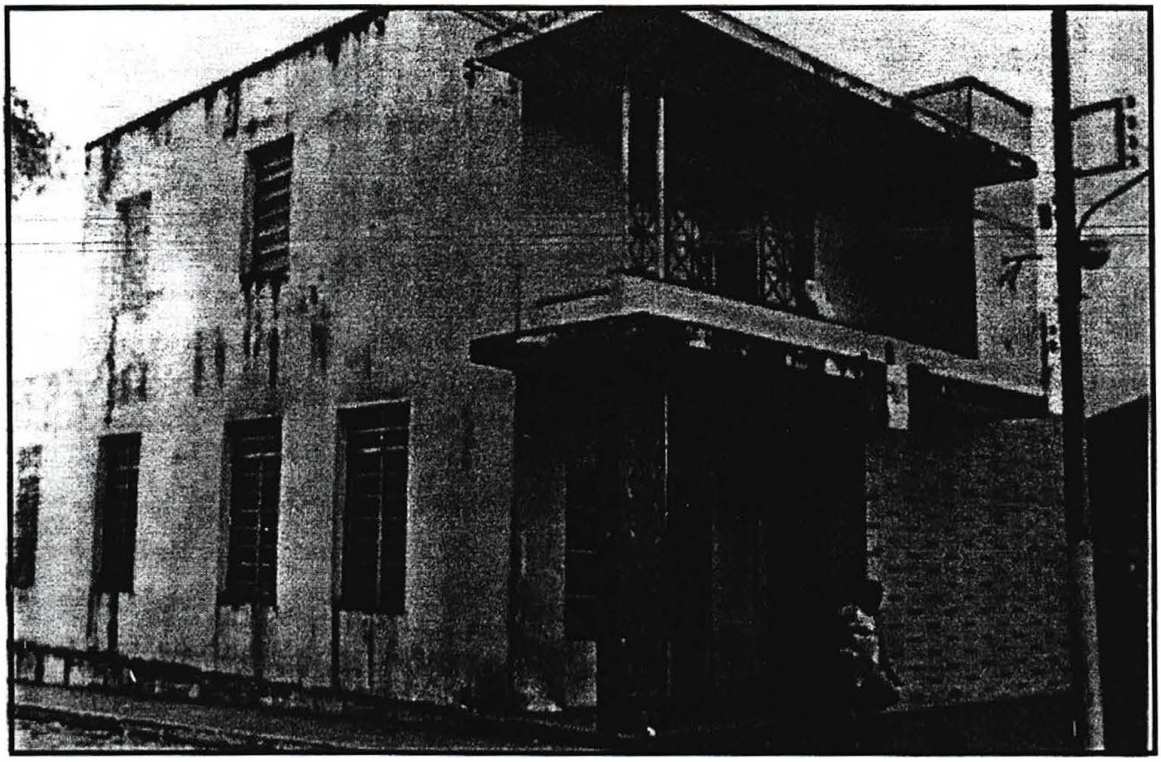
41) Caminhada do movimento S.O.S. Nova Ponte em Maio de 1.992.



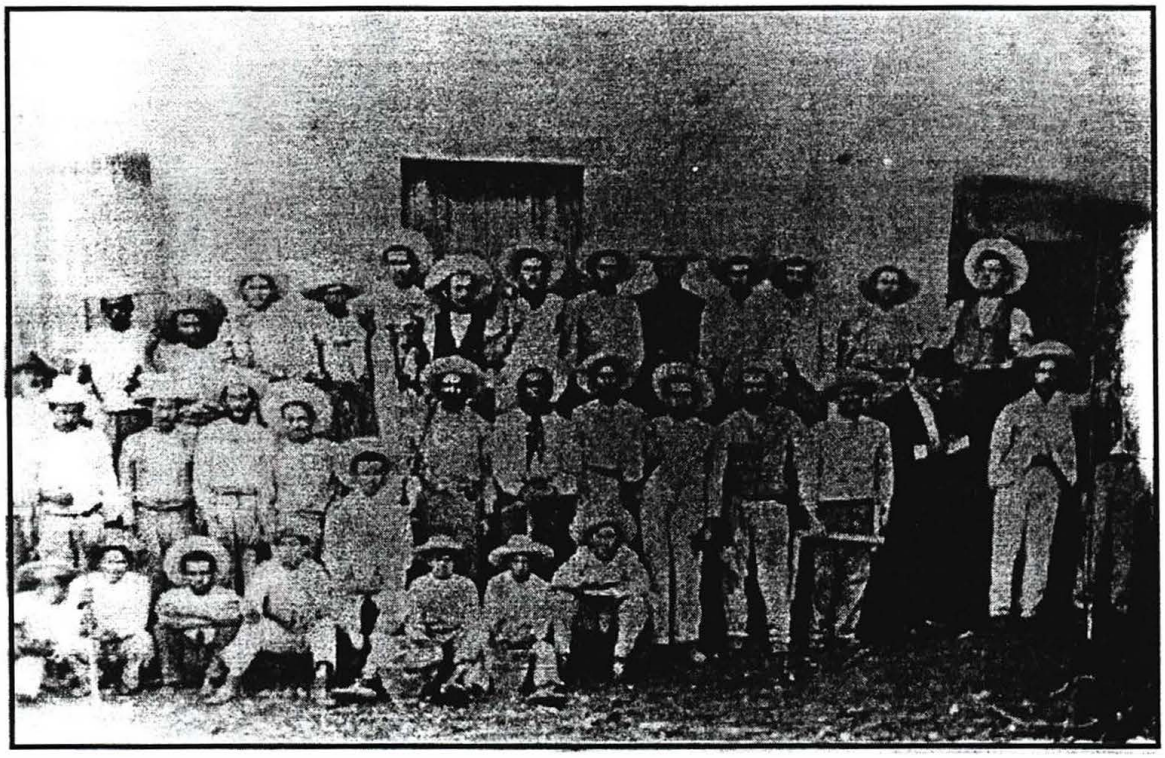
42) Protesto realizado em frente ao canteiro de obras da Cemig. Movimento S.O.S. Nova Ponte em 5 de Maio de 1.992.



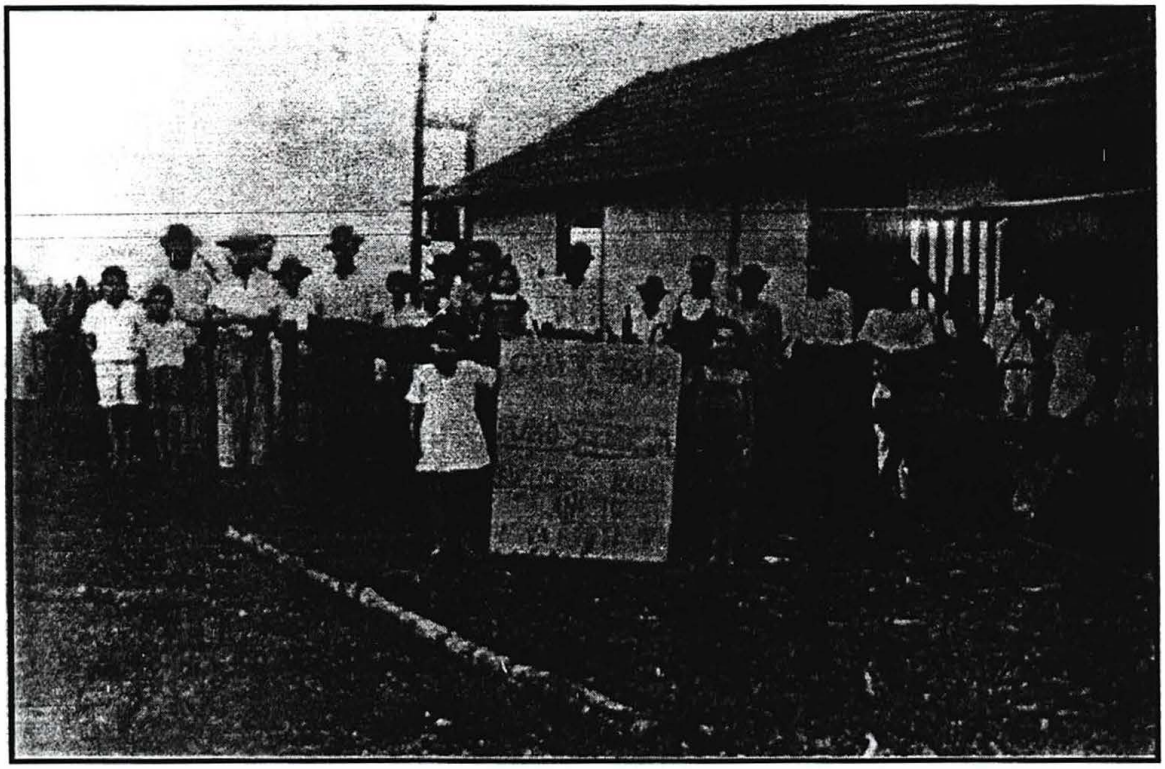
43) Cidade Velha de Nova ponte: vista do Bairro São João.



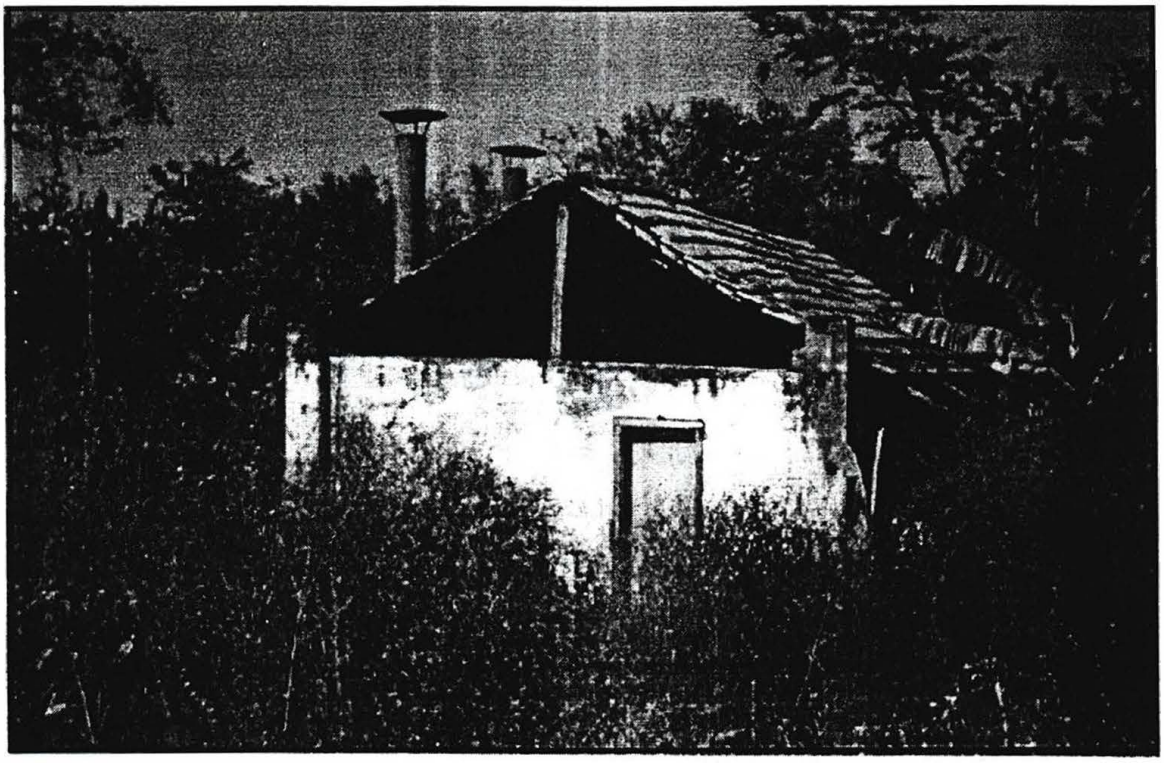
44) Prédio localizado na Avenida Governador Valadares: onde funcionava a Prefeitura, Câmara e a Biblioteca Municipal de Nova Ponte.



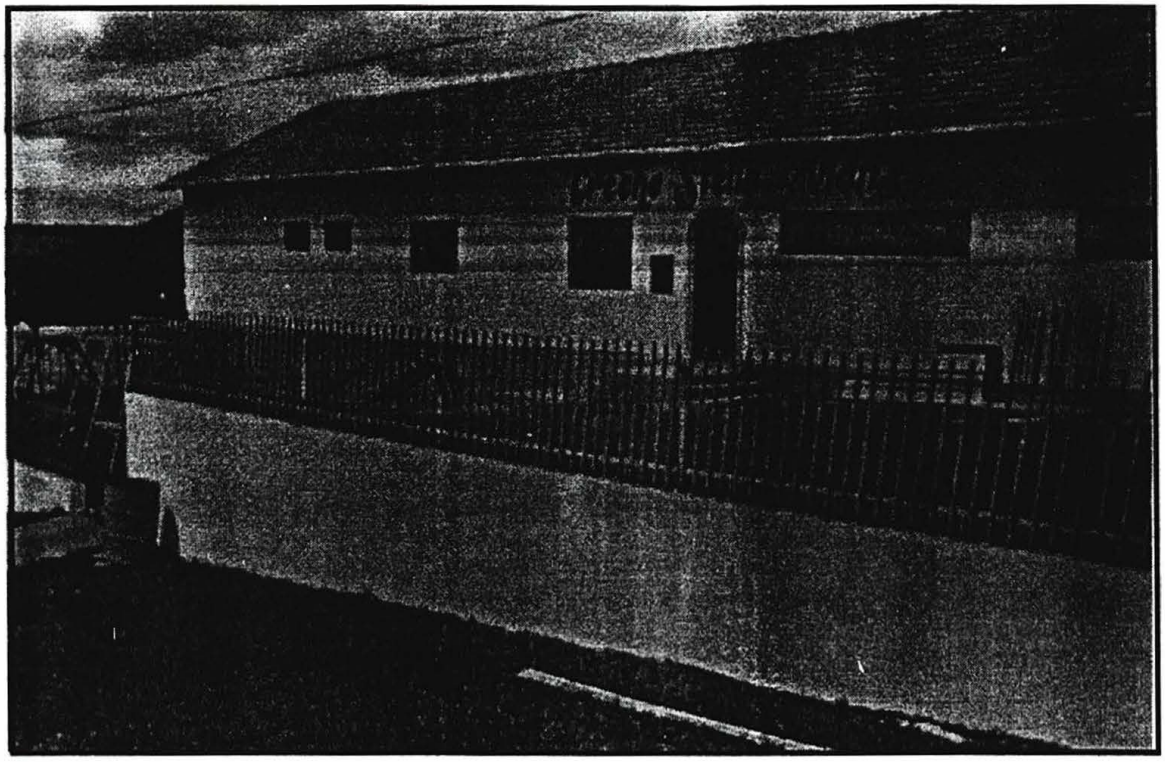
45) Construtores da Ponte João Pinheiro, sobre o Rio Araguari:
"A união facilitou a ligação dos Bairros São Miguel e São Sebastião".



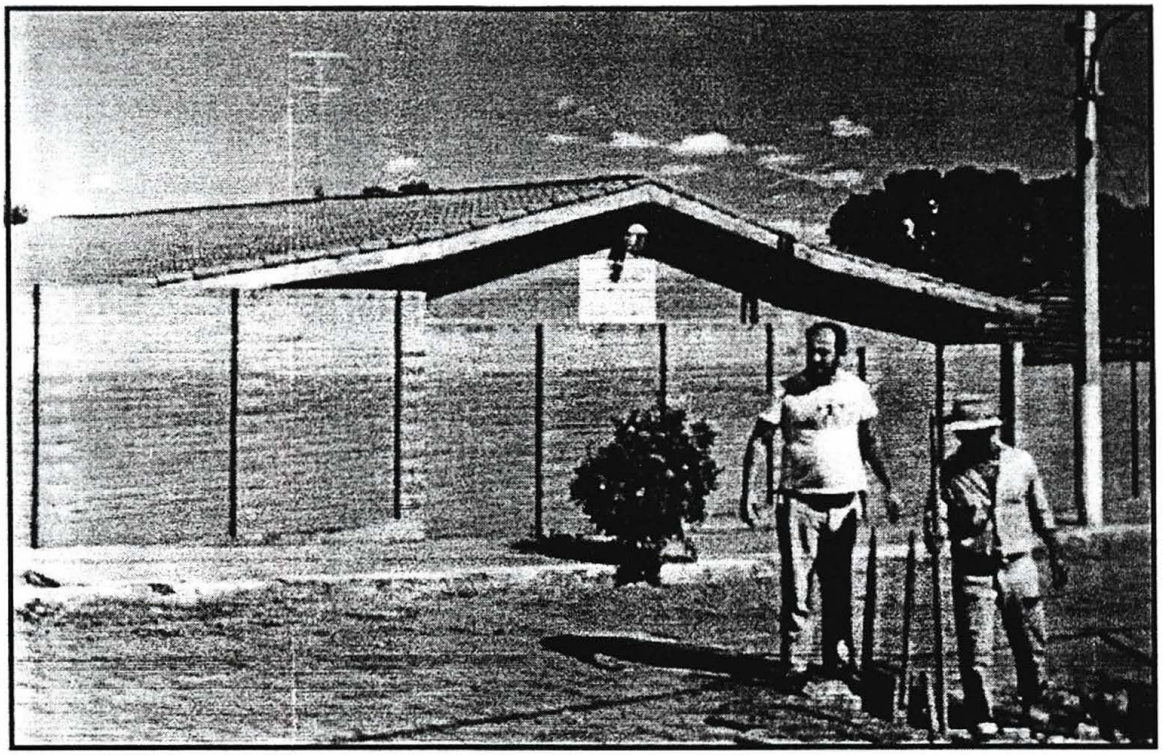
46) Fábrica de Fumo, durante a década de 40, instalada próximo ao Chalézinho.



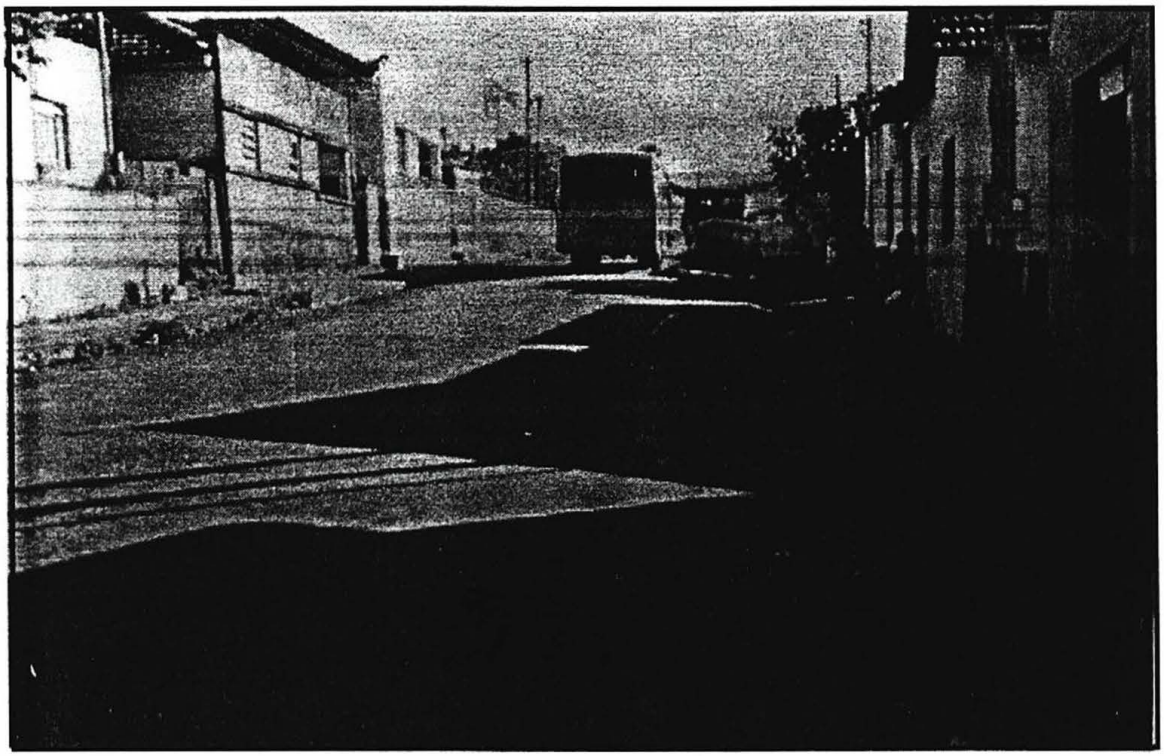
47) Fábrica de farinha: construida pelo padre Panfílio na década de 70.



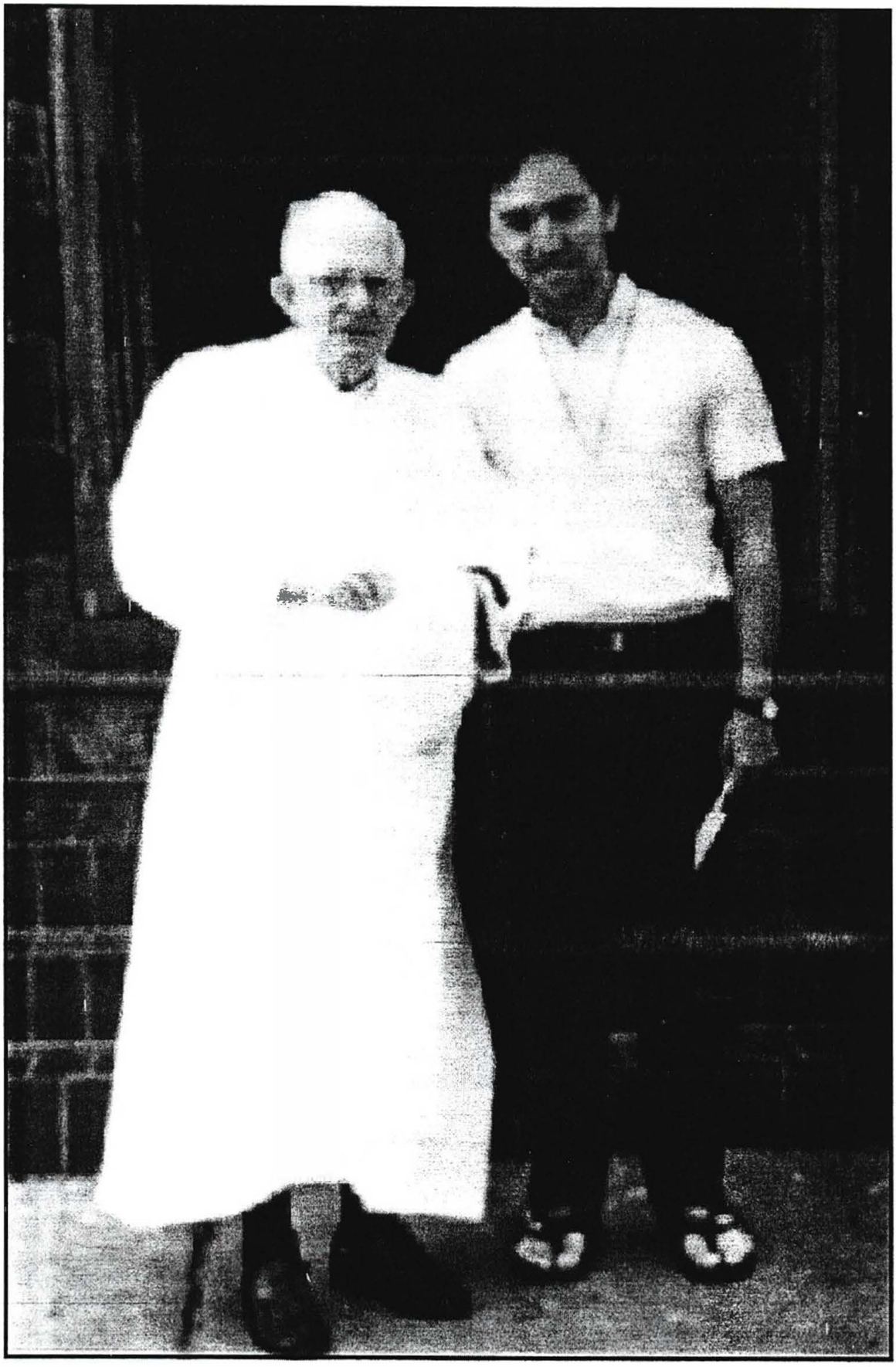
48) Creche Stela Maris: construida pelo padre Panfílio nos anos 80.



49) Creche Francisco de Assis, mantida pela família Sortino, na década de 80.



50) Aspecto da Rua Sacramento.



51) Depois de mais de duas décadas o Pároco da cidade de Nova Ponte, padre Panfílio, passa ao padre José Lourenço da Silva Junior a responsabilidade de administrar a Paróquia de São Miguel.

Lista de entrevistados

1. Abadia dos Santos, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, janeiro de 1998.
2. Mara Aparecida Palmiere Torres, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em janeiro de 1998.
3. João Francisco Fernandes, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em fevereiro de 1998.
4. Jorge Costa, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em março de 1998.
5. Joaquim Costa, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em março de 1998.
6. José Humberto Silva, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em março de 1998.
7. Newtom José da Silva, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em março de 1998.
8. Lucélia Resende, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em março de 1998.
9. Jurani Jorge, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em março de 1998.
10. Ricardo José Caetano, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em abril de 1998.
11. Antônio dos Reis Nascimento, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em abril de 1998.
12. Marcos da Rocha, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em junho de 1998.
13. Lourival Pereira Arantes, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em junho de 1998.
14. Jarbas Fernandes, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em agosto de 1998.
15. Jair Resende, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em agosto de 1998.
16. Ronalda Pontes de Resende, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em agosto de 1998.

17. Elza Resende do Nascimento, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em agosto de 1998.

18. Reginaldo Verri dos Santos, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em agosto de 1998.

19. Luiz Rosa, popular Tilico, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em agosto de 1998.

20. Antonio Carlos Tostão, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em agosto de 1998.

21. Maria Leônia Machado Melo, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em setembro de 1998.

22. Zilda Elias Rodrigues Resende, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em setembro de 1998.

23. Ireni Mendes dos Reis, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em setembro de 1998.

24. Gil Carneiro de Melo, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em setembro de 1998.

25. Nerestom Caldeira Brazão, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em dezembro de 1998.

26. Edsom Fortunato, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em dezembro de 1998.

27. Maria Claret Resende do Nascimento, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em dezembro de 1998.

28. José Euripedes do Prado, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, em janeiro de 1999.

29. Nicéia Abadia Barbosa, entrevista a Gabriel Nazaré Fortunato, janeiro de 1999.

Bibliografia

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. Mágia e técnica. arte política. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléia. Memória e sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CANAMBRA – POWER STUDY OF SOUTH CENTRAL BRASIL PART A – Minas Gerais, January, 1965.

CARLOS, Ana Fani. A Cidade: o homem e a cidade, a cidade e o cidadão de quem é o solo urbano. São Paulo, Contexto, 1994.

DUBY, Georges. A história continua. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

DUFLOTH, Simone Cristina. Estudo da construção de uma usina hidrelétrica de grande porte – análises dos aspectos energéticos da usina hidrelétrica de Nova Ponte. Belo Horizonte, UFMG, Dissertação de Mestrado, 1994.

FERREIRA, Rosa Maria. As águas e o tempo – memória de Nova Ponte. Dissertação de Mestrado, UFMG, Uberlândia, 1996.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo. Ed. Revista dos Tribunais/Vértice, s/d.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

IBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro, v. XXXVI.

JEUDY, Hemri-Pierre. Memórias do social. Rio de Janeiro, Forence Universitária, 1992.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família. São Paulo, EDUSP, 1993.

MATTOS, Olgária. "Memória e história em Walter Benjamin". In.: Departamento de patrimônio histórico. O direito a memória – patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, 1992.

MEMÓRIA HISTÓRICA DE NOVA PONTE, editado pela CEMIG, Belo Horizonte, junho de 1994,

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo, Contexto, 1992.

MORAIS, Marieta de. (org.). História oral e memória. Diadorim Editora, Rio de Janeiro. 1994

NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury, Projeto história, São Paulo, dezembro de 1995.

OLIVEM, Rubem George. Urbanização e mudança social no Brasil. Petrópolis, Vozes. 1980.

PAOOLI, Maria Célia. "Memória, história e cidadania". In.: Departamento de patrimônio histórico. O direito à memória – patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, Dep. De Patrimônio Histórico, 1992.

POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio". In.: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n.º 3, 1989.

PROUST, Marcel. No caminho de Swann. Trad. Mario Quintana. São Paulo, Abril Cultural, 1982.

RIBEIRO JUNIOR, Florisvaldo Paulo. Cenas do cotidiano uberabense nas últimas décadas da escravidão no Brasil. Monografia, Departamento de História, UFU, 1997.

ROSA, Luiz Pingueli. Energia e crise. Petrópolis, Vozes, 1984.

_____. (org). Impactos de grandes projetos hidrelétricos e nucleares. São Paulo, Marco Zero, 1998.

SANTANA, Charles Almeida. Fartura e venturas camponesas: trabalho, cotidiano e migrações. Dissertação de Mestrado em História, PUC, São Paulo, 1996.

SAMUEL, Rafael. "História local e história oral". In.: Revista Brasileira de História. n.º 19. São Paulo, Marco Zero/ANPUH, 1990.

SILVA, Vicente de Paula da. Destruição e reconstrução simbólica em tempos de modernização. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 1995.

SOARES DE FARIA, José. Monografia de Nova Ponte. Diretório Municipal de Geografia de Nova Ponte, Minas Gerais, Triângulo Mineiro, 1939.

THOMPSON, Paul. A voz do passado, história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TREVISAN, Marai José. 50 anos em 5. A FIESP e o desenvolvimento. Petrópolis, Vozes, 1995.

VIANA, Oliveira. Populacões meridionais do Brasil. Editora Nacional, São Paulo, 1992.

VILELA, Simone Maria de Araujo. Nova Ponte, uma paisagem a ser vivida. Belo Horizonte, UFMG. Dissertação de Mestrado, 1994.

Outros documentos

BORGES, Pedro. Notícia histórica de Nova Ponte. Folheto 1, 1914.

JORNAL, Folha de São Paulo. Nova Ponte – Tratamento de Choque contra o Pessimismo. Domingo, 6 de março de 1994, 2-II,

NOVA PONTE: 50 ANOS DE SUA HISTÓRIA. Prefeitura Municipal de Nova Ponte, Out./1988.

NOVA PONTE: CIDADE MORRE POR AFOGAMENTO. Belo Horizonte, 15 de março de 1992.

NOVA PONTE PROTESTA CONTRA OS ATASOS DA CEMIG NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE NOVA. Correio do Triângulo. Uberlândia, 12 de maio 1992.

NOVA PONTE: ÁGUAS VÃO COBRIR 135 ANOS DE HISTÓRIA. O Estado de São Paulo. São Paulo, 06 de junho, 1993.

NOVA PONTE, RECEITA DE ESPERANÇA. Estado de Minas. Belo Horizonte, 28 de março de 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE. Relatório Referente ao Exercício de 1939. (primeiro ano de vida autônoma do município), apresentado pelo prefeito Octávio Veiga.

REVISTA: DIRIGENTE CONSTRUTOR. V. XXVI, n.º 8, Ago/1990, p. 16-21.

REVISTA ISTO É MINAS, 102, 3/11/93, p. 12-15.

SÓ COM PEDRAS FUNDAMENTAIS NÃO SE CONSTRÓI UMA CIDADE. Correio do Triângulo, Uberlândia, 05 de maior de 1992.

UMA CIDADE MORRERÁ QUANDO SETEMBRO VIER. ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, 08 de março de 1992.

USINA HIDRELÉTRICA DE NOVA PONTE – CEMIG/1993.

Anexos

PREFEITURA MUNICIPAL
MINAS GERAES
NOVA PONTE
(TRIANGULO MINEIRO)

22-3-939.

Meus Senhores.

Nova Ponte vive hoje um de seus grandes dias, ao receber personalidades ilustres de administradores inteligentes e trabalhadores, que tanto tem engrandecido e engrandecerão cada vez mais, este grandioso rincão do nosso Estado o Triangulo Mineiro.

Ha pouco, aqui chegava o Snr. Dr. José Ribeiro, ilustre prefeito do Municipio de Sacramento, que veiu para compartilhar conosco, este dia grandioso para todos nós.

Agora, recebemos esta grandiosa e ilustre comitiva, que nos traz a pessoa daquele que será o nosso primeiro administrador-daquele que se depositam a esperança e a confiança de todos os filhos desta terra- daquele que em bôa hora, a larga e inteligente visão administrativa do nosso grande chefe e patriota, S.Ex. o Snr. Governador do Estado, foi buscar lá bem longe, na comodidade de seu gabinete, no meio em que se fez conhecido, e aonde se dedicava ao engrandecimento de sua terra- esta figura brilhante e admiravel de Octavio Veiga, funcionario exemplar, jornalista dos mais fulgurantes, que com a sua inteligencia moça, com tanto brilhantismo, tem dado provas de sua aprimorada cultura, e de quem muito podemos esperar, para engrandecimento desta terra.

Snr. Prefeito Octavio Veiga.

Aprensentando-lhe em nome do povo deste Municipio, as minhas cordiaes saudações e os melhores e mais sinceros votos de boas-vinda, eu tenho a certeza, que faço somente aquilo, que é o desejo unanime dos filhos desta terra.

Congratulo-me consigo, por ter a felicidade de vir admistrar um Municipio, em que todos os seus filhos, sem distinção de classe e sem o menor regionalismo, acham-se dispostos a colaborarem na administração, para maior grandesa desta terra.

Aproveitando-me desta oportunidade e com a sua devida licença eu apélo para que os seus primeiros atos de governo, visem antes de tudo o bem estar da coletividade brasileira, propuguinando pelo saneamento sanitario da região, e tambem pela difusão do ensino primario, para que seja este Minicipio, mais tarde, um dos celeiros de homens capazes de arcar, juntamente com todos os demais irmãos, com as grandes e pesadas responsabilidades, que o momento atual e da civilisação, deixa antever para o dia de amanhã.

Procurando difundir o ensino, estará resolvendo, segundo a opinião do saudoso e grande cientista Prof. Miguel Couto, o unico problema realmente a resolver no Brasil:- a educação de seu povo.

desnecessario porem se torna, que eu venha mostrar-lhe aquilo, que a sua sabia visão administrativa e lucida inteligencia, por certo aprenderão nos primeiros dias de seu governo.

Snr. Prefeito.

Com a sua benevolencia, eu abro aqui um parentesis, para dirigirme a dois vultos, a quem não poderemos deixar de render, as nossas homenagens neste dia festivo, pelo muito que fizeram por este Municipio:- refiro-me aos Prefeitos de Sacramento e Monte Carmelo.

Dr. José Ribeiro.

Nova Ponte, ao receber o seu primeiro administrador, não poderia deixar de lembrar a sua pessoa, que sempre se mostrou leal e dedicado amigo aos filhos do ex-distrito de Nova Ponte, que como eminente Prefeito do Municipio de Sacramento teve a ventura de tel-o sob a sua sabia e valiosa administração.

A sua pessoa, deve este Municipio uma grande parcéla de cooperação na sua formação, parcéla esta que representa os grandes enprehendimentos, que sempre com a melhor boa vontade, se dignou fazer pelo ex.distrito de Nova Ponte, hoje parte integrante deste novo e futuroso Municipio.

Continúa

Nº de folhas inserido pelo pesquisador do Projeto 172

PREFEITURA MUNICIPAL

MINAS GERAES
NOVA-PONTE
(TRIANGULO MINEIRO)

Continuação

Esperando pois, muito bem traduzir o desejo e pensamento unanime de todos os seus filhos, é que eu me dirijo em seu nome á sua pessoa para lhe testemunhar o quanto lhe são imensamente gratos, por tudo aquilo, que por aqui teve oportunidade de fazer.

A sua pessoa, a quem muito devem, pela cooperação eficiente e dedicada quando da creação deste Municipio, palavras não seriam suficientes para lhe demonstrar o quanto lhe são verdadeiramente reconhecidos, pois, nem sempre se torna possivel expressar aquilo que os corações falariam, se lhes fossem permitidas taes faculdades.

Aceitai pois, Dr. José Ribeiro, os mais sinceros e calorosos agradecimentos de todos os filhos desta terra, seus amigos e admiradores, pelo bem que sempre lhes procurou fazer.

Aceitai ainda, os nossos sinceros votos de felicidades pessoal e administrativa á frente do prospero Municipio de Sacramento.

Ao Prefeito de Monte Carmelo, Snr. José Cardoso; tambem não poderiamos deixar de render nossas homenagens e agradecimentos, pois, teve ele uma boa parcela de cooperação, na formação deste Municipio, que tem como parte integrante o ex-distrito de S. Seabastião da Ponte Nova, até então sob a sua valiosa e inteligente administração.

A ele pois, os agradecimentos sinceros e os votos de felicidades de todos os filhos deste Municipio.

Meus Senhores.

Agora, que aí tendes o vosso Prefeito, aquelle que procurará elevar dada vez mais alto, o nome e a grandeza deste prospero Municipio, deveis trabalhar com afinco e serenidade, cooperando com o seu governo, sem desvanecimentos, frentando com galhardia todo e qualquer obestaculo, que por ventura venha surgir, para que tenha ele, o estimulo e a certeza, que governa com a colaboração e satisfação de todos os filhos desta terra.

Snr. Prefeito Octavio Veiga.

Terminando esta minha daudação, faço os mais sinceros votos para que a sua administração, seja sempre abençoada pelo todo Poderoso, e que os seus fundos recompensem o seu sacrificio, para sua maior e mais justa satisfação.

Tenho dito.

Nova Ponte, 22 de Março de 1939.

Dr. Ruí Santa Cecilia.

Trabalho realizado em 1963 na Semana da Comunidade pela Classe da Professora Jacy B. de Carvalho. — PLANO Dr. Lucas Lopes. — Governador Juscelino K. Oliveira

A cachoeira do Salto de Nova Ponte, tem uma queda natural de 19,50 mts.

Foi procedido pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica de Minas Gerais, o estudo do potencial hidráulico e feitas duas plantas, em 1952, quanto ao local de assentamento das usinas e máquinas, sendo uma acima da ponte, como início do canal, cabeceira, barragem no fundo maior da cachoeira do salto e outro com a barragem pouco abaixo da ponte e assentamento das máquinas na barranca.

Na queda de dezenove e meio metros, segundo o cálculo feito pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica, dá, sem inundação 105 metros cúbicos por segundo e que equivale a 25 mil cavalos de força.

O Govêrno Federal concedeu o aproveitamento da cachoeira ao Estado de Minas Gerais, que deveria ficar a cargo da CEMIG, entretanto, dizem não haver conveniência em aproveitamento de pequenas cachoeiras e sim de grandes potenciais, motivo porque ainda não foi aproveitada ésta queda d'água pela CEMIG.

Da esquerda para a direita – auxiliar dos engenheiros = Geral do motorista – Dr. José Carlos Ferreira Gomes, Diretor de Escola de Ouro Preto – M. Pimentel de Godoy – Dr. Freire.



Estudos realizados em – 1952 – Foto tirada na cidade Antiga de Nova Ponte.

A séta indica os engenheiros que mediram o potencial de água do nosso rio e fizeram os estudos nos dois locais



Estudos realizados em 1952 pelos Engenheiros:
Primeiro da esquerda para a direita: auxiliar dos engenheiros. Geraldo Motorista - Dr. José Carlos Ferreira Diretor da Escola de Ouro Preto — M. Pimentel de Godoy — Dr. Freire;

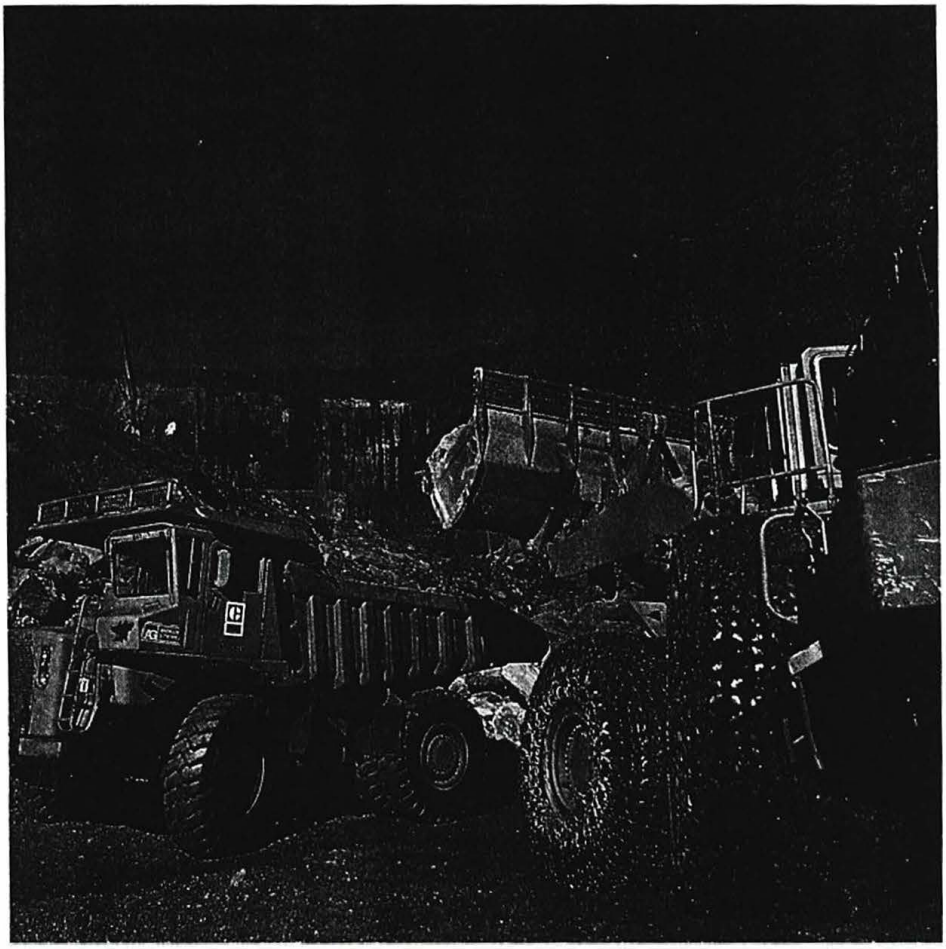
Nova Ponte

Enfrentando o desafio energético

Sobrecarregado pelo crescimento da demanda, o parque energético brasileiro prevê tempos difíceis, com o risco da escassez de energia e a conseqüente adoção de racionamento. No entanto, no Interior mineiro, a usina de Nova Ponte mostra que, através de projetos técnica e economicamente viáveis, é possível superar a incerteza e contribuir para a reversão desta conjuntura adversa.



Para o inicio de construção da usina de Nova Ponte, máquinas deslocaram blocos de rocha (foto), assentando-os no leito do rio, impedindo a passagem das águas e forçando-as a correrem através de canais de desvio. As obras da barragem estão em andamento no leito seco do rio.



O alerta já foi dado pela Eletrobrás: se as obras do sistema energético brasileiro não cumprirem seus cronogramas estabelecidos, a região Sudeste, que concentra cerca de 40% da população e 62% do Produto Interno Bruto do País, poderá conviver, dentro de três anos, com o racionamento de energia. Este quadro dramático desponta dos estudos do último programa decenal de geração do sistema interligado Sudeste/Centro-Oeste e Sul, que prevê, entre 1988 e 1997, a entrada em operação de mais 51 usinas hidrelétricas, nove unidades térmicas a carvão e duas usinas nucleares. Nesta projeção, a região Sudeste, mesmo com o cronograma de obras rigorosamente cumprido, será deficitária de energia a partir de 1991, e deverá contar com a disponibilidade da região Sul para suprir seu mercado.

Em alguns Estados, a situação mostra-se particularmente crítica e exige um empenho permanente para assegurar a execução das metas previstas. Este é o caso de Minas Gerais que, já dependente de cotas de Itaipu, deverá ampliar, a partir do próximo ano, suas compras de energia proveniente desta hidrelétrica. Em uma década, o Estado tem o desafio de construir, através da Companhia Energética de Minas Gerais-Cemig, dezesseis novas hidrelétricas.

Dentro deste contexto, a Andrade Gutierrez constrói a hidrelétrica de Nova Ponte, cerca de 550 km de Belo Horizonte, no Triângulo Mineiro, capaz de ampliar a produção energética da Cemig em mais de 510.000 Kw, a partir de 1992. Esta usina apresenta um perfil que torna seu projeto um dos melhores do País, sob o ponto de vista técnico-econômico. Devido à sua localização estratégica no rio Araguari, Nova Ponte ampliará a capacidade de geração das hidrelétricas de Miranda e Capim Branco, com implantação prevista à sua jusante, além de contribuir para a regularização de cursos d'água e o incremento da produção de energia de usinas como as de Itumbiara, Cachoeira Dourada e São Simão, no rio Paranaíba, e Ilha Solteira, Jupiá, Porto Primavera, Ilha Grande e Itaipú, no rio Paraná.

O meio ambiente

Na implantação de Nova Ponte, a Cemig e a Andrade Gutierrez adotam um programa de meio ambiente, aprovado em Minas Gerais pelo Conselho Estadual de Política Ambiental-Copam, que segue, pela primeira vez no Brasil, a orientação do Conselho Nacional do Meio Ambiente - Conama, e as recomendações da própria Eletrobrás para minimizar os impactos no setor.

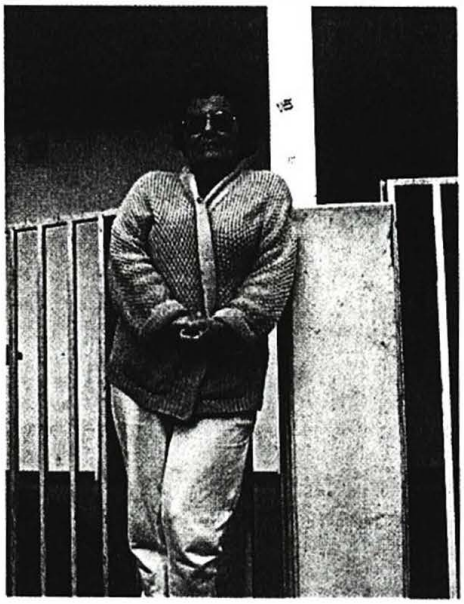
Nos últimos meses, este trabalho mobiliza técnicos de diversos departamentos da Cemig e, ainda, equipes multidisciplinares constituídas por mais de uma centena de especialistas de empresas de consultoria e de entidades e órgãos públicos.

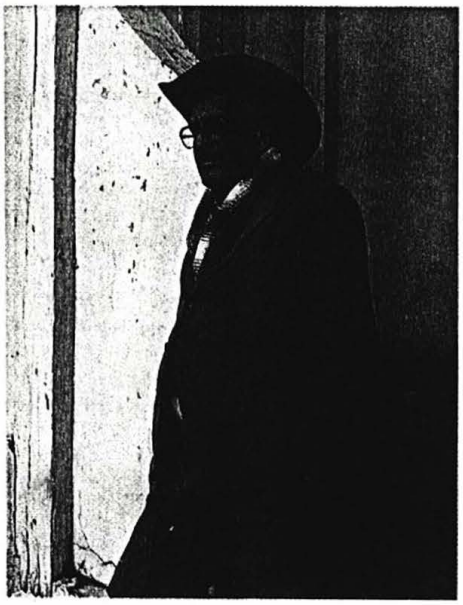
Os estudos irão permitir a definição de programas e projetos como exploração e limpeza do

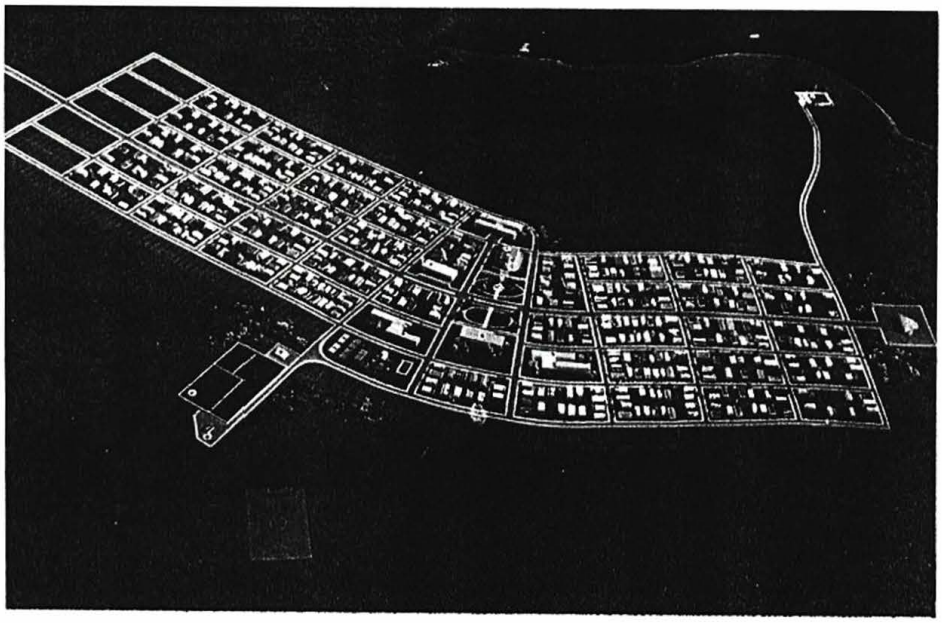
reservatório, aproveitamento econômico da biomassa vegetal, remoção de artefatos arqueológicos, manejo e preservação da fauna, implantação de reservas biológicas e criação de uma estação de controle ambiental.
Nas obras, os cuidados preservacionistas vão desde a proteção de taludes e áreas descobertas com gramineas, evitando erosões e desmoronamentos, até a reconstituição dos terrenos nas jazidas de solo e rocha, fora do limite da área do reservatório.
Os caminhos de serviço estão reduzidos ao essencial, evitando afetar os ambientes naturais.
Mesmo assim, quando é feita a terraplenagem, o material orgânico é estocado para posterior recomposição do ambiente.

Uma nova cidade

Uma das medidas necessárias para a implantação da usina é a transferência dos 5.000 habitantes da cidade de Nova Ponte, situada no perímetro do reservatório, para outra em execução, a cerca de 3 km da antiga. A nova cidade será edificada dentro de modernos padrões de urbanismo, com toda infra-estrutura necessária e após ter seu projeto amplamente discutido com as lideranças locais.
Na nova cidade, os habitantes terão

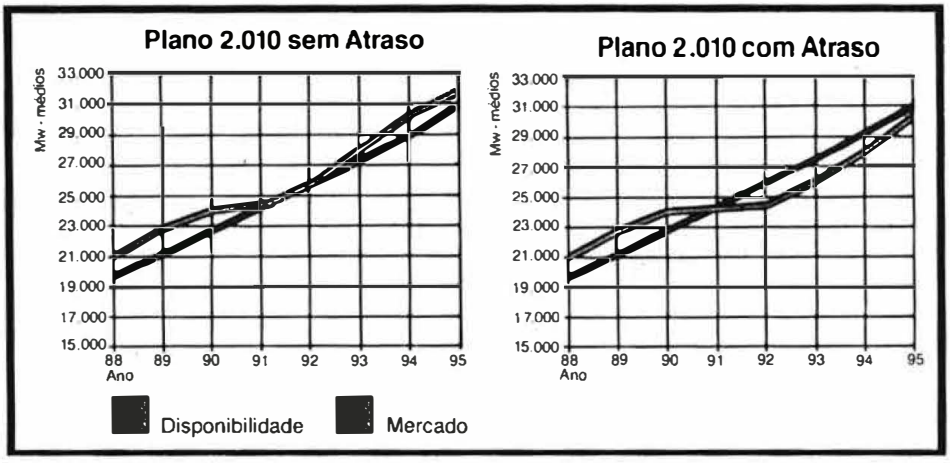




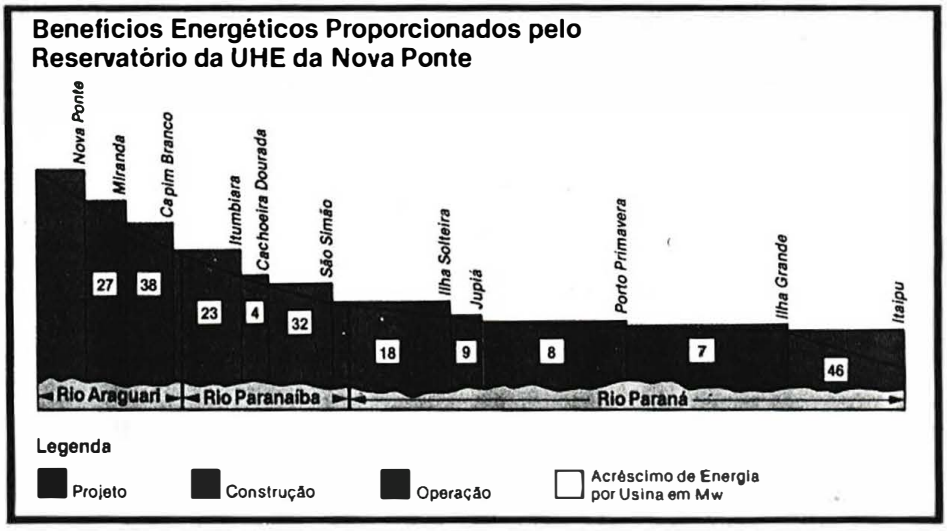


O reservatório da usina exigirá a transferência dos habitantes de Nova Ponte para outro local próximo, com completa infra-estrutura (veja maquete ao lado). Moradores, como a professora aposentada Maria Aparecida Torres, testemunham que a Cemig "discutiu muito com a população, ante de definir o projeto da nova cidade". Para ela, apesar do aspecto sentimental, a mudança é "para o benefício de Minas e do Brasil". O fazendeiro José Machado Rezende mostra-se confiante: "a futura cidade será muito melhor do que a atual"

serviços públicos como abastecimento de água e tratamento de esgotos, antes deficientes ou inexistentes.
A estrutura urbana estará preparada para 7.000 pessoas, possuindo 1.800 lotes, entre os quais 76 reservados para microempresas. Ao todo, a cidade envolve a construção de 76.500 m² de obras, contando com 24 km de ruas e acessos pavimentados e 1.300 residências.
Em março de 1991, a cidade deverá estar inteiramente concluída, mas poderá receber os primeiros moradores no final de 1990.
As questões ligadas aos valores afetivos da população também estão sendo observadas. Foram realizados, através de entidades especializadas, o levantamento e a preservação da história social, arquitetônica e urbanística da cidade. O material resgatado neste trabalho será abrigado em um museu, a ser instalado na casa mais antiga de Nova Ponte, construída no século XIX e que, por seu valor histórico, será transferida para a nova cidade e restaurada.
A Cemig e a Andrade Gutierrez também não se têm descuidado de iniciativas imediatas de interesse comunitário. Entre elas, o apoio médico à população em várias localidades da região e a ampliação e melhoria do hospital da atual cidade de Nova Ponte. "Com a construção da hidrelétrica, a cidade já ganhou muita coisa e vai ganhar muito mais", reconhece o prefeito do município, Gil Carneiro de Melo, certo de que a economia local será fortalecida pelo empreendimento.
Com as obras em execução, Nova Ponte e diversos outros municípios da região têm registrado o aquecimento do comércio e a ampliação do mercado de trabalho.
Durante a implantação de Nova Ponte, também está assegurada a qualidade de vida dos funcionários que executam as obras e de seus familiares. Foi construída uma vila



Nos próximos anos, o atendimento das demandas energéticas do Brasil estará gravemente comprometido, se não houver o cumprimento rigoroso do "Plano 2.010" da Eletrobrás e empresas do setor, que prevê a construção de obras decisivas como Nova Ponte. Quando em operação, esta usina irá acrescentar 11% de potencial energético ao parque de geração mineiro - atualmente, o Estado já é dependente de cotas de Itaipu - e contribuir para aumentar a capacidade de produção de outras usinas à sua jusante.



residencial, com 942 moradias e 82 pavilhões de alojamento, em área totalmente asfaltada e arborizada, e com completa infra-estrutura urbana para seus habitantes. Na vila, o comércio implantado foi entregue, preferencialmente, à gerência de profissionais da própria região.

O perfil da obra

Com sua construção iniciada em maio de 1987, a usina de Nova Ponte terá uma barragem do tipo enrocamento, com altura máxima de 128 m e extensão na crista de 1.620 m, possibilitando a acumulação de 12.800.000.000 m^3 de água, o equivalente a quase quatro vezes o volume da Baia da Guanabara. Sua execução envolve volumes expressivos, como 200.000 m^3 de concreto nas estruturas de geração e de extravasamento, 3.900.000 m^3 de escavação em rocha, 14.000.000 m^3 de escavação mecanizada e 12.700.000 m^3 de aterro na barragem.

Certas características de Nova Ponte também revelam o porte da obra.

Entre a tomada d'água, com 60 m de altura, e a "casa de força", que vai utilizar turbinas Francis, serão construídos três condutos forçados, compreendendo dois trechos, um horizontal, com 230 m de extensão, e outro inclinado em 50 graus, com 57 m. O vertedouro, de superfície, dotado de sistema de comportas radiais, e com calha de 720 m de comprimento e 33 m de largura, será o primeiro da Cemig em rocha não revestida de concreto. Apenas o trecho entre a ogiva e o contato com os derrames de rocha será revestido.

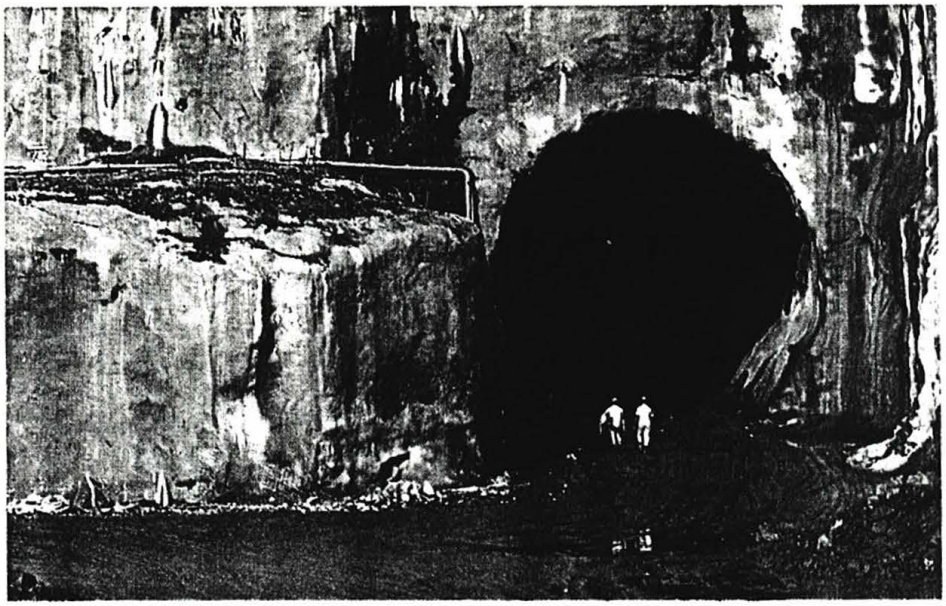
O desvio do rio Araguari está sendo feito através de dois túneis, um com 472 m de comprimento e outro com 392 m. Dispostos em níveis diferentes, a 25 m de altura um do outro, os túneis vão absorver uma vazão afluente de desvio de até 2.000 m^3/s. No período mais seco do ano, apenas o túnel inferior será suficiente para realizar o escoamento da descarga. Este túnel está dotado de um sistema de comportas para permitir o fechamento do rio em meados de 1991, dando início ao enchimento do reservatório. Portanto, o túnel superior será utilizado apenas para vazão d'água nos períodos de cheia.

Assim, movimentando grandes volumes e aplicando técnicas avançadas, a engenharia brasileira vai erguendo, com Nova Ponte, uma obra fundamental para os mercados de energia de Minas Gerais e da região Sudeste, ao acrescentar 11% de potencial energético à capacidade de geração da Cemig, em um de seus momentos mais decisivos.

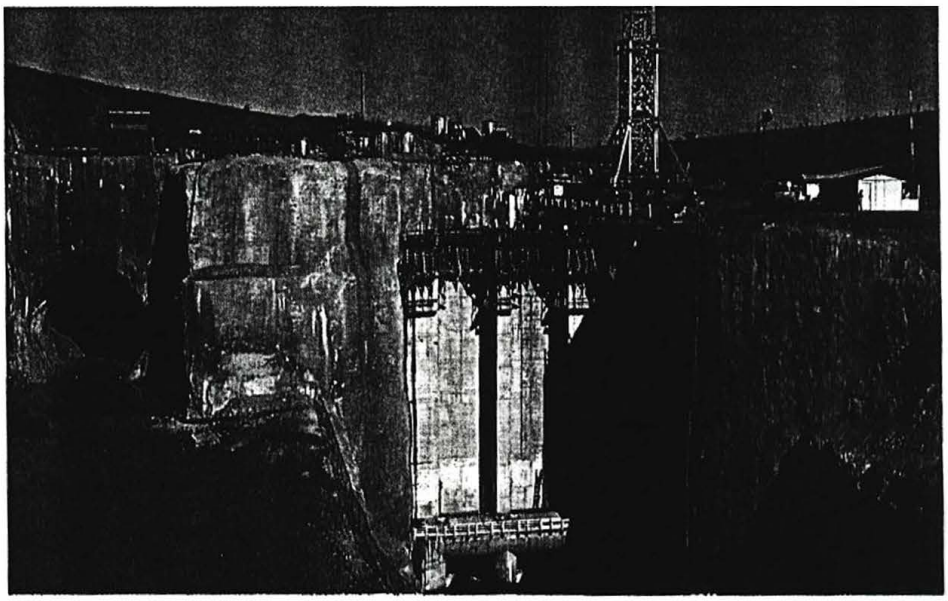


Uma série de atividades estão sendo realizadas em Nova Ponte para se conhecer e preservar o meio ambiente local, reduzindo os impactos da usina. O programa adotado reconstituirá os terrenos naturais de jazidas e caminhos de serviço, e protegerá taludes e áreas descobertas, evitando erosões e desmoronamentos. Milhares de mudas já estão reservadas para o trabalho de recuperação ambiental.

Somando 865 m de extensão, os túneis de desvio têm vazão conjunta de 2.000 m^3/s.



O túnel de desvio superior (à esquerda na foto) recebe a vazão do rio no período de cheia e o inferior, o único com comporta de concreto, o ano todo. Quando os serviços da barragem estiverem adiantados, a comporta será fechada, permitindo o início da formação do reservatório da usina.



Construída no leito do rio, a barragem será do tipo enrocamento e terá, respectivamente, altura e extensão máxima de 128 e 1620 m, possibilitando a acumulação de 12.800.000.000 m^3 de água.



CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO, ANTIGA CIDADE DE NOVA PONTE.

É um patrimônio, que faz parte do segundo sub distrito de Nova Ponte, desde o início de sua existência, segundo dizem dados históricos, tendo a imagem do padroeiro "São Sebastião", vindo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, hoje Rio de Janeiro. Conheci a capela na adolescência, mas pude guardar nítidas recordações dos anos próximos a 1.950. Era uma construção típica da época, onde eram vistos detalhes artísticos, nas resistentes madeiras (esteios, portais e janelas de aroeiras), pintados de azul anil, paredes a cal, branco e pelo estado de conservação, era possível concluir que sua construção, já contava com algumas décadas, pois uma boa parte da mesma já estava comprometida, exigindo algumas reformas de imediato. Mas como tratava-se de um investimento caro e o espaço físico já tornara pequeno para acomodar os devotos de São Sebastião. Nasce aí idéias para construção de um novo templo, aumentando o espaço físico e dando alguns passos, acompanhando a modernidade. Surgem os primeiros encontros, liderados pelo grande batalhador da época, Padre Panfílio Van den Broeck, que contou com o apoio dos representantes da comunidade: Florêncio Gonçalves Fernandes, João Gonçalves Fernandes (Joanico)), Antônio José da Silva Fernandes, José Teodoro Borges, Irineu Gonçalves Montes, Onécio Caldeira Brasão, Mário Naves de Oliveira, Jerônimo Carneiro da Silva, Armando Espíndola Carneiro, Alfeu Pires de Miranda, Joaquim Espíndola Carneiro, Olvinto Resende Pereira e a comunidade em geral, uniram-se em busca de recursos, para o início da sonhada obra. Otimista, o vigário da época, corre até a cúria em Uberaba, levando em seu coração, o seu ideal, que também era de toda a comunidade, ao seu superior, Bispo D. Almir Marques Teixeira, tendo recebido total apoio, inclusive foi o eleborador do projeto, colhendo para isso, às sugestões do Padre Panfílio, que havia trazido em sua mente, um estilo moderno, visto em sua terra natal, cidade da Holanda que não me recordo o nome.

Autorizado a iniciar à construção, começa então, a luta para conseguir os necessários recursos. É programada a primeira grande festa do padroeiro, 20 de janeiro. Nomeia-se uma comissão de festas, sob a responsabilidade do Senhor João Gonçalves Fernandes e partem para a zona rural, inclusive o Padre Panfílio, pedindo aos fazendeiros, arrendatários, a doação de bezerros, frangos, porcos, cereais, esclarecendo que seria uma ajuda para construção de uma nova igreja, tendo o povo entendido e colaborado. Durante a novena, eram rezados os terços e após os mesmos, eram realizados leilões das prendas, oferecidas pelas novenárias, que também participaram ativamente de todo movimento. O leilão era feito pelo Senhor Joaquim Leandro, que tinha como secretário, o Senhor Antônio Brígida. Aconchegante e movimentado rancho foi construído, havendo danças, venda de salgados, bebidas e até o famoso "correio elegante", mexendo com o coração da juventude, valendo de tudo para angariar donativos. Houve até concurso de rainha, que também foi uma boa fonte de arrecadação, tendo sido eleita a Senhorita Maria Adeile de Resende. Chega o momento tão aguardado, o dia da festa e a comunidade fica assustada, com tanta generosidade, os animais ofertados pelo povo, era motivo de muita alegria. Terminada a festa, é iniciada a construção, continuando ainda a participação ativa de todos, principalmente dos fazendeiros da região. É demolida o restante da construção existente, ficando apenas um pequeno cômodo, não sei explicar bem se era o destinado à sacristia, mas acredito que sim, que serviria de depósitos para os primeiros materiais de construção (cimento, ferragens, cal, etc.). como o bairro não era servido por água canalizada, foi construído um rego até o Alto São João, trazendo água por queda natural do córrego "José Paulino", que permaneceu até o final da construção. As pedras utilizadas nos alicerces, vieram das fazendas mais próximas e chegaram até a construção, através de favores dos proprietários de carros de bois do Município. Tudo era uma verdadeira festa, principalmente para as crianças e juventude, que sempre acompanhavam todos os passos.

É inaugurada a pedra fundamental, que mais parecia uma mesa, de forma retangular, perfurada ao centro, onde foram depositadas mensagens, moedas e alguns objetos, não me lembro se havia alguma coisa de valor monetário, mas sei que foram historicamente valiosos e fiquei triste, ao saber que nada disso foi resgatado na mudança da cidade, e hoje está debaixo das águas, escondendo um passado de quase meio século. Inicia-se a obra, sendo construtor o pedreiro Rafael Verri, que com muita responsabilidade, coloca as primeiras pedras do alicerce, onde seriam erguidas as paredes, sendo a construção de tijolinhos, vindos da olaria do senhor Jerônimo Carneiro da Silva, situada no local denominado "Varjão", distante aproximadamente a 05 Km da construção. Coisa que nos causava admiração era o processo de perfuração, onde seria erguida a torre, no fundo da nova igreja, com aproximadamente 50 m. de altura. Foi tudo com broca manual, pois na época não existia a facilidade de hoje, na construção civil. Enquanto era construída a nova igreja, os cultos eram praticados em um barracão próximo ao local, de propriedade do Senhor Florêncio Gonçalves Fernandes, que foi um grande benfeitor de Nova Ponte. Outras festas aconteceram no mesmo estilo, sempre havendo a colaboração e presença unânime do público, que era, na maioria, católico apostólico romano. Durante a construção, outros pedreiros também trabalharam como: João Tarcísio Borges, José Damasio, José Damasio Filho, Ubaldo Damasio (acabamento), Edson Fortunato (construtor da laje que era de forma oval, sendo considerado trabalho artístico), Ataíde Dias Barbosa (parte elétrica, sendo encoberta, a primeira que vimos), sendo seu auxiliar o Senhor Sebastião Silvério do Prado. Em 1.954, após muita luta e trabalho, a obra é inaugurada e para celebrar a primeira eucaristia, vem o bispo Dom Almir Marques Teixeira, pessoa simpática, carismática e intelectual, conquista mais ainda os adeptos do mártir São Sebastião, que agora, de casa nova, agasalha confortavelmente todos os seus seguidores, só que nesta missa, foi impossível, o público era realmente muito grande, lotaram até as calçadas. A animação contou também com a banda de música do IV Batalhão da Polícia Militar de Uberaba, que procurou contaminar a população de forma fantástica, executando as mais belas músicas.

À tarde, por volta das 18:00 (dezoito) horas, saia pelas principais ruas da cidade, o grande cortejo, conduzindo a imagem do padroeiro "São Sebastião", que ia jorrando alegria, abençoando todos os lares, pois naquele dia, estava voltando definitivamente para sua morada, a casa de Deus. A banda de música acompanhava, executando os mais lindos dobrados, encantando o público e animando de forma fantástica, a festa. Naquela época era praxe, distribuir cartuchos de amêndoas, que eram feitos pelas mãos caprichosas da "Tia Joana", trabalho que ninguém competia. A procissão chega até a escadaria da nova igreja e o bispo Dom Almir Marques, carinhosamente faz o encerramento da festa, utilizando de gestos e palavras tão carismáticas, que muitas pessoas choraram. Estava inaugurada a capela de "São Sebastião", com vivas, palmas e queima de fogos, sendo até hoje, um dos lindos cartões portais que identifica esta maravilhosa cidade. Esta é a lembrança que tenho da capela de "São Sebastião", que continua sendo o protetor da comunidade que escolheram o seu nome, para continuar denominando o bairro onde moramos, na cidade nova, para onde foi transferida, tendo a CEMIG, feito o possível para conservar sua estrutura arquitetônica, respeitando o valor histórico representado por este patrimônio, que é umas das muitas lembranças, que marcaram a passagem do Pe. Panfílio e de tantos filhos ilustres desta cidade, onde moramos.

Nova Ponte, em 19 de janeiro de 1.999.

DOC. PESSOAL
PROJ. N.P.

REVISTA DIRIGENTE CONSTRUTOR. VOL. XXVI, Nº 5,
AGO/1990. p. 16-21

A Cemig prossegue com as obras de Nova Ponte, primeira usina do sistema do rio Araguari, que entrará em operação em três anos. O projeto prevê a relocação da cidade que será inundada.

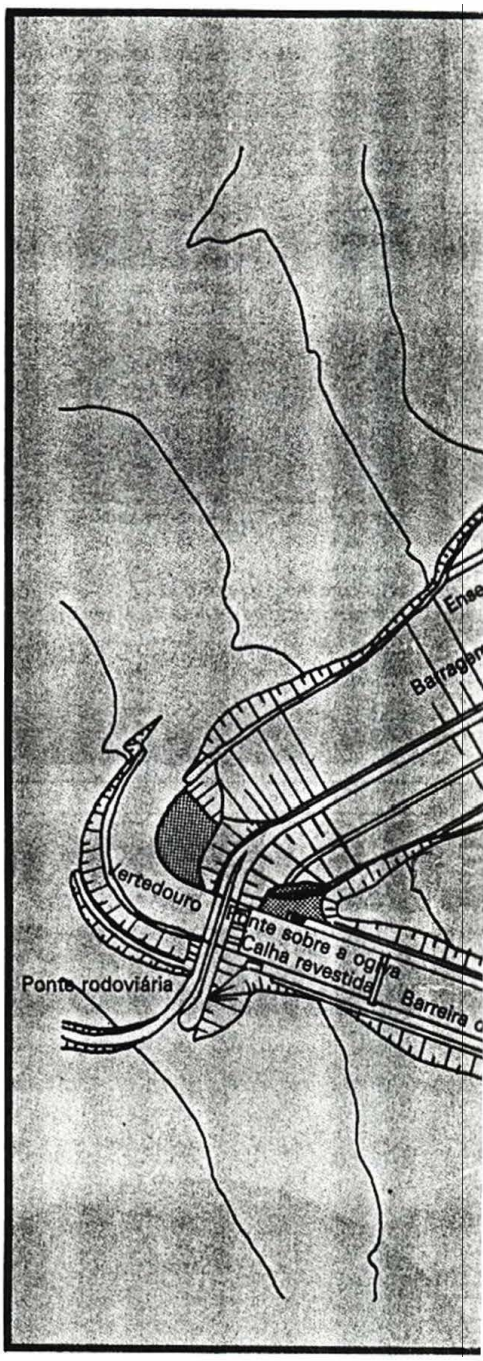
Três anos depois do início das obras de Nova Ponte, uma hidroelétrica com 510 MW de capacidade geradora, primeira de um conjunto de usinas projetado para o rio Araguari, no Triângulo Mineiro, a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) informa que "o cronograma atual está atendendo às necessidades do Plano Decenal da Eletrobrás".

O discreto otimismo da Superintendência de Obras de Geração da empresa, contudo, não revela qualquer dúvida sobre o prosseguimento desse programa, mesmo deixando entrever que as eventuais dificuldades para concretizá-lo seriam mais de natureza financeira do que técnica.

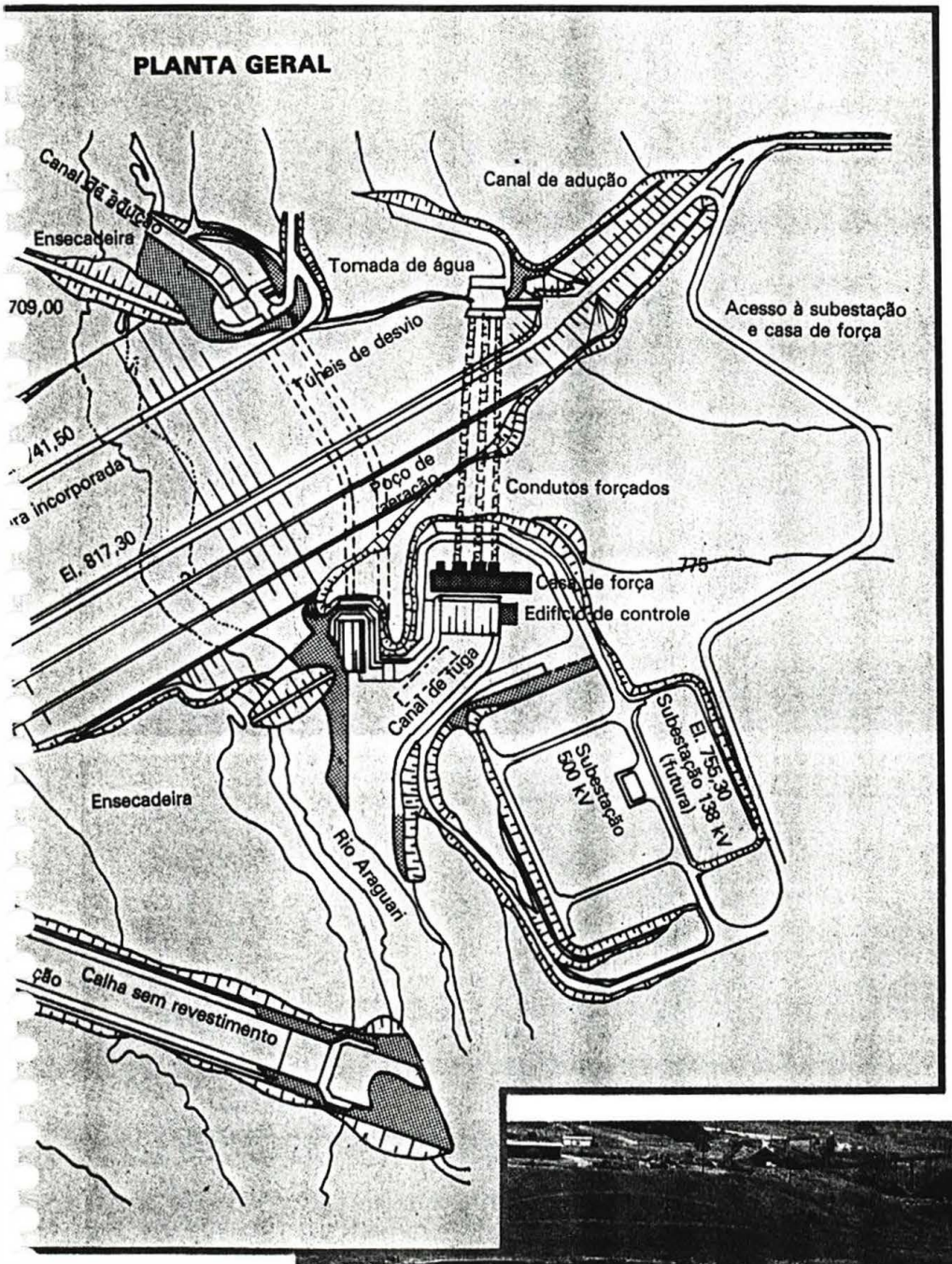
É que até agora apenas a própria Cemig vem arcando com os custos da obra, que já havia consumido 262,7 milhões de dólares até o final de 1989, sem contar com o aporte de recursos por parte da Eletrobrás e da Finame, cuja participação no orçamento de 802,3 milhões de dólares é de, respectivamente, 225,8 milhões e 127,5 milhões de dólares, em valores de junho de 1989.

Essa confiança da Cemig ficou patenteada ao anunciar, em abril, o início da construção de Miranda, segunda hidroelétrica desse programa, a jusante de Nova Ponte, cuja capacidade geradora será de 390 MW. Ambas, juntamente com a futura hiroelétrica de Capim Branco, terceira da série, atualmente em fase de projeto básico, esgotarão o potencial hidroelétrico do rio Araguari, pertencente à estratégica sub-bacia do rio Paranaíba.

Como Nova Ponte entrará em operação em 1993 e Miranda em 1995, justamente numa época em que é maior o risco de racionamento de energia nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, a Cemig pretende espantar esse fantasma acrescentando mais 900 mil KW ao seu



Nova Ponte, primeira usina no rio Araguari



parque gerador, atualmente com capacidade instalada de 4,4 milhões KW.

A usina - A hidroelétrica de Nova Ponte, primeira de um conjunto de obras destinado a explorar o potencial energético do rio Araguari, está localizada aproximadamente na metade de seu curso, a 7.500m a jusante da confluência do rio com seu principal afluente, o rio Quebra-Anzol.

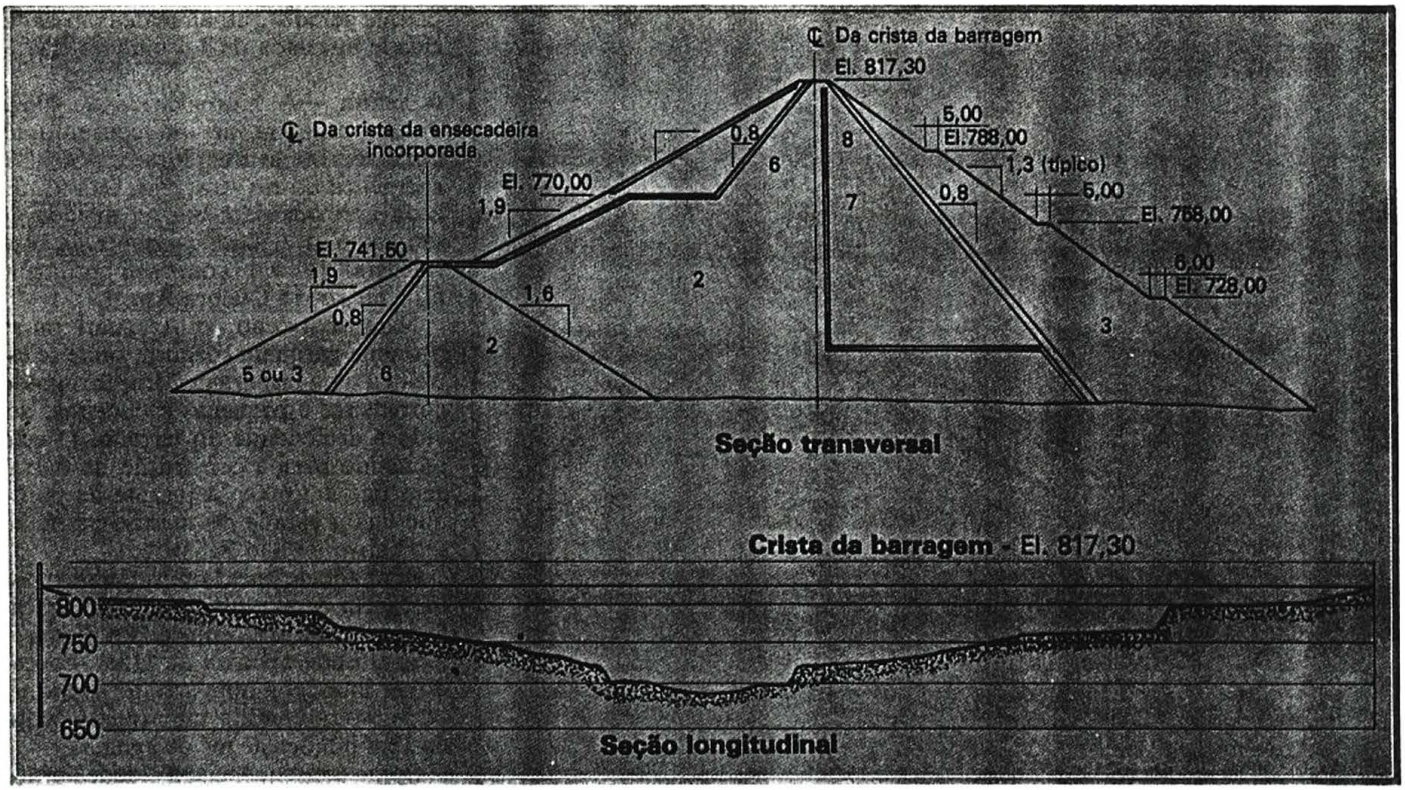
Naquele trecho, o Araguari passa por uma garganta rochosa, onde se estreita a uma largura de 35m, formando corredeiras e pequenas cachoeiras, devido à declividade do terreno. O eixo escolhido para a construção da barragem fica a 2.600m a jusante da ponte que liga a cidade do mesmo nome ao seu bairro de São Sebastião.

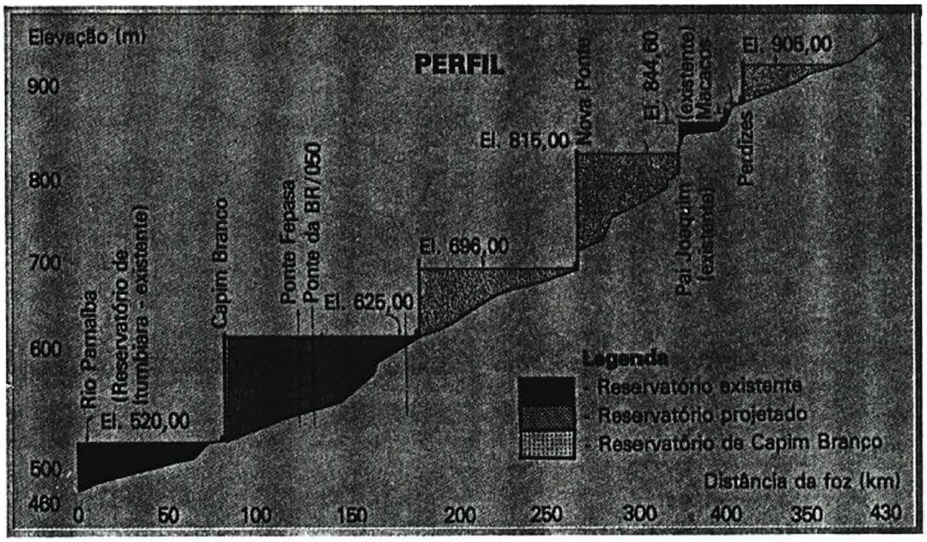
Para aquele bocal foi projetada uma barragem de gravidade, do tipo cascalho-enrocamento, cuja crista ficará a uma altitude máxima de 815m, devendo ser inundada uma área de 443 km^2, onde estará contido um volume bruto de 12,8 bilhões de m^3 de água.

Como consequência, a cidade de Nova Ponte terá sua área quase totalmente submersa, tornando necessária a remoção de seus moradores para uma área vizinha. Da mesma forma, cerca de 7 km da Rodovia MG-190, que liga Uberaba a Abadia dos Dourados, e partes das estradas BR-452 e BR-462, bem como a travessia do rio Araguari, ficarão irremediavelmente perdidos pela inundação e pela retirada de material de jazida. Nos acessos a serem inundados estão sendo construídas três pontes, a maior delas sobre a BR-452, com 1.400m de extensão.



A casa de força que foi escavada em rocha abrigará três unidades geradoras de 170 MW cada





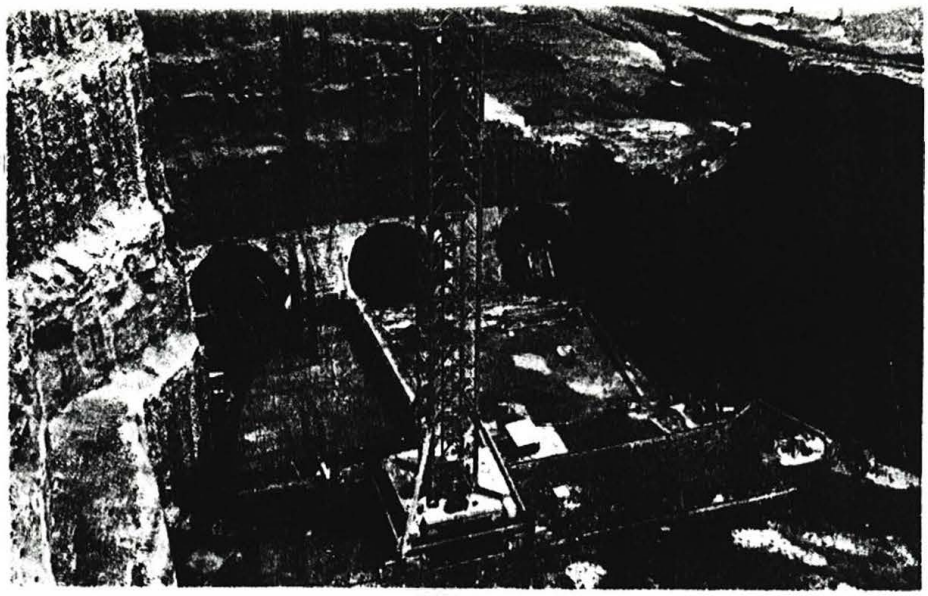
O sistema de geração da usina abrigará, na sua casa de força, três unidades de 170 MW, enquanto a subestação, situada à margem esquerda, a jusante da casa de força, contará com um pátio de 500 KV e outro de 138 KV. A obra está sendo executada por um consórcio formado pelas construtoras Andrade Gutierrez e Camargo Corrêa.

A regularização do rio Araguari em Nova Ponte resultará em acréscimo de energia firme nas diversas usinas a jusante, projetadas para o mesmo rio Araguari e existentes nos rios Paranaíba e Paraná. Também foram previstos no projeto básico de Nova Ponte programas de controle ambiental e de utilização múltipla do reservatório. Nova Ponte, assim como outras hidrelétricas da região, está incluída num programa integrado de uso dos reservatórios do Triângulo Mineiro.

A obra - Os relatórios da Cemig revelam que, entre os principais eventos da obra, iniciada em 27 de abril de 1987, foram concluídos o desvio do rio, necessário para a construção a seco da barragem, e a sua consolidação, em maio de 1988 e dezembro do mesmo ano, respectivamente.

O sistema de desvio é constituído por dois túneis, num comprimento total de 966m e área de seção típica de 84m^2 . O primeiro, sem revestimento e sem estrutura de controle, fica mais afastado do leito do rio, tem 9,7m de diâmetro e extensão de 532m, soleira de montante na elevação de 717m e de jusante na elevação de 691m. O segundo, mais próximo do leito do rio, é construído em sifão, com inclinação de 10% no trecho inicial, cujo diâmetro é de 8m e onde é revestido numa extensão de aproximadamente 60m. No trecho final, sem revestimento, o diâmetro é de 9,7m. Esse túnel é dotado de duas linhas de defesa, com comportas e *stop-logs*.

As demais obras, relativas à execução da barragem de terra, construção da casa de força, condutos forçados, tomada de água e vertedouro, se desenvolvem paralelamente às obras do reservatório, que compreendem as pontes sobre os rios Araguari e Quebra-



Concretagem da tomada de água, constituída por três unidades apoiadas no basalto

Anzol, a execução do trecho da rodovia MG-190 entre Nova Ponte e Iraí de Minas e os serviços de relocação da cidade de Nova Ponte.

Seu desenvolvimento deverá assegurar o cumprimento de um cronograma que prevê para setembro de 1992 o fechamento do rio, com o início do enchimento do reservatório, a fim de permitir a operação comercial da hidrelétrica a partir de junho de 1993. Nessa data entrará em funcionamento a primeira unidade geradora, correspondente a 170 MW. As duas outras entrarão em operação em seguida, uma em novembro do mesmo ano e outra em abril de 1994.

Barragem e ensecadeiras - A barragem de Nova Ponte, que será em sua maior parte apoiada em rocha, está sendo construída com material impermeável, com pedregulho no centro e no flanco de montante e com enrocamento no flanco de jusante. No maciço de material impermeável com pedregulho terá um dreno de areia. Uma transição filtrante separará a zona central do enrocamento de jusante. Uma cortina de injeção de cimento foi prevista para a fundação do trecho central da barragem.

Uma ensecadeira principal, de material impermeável com pedregulho, será incorporada à barragem, enquanto as demais, provisórias, estão sendo construídas com enrocamento proveniente da escavação do tálus, tendo uma zona de vedação, a montante, construída de material impermeável com pedregulho.

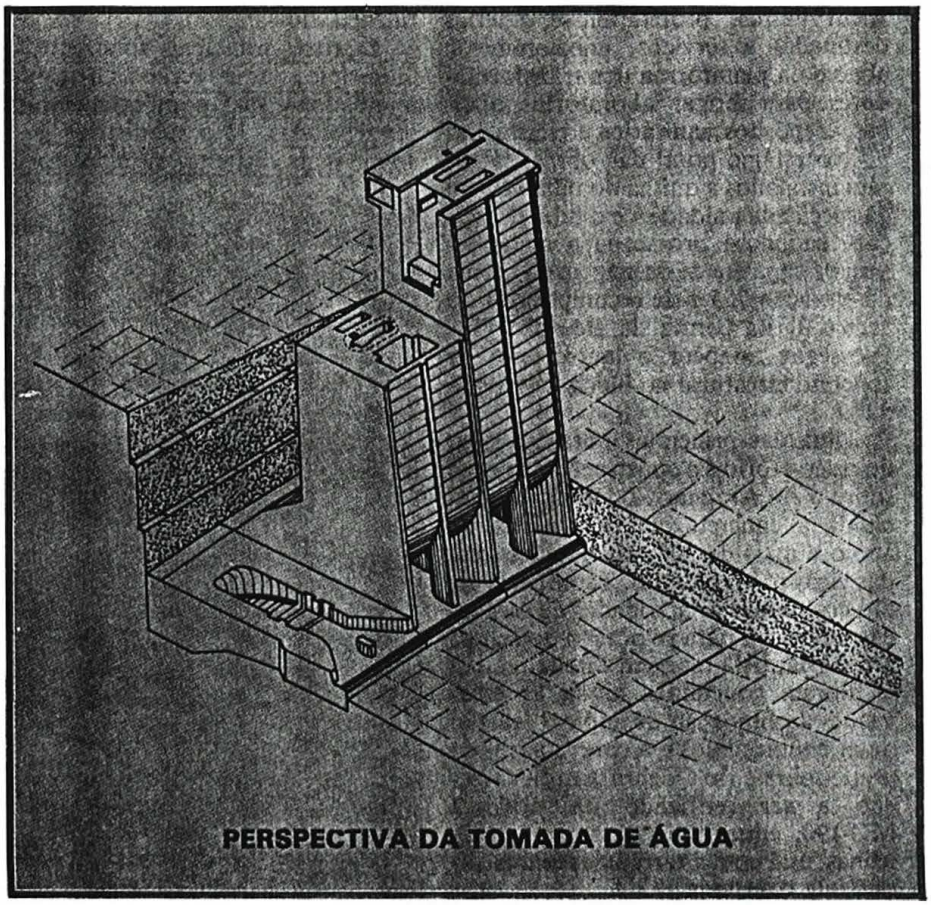
Os materiais lançados na barragem de terra e ensecadeiras, provenientes de jazidas, do porto de areia, da rocha de tomada de água (estoque), do canal de adução do vertedouro e da reescavação de estoques, totalizavam, até março deste ano, 5.481.512m^3, o que corresponde a 42% do lançamento final previsto de 12.875.200m^3 de materiais.

Os serviços compreenderam 2.895.502m^3 de escavações em rocha, tanto a céu aberto quanto subterrâneas, ou seja, 74% de uma previsão final de 3.879.336m^3. As escavações comuns, até a mesma data, totalizavam 7.942.802m^3, o que representa 57% do total previsto de 14.007.226m^3.

O lançamento de concreto, compreendendo as obras de estrutura, subestação, concreto projetado e no tratamento e conformação de taludes da fundação da barragem de terra, alcançou volume de 35.554m^3, ou seja, 18% do total previsto de 200.011m^3.

Em andamento - A tomada de água foi posicionada a montante do eixo da barragem de Nova Ponte. É constituída por três unidades, apoiadas no basalto, suportando em sua face de jusante, até a meia altura, o empuxo proveniente do talude da barragem. Ali está sendo executada a concretagem do bloco 1, após a montagem do guindaste Liebherr utilizado para a concretagem dessas estruturas.

O sistema de adução da barragem prevê a escavação de três túneis na rocha, com revestimento em concreto simples, em sua maior parte, terminando imediatamente a montante da casa de força. Já está concluída a escavação da seção plena do trecho inclinado dos condutos forçados 1 e 2, a partir da to-



mada de água, utilizando o Hidraboom sobre trilhos. A concretagem de regularização dos trechos horizontal e inclinado desses túneis está em andamento, enquanto se instalam os trilhos para a escavação da seção plena do conduto forçado 3.

O vertedouro de Nova Ponte foi posicionado na ombreira direita da barragem, com o eixo da calha alinhado com o eixo do rio, a jusante do ponto de descarga. Ele foi dimensionado para uma vazão amortecida de 6.490m³/s, sendo previsto o uso de aeração em posição intermediária e no final do trecho revestido da calha.

Como estava previsto, no mês de março foram concluídas as escavações em rocha do canal de adução do vertedouro, sendo o material lançado no enrocamento e na proteção do seu talude, enquanto prosseguem as escavações comuns.

A grande altura da casa de força, do tipo convencional e equipada com três unidades geradoras de 170 MW cada uma, possibilitou a colocação de todas as galerias (drenagem, tubulações, mecânica/elétrica) do lado a montante. Além dessas, projetaram-se galerias destinadas a serviços, imediatamente abaixo da plataforma dos transformadores, para abrigar laboratórios, oficinas, depósitos, sanitários e escritórios.

No estágio atual das obras, já foram instalados a quilha do pilar central da sucção da unidade 1 e o tubo de sucção, enquanto prossegue a concretagem da canaleta de drenagem da berma da elevação 755 e de recomposição do acesso 1, na berma da elevação 715. Prossegue também o lançamento de concreto estrutural no bloco de serviço n.° 2.

Uma das principais obras na área do reservatório é a construção da ponte sobre o rio Araguari, onde já foi concluída a concretagem dos pilares de apoio e mais de 50% da concretagem das vigas pré-moldadas. Também já estão concluídas as atividades de escavação em rocha para relocação do acesso à rodovia, pela margem direita.

Foram concluídas ainda as escavações da fundação de apoio 9 (caixão de ar comprimido) e a concretagem da ponte sobre o rio Quebra-Anzol. O trecho a ser retificado da Rodovia MG-190, entre Nova Ponte e Iraí de Minas, está com a terraplenagem praticamente concluída.

Relocação - Um dos aspectos mais interessantes relacionados com a construção da hidroelétrica de Nova Ponte é o projeto de relocação da cidade, que envolveu, além dos aspectos urbanísticos e arquitetônicos, uma intervenção sócio-econômica articulada com o programa de gerenciamento do impacto ambiental da barragem e estudos projetivos para o futuro desenvolvimento da comunidade.

Para tanto a Cemig fez na cidade de Nova Ponte um levantamento sócio-econômico e de opinião, a fim de colher subsídios junto à comunidade para balizar as ações da empresa e melhor atender aos anseios gerais, além de minimizar os impactos sociais decorrentes da construção da hidroelétrica.

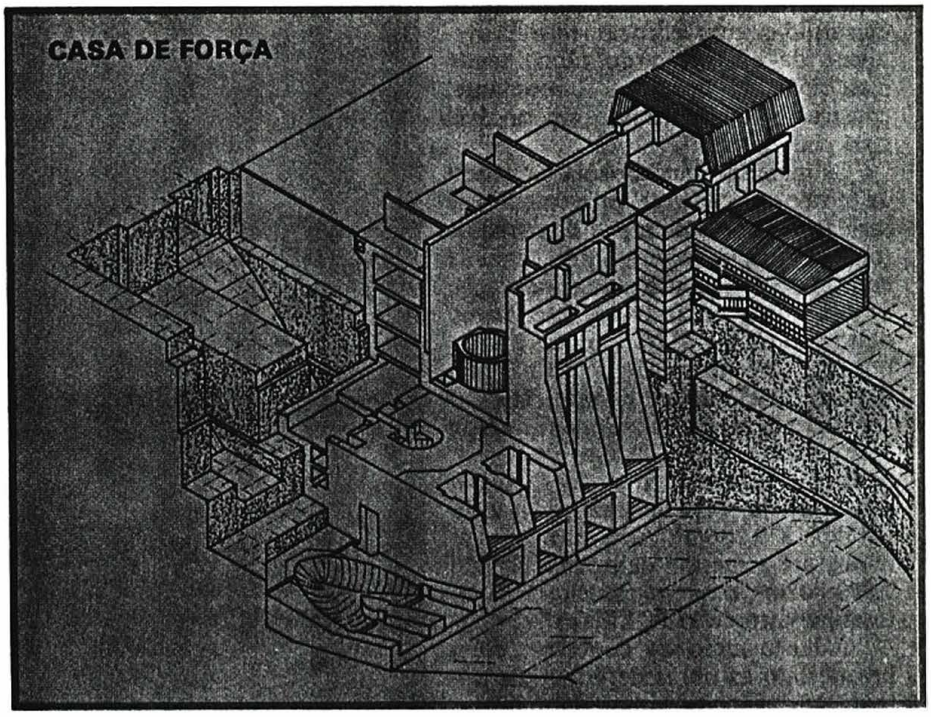
A cidade está sendo transferida para uma área distante aproximadamente 3km do núcleo original, situada à margem direita da Rodovia MG-190, fronteiriça à confluência dos rios Araguari e Quebra-Anzol. Trata-se de um sítio aprazível que, em função de sua altitude, proporcionará uma visão abrangente do reservatório, por causa da sua maior extensão nesse trecho de confluência fluvial.

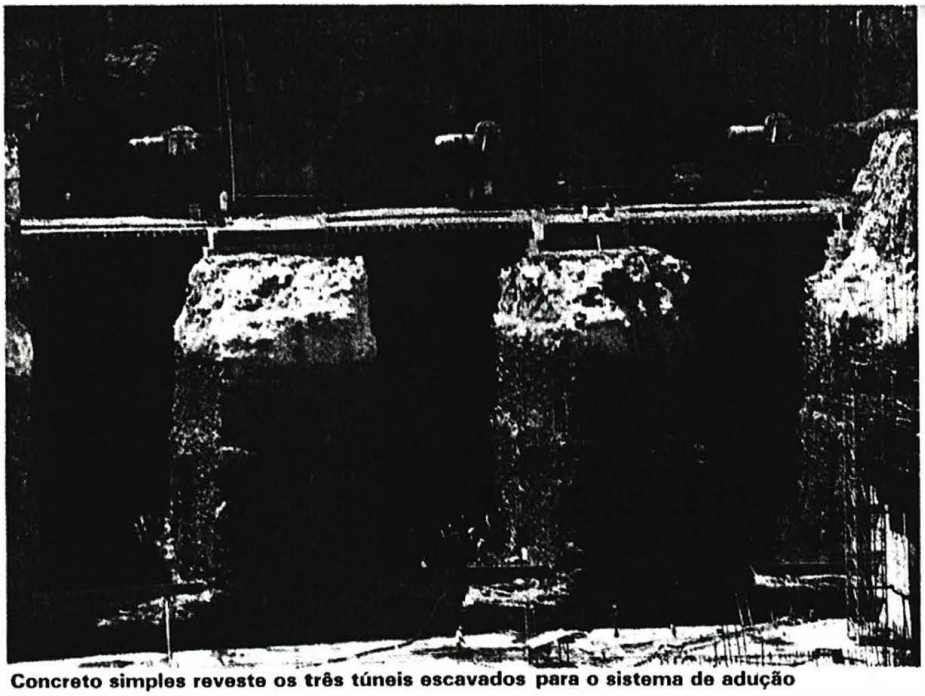
Dos três principais subdistritos do município, dois serão inteiramente inundados e suas populações terão de ser relocadas. Já o subdistrito de São João, mais distante, situado no lado direito do rio, não será atingido e ficará como remanescente. No conjunto, será impactada pela construção da hidroelétrica uma população de 6.154 habitantes, distribuída entre a sede e a zona rural, onde existem 526 propriedades, a maioria das quais será também coberta pelas águas, que inundarão 443km² de uma área total de 1.181km² do município.

Não dispondo a cidade de abastecimento regular de água potável, contando com rede de esgoto apenas parcial e apresentando deficiência generalizada de outros equipamentos urbanos, a relocação, que implicará a construção de outra cidade, representará substancial melhoria do padrão habitacional para os moradores de Nova Ponte.

O projeto da nova cidade prevê a construção de um sistema viário constituído por avenidas, ruas e calçadas pavimentadas, além de sistemas de captação, adução, tratamento e distribuição de água. Analogamente, será construído um sistema de coleta, tratamento e lançamento de esgoto no reservatório, a jusante da cidade.

Na zona central urbana ficarão situados os núcleos administrativos, comercial, hospitalares e de ensino. A cidade contará, assim, com serviços essenciais, tais como água potável, rede de esgoto, rede de drenagem, rede elétrica e telefônica, sendo também cons-





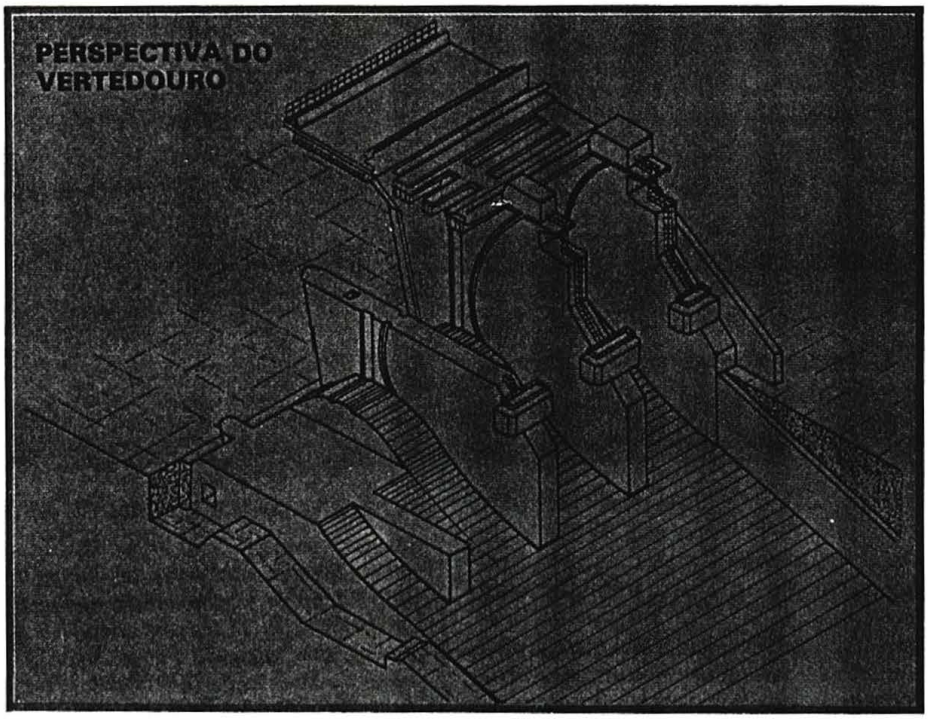
Concreto simples reveste os três túneis escavados para o sistema de adução

truído na sua periferia um centro social-desportivo completo, além de um aeroporto.

A Cemig, por intermédio do empreiteiro principal, está oferecendo a construção das residências particulares, no sistema de permuta, aos seus proprietários. Para isso, foram elaborados quinze tipos de projeto residencial diferentes, desde residências comunitárias a modelos mais completos.

Outros aspectos do projeto se referem à prevenção sanitária, compreendendo o levantamento prévio das endemias existentes na área e a execução de medidas preventivas para reduzir a extensão das doenças e surtos epidêmicos. Não foi esquecido, também, um programa de registro histórico da área a ser inundada, abrangendo desde a caracterização anterior e atual da cidade até a documentação do processo de sua relocação e de sua situação futura.

O acervo documental assim obtido será processado e arquivado segundo modernas técnicas de documentação e arquivística, sendo colocado à disposição para consultas no centro cultural, a ser construído futuramente. ●



FICHA TÉCNICA

Contratante: Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig)

Parte civil
Projeto: Leme Engenharia S.A.
Construoes: Consórcio Construtora Andrade Gutierrez S.A./Construções e Comércio Camargo Corrêa S.A.

Parte eletromecânica
Projeto: Leme Engenharia S.A.
Turbinas e condutores forçados: Coemsa - Construções Eletromecânicas S.A.
Geradores: Siemens S.A.
Pontes rolantes: Torque S.A.

Urbanização da Cidade Nova
Projeto: Cemig

Prédios públicos
Projeto: Istvan Farkasvilgyi/Fernando R. Coelho, Sidônio Porto, Cemig, Shima - Engenharia e Projetos de Eletricidade.
Contratação de empreiteira e construção: Segundo semestre de 1990.

Ponte do rio Araguari
Projeto: Seebla - Engenharia e Projetos
Construção: Andrade Gutierrez

Ponte do rio Quebra Anzol
Projeto: Engesolos Engenharia de Solos e Fundações S.A.
Construção: Andrade Gutierrez

Estradas
Projeto e controle de qualidade: Convênio Cemig/Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais.
Construção: Andrade Gutierrez

Recomposição da cobertura vegetal das jazidas
Projeto: Leme Engenharia e Cemig com a participação do Centro Tecnológico de Minas Gerais (Cetec) e da Fundação João Pinheiro.

LEI Nº 753

"APROVA O ESTUDO DE RELOCAÇÃO URBANA DE NOVA PONTE QUE INDICAR SUA LOCALIZAÇÃO NA AREA DENOMINADA 'ALTERNATIVA 2' CONFORME PLANTA CEMIG 11.134 - PG/PP-1516 QUE ACOMPANHA A PRESENTE LEI E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS."

Jarbas Fernandes, Prefeito Municipal de Nova Ponte, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições legais, fazer saber que o povo por seus representantes na Câmara Municipal decreta e Eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º) Fica aprovada a área denominada "Alternativa 2", conforme estudo aprovado pelas Centrais Elétricas de Minas Gerais S/A CEMIG, consubstanciado na Planta CEMIG nº 11.134-PG/PP 1516, que acompanha a presente Lei para relocação urbana de Nova Ponte, em decorrência da futura construção pela CEMIG, da Usina Hidrelétrica de Nova Ponte, abrangendo a sede municipal.

Art. 2º) Fica o Poder Executivo autorizado a manter todos os entendimentos com as Centrais Elétricas de Minas Gerais S/A CEMIG para as providências necessárias à relocação da sede Municipal para o local aqui aprovado.

Art. 3º) Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal, em 04 de dezembro de 1.981.

_____
Presidente

_____
Secretário

ro.

LEI Nº 861

"APROVA O PROJETO DE URBANIZAÇÃO E DELIMITA O PERÍMETRO URBANO DA NOVA CIDADE DE NOVA PONTE A SER EXECUTADA PELA COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS - CEMIG E CONTÉM OUTRAS PROVIDÊNCIAS."

O Povo de Nova Ponte, Estado de Minas Gerais, por seus representantes na Câmara de Vereadores, aprovou e Eu, Prefeito Municipal, sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º) Fica aprovado o projeto de urbanização e delimitado o perímetro urbano da nova cidade de Nova Ponte consubstanciadas nos desenhos 11.134 -PG/PP - 2853 e 3230, que acompanham e fazem parte integrante desta Lei.

Parágrafo único - O polígono onde será implantada a nova sede municipal, definido na planta 11.134 - PG/PP - 3230, tem as seguintes discrição e área: Partindo do marco M-0 inicial (todos eles - de concreto), definido pelo ponto de junção da cerca de divisa do Sr. Wando Inácio da Silva e do Sr. Silvério Cartafina Filho com a cerca da faixa de domínio da rodovia MG-190, seguindo a mesma com a distância de 1.100,70, rumo de 24°42'09" NE, chega-se ao marco M-1, marco este de início da poligonal da área urbana da cidade de Nova Ponte.

Do marco M-1, acompanhando a cerca da faixa de domínio da rodovia MG-190, com a deflexão de 10°39'59" E, distante 1.769,70, em rumo de 14°02'10" NE, chega-se ao marco M-2.

Do marco M-2, com a deflexão de 115°04'03" D, distante 740,2 em rumo de 50°53'47" SE, chega-se ao marco M-3.

Do marco M-3, com a deflexão de 17°43'07" D, distante 466,0 em rumo de 33°10'40" SE, chega-se ao marco M-4.

Do marco M-4, com a deflexão de 35°25'48" E, distante 466,0 em rumo de 68°36'28" SE, chega-se ao marco M-5.

Do marco M-5, com a deflexão de 57°37'51" E, distante 625,9 em rumo de 53°45'51" NE, chega-se ao marco M-6.

Do marco M-6, com a deflexão de 90°51'16" D, distante 112,4 em rumo de 35°23'03" SE, chega-se ao marco M-7.

Do marco M-7, com a deflexão de 90°16'41" E, distante 80,00 em rumo de 54°20'16" NE, chega-se ao marco M-8, marco este situado na curva de nível da cota de inundação máxima, sendo esta 815,00.

Acompanhando a curva da cora de inundação máxima a aproximadamente 3.320,00m. chega-se ao marco M-9.

Do marco M-9, com a deflexão de 164°31'19" D, distante 360,2 em rumo de 28°42'03" NO, chega-se ao marco M-10.

Do marco M-10, com a deflexão de 40°37'29" E distante 351,5 em rumo de 69°19'32" NO, chega-se ao marco M-11.

Do marco M-11, com a deflexão de 36°58'45" E distante 787,7 em rumo de 73°41'43" SO, chega-se ao marco M-12.

Do marco M-12, com a deflexão de 69°43'33" D distante 347,0 em rumo de 36°34'44" NO, chega-se ao marco M-13.

Do marco M-13, com a deflexão de 54°55'14" E distante 1.211, em rumo de 88°30'02" SO, chega-se ao marco M-1, chegando-se à poligonal da área da cidade de Nova Ponte, com a área total de 3.823.332,00 m² (três milhões oitocentos e vinte e três mil trezentos e trinta e dois metros quadrados).

§ 2º - O Projeto de urbanização constante da planta e desenho nº 11.134 - PC/PP - 2853 é composto de 127 (cento e vinte e sete) quadras 06(seis) avenidas, 23 (vinte e três ruas, 1.776 (hum mil setecentos e setenta e seis) lotes na área residencial e comercial e 76(setenta e seis) lotes na área industrial.

Art. 2º) Fica o Poder Executivo autorizado a permutar com a Companhia Energética de Minas Gerais - CEMIG, os terrenos, logradouros e vias públicas da atual cidade de Nova Ponte, inclusive os próprios municípios nela existentes pelo perímetro urbano delimitado, incluindo terrenos, logradouros, praças, vias públicas e prédios públicos, sistema de abastecimento de água, esgoto, rede pluvial e rede elétrica na nova cidade serão construídas pela Companhia Energética de Minas Gerais - CEMIG.

Art. 3º) A partir do início das indenizações e/ou construção de casas, quando da relocação da nova cidade , nenhuma licença para construção será dada na atual cidade de Nova Ponte, ficando a cargo da Prefeitura Municipal diligenciar no sentido de embargar eventuais construções.

Art. 4º) Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencer, que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

Prefeitura Municipal de Nova Ponte-MG., 06 de julho de 1.987

Registre-se e publique-se.

_____

Gil Carneiro de Melo
Prefeito Municipal

_____

Joana Darque Rosa
Secretária Municipal

TERMO DE ACORDO

A PREFEITURA MUNICIRAL DE NOVA PONTE, doravante denominada PMNP, a CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA PONTE, doravante denominada CMNP, a ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE NOVA PONTE, doravante denominada AMNP e a COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS - CEMIG, com sede em Belo Horizonte - MG, à Av. Barbacena, 1200, CGC/MF 17.155.730/0001-64, doravante denominada CEMIG, neste ato representada por seus dirigentes ao final nomeados, celebram entre si o presente Termo de Acordo, na conformidade das cláusulas e condições que se seguem:

1. OBJETIVO

O presente Termo tem por objetivo ratificar e consolidar os entendimentos e ajustes negociados e aceitos pelas entidades acima nomeadas até a presente data, relacionados com o processo de relocação urbana da cidade de Nova Ponte - MG.

2. PRELIMINARES

Os projetos de infra-estrutura urbana, paisagismo e urbanização foram submetidos à apreciação da municipalidade de Nova Ponte e aprovados pela Lei Municipal de no. 861/87, de 06 de julho de 1987.

A cidade atual tem em torno de 1400 lotes, numa área urbanizada de 1.053.257 m2.

Na nova cidade foram previstos 1.776 lotes residenciais/comerciais e 76 lotes industriais, totalizando 1.852 lotes numa área urbanizada de 1.178.000 m2 dentro da área de 3.823.000 m2 cedidos à Prefeitura, tendo, portanto, área suficiente para eventuais expansões futuras, a longo prazo.

3. CRONOGRAMA

3.1. Condicionados, por parte da CEMIG, à existência dos recursos programados para a implantação do empreendimento com o cumprimento das datas básicas de início do enchimento do reservatório em outubro/92 e de geração em junho/93, além de outros motivos de força maior que porventura ocorram, ficam estabelecidas as seguintes datas básicas para término das atividades de cada uma das partes indicadas em parêntesis:

3.1.1. fornecimento de plantas ampliadas da cidade nova (CEMIG): até 15/02/90

3.1.2. demarcação dos lotes no local (CEMIG): até 02/03/90

3.1.3. distribuição dos lotes para a comunidade (AMNP): até 30/04/90

3.1.4. encerramento da concessão de alvarás para novas construções, ampliações e/ou reformas na atual cidade (PMNP): 01/04/90

Observações:

a. de 13/02/90 até 01/04/90 a PMNP somente poderá liberar um máximo de 10 (dez) alvarás de construção, ampliação ou reforma.

b. a partir de 13/02/90 a PMNP se compromete a não mais liberar fragmentações de lotes na atual cidade.

c. as ampliações e/ou reformas iniciadas após 01/04/90 não serão objeto de permuta a menos que autorizadas conforme observação "a", acima.

3.1.5. construção e conclusão da 1a. etapa de rede de distribuição de energia (CEMIG): 28/02/90

3.1.6. construção e conclusão da 1a. etapa de rede de distribuição de água e coleta de esgoto (CEMIG): 31/07/90

3.1.7. definição individual de tipos de projeto para permuta (CEMIG/proprietários): 01/04/90 a 30/09/90

3.1.8. construção e conclusão do restante de infra-estrutura (2a. etapa), exceto pavimentação e paisagismo (CEMIG): 30/03/91

3.1.9. conclusão das obras de pavimentação e paisagismo (CEMIG): 31/03/92

3.1.10. construção e conclusão de edificações públicas (CEMIG): até 31/03/92, sendo que as edificações públicas deverão ser as primeiras a serem relocadas.

4. CRITÉRIOS PRINCIPAIS

4.1 Projeto da Nova Cidade

4.1.1. Urbanismo/Infra-estrutura

a. São de responsabilidade da CEMIG os projetos de urbanismo, infra-estrutura pública (sistemas de água, esgoto, drenagem, distribuição de energia e iluminação, telefonia), além de pavimentação e paisagismo.

b. A nova cidade comportará todos os bairros da atual cidade, incluindo aqueles que não serão inundados como o Alto São Francisco e São João, que serão igualmente relocados conforme desejo manifesto de seus representantes através da AMNP.

c. O sistema de abastecimento de água tratada da futura cidade terá capacidade para 12.000 habitantes, além da água proveniente dos poços artesianos já existentes. Mediante solicitação da AMNP a CEMIG fará um estudo demonstrando a factibilidade do, caso necessário, produzir água por outras fontes, até completar uma demanda equivalente a 30.000 habitantes.

4.1.2. Equipamentos Urbanos

a. A CEMIG elaborará os projetos completos de arquitetura, instalações, implantação e urbanização das áreas das seguintes edificações públicas:

- Câmara Municipal
- Prefeitura Municipal
- Almoxarifado Municipal
- Escola Estadual São Miguel
- Escola Estadual José Teodoro Borges
- Colégio Estadual Josias Pinto
- Núcleo Esportivo (Clube)
- Rodoviária
- Quartel/Delegacia de Polícia
- Cemitério e Capela Velório (já implantados)
- Centro Cultural (Chalezinho)
- Três Campos de Futebol
- Santa Casa de Misericórdia (Hospital)
- Centro de Saúde
- Matadouro

Obs.: Os projetos dos prédios públicos municipais serão submetidos à aprovação da CMNP para posterior execução pela CEMIG.

b. A CEMIG fará ainda um estudo básico de um Parque de Exposições para posicionamento posterior, quanto à viabilidade de sua construção total ou parcial.

c. Continuará a ser adotada a sistemática de aprovação dos projetos do item "a" acima: discussão e aprovação com os órgãos normatizadores, com os proprietários o licenciamento junto à Prefeitura ou Câmara Municipal.

d. A AMNP encaminhará à CEMIG uma sugestão quanto a uma eventual mudança do local previsto para a rodoviária que, após as devidas avaliações, deverá ser aprovado pela CMNP.

4.1.3. Edificações Particulares

a. Com vistas à permuta opcional para as edificações residenciais particulares, a CEMIG elaborou 15 (quinze) tipos de projeto com variações de número de quartos (de um a quatro) e acabamento, totalizando 38 combinações, já entregues à AMNP.

Após análise dos mesmos a AMNP enviará seus comentários à CEMIG que avaliará a viabilidade de sua implantação e das eventuais alterações de projeto.

b. A CEMIG elaborará um orçamento de cada projeto e/ou combinação que servirá de base para as negociações entre cada proprietário e a CEMIG.

4.2. Construção da Nova Cidade

4.2.1. Urbanização

a. A CEMIG construirá toda a rede viária pavimentada, todo sistema de captação, adução, tratamento e distribuição d'água, todo sistema de coleta, tratamento e lançamento de esgoto sanitário, disposição final do lixo, todo sistema de captação e lançamento de águas pluviais, bem como toda a rede de distribuição elétrica e iluminação pública.

b. A CEMIG fará um acesso pavimentado ao futuro reservatório a partir da cidade nova e colocará energia no local. O posteamento da energia será lateral ao acesso, utilizando para construção o material remanescente da atual cidade.

c. A CTBC construirá toda a rede telefônica às expensas da CEMIG.

d. A CEMIG executará toda a obra referente ao paisagismo, como: construção de canteiros e plantio de diversas espécies vegetais.

e. A CEMIG dispõe de um viveiro de mudas, onde já estão sendo produzidas mudas de árvores frutíferas mais comuns na região para serem entregues à comunidade, além das mudas necessárias à arborização da cidade.

A AMNP, PMNP e CMNP farão a necessária divulgação à comunidade, no sentido de virem a fornecer sementes de árvores frutíferas que forem de interesse para que possam ser produzidas mudas no viveiro da CEMIG.

f. Para os bairros que não serão inundados e que igualmente poderão ser relocados para a nova cidade, a CEMIG não construirá qualquer infra-estrutura para atender a ocasionais interessados em permanecer no local, estando, ao contrário, prevista a demolição de todas as edificações negociadas com a CEMIG.

g. Em 31/03/92 deverá haver na nova cidade uma disponibilidade de 500 lotes vagos para atender à real necessidade de expansão urbana, sendo que no mínimo 250 lotes deverão ser urbanizados e os restantes 250 não urbanizados, porém com arruamento e rede de energia elétrica e com dimensões de 10 m de frente por 30 m de fundo (área de cada lote: 300 m2).

No cálculo dos 500 lotes serão considerados os que sobrarem após a distribuição dos lotes pela AMNP aos atuais proprietários, prevista para até 30/04/90, bem como aqueles distribuídos pela AMNP porém não edificados até 31/03/92.

h. Para os lotes murados na cidade atual, de imóveis que serão objeto de permuta, a CEMIG fará a construção dos muros correspondentes na cidade nova.

4.2.2. Equipamentos Urbanos

a. A CEMIG construirá todos os edifícios públicos da futura cidade de Nova Ponte, conforme listado no item 4.1.2.a, bem como toda a urbanização das áreas onde eles se situarão.

b. A CEMIG fornecerá ainda uma torre metálica com altura máxima de 30 m, para a instalação futura, pela PMNP, de uma antena parabólica.

4.2.3. Edificações Particulares

A CEMIG somente construirá, no sistema de permuta conforme interesse do proprietário, as residências particulares da futura cidade de Nova Ponte já existentes ou em construção até a data de 01/02/90 e desde que tenham sido previamente autorizadas pela PMNP; outras construções, somente até o número máximo de 10 (dez), poderão ser licenciadas até 01/04/90.

4.2.4. Edificações de Uso Público

a. A CEMIG elaborará projetos para os templos religiosos, creches, clubes sociais e entidades filantrópicas, sendo esses projetos submetidos à apreciação e aprovação dos respectivos proprietários. Após a aprovação do projeto a CEMIG construirá as referidas obras sem ônus para a entidade, caso seja interesse da entidade.

b. As entidades mencionadas poderão apresentar os seus respectivos projetos para negociação com a CEMIG.

4.2.5. Outras Edificações

a. A edificação denominada Chalezinho será relocada pela CEMIG em área urbana da nova cidade, com a orientação do IEPHA, para funcionar como Centro Cultural que abrigará os documentos relativos a memória histórica da cidade, conforme levantamentos feitos pela CEMIG/LEME/Escola de Arquitetura da UFMG.

b. A edificação da sede da Fazenda Cachoeira, recentemente adquirida pela municipalidade de Nova Ponte, será também relocada para uma área não urbana da nova cidade, com mão-de-obra da CEMIG e materiais por conta da PMNP, conforme combinações já feitas e sob a supervisão técnica do IEPHA, para uso a ser definido pela PMNP.

4.2.6. Gerais

a. A construção das edificações públicas, das residências permutadas e da infra-estrutura na nova cidade, será feita por construtora(s) escolhida(s) pela CEMIG em regime de concorrência pública.

b. O material a ser utilizado nas obras será de primeira qualidade, previamente selecionado e inspecionado pela CEMIG, atendendo às especificações dos diversos projetos, que por sua vez deverão atender ao que preceituam as normas técnicas atinentes.

c. A fiscalização das construções será feita, por engenheiros e arquitetos da CEMIG, de acordo com o preceituado nas normas brasileiras atinentes e condições contratuais, que seguirão as especificações técnicas de cada edificação ou obra, especificações estas que serão repassadas ao futuro proprietário e à AMNP.

Desde que previamente acertado com o escritório da CEMIG no local da nova cidade, o interessado ou seu preposto poderá visitar o seu futuro imóvel durante a fase de construção.

d. A CEMIG manterá um escritório na obra com arquitetos e assistente(s) social(is) de seu corpo técnico para atender a casos não previstos.

e. Todas as edificações públicas e o sistema de infra-estrutura sanitária e urbana da nova cidade serão transferidos à Prefeitura Municipal de Nova Ponte após a conclusão das obras pela CEMIG e desativação do acampamento, ou por partes, conforme comunicação posterior pela CEMIG, cabendo então à PMNP, todos os ônus decorrentes de sua operação e manutenção.

A CEMIG entregará à PMNP manuais de operação dos diversos sistemas de infra-estrutura, quando se fizer necessário.

4.3. Desapropriação da Cidade - Critérios Jurídicos

4.3.1. Direito à Indenização

Serão indenizados todos os bens imóveis existentes na área urbana da atual cidade de Nova Ponte.

4.3.2. Formas de Indenização

A indenização dos bens imóveis far-se-á:

a. em dinheiro;
b. por permuta;
c. em dinheiro e permuta;
d. por permuta com torna em dinheiro a favor do proprietário.

4.3.3. Formas de Negociação

a. O proprietário de imóvel residencial, comercial, ou comercial/residencial será indenizado por permuta com edificação construída pela CEMIG, na cidade nova, cujas características mais se aproximem do valor de seu imóvel, ou em dinheiro, à sua escolha.

b. No caso de permuta com proprietário que possua mais de um imóvel, este poderá escolher entre:

- permutar todos os imóveis;
- permutar somente o imóvel residencial, comercial ou comercial/residencial e ser indenizado em dinheiro pelos demais;
- permutar mais de um imóvel, para obtor imóvel residencial de maior custo.

c. Os lotes edificados com até 14 m de testada terão direito a receber, na permuta, um lote na cidade nova, onde será edificado o prédio objeto da permuta.

- As áreas não edificadas desde que localizadas em trechos de ruas urbanizados (pavimentação e energia elétrica) serão permutadas por lotes na cidade nova, em função da testada na cidade atual, dentro dos seguintes limites:

TESTADA	QUANTIDADE
até 14 m	- 01 (um) lote (360 m2)
de 14 a 27 m	- 02 (dois) lotes (720 m2)
mais de 27 m	- 03 (três) lotes (1080 m2)

Obs.: - Serão indenizadas em dinheiro as áreas excedentes de 360, 720 e 1080 m2.

- Os proprietários de lotes em áreas não urbanizadas receberão apenas 01 (um) lote, sendo indenizados em dinheiro pela área remanescente, se houvor.

- Na aplicação do critério acima serão sempre consideradas as áreas constantes dos títulos de propriedade.

- No caso de lote com duas testadas o proprietário deverá optar por uma delas, prevalecendo os critérios acima.

- As áreas edificadas acima de 14 m de testada serão computadas como não edificadas para aplicação do critério acima, respeitado sempre o limite máximo de 04 (quatro) lotes por proprietário, por blocos de lotes contíguos na cidade atual.

d. Somente os lotes titulados e cadastrados pela CEMIG até 13/02/90, poderão ser objeto de permuta dentro das normas e critérios acima.

e. Os proprietários de imóveis industriais poderão ser indenizados, opcionalmente, em dinheiro, por permuta ou em dinheiro e permuta pelos terrenos e benfeitorias. Em caso de permuta o proprietário terá direito a um único lote na área industrial, sendo indenizado em dinheiro pela área remanescente, podendo, excepcionalmente, a critério da AMNP, receber mais de um lote, se sua atividade assim o exigir.

f. Ao locatário de edificação comercial, cujo proprietário não se interesse formalmente em reconstruí-la na nova cidade, será assegurado o direito de receber um lote na nova cidade para igual finalidade, em local semelhante ao atual, desde que comprove não possuir lote vago na cidade atual, e condicionada sua posse definitiva ao cumprimento dos seguintes prazos:

- início da nova construção em até 06 meses após a conclusão das obras de infra-estrutura da nova cidade (30/03/91);

- término da mesma num período subseqüente de 01 (um) ano.

g. Serão de exclusiva responsabilidade da CEMIG todas as providências referentes a encargos cartorários e ônus fiscais, exceto IPTU atrasados, relativos à transferência de propriedades urbanas, inclusive suas legalizações perante o Cartório do Registro de Imóveis.

h. A negociação de imóvel urbano, não legalizado, quer seja com espólio, usucapiente ou posseiro, somente será efetuada desde que a Prefeitura Municipal forneça uma certidão ao interessado e que este declare, textualmente, na escritura de permuta ou indenização, que não existe nenhum ônus ou litígio sobre o imóvel a ser transferido à CEMIG.

i. O instrumento negocial deverá conter cláusula de desfazimento do negócio, caso, posteriormente, seja constatado algum ônus ou venha a ser julgado procedente algum litígio, com refência ao imóvel dado em permuta ou indenizado pela CEMIG, ficando, neste caso, sub-rogado ao vencedor da lide o direito de ser o beneficiário da permuta ou indenização.

4.3.4. Sistema de Distribuição de Lotes na Cidade Nova e Metodologia de Permuta

a. As plantas das áreas urbanas da atual cidade de Nova Ponte e da nova cidade, foram divididas pela CEMIG em 05 (cinco) áreas - vermelha, azul, amarela, verde e marrom - em ordem da maior graduação para a menor com relação a posição atual e à proximidade com os serviços públicos.

b. A CEMIG fará desenhos ampliados da planta da futura cidade de Nova Ponte, onde constarão todas as quadras e todos os lotes, devidamente numerados e os encaminhará a AMNP até 15/02/90.

c. Com base na planta de zoneamento (4.3.4.a) e com o apoio técnico da CEMIG, a AMNP fará a distribuição dos lotes para os proprietários até 30/04/90, efetuando imediatamente a comunicação à CEMIG.

d. Uma vez distribuídos os lotes, a CEMIG fará até 30/09/90 as negociações para definição do tipo de imóvel para cada proprietário. As indenizações terão início a partir de março/91.

e. Uma vez definido entre as partes o projeto-padrão que caberá em correspondência ao imóvel residencial do proprietário, eventuais modificações futuras no projeto e/ou acabamento serão de responsabilidade e ônus exclusivos do proprietário na sua negociação com a empreiteira escolhida para estas obras; caberá ao proprietário, inclusive, a fiscalização de seu cumprimento.

4.3.5. Lotes Remanescentes na Nova Cidade

a. Uma vez atendidos todos os proprietários da cidade atual de Nova Ponte, os lotes remanescentes serão entregues à Prefeitura e passarão a integrar o patrimônio municipal.

b. Os lotes para uso futuro da operação da CEMIG, caso necessários, serão cedidos pela PMNP após a distribuição para a comunidade e de acordo com a necessidade da CEMIG.

4.3.6. Material Aproveitável

a. O material aproveitável resultante das demolições dos imóveis pertencerá aos respectivos proprietários, que procederão à demolição por sua conta e risco, em prazo a ser determinado entre a CEMIG e a AMNP.

b. Após este prazo, respeitado o planejamento global da obra, e não havendo interesse do proprietário em reaproveitar o material, a CEMIG fará a demolição e dará a destinação que lhe aprouver ao material.

c. A CEMIG poderá fornecer transporte deste material para a cidade nova, desde que o imóvel não tenha sido objeto de permuta de acordo com as disponibilidades na ocasião.

4.4. Operacionalização da Mudança

4.4.1. Aqueles que se interessarem em construir do imediato na nova cidade poderão fazê-lo logo após a distribuição dos lotes pela AMNP, na área definida como 1a. etapa pela CEMIG.

4.4.2. Ainda que a infra-estrutura não esteja totalmente pronta, a CEMIG garantirá, na 1a. etapa, até a sua conclusão, as condições de habitabilidade mínimas como vigilância, energia e iluminação públicas, transporte e sistemas provisórios de abastecimento de água e de esgotamento sanitário.

4.4.3. Cientes de que a rede de energia elétrica da 2a. etapa da cidade nova estará concluída apenas em 30/03/91, aqueles que se interessarem em iniciar sua construção também nesta parte da cidade nova poderão fazê-lo de imediato, contando com fornecimento provisório de água e de energia elétrica pela CEMIG.

4.4.4. A CEMIG contratará, até março/90, empresa especializada para efetuar, com a fiscalização da PMNP e o acompanhamento da AMNP, o translado dos restos mortais, do cemitério que será inundado no bairro de São Miguel para o novo cemitério, já construído pela CEMIG e em uso na nova cidade desde junho/89.

4.4.5. A CEMIG reembolsará aos proprietários ou moradores as despesas efetivamente realizadas para sua mudança (móveis, utensílios domésticos, etc.) segundo valores previamente ajustados entre as partes. Não ocorrendo a mudança no prazo previsto, a CEMIG garantirá o transporte até a data limite para o enchimento do lago.

4.4.6. A CEMIG providenciará que a área remanescente da cidade velha seja saneada e livre de escombros, a fim de se eliminar abrigos de animais peçonhentos, proliferação de vegetação daninha e formação de focos de agentes transmissores de doenças, devendo o terreno receber um tratamento plástico em seus aspectos topográficos e paisagísticos, de modo a protegê-lo das efeitos de intempéries e integrá-los à paisagem local.

4.4.7. A CEMIG se compromete a relocar a matéria prima da cerâmica (argila) da jazida ora utilizada, para uso futuro, depositando-a às margens do lago, à disposição da PMNP, para garantia de utilização de mão-de-obra na atividade cerâmica em Nova Ponte.

5. DIVERSOS

A CEMIG cederá à PMNP, em regime de comodato, uma área de aproximadamente 25 (vinte e cinco) hectares na região, com a finalidade de construção de uma escola agrotécnica, com o compromisso de que se a escola não for construída no prazo de 04 (quatro anos), contados da assinatura do contrato de comodato, a área será devolvida à CEMIG.

6. FORO

6.1. O Foro competente para dirimir qualquer questão decorrente deste instrumento é o da Comarca de Monte Carmelo.

6.2. E por estarem assim justas e acordadas, as partes assinam o presente Termo de Acordo em 04 (quatro) vias de igual teor e efeito, na presença das testemunhas abaixo nomeadas e assinadas.

Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 1990

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - PMNP

Hamilton Pereira de Resende
Prefeito

Vice-Prefeito

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - CMNP

Presidente

Vice-Presidente

Vereadores: Alfredo Alves Moreira, Wanilson dos Reis Magalhães Resende
Rivaldo Ferreira Cunha Braz Carneiro de Resende
Abadia Batista de Melo, Gerson Gomes da Silva

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE NOVA PONTE - AMNP

Presidente

Vice-Presidente

Membros: Jane da Cunha Machado Resende.
Zilda Elias Rodrigues Resende

12

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE

CEP 38.140 — ESTADO DE MINAS GERAIS

TERMO DE ACORDO

Os signatários do presente instrumento de acordo de um lado PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE, com sede nesta cidade de Nova Ponte-MG., na Rua Olímpio de Goes, nº 186, inscrita no Cadastro Geral dos Contribuintes do Ministério da Fazenda sob o nº 18.159.905/0001-74, neste ato representada pelo Prefeito Municipal Sr. Hamilton Pereira de Resende, e de outro lado CONSTRUTORA ANDRADE GUTIERREZ S/A. com endereço no Canteiro de Obras da Barragem Hidroelétrica do Município de Nova Ponte-MG. na Zona rural deste município, inscrita no Cadastro Geral dos Contribuintes do Ministério da Fazenda sob o nº 17.262.213/0001-94, inscrição estadual sob o nº 062.015983.0051 acham-se justos e acordados de acordo com as cláusulas e condições seguintes:

I

Que, de acordo com a Lei Municipal de nº 950, a Construtora Andrade Gutierrez s/a. por força do contrato de empreitada que mantém com a CEMIG - COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS, para a execução dos serviços de construção da Usina hidroelétrica de Nova Ponte - MG. passou a ser devedora de I.S.S.Q.N. "Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza" com a alíquota de 3% (três por cento).

II

Acontece porém que de acordo com o convencionado entre a CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais e a Construtora Andrade Gutierrez s/a. a fatura mensal dos serviços é feita através de medição, sendo que para apuração do percentual do quantum de mão de obra e do quantum de matéria prima e outros tipos de materiais aplicados na construção da usina far-se-ia necessário mensalmente, ser a obra submetida a uma perícia técnica, para a aproximação do percentual.

III

Que, de acordo com a impossibilidade de ser estabelecido o percentual correto para os serviços prestados, as partes de comum acordo resolveram acordar que o percentual a ser aplicado será de 25% (vinte e cinco por cento) sobre o valor total da fatura mensal efetivamente dos serviços da Hidroelétrica de Nova Ponte-MG.

IV

Que, sob o valor de 25% (vinte e cinco por cento) fica acoplado, todos os serviços de sub-empreitadas que a Construtora Andrade Gutierrez, subempreitar a terceiros, exclusivamente para prestação de serviços na obra da Usina Hidroelétrica de Nova Ponte-MG.

V

O pagamento do I.S.S.Q.N. "Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza" será efetuado diretamente pela Construtora Andrade Gutierrez s/a em favor dos cofres públicos do Município de Nova Ponte-MG, através de Guia de Recolhimento, sendo o pagamento efetuado através de agência bancária da cidade de Nova Ponte-MG.

VI

Após o pagamento, a Construtora Andrade Gutierrez s/a. fará a comprovação do pagamento, fornecendo ao Protocolo Geral da Prefeitura Municipal cópia da guia de recolhimento, juntamente com a cópia da fatura mensal que a mesma emitiu contra a Cemig - Companhia Energética de Minas Gerais s/a., devendo a fatura ser relativa ao mês que está sendo recolhido na Guia de Recolhimento de Tributos Municipais.

VII

Fica a Prefeitura Municipal de Nova Ponte assim como a Câmara Municipal de Nova Ponte, com o direito de exercer ampla fiscalização, para evitar que haja algum tipo de problema entre o valor da fatura e o valor dos serviços medidos.

VIII

O pagamento do I.S.S.Q.N. "Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza" será efetuado pela Construtora Andrade Gutierrez s/a. até o último dia do mês subsequente à emissão da Fatura, sob pena incorrer a empresa devedora no pagamento dos acréscimos legais previstos em lei, como juros e correção monetária, além das multas previstas tudo de acordo com o Código Tributário Municipal em vigor.

IX

Háverá isenção de I.S.S.Q.N. "Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza" sobre os serviços exclusivos da construção da futura cidade de Nova Ponte-MG., inclusive construções de pontes, estradas, dentro da jurisdição do perímetro do município de Nova Ponte, exclusivamente.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE

CEP 38.140 - ESTADO DE MINAS GERAIS

X

O pagamento do I.S.S.Q.N. "Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza", terá como fato gerador inicial a fatura do mês de Janeiro de 1.991 e somente terminará quando finalizados todos os trabalhos de Construção da Usina Hidroelétrica de Nova Ponte-MG.

O presente acordo é exclusivamente com relação ao fato gerador de serviços prestados na construção da Usina Hidroelétrica de Nova Ponte-MG. e qualquer outra empresa que não seja ligada a sub-empreitada da Construtora Andrade Gutierrez, não faz parte do presente acordo.

E assim por estarem justos e acordados, firmam o presente, com a anuência da CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais e dos demais que assinam, ficando eleito o foro desta Comarca de Nova Ponte para dirimir quaisquer questão em relação ao presente termo de acordo.

Nova Ponte-MG. 19 de abril de 1.991

Prefeitura Municipal de Nova Ponte

Construtora Andrade Gutierrez s/a.

Anuentes.

CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais.

CEMIG

Primeiro Aditivo ao Termo de Acordo firmado entre a Prefeitura Municipal de Nova Ponte, Câmara Municipal de Nova Ponte, Associação de Moradores de Nova Ponte e Companhia Energética de Minas Gerais - CEMIG, datado de 21 de fevereiro de 1990.

O item nº 4.4.7 do Termo de Acordo supra mencionado passa a ter a seguinte redação:

A CEMIG se compromete a relocar materia prima da cerâmica (argila), para uso futuro, depositando-a às margens do lago, onde ficará à disposição da Cerâmica São Miguel para início de utilização após sua relocação no município de Nova Ponte e do fechamento do reservatório da usina.

E por estarem assim justas e acordadas, as partes assinam o presente Aditivo em 04(quatro) vias de igual teor e efeito, na presença das testemunhas abaixo nomeadas e assinadas.

Belo Horizonte, 09 de abril de 1990

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - PMNP

Hamilton Teixeira de Resende

Prefeito

Vice-Prefeito

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - CMNP

Presidente

José Ricardo da Cunha Machado

Vice-Presidente

Vereadores:

47903813 (09/87)

ÚLTIMA FOLHA DO PRIMEIRO ADITIVO AO TERMO DE ACORDO CELEBRADO ENTRE A PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - PMNP, A CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - CMNP, A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE NOVA PONTE - AMNP E A COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS - CEMIG.

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE NOVA PONTE - AMNP

Presidente

Elsio Carneiro de Melo
Vice-Presidente

Membros: Jane da Cunha Machado Resende
Zilda Elias Rodrigues Resende
José Lourenço da Ilha Júnior.

COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS - CEMIG.

José Ivo Gomes de Oliveira - Presidente

- Diretor (DPC)

- Diretor (DPE)

Testemunhas:

Segundo Aditivo ao Termo de Acordo firmado entre a Prefeitura Municipal de Nova Ponte, Câmara Municipal de Nova Ponte, Associação de Moradores de Nova Ponte e Companhia Energética de Minas Gerais - CEMIG, datado de 21 de fevereiro de 1990.

Os ítens, abaixo relacionados, do Termo de Acordo supramencionado, passam a ter a seguinte redação:

2. PRELIMINARES

Os projetos de infra-estrutura urbana, paisagismo e urbanização, foram submetidos à apreciação da municipalidade de Nova Ponte e aprovados pela Lei Municipal de nº 861/87, de 06 de Julho de 1987, com as alterações introduzidas pela Lei Municipal nº 962/91, de 06 de Junho de 1991.

A cidade atual tem em torno de 1.400 lotes, numa área urbanizada de 1.053.257 m2.

Na nova cidade, foram previstos 1.760 lotes residenciais/comerciais, 124 lotes industriais e 23 áreas com destinação institucional de lazer e serviços, dentro da área de 3.823.332 m2, destinados a permuta com os proprietários de imóveis urbanos na atual cidade, e com a Prefeitura pelos próprios municipais, tendo portanto área suficiente para eventuais expansões futuras a longo prazo.

3.1. Condicionados, por parte da CEMIG, à existência dos recursos programados para implantação do empreendimento com o cumprimento das datas básicas de início do enchimento do reservatório em Setembro/93 e de geração em Junho/94, além de outros motivos de força maior que porventura ocorram, ficam estabelecidas as seguintes datas básicas para término das atividades de cada uma das partes indicadas em parênteses:

3.1.4. Encerramento da concessão de alvarás para novas construções, ampliações e/ou reformas na atual cidade (PMNP): 01/10/91.

Observações:

a) A partir de 01/10/91 a PMNP não poderá liberar alvarás de construção, ampliação ou reforma.
c) As ampliações e/ou reformas iniciadas após 01/10/91 não serão objeto de permuta.

3.1.7. Definição individual de tipos de projeto para permuta (CEMIG/proprietário): 01/10/91 a 01/03/92.

3.1.8. Construção e conclusão do restante de infra-estrutura (2ª etapa), exceto pavimentação e paisagismo (CEMIG): 31/03/92.

3.1.9. Conclusão das obras de pavimentação e paisagismo (CEMIG): 31/03/93.

3.1.10. Construção e conclusão de edificações públicas (CEMIG): até 31/03/93, sendo que as edificações públicas poderão ser as primeiras a serem relocadas.

PAULO A. MARQUES
Adv. Chefe do Depto - PJ/MA
Matrícula 053344-0

4.1.3. Edificações Particulares

a. Com vistas à permuta opcional para as edificações residenciais particulares, a CEMIG elaborou 18 (dezoito) tipos de projeto com variações de número de quartos (de um a quatro) e acabamento, totalizando 46 combinações, já entregues à AMNP.

4.2.1. Urbanização

g. Em 31/03/93 deverá haver na nova cidade uma disponibilidade de 500 lotes vagos para atender à real necessidade de expansão urbana, sendo que no mínimo 250 lotes deverão ser urbanizados e os restantes 250 não urbanizados, porém com arruamento e rede de energia elétrica e com dimensões 10 m de frente por 30 m de fundo (área de cada lote: 300 m2).

No cálculo dos 500 lotes serão considerados os que sobrarem após a distribuição dos lotes pela AMNP aos atuais proprietários, prevista para até 30/04/90, bem como aqueles distribuídos pela AMNP porém não edificados até 31/03/93.

4.2.3. Edificações Particulares

A CEMIG somente construirá, no sistema de permuta conforme interesse do proprietário, as residências particulares da futura cidade de Nova Ponte já existentes até a data de 01/10/91.

4.3.3. Formas de Negociação

f. Ao locatário de edificação comercial, cujo proprietário não se interesse formalmente em reconstruí-la na nova cidade, será assegurado o direito de receber um lote na nova cidade para igual finalidade, em local semelhante ao atual, desde que comprove não possuir lote vago na cidade atual, e condicionada sua posse definitiva ao cumprimento dos seguintes prazos:
- Início da nova construção em até 6 meses após a conclusão das obras de infra-estrutura da nova cidade (31/03/92).

4.3.4. Sistema de distribuição de lotes na cidade nova e metodologia de permuta.

d. Uma vez distribuídos os lotes, a CEMIG fará até 01/03/92 as negociações para definição do tipo de imóvel para cada proprietário. As indenizações deverão ter início a partir de Março/92.

4.4.3. Cientes de que a rede de energia elétrica da 2ª etapa da cidade estará concluída apenas em 31/03/92, aqueles que se interessarem em iniciar sua construção também nessa parte da cidade nova poderão fazê-lo de imediato, contando com fornecimento provisório de água e energia elétrica pela CEMIG.

PAULO A. MARQUES
Adv. Chefe de Depto - Pl/Vli
Matrícula 05584-0

4.4.4. A CEMIG contratará até Março/92 empresa especializada para efetuar, com a fiscalização da PMNP e o acompanhamento da AMNP, o translado dos restos mortais do cemitério que será inundado no bairro São Miguel para o novo cemitério, já construído pela CEMIG e em uso na nova cidade desde Junho/89.

E por estarem assim justas e acordadas, as partes assinam o presente aditivo em 04 (quatro) vias de igual teor e efeito, na presença das testemunhas abaixo, nomeadas e assinadas.

Belo Horizonte,

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - PMNP

Prefeito

Vice-Prefeito

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - CMNP

Presidente

Vice-Presidente

Vereadores: Wanilson dos Reis Magalhães Resende, Rivaldo Ferreira Cunha, Alfredo Alan d'Andrea

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE NOVA PONTE - AMNP

Presidente

Vice-Presidente

Membros: Pedro Mezzalira Cunha, José Augusto Braga, Alair Pereira Caldeira, Mauro José de Resende.

COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS - CEMIG

Carlos Eloy Carvalho Guimarães
Presidente

Diretor (DPC)

TESTEMUNHAS: _____

_____

PERMUTA DOS IMÓVEIS URBANOS DE NOVA PONTE

A PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE, A CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA PONTE, A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE NOVA PONTE E A COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS - CEMIG, representada por seus dirigentes ao final assinados, neste ato, NORMATIZAM a permuta dos imóveis urbanos de Nova Ponte, de conformidade com as condições que se seguem:

1 - CRITÉRIOS PARA PERMUTA

a - Número de cômodos habitáveis (excluindo cozinha e instalações sanitárias), e acabamento;

b - Não será permitido permuta de imóvel comercial por imóvel residencial ou vice-versa;

c - Anexos como: paiol, pocilga, área de serviço coberta, etc, não serão objeto de permuta. Serão indenizados em dinheiro, dependendo do balanço final entre os valores dos imóveis permutados (avaliação da CEMIG X custo do imóvel permutado);

d - Casas que possuirem cozinha e banheiro edificados externamente, não receberão indenização em dinheiro pelos mesmos, tendo em vista que estes anexos já fazem parte dos projetos padrões da CEMIG;

e - As casas que possuirem cozinha e banheiro edificadas interna e externamente, as externas terão o mesmo tratamento do item 1.c;

f - Os proprietários que optarem pela permuta, deverão entregar à CEMIG o imóvel situado na atual cidade até 90 (noventa) dias após o recebimento das chaves do imóvel permutado, desde que não comprometam as providências a serem tomadas antes do fechamento do reserva-

tório. Vencido o prazo, a CEMIG fará a demolição sem qualquer aviso ou notificação judicial, dando aos materiais o destino que melhor lhe convier;

g - Na permuta, a CEMIG somente fará torna em dinheiro quando o imóvel existente for de valor superior ao imóvel padrão ofertado pela CEMIG (Avaliação CEMIG x Custo de Construção do Imóvel Permutado).

2 - CONSTRUÇÃO DO IMÓVEL PELO PROPRIETÁRIO COM DIREITO A PERMUTA

- Na negociação o proprietário poderá optar pela permuta por imóvel conforme projeto padrão CEMIG. Será oferecido o imóvel padrão ou o valor em dinheiro referente ao custo de construção do imóvel ofertado.

- O pagamento será em 4 (quatro) parcelas corrigidas mensalmente pela variação do índice de custo da construção civil da cidade de Uberlândia, publicado pelo SINDUSCON / TAP Sindicato das Industrias da Construção Civil do Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba

- A liberação das parcelas será da seguinte forma:

. 25% (Vinte e cinco por cento) - Entrada

. 30% (Trinta por cento) - Após conclusão da fundação e alvenaria

. 25% (Vinte e cinco por cento) - Após conclusão da cobertura, esquadrias, embutidos elétricos e hidráulicos

. 20% (Vinte por cento) - Após conclusão do revestimento e piso

- Terá o prazo de até 120 (cento e vinte) dias após o recebimento da última parcela para promover a demolição, desde que não comprometa as providências a serem tomadas antes do fechamento do reservatório. Caso isso não ocorra, a CEMIG fará a demolição sem qualquer aviso ou notificação judicial, dando aos materiais o destino que melhor lhe convier.

PAULO A. MARQUES
Adv. Chefe de Depto. - PJ/UM
Matrícula 55984-0

3 - MUDANÇA PARA OUTRA CIDADE

- O proprietário que optar pela mudança para outra cidade será indenizado pela parte predial e terreno , conforme avaliação da CEMIG com o pagamento em uma única parcela, não tendo, portanto, direito a terreno na cidade nova.

- Terá o prazo de até 90 (noventa) dias após a assinatura da escritura para demolir o imóvel, desde que não comprometa as providências a serem tomadas antes do fechamento do reservatório. Caso isso não ocorra, a CEMIG fará a demolição sem qualquer aviso ou notificação judicial, dando aos materiais o destino que melhor lhe convier.

4 - DISPOSIÇÕES FINAIS

a - A pavimentação asfaltica da nova cidade será executada durante a construção das casas, com início previsto para o 1º (primeiro) semestre de 1992;

b - Será acrescentado em um dos projetos residenciais de 02 (dois), 03 (três) e 04 (quatro) quartos abrigo para carro;

c - Serão elaborados projetos residencial/comercial de 01 (um), 02(dois), 03 (três) e 04 (quatro) quartos;

d - As árvores frutíferas existentes nos quintais residenciais da atual cidade não serão objeto de indenização, pois a CEMIG fornecerá aos interessados mudas disponíveis em seu horto florestal para plantio na futura cidade;

e - As tabelas de custo (revisão "D") apresentadas na reunião no dia 25/09/91, sofrerão alterações para atendimento às reivindicações da ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE NOVA PONTE, no que se refere a criação de

PAULO A. MARQUES
Adv. Chefe de Depto - PI/LM
Matrícula 05984-0

novos projetos conforme disposto no item 04 (quatro) do presente documento, e tambem em função de erros nos valores e quanto a numeração dos projetos 17 (dezesete), 18 (dezoito) e 19 (dezenove).

O presente documento é assinado pelas partes em 04 (quatro) vias de igual teor e efeito.

Nova Ponte, 26 de setembro de 1991.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - PMNP

Prefeito

Vice-Prefeito

CAMARA MUNICIPAL DE NOVA PONTE - CMNP

Presidente

Vice-Presidente

Vereadores: Alfredo Alan Moreira, Brazcamairo de Resende, Wanilson dos Reis Magalhães Resende, Alaor B Melo, Rivaldo Ferreira Cunha

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DE NOVA PONTE - AMNP

Presidente

Vice-Presidente

Membros: Alfredo Alan Moreira, Wanilson dos Reis Magalhães Resende, Brazcamairo de Resende, Alaor B Melo, José Divino da Silva

COMPANHIA ENERGETICA DE MINAS GERAIS - CEMIG

MARCIO F. T. CAMPOS.
Dir. Projetos e Construções.

S.O.S.



NOVA PONTE

CHEGA DE PROMESSAS NÃO CUMPRIDAS PELA CEMIG.

VAMOS EXIGIR NOSSOS DIREITOS DE MORADORES DA FUTURA CIDADE DE NOVA PONTE.

Marcos Rocha Propaganda e Marketing - Uberlândia: (034) 238-1390

Pedras fundamentais de prédios públicos que jamais sairam do chão, na cidade nova.






Companheiros moradores de Nova Ponte e da região:

A Usina Hidrelétrica de Nova Ponte já está com 90% de suas obras concluídas.

Entretanto, a obra que deveria ser a prioridade número 1 da Cemig — a construção da cidade nova — encontra-se praticamente paralisada.

Das 1.300 casas que deverão ser construídas pela Cemig para residência das nossas famílias, apenas 7 estão prontas.

Os prédios públicos ou de uso comunitário, que tiveram pedras fundamentais solenemente lançadas, não saíram do chão. As pedras continuam lá, cobertas pelo mato ou pelas poças d'água.

Todos os prazos estabelecidos e acertados pela Cemig com a Associação dos Moradores de Nova Ponte e com a prefeitura — para a construção e entrega das residências e dos prédios públicos — foram descumpridos. E nenhuma explicação aceitável foi dada pela Cemig.

Enquanto isso, a atual cidade de Nova Ponte sofre todas as conseqüências do descaso da Cemig e do governo de Minas. O comércio, a produção rural, o setor de serviços, as indústrias — tudo está em compasso de espera.

Até quando?

Recentemente, para culminar nossos problemas, a ponte foi levada pela enchente, em parte provocada pela construção da Usina. E nenhuma providência foi tomada pela Cemig.

Doenças que jamais existiram antes em nossa região, como o dengue, atingiram índices alarmantes por causa da Usina.

Essa situação não pode continuar. Nós já estamos cansados de ouvir promessas furadas.

Nós, moradores de Nova Ponte e proprietários de terras que serão inundadas pela barragem, exigimos o respeito aos nossos direitos.

Vamos, todos juntos sair dessa posição passiva e acomodada na qual ficamos até agora.

Você e a sua família, que têm sido vítimas dessa situação absurda e inaceitável, têm que participar da nossa luta pela construção da cidade nova e pelo pagamento justo das indenizações das terras inundáveis. Não se omita. Venha participar conosco do Movimento S.O.S Nova Ponte — um movimento pacífico e suprapartidário contra o que está acontecendo.

Dia 5 de maio, terça-feira próxima, vamos fazer um ato público de protesto na entrada do canteiro de obras.

Todos juntos, nós somos fortes. Por isso, no dia 5 (cinco) de maio, terça-feira, às 9 horas da manhã, venha participar conosco da manifestação de protesto na entrada principal do canteiro de obras. Contamos com a sua presença, dos seus familiares e amigos.

E no dia seguinte, 6 de maio, quarta-feira, estaremos em Belo Horizonte em caravana para denunciar os problemas causados pelo atraso das obras da Cemig.

No dia 5 de maio, às 22 horas, uma caravana sairá de ônibus de Nova Ponte. No dia seguinte, 6 de maio, quarta-feira, estaremos em Belo Horizonte para denunciar publicamente a situação absurda que estamos vivendo. Entre em contato com a Associação dos Moradores de Nova Ponte ou com os líderes do movimento S.O.S. Nova Ponte e inscreva-se para participar da caravana. Some suas forças às nossas.

S.O.S. NOVA PONTE

MOVIMENTO SUPRAPARTIDÁRIO DOS MORADORES DOS MUNICÍPIOS QUE SERÃO INUNDADOS PELA USINA DE NOVA PONTE (CEMIG)

Associação dos Moradores de Nova Ponte

Doc. Pessoal
Projeto N.P.
Revista Isto é Minas

ALAN RODRIGUES



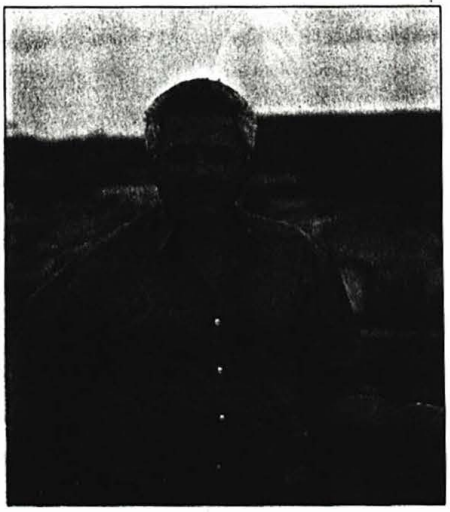
Projetada há 30 anos, a usina tem um volume de água equivalente a quatro vezes a baía de Guanabara

Morte anunciada

O lago que está se formando para alimentar a Usina de Nova Ponte vai inundar parte de oito municípios do Triângulo

BIANCA ALVES

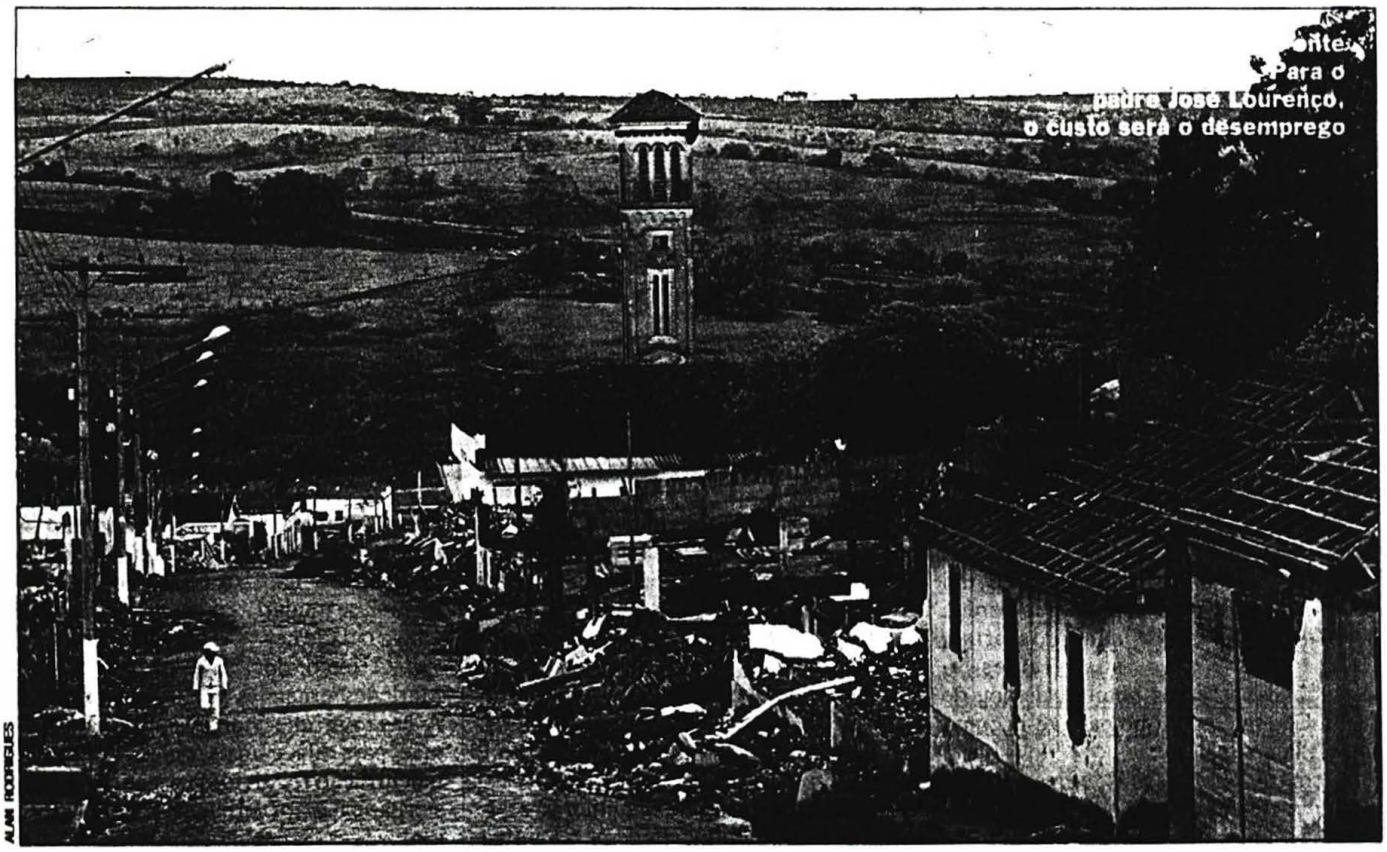
Quando as comportas da Usina Hidrelétrica de Nova Ponte foram fechadas, no dia 15 de outubro, começou a se formar o lago de 443 quilômetros quadrados que vai inundar parte de oito municípios, entre os quais uma cidade inteira do Triângulo Mineiro: Nova Ponte, a 500 km de Belo Horizonte. O projeto da usina remonta à década de 60. Já naquela época, pensava-se em fazer, naquele trecho do rio Araguari, uma usina de cabeceira, destinada a regularizar a vazão do rio, adaptando-o a projetos menores. A jusante da barragem serão viabilizadas as usinas de Miranda e Capim Branco, que não terão necessidade de reservatórios tão grandes. O lago que está sendo criado em Nova Ponte vai armazenar cerca de 12,9 bilhões de metros cúbicos de água, o equivalente a quase quatro vezes o volume de água da baía de Guanabara ou 600 lagoas como a da Pampulha. Uma das três maiores usinas da Cemig – as outras são São Simão e Emborcação –, Nova Ponte tem uma potência total de 510 mil quilowatts, demanda média de uma cidade de 2,5 milhões de habitantes, que representam um acréscimo de 11,5% de energia elétrica ao parque gerador mineiro, que é de 4,97 milhões de quilowatts.



A expectativa criada nesses 30 anos fez surgir, em Nova Ponte uma espécie de síndrome de espera, semelhante à que ocorre na avenida Antônio Carlos, em Belo Horizonte: a possibilidade de desapropriação inviabiliza qualquer investimento nos imóveis completamente decadentes. Some-se a isso uma topografia comprometida e a falta de um traçado definido para fazer de Nova Ponte uma cidade sem futuro. A construção de uma cidade novinha, plantada a três quilômetros da antiga, aparece como uma boa notícia. Que, porém, teve um custo alto. Não só o das centenas de milhões de dólares que inundaram o empreendimento – o custo final ultrapassa US$ 1 bilhão – como também o do impacto sobre o meio ambiente e das emoções dos cinco mil habitantes do lugar.

O prefeito Fernandos se orgulha da nova cidade: "Primeiro Mundo"

O prefeito Jarbas



ALAN RODRIGUES

Fernandes, do PMDB, está rindo à toa. Não é para menos: ele administra uma cidade recém-saída do forno, com água tratada, esgoto, iluminação pública, rede telefônica e ruas asfaltadas em 100% das residências – complexo que custou US$ 30 milhões. "Tudo aqui é coisa de Primeiro Mundo", orgulha-se Fernandes, enquanto mostra o novo prédio da Câmara Municipal, cujo plenário é todo revestido de veludo azul. "Tem até a parte dos petistas ficarem gritando", ensina ele. A única preocupação do prefeito é com uma reportagem da Rede Globo, em rede nacional, que o definiu como "um administrador sem problemas". "Esse negócio me prejudicou em Brasília, vão achar que eu não preciso de nada", reclama ele, preocupado com a invasão que se prenuncia, de gente atraída pela nova cidade.

Que, por sua vez, não oferece muita coisa para forasteiros que queiram fazer a América. Além da atividade agropecuária, o único empreendimento de vulto na cidade é a cerâmica pertencente ao próprio prefeito, que emprega 100 pessoas. Mas Fernandes não tem do que se queixar: além de trabalhar em uma prefeitura novinha, pomposamente instalada em meio a um luxuoso centro administrativo, forneceu a maior parte do volume de telhas e lajes necessárias à construção de 1.700 casas, além do hospital, igrejas, delegacia e até um clube social municipal com três piscinas. Detalhe: Nova Ponte jamais teve sequer uma piscina. O prefeito até esquece um possível fechamento dos cofres de Brasília para dizer que "as pessoas estão alegres e felizes, afinal, roupa nova sempre traz alegria".

Dados técnicos

Desvio do rio
número de túneis – 2
comprimento – 472 m e 390 m
escavados em rocha

Energia
potência instalada – 510 mw
energia firme:
• local – 267 mw
• sistema Cemig – 364 mw
• sistema sul/sudeste – 479 mw

Volumes totais
enrocamento – 4.488.000 m³
núcleo impermeável – 8.063.000 m³
filtro de areia – 135.000 m³
transições – 148.000 m³
concreto – 200.000 m³
escavação:
• comum – 3.639.000 m³
• em rocha a céu aberto – 3.717.000 m³
• em rocha subterrânea – 120.000 m³

O padre José Lourenço da Silva Junior, que até o início de 1992 conduziu a paróquia de São Miguel, vê com ceticismo esse estado de espírito. "O pessoal está namorando a cidade nova e se esquece de que o futuro só promete desemprego", observa. Segundo ele, mais de 50% da população trabalham nas obras da hidrelétrica, em empreiteiras como a Andrade Gutierrez, e não terão onde trabalhar quando estas forem embora. "Para o prefeito, tudo é muito cômodo. A Cemig constrói tudo, mandando e desmandando", critica o religioso, que acompanhou de perto, como presidente da associação de moradores, todo o processo de negociação que viabilizou a relocação da cidade de Nova Ponte. "O processo de negociação foi inovador e neutralizou muitos dos problemas que normalmente acontecem", explica o engenheiro-chefe da Cemig, Luiz Alberto Cruvinel, um veterano implantador de grandes barragens que já trabalhou em São Simão e Emborcação. Entre outras vantagens, a avaliação dos imóveis foi feita pelo preço que custariam caso fossem novamente construídos. A Cemig ofereceu à população 21 projetos, com três tipos de acabamento, mas a esmagadora maioria preferiu receber o dinheiro e construir sua própria casa. "A população conquistou isso depois de muita luta", esclarece o





FOTOS ALAN RODRIGUES

O engenheiro Cruvinel, da Cemig: "São muito poucos os que não quiseram sair"

padre, constatando uma insólida situação. "É um povo que perdeu suas histórias, suas raízes e, quando viu as casas bonitas, deixou de ver a Cemig como lobo para vê-la como mãe", lamenta.

Nem todos. Pessoas como Teresa Moreira dos Santos não pensavam que "aos 53 anos tivesse que pelejar com pedreiro para construir casa". Para ela, a Cemig é "igual praga em terreiro de galinha: quando não morre, fica aleijada". Dona Teresa tem suas razões. Ela veio com 1 ano de idade para Nova Ponte, onde namorou na praça, assistiu à benção da pedra fundamental da matriz de São Miguel, brincou na cachoeira do Salto e pescou no rio Araguari. "Eu vou daqui porque sou obrigada. Não queria ir nunca", revolta-se. Resignado, mas nem por isso menos triste, Luiz Rosa, 48 anos, misto de agente de saúde e agitador cultural, já se mudou para a cidade nova. "Tilico", como é carinhosamente chamado, diz que está "com falta de ar e depressão". Nem o luxo da nova casa, onde mora sozinho em meio às suas experiências como decorador, compensa a saudade dos pés de laranja. "Para mim, isso aqui é outra cidade. Enquanto lá as árvores frutíferas enchem os quintais, aqui é esse deserto."

As mangueiras e laranjeiras realmente continuam de pé na antiga Nova Ponte. O resto da cidade parece ter sofrido um bombardeio. Após a saída do morador, a casa é imediatamente demolida, providência necessária para evitar ocupações. Delvacir Rocha e Gasparina Maria de Jesus vivem de catar destroços e estão há três meses investigando os escombros de Nova Ponte. No caminhão em que também dormem, algumas preciosidades como uma antiga banheira de ferro se destacam entre os montes de metais retorcidos.

Nesta Sarajevo do Triângulo, alguns moradores mais renitentes não querem, ou não podem, se mudar para a cidade nova. O caso de

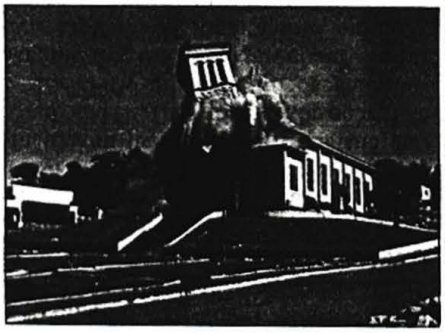
Teresa não se conforma em ter de mudar: "A Cemig é uma praga. Eu não queria ir nunca"

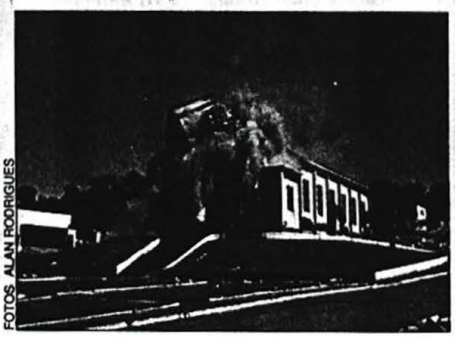
Marlene Fernandes da Silva é exemplar. A casa em que morava era herança da mãe para ela e mais cinco irmãos. A indenização foi dividida e, naturalmente, sua parte não foi suficiente para construir a nova casa. Ela ganhou um lote mas, com marido jardineiro e quatro filhos para criar, a obra avança em passos lentos.

A presença de tantos peões garantiu renda certa para a ex-prostituta Cláudia, 38 anos, que, no entanto, não quer mais saber de explorar seus dotes profissionais. "É um dinheiro praguejado. A gente ganha muito e não fica com nada", constata ela. Morando com três filhos e um irmão, Cláudia também construiu uma casa na cidade nova em substituição à que ocupou até recentemente, na estratégica rua das Flores. Sua nova atividade econômica é

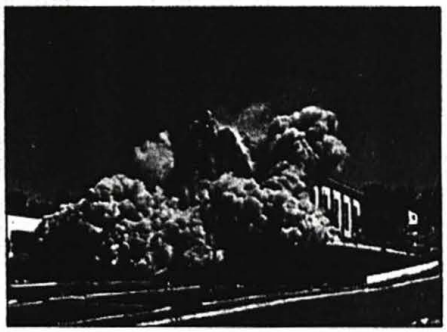
A implosão

Na paisagem árida da cidade bombardeada, a igreja matriz, erguida em honra ao anjo santo Miguel, resistia impávida, prova solitária do poder divino frente às intempéries. O escolhido para chefiar a equipe de demolição, e completar assim a destruição da cidade, foi Tonhão, cuja compleição física parecia suficiente para a empreitada. Os poucos moradores presentes aguardavam, ansiosos e temerosos, a solução final para o teimoso templo. Ela não tardou: em apenas três segundos as pás carregadeiras puxaram, cada uma para o seu lado, os cabos de aço atados à torre. Quando a construção cedeu, uma enorme nuvem de poeira levou para os céus as





FOTOS ALAN RODRIGUES







FOTOS ALAN RODRIGUES

A demolição de Nova Ponte faz a alegria de gente como os catadores de ferro e entulho

um bar onde vende salgadinhos, sanduíches e, de vez em quando, uma cerveja. "Eu quis mudar de vida. As outras mulheres foram embora, pois estão acostumadas a *correr trecho*", explica Cláudia.

Algumas ficaram. Na casa recém-construída de M., no setor industrial, já funciona um "belisquete" com pelo menos cinco mulheres. E a cidade toda quer a volta da rua das Flores. "Ouvi falar que a Cemig vai liberar área", especula Cláudia, no que é com veemência contestada pelo engenheiro Cruvinel, da Cemig. "Se eu for entrar nisso aí, vai ser impossível satisfazer todo mundo. Essas áreas são criadas espontaneamente e, depois, o meu objetivo aqui é construir uma barragem", defende-se. O engenheiro garante que "são muito poucos os que não quiseram sair. Apesar de todos os atrasos, quase não há casas na cidade velha".

Entre elas está a escola estadual, que ainda não teve sua sucessora concluída na cidade nova e funciona entre os ruídos insuportáveis das escavadeiras. O diretor Rosemir Carlos Ramos está aborrecido. "Construíram cemitério, delegacia, três campos de futebol, mas a escola, que é importante, ainda não está pronta", reclama. Mas o hospital já está. Novinho em folha, conta com 20 leitos para uma população de cinco mil habitantes, mais do que o número ideal preconizado pela Organização Mundial de Saúde, que é de três leitos para cada mil habitantes. O diretor Cairo Borges Almeida teme a proliferação da Aids – já são dois casos confirmados –, que surgiu com os trabalhadores vindos de todo o País, além de doenças como a dengue e a esquistossomose, "que fatalmente aparecerão com o grande lago", prevê. O impacto ambiental representado pela criação do lago traz o risco de invasão por cobras ou morcegos e, na falta de saneamento adequado, o desenvolvimento de caramujos ou mosquitos da malária.

Cláudia trocou a prostituição pelo bar. "Quis mudar. Aquele dinheiro é praguejado"

A própria Cemig não acredita que haja, no futuro, espaço para megaprojetos como de Nova Ponte ou São Simão (onde foram inundadas as cidades de São Simão e Paranaiguara, em Goiás). "Os aspectos de conservação do ambiente oneram a obra", comenta o engenheiro Cruvinel. Em Nova Ponte, a conta de proteção ao meio ambiente chega a US$ 200 milhões. O engenheiro acredita que "empreendimentos deste porte não serão comuns no futuro" e aposta na tendência de projetos que tragam menos agressão social e ao meio ambiente. "Nova Ponte talvez seja o último nesse estilo", confirma o superintendente de meio ambiente da Cemig, Márcio Carneiro. Nem que seja pelo fato de que a esta altura, ele observa, são cada vez mais escassos no Brasil os grandes potenciais de energia. ■

poucas queixas. E a população correu para recolher, entre os destroços, uma lembrança de casamentos, batizados, primeiras comunhões, namoros fortuitos, confissões aliviadoras, quem sabe gravadas nos poucos tijolos inteiros. Em meio àquele muro de Berlim às avessas, todos notaram que, da grande estátua de São Miguel, conservou-se a cabeça, caída de frente para o céu, como a desculpar-se pelos que não sabem o que fazem... Não, não era Sarajevo, na tumultuada Bósnia. A igreja de São Miguel foi o último grande prédio a cair em Nova Ponte, para receber as águas represadas pela barragem. Tonhão, o de compleição física avantajada, é Antônio Carlos Borges Batista, engenheiro da Cemig, que acionou o botão detonador da implosão e produziu, assim, um espetáculo inesquecível para os moradores.





FOTOS ALAN RODRIGUES

